NÓS NÃO MORREMOS

JOHN EDWARDS

Tradução: Amadeu António

Grok

NÓS NÃO MORREMOS
AS CONVERSAS DE GEORGE ANDERSON
COM O OUTRO LADO

Joel Martin & Patricia Romanowski

Berkeley books, nova iorque

«Tudo o que acontece na tua vida tem um propósito.» «Não há ninguém próximo de ti que morra verdadeiramente. Todos passam apenas para outra fase da vida que decorre paralela a esta. Vive em paz contigo mesmo e cumpre a tua missão aqui, sabendo que a tua estadia aqui é temporária e que estás a fazer algo para cumprir o teu propósito espiritual. Sintoniza-te mais contigo próprio. E compreende mais dentro de ti para que encontres o teu caminho com maior facilidade. Não dês tanta importância à vida material, dá mais importância à espiritual. Não existe algo como a morte. Essa criança, esse marido, essa esposa, esse ente querido — todos continuam muito vivos.»

A Berkley Book Publicado por The Berkley Publishing Group Uma divisão da Penguin Putnam Inc. 375 Hudson Street Nova Iorque, Nova Iorque 10014

Copyright © 1988 por Joel Martin e PAR Bookworks, Ltd.

PREFÁCIO

QUANDO COMEÇEI a apresentar programas de rádio de conversa e notícias em 1972, já tinha trabalhado como professor de escola pública em Nova Iorque, instrutor universitário e produtor de programas de televisão e rádio, além de materiais escritos para educadores. Embora tivesse viajado extensivamente pelos Estados Unidos e pelo Canadá, trazia para a minha vida profissional o ceticismo que parece vir com o facto de ter nascido, crescido e sido educado em Nova Iorque. Estava sempre à procura da verdade, quer o meu convidado fosse um político, um ator, um autor, uma estrela de rock ou uma pessoa comum com uma história para contar.

Os meus programas cobriam uma vasta gama de temas, alguns — como a indústria da energia nuclear ou a verdadeira história de Billy Hayes, que se tornou livro e filme, Midnight Express — muito importantes para mim pessoalmente. Em geral, os programas eram planeados tendo em conta os interesses do público ouvinte.

Conhecia o meu público e aprendi cedo que o tema geral dos fenómenos inexplicados era sempre popular. Ao longo dos anos, tive o prazer de entrevistar autores de referência na área, como Lynn Schroeder, Elsie Seachrist, Ruth Montgomery, John G. Fuller, Elizabeth Fuller, Charles Berlitz, Dorothy Allison, Fred Lenz, D. Scott Rogo, Ruth Mattson Taylor, John White e Herbert Puryear, sobre vários tópicos, alguns diretamente relacionados com a mediunidade. Fazia a minha pesquisa para cada programa, mas nunca tomava posição sobre o paranormal, a menos que se considere desmascarar fraudes publicamente como tomar uma posição. Por mais que admirasse o trabalho de alguns dos meus convidados, não tinha opinião particular sobre a possibilidade de vida após a morte ou de comunicações desencarnadas. Não era que eu não "acreditasse" nelas; simplesmente nunca pensara no assunto.

Isso — e muitas outras coisas — mudou quando conheci George Anderson em 1980. O que aconteceu entre então e agora é a história de Nós Não Morremos. Nestes sete anos realizámos inúmeros testes e ele fez milhares de leituras públicas e privadas. Invariavelmente, os resultados são os mesmos: George revela aos seus consulentes informações — sobre acontecimentos, experiências, trivialidades, até alcunhas — cuja única fonte possível é a consciência viva, o espírito, do falecido. Em alguns casos, os espíritos fornecem informações sobre acontecimentos que ocorreram durante e após a sua própria morte física, ou que ocorrerão no futuro. George e eu mantivemos registos e notas tanto de leituras públicas como privadas, além das gravações áudio e vídeo das nossas emissões, desde o dia em que nos conhecemos.

Pouco depois, convenci-me de que a história de George seria de grande interesse e continuámos a trabalhar juntos, com George a contar-me sobre leituras especiais que acreditava que me ajudariam na minha pesquisa. Embora em alguns casos os nomes tenham sido alterados para proteger a identidade das pessoas envolvidas (e, nos casos criminais, circunstâncias, descrições e outros factos identificativos tenham sido modificados), as leituras — as palavras ditas por George e pelos consulentes — são reais.

Cada leitura aqui apresentada foi transcrita verbatim a partir de gravações áudio e/ou vídeo. As transcrições foram editadas quando necessário para maior clareza e brevidade (repetições e apartes irrelevantes foram eliminados); no entanto, as palavras de cada leitura são apresentadas

pela ordem em que foram proferidas. Nos poucos casos em que as leituras não foram gravadas, os consulentes e George foram entrevistados separadamente. O conteúdo de apenas uma leitura, a que George fez para um presumível assassino, provém apenas da sua memória, com certos detalhes posteriormente corroborados pela polícia.

Pouco tempo depois de nos conhecermos, tinha acumulado literalmente dezenas de caixas de material de pesquisa sobre George. Estava na hora de escrever o livro. Em 1985, expliquei a Patricia Romanowski, que conhecia há vários anos, as minhas experiências com George. Para minha surpresa, ela mostrou-se muito mais aberta de espírito em relação às comunicações desencarnadas do que eu tinha sido e aceitou ser minha coautora. Estou-lhe em dívida. Este livro é o resultado da pesquisa original sobre George, da nossa pesquisa adicional e de muitas horas de discussão.

É apenas o começo. Os anos fascinantes desde 1980 representam apenas os primeiros passos no sentido de compreendermos que a morte não é um término, mas uma transição, que enquanto seres humanos temos capacidades e habilidades muito além da nossa imaginação. Nós não morremos. Que esta descoberta — e ver a sua prova — tenha mudado as nossas vidas, eternamente, dispensa comentários.

JOEL MARTIN
Long Island, Nova Iorque Julho de 1987

INTRODUÇÃO

NOS ESTADOS UNIDOS morre uma pessoa a cada dezasseis segundos — ou não morre. Quem entre nós nunca especulou sobre o que geralmente designamos por "vida após a morte"? O que acontece quando um jovem afirma — e oferece repetidamente provas através de milhares de leituras e inúmeros testes científicos — que recebe comunicações daqueles que já partiram? O que aprendemos depois de ele passar anos sob intenso escrutínio público e demonstrar com sucesso estas capacidades para milhares de ouvintes e espetadores, inúmeros chamadores anónimos e dezenas de outras pessoas, entre elas cientistas, médicos, psicólogos, autoridades policiais, parapsicólogos, teólogos — até mágicos e auto-proclamados desmascaradores? Que caso pode ser feito como prova da

vida após a morte através das evidências irrefutáveis recolhidas e apresentadas graças ao dom extraordinário deste jovem?

Nós Não Morremos — a verdadeira história do médium psíquico George Anderson, Jr. — responde a estas perguntas.

Independentemente das nossas crenças religiosas pessoais — ou da sua ausência —, a morte fascina-nos e assusta-nos. Entramos nesta vida sabendo, pelo menos conscientemente, muito pouco ou nada sobre a morte. Temos de aprender a temer a morte e fazemo-lo, com o resultado de temermos não só a morte, mas também o morrer. Os nossos sentimentos em relação à morte raramente são claros. Embora vivamos numa era esclarecida, o tema da morte continua a ser tabu, e as nossas palavras e ações exprimem muitas das mesmas superstições e medos que os nossos antepassados "atrasados" abraçavam.

Mas porquê? Será a morte realmente o fim? A maioria das civilizações antigas, quase todas as grandes religiões e a maioria das pessoas vivas hoje veem a morte como uma transição natural. A maior parte de nós falaria dos que morreram como estando "em repouso" ou tendo "partido". Recordamo-los através de orações, damos os seus nomes aos nossos filhos e inscrevemos nas lápides palavras a suplicar-lhes que se lembrem de nós por sua vez.

Os cínicos poderiam concluir que simplesmente não conseguimos aceitar a morte, que negamos a sua existência e rejeitamos a sua presumível finalidade através das nossas palavras e rituais. Mas talvez nessas palavras e rituais estejamos realmente a dizer outra coisa, expressando não a negação, mas a verdade. Afinal, descrever alguém como estando "em repouso" ou "adormecido" não sugere que um dia ele ou ela "acordará"? O termo "partiu" não sugere que há algo para onde partir? E de que servem as mensagens — os nossos pensamentos e orações — se verdadeiramente acreditarmos que a morte é o fim e que os nossos entes queridos já não existem, nem mesmo como espíritos? Não saberemos, lá no fundo, que não morremos?

O trabalho da Dra. Elisabeth Kübler-Ross com doentes terminais revolucionou o nosso pensamento sobre a morte. Os seus estudos posteriores — e os do Dr. Raymond Moody, Jr., e de outros sobre as chamadas experiências de quase-morte (EQM) — abriram ainda outra porta. Embora tenha havido incontáveis referências ao que hoje reconhecemos como EQM tanto em textos religiosos como seculares ao

longo da história, o fenómeno só começou a ser estudado seriamente nas últimas duas décadas. Como resultado desses estudos publicados e de muitas sondagens de opinião pública, sabemos que dezenas de milhares de americanos tiveram experiências de quase-morte e relatam — apesar de terem sofrido morte clínica (definida como ausência de batimentos cardíacos, respiração, atividade cerebral ou resposta muscular) — terem sido atraídos para fora dos seus corpos físicos "sem vida" e movidos através de um túnel em direção a uma luz deslumbrantemente brilhante.

Embora os detalhes das EQM individuais variem, a maioria das pessoas que estiveram clinicamente mortas e relatam tal experiência afirmam que já não temem a morte. Será que a experiência de quase-morte verifica o que muitos de nós sentimos profundamente lá no fundo — que, de facto, não morremos?

Ninguém pode dizer com certeza o que "causa" a experiência de quase-morte ou as chamadas visões no leito de morte (casos em que uma pessoa moribunda relata ver entes queridos falecidos "a virem buscá-la"), mas são demasiado comuns para serem ignoradas. De acordo com uma sondagem da Gallup Organization em 1981, 15 por cento dos americanos inquiridos afirmaram ter tido uma experiência de quase-morte. E 42 por cento dos inquiridos afirmaram ter tido "contacto" com os mortos. Estas estatísticas e os relatos generalizados de quem teve alguma comunicação de entes queridos falecidos sugerem fortemente que alguma forma de consciência humana sobrevive à morte corporal. O próximo passo é descobrir se — e, talvez um dia, como — estes seres desencarnados, ou espíritos, comunicam com os vivos.

Ao explorar estas questões, temos de manter a mente aberta. Afirmar simplesmente que a vida após a morte e as comunicações dos mortos não são possíveis ou não podem existir porque não podem ser provadas cientificamente é a resposta mais fraca dos críticos aos fenómenos inexplicados. Todos os dias vivemos e dependemos de inúmeros fenómenos que os cientistas admitem livremente não conseguir compreender ou explicar completamente — a memória, fatores de personalidade, o funcionamento do ADN, a capacidade de compreender ideias olhando para marcas pretas numa página. Vivemos num mundo de maravilhas, e é ingénuo concluir que sabemos ou sequer poderíamos compreender todos os mistérios da vida, da morte e da consciência humana.

Contrariamente ao que muitos acreditam, a ideia de que seres desencarnados comunicam com os vivos não é nova; existe há séculos. O estudo científico das comunicações espirituais começou em 1882, quando foi fundada em Londres a Society for Psychical Research. A investigação na área dos fenómenos psíquicos, ou parapsicologia, continua hoje em universidades e instalações de investigação privadas em todo o mundo, e é conduzida por organizações tão improváveis como o governo soviético e a Agência Central de Inteligência (CIA).

Certamente o espiritismo, a crença na comunicação entre os vivos e os chamados mortos (preferimos chamá-los espíritos), sofreu com a sua quota-parte de praticantes fraudulentos e apoiantes crédulos. Durante a idade de ouro do espiritismo, aproximadamente de 1848 até meados ou finais dos anos 1920, a comunicação espiritual — tanto real como falsificada — estava na moda na América e na Europa.

Infelizmente, os médiuns genuínos e os estudiosos sérios foram facilmente ofuscados na imaginação do público pelos acontecimentos mais espetaculares, sensacionalistas e bizarros atribuídos a entidades de outro mundo. Talvez as imagens mais vívidas e exóticas dessa era persistam porque glorificam aqueles aspetos do espiritismo que eram claramente fraudulentos, apoiam o status quo e endossam a crença predominante — e infundada — de que a comunicação espiritual genuína não é possível.

Devemos julgar os fenómenos inexplicados usando critérios e procurando resultados que sejam justos, razoáveis e adequados ao tema e ao fenómeno que está a ser testado e observado. Isso não significa aceitação sem questionar, que, à sua maneira, se revelou tão prejudicial como a rejeição cega e categórica. Mas não podemos ignorar todas as pessoas dotadas psiquicamente só porque algumas das que afirmam ter capacidades psíquicas são fraudes, ou são médiuns genuínos que possam ter recorrido a truques numa ou outra ocasião.

Temos também de reexaminar o que constitui "prova" de sobrevivência desencarnada e de comunicações. Gostemos ou não, vivemos num universo que ainda não compreendemos — e talvez nunca compreendamos — plenamente. Ainda não conseguimos conceber um único teste para medir ou uma teoria para explicar o que acontece quando George Anderson e outros como ele fazem o que fazem. Tudo o que temos é a evidência, obtida gravando anos de leituras e acompanhando a sua taxa de precisão.

O TERMO fenómenos psíquicos abrange qualquer ocorrência que não possa ser explicada pela teoria científica atual ou provada — e refutada — pelos meios científicos ortodoxos e contemporâneos, e inclui perceção extrassensorial (PES), telecinese e telepatia (leitura de mente). Certamente milhares de pessoas — talvez todos nós — possuímos uma, várias ou todas estas capacidades em algum grau. Para os nossos propósitos, porém, estamos interessados apenas nas capacidades através das quais George recebe as mensagens dos espíritos — clarividência, clariaudiência, clarissentiência, dor e sensação simpáticas, e imagens simbólicas. Através destes meios, George recebe informação que não poderia ter obtido por nenhum dos seus cinco sentidos "normais", nem, curiosamente, através de perceção extrassensorial ou telepatia. Estas mensagens contêm consistentemente informação relativa ao passado, ao presente e ao futuro.

Chamamos a George um médium psíquico, o que ele é no sentido mais literal do termo. Usamos a palavra psíquico como adjetivo, significando "que está fora do âmbito dos processos físicos e da ciência física", pois descreve a natureza, e talvez a fonte, das capacidades de George. Usamos médium, francamente, por falta de palavra mais precisa e porque, de todos os termos que foram ou estão atualmente em voga — canal, psíquico, clarividente —, é o mais abrangente, exato e neutro. Porque George é um médium, um condutor passivo através do qual os espíritos comunicam.

George não é o único médium psíquico no mundo, mas é único entre aqueles que possuem este dom em vários aspetos importantes. Primeiro, é profundamente religioso e insiste em ser um recetor passivo; não conjura nem chama espíritos. Prefere dizer que os discerne. Pelo que George aprendeu através das suas leituras, acreditamos que os espíritos estão à nossa volta, existindo como alguma forma de energia, talvez noutra dimensão.

Por alguma razão, nem todos conseguimos comunicar diretamente com eles. Ou talvez recebamos as suas mensagens mas não estejamos conscientemente cientes disso. (Pode ser que a mente consciente não consiga captar e reter as mensagens, tal como não consegue recordar ou dar sentido a todos os nossos sonhos.) Usando uma metáfora grosseira, George parece funcionar como um recetor de rádio através do qual os espíritos comunicam numa frequência energética à qual a maioria de nós não está conscientemente sintonizada.

Além disso, embora George seja passivo nas leituras, não entra em transe (exceto quando lhe é pedido para testes científicos). Também trabalha à luz, literal e figurativamente. Faz leituras em salas bem iluminadas e ao vivo no rádio e na televisão, e é conhecido por fazer uma ou outra piada sobre o espírito em questão. Por fim, não tem um guia espiritual nem qualquer outra entidade "a falar através" dele, como o Ramtha de J. Z. Knight, o Fletcher de Arthur Ford, o Dr. Fritz de Arigó ou o Seth de Jane Roberts. Espíritos próximos daqueles para quem George está a fazer a leitura (o consulente), ou próximos de alguém que o consulente conheceria, comunicam diretamente com George sem um "intermediário" espiritual. George recebe as mensagens através de algo como uma linha telefónica espiritual coletiva com um número infinito de ligações. Não pode controlar quais espíritos aparecem nem quanto tempo dura uma comunicação.

A diferença mais refrescante e única de George é a sua disponibilidade para ser testado e a sua capacidade de fazer leituras em muitas situações diferentes. Em cada uma delas, exige apenas que as pessoas respondam às suas afirmações de forma a dar-lhe a quantidade mínima de informação de que precisa para determinar se está no caminho certo ou se as mensagens fazem sentido para o consulente. Normalmente, pede-se-lhes que respondam apenas com sim ou não.

Ocasionalmente, porém, é necessária alguma elaboração, embora os consulentes sejam encorajados a manter as respostas o mais breves possível. Nas leituras que George fez por telefone e que foram transmitidas ao vivo no rádio ou na televisão, o chamador só pode dizer "olá" antes de George começar a receber comunicações. Isso elimina a possibilidade de George obter informação ou captar pistas sobre a aparência, gestos e expressões do consulente. George não sabe porquê nem de que distância a pessoa está a ligar.

George também faz leituras de grupo com desconhecidos. Nessas, normalmente realizadas em público, George capta a comunicação de um espírito sem saber para quem no grupo ela se destina. Só fazendo perguntas específicas («Alguém perdeu uma irmã muito jovem? Ela usava o nome Vicki ou Victoria?» etc.) é que reduz o campo de possíveis consulentes à única pessoa para quem a mensagem se destina. A partir daí, pede-se ao consulente que confirme a informação respondendo apenas com sim ou não. George também faz leituras privadas e, como sempre (exceto no caso

de amigos e clientes que regressam), conhece os seus consulentes apenas pelo primeiro nome.

Em cada situação, particularmente nas leituras feitas para rádio e televisão, George e eu interrogamos o consulente após a leitura para determinar a taxa de precisão de George e o que significam quaisquer símbolos desconhecidos ou mensagens confusas e contraditórias. Enquanto muitas leituras são bastante diretas e, poder-se-ia dizer, cheias de trivialidades significativas, outras são muito complexas, o seu conteúdo tão pessoal ou tão enigmático que só o consulente compreende. Uma alcunha pessoal, uma alusão a uma experiência partilhada não significam nada fora de contexto. As entrevistas pós-leitura dão-nos o contexto e ajudaram-nos a compreender os significados por vezes numerosos e ocultos dos símbolos e mensagens que George recebe. (Como poderia George ter deduzido de outra forma que uma máquina de lavar roupa avariada simbolizava doença renal ou insuficiência renal?)

DESDE QUE GEORGE apareceu pela primeira vez no meu programa de rádio em outubro de 1980, fui contactado por muitas pessoas ansiosas por desacreditá-lo. Dos que aceitaram o nosso convite para aparecer publicamente com George, nenhum conseguiu explicar ou sequer hipotetizar como George poderia obter o conteúdo das suas mensagens por qualquer meio que não fosse a comunicação espiritual.

Aqueles que persistem em afirmar que George não está em comunicação com os mortos resumem frequentemente a sua "prova" na seguinte declaração: se George estivesse realmente em comunicação com os mortos, a sua informação seria 100 por cento exata — uma declaração que presume que os consulentes sabem sempre exatamente a que o espírito se refere e que podem e querem confirmar prontamente cada parte da mensagem (o que nem sempre acontece); que a consciência humana após a morte é de alguma forma superior (sem dúvida uma impressão derivada de ver filmes de terror), ou que ficamos mais inteligentes ou mais perspicazes após a morte; e que todas as outras áreas que consideramos "ciências", e portanto corretas, verdadeiras e reais, são 100 por cento exatas.

Quanto ao primeiro ponto, muitas pessoas não sabem ou não recordam os nomes de todos os parentes e conhecidos falecidos, ou as circunstâncias das suas mortes, ou o que se passa na vida amorosa de um primo distante. Em leituras públicas, que podem ser presenciadas por entes queridos e

amigos, as pessoas podem, compreensivelmente, mostrar-se relutantes em confirmar informações relativas a assuntos tão pessoais como uma relação extraconjugal ou um aborto. Quando um consulente não consegue confirmar a informação de George como correta, contamos a afirmação de George como um erro. No entanto, é bastante comum as pessoas gravarem as leituras e/ou discuti-las com amigos e família. Muitas vezes, essas pessoas contactaram-nos vários dias depois com confirmações e correções. Ou alguém pode ligar semanas mais tarde para nos dizer que um incidente a que George aludiu ocorreu após a leitura.

Quanto ao segundo ponto, não sabemos o suficiente sobre a natureza da consciência humana — "viva" ou "morta" — para determinar como, ou se, a morte a afeta. No entanto, muitos consulentes reconhecem que um espírito está a usar as mesmas expressões verbais ou a comunicar no mesmo tom emocional que tipicamente usava em vida.

Por fim, há a questão da precisão. Consideremos um exemplo familiar: o Serviço Nacional de Meteorologia, que, apesar de um exército de meteorologistas e tecnologia informática avançada, não consegue prever o tempo com uma taxa de precisão que se aproxime sequer dos 86 a 95 por cento documentados de George.

Como é possível a comunicação espiritual? E qual é o propósito do dom de George? Existem várias teorias a respeito de ambas as perguntas, mas nenhuma resposta certa. Contudo, após muitos anos a conhecer George e a testemunhar o seu trabalho, posso afirmar honestamente que, para quase todos os que tiveram leituras com ele — sejam entes queridos enlutados, autoridades policiais ou simples curiosos —, o resultado do seu trabalho é bom. Por mais espantados e surpreendidos que fiquem ao "ouvir" daqueles que estão do outro lado, raramente alguém fica assustado ou chocado com o que aprende. A maioria sente-se bastante aliviada ao descobrir que não é nada "assustador" nem "macabro". E por que razão haveria de ser? Pelo contrário, a maioria dos consulentes considera a experiência reconfortante e tranquilizadora. Dizer que, para alguns, uma leitura com George mudou as suas vidas seria pouco. Os espíritos têm muito a ensinar-nos sobre a natureza da mente humana e sobre a única viagem que é ao mesmo tempo a vida e a morte.

Milhões de criaturas espirituais Caminham pela terra Invisíveis, tanto quando estamos acordados Como quando dormimos.

E se a terra e o céu Fossem um para o outro Mais do que se pensa na terra? —MILTON

E se dormisses? E se, no teu sono, sonhasses? E se, no teu sonho, fosses ao céu e ali colhesses uma flor maravilhosa? E se, ao acordares, tivesses a flor na mão? Ah, e então? —SAMUEL TAYLOR COLERIDGE

É um dos erros mais comuns considerar que o limite do nosso poder de perceção é também o limite de tudo o que há para perceber. —C. W. LEADBEATER

Porque não haveria a verdade de ser mais estranha do que a ficção? Afinal, a ficção tem de fazer sentido. —MARK TWAIN

UM

PARA O JOVEM DE DEZASSEIS ANOS David Licata, a noite de 20 de fevereiro de 1982 foi uma típica noite de sábado. Como os colegas de escola, David estava a aproveitar as férias de inverno de dez dias e passava o tempo livre com amigos na sua terra natal, Commack, Nova Iorque, uma comunidade suburbana coesa de classe média-alta na costa norte de Long Island. David era o segundo dos três filhos de John e Barbara Licata e o tipo de rapaz de que qualquer pai se orgulharia. Popular, descontraído e responsável, David adorava futebol e sonhava jogar profissionalmente um dia. Passava as tardes no quintal a dar toques na bola, acompanhado pelo cão da família, Muffin. Era alto para a idade — cerca de 1,80 m — e bem-parecido, com cabelo castanho um pouco comprido e um sorriso lindo.

Algumas semanas antes, David tinha combinado passar as férias no norte do estado de Nova Iorque com o amigo Cory. Mas quando Barbara Licata, uma mãe autoconfessadamente superprotetora, soube que os pais de Cory não iriam e que os rapazes ficariam sozinhos, insistiu que David ficasse em casa. Cory foi sozinho e David encontrou muitas coisas para fazer no bairro.

Nessa noite, David e um grupo de amigos foram a uma festa. Tendo prometido à mãe que estaria em casa às 00h30, David saiu da festa por volta da meia-noite e começou a caminhar para casa ao longo da Commack Road com o amigo Bret Coville, também de dezasseis anos.

Barbara Licata tinha-se deitado às 00h30, mas ficou acordada, de olhos abertos, e levantou-se quando ouviu o filho mais velho, Darrin, chegar uma hora depois. Não era próprio de David atrasar-se sem pelo

menos telefonar. Por volta das 02h30, Barbara não aguentou mais. Começou a ligar para todos os amigos de David para perguntar se o tinham visto; nenhum sabia onde ele estava. Ansiosa, olhando pela janela da sala, Barbara só podia rezar. Não conseguia livrar-se da sensação aterradora de que algo estava muito errado — mas o quê? Quando dois detetives da polícia do condado de Suffolk bateram à porta dos Licata às 03h15 daquela madrugada, ela soube: David tinha sido morto.

Aproximadamente às 00h05 daquele domingo de manhã, enquanto David e Bret caminhavam ao longo da Commack Road, foram atropelados por trás por um veículo que seguia em alta velocidade e que fugiu imediatamente do local, deixando Bret gravemente ferido e David morto. Mas o que os Licata só viriam a saber quase quatro meses depois foi que, embora David tivesse sido morto, ele não morreu.

OS DIAS SEGUINTES foram dolorosos para os Licata. Mais de mil pessoas — familiares, amigos, colegas de escola e professores — vieram prestar as suas homenagens e despedir-se de David. Quando o treinador dos Cosmos, a equipa de futebol com que David sonhava jogar após terminar o secundário, soube do acidente de David, ofereceu aos pais uma camisola da equipa, que Barbara colocou ao lado de David no caixão. O treinador simplesmente deu aos Licata a última camisola que restava no balneário, o número 27. Não sabia que David usava o número 27 na equipa de futebol do secundário de Commack.

No seu luto, todos faziam a mesma pergunta vezes sem conta: Porquê? Porquê David? Porque lhe tinha sido tirada a vida tão rápida e cruelmente, tão jovem, quando tinha tanto para realizar, tanto por que viver, quando tantos outros sobreviviam? Que propósito serviam a sua morte e o sofrimento deles? Como poderia Deus, se fosse justo, permitir que algo tão terrível acontecesse?

Algures, mais perto do que qualquer um deles poderia imaginar, o assassino não identificado, o condutor que fugira, continuava em liberdade. Barbara Licata estava demasiado perturbada para sentir amargura ou raiva. Só sabia que o filho nunca usaria o seu novo fato cinzento no baile de finalistas daquele primavera, pois, a 25 de fevereiro, foi sepultado com ele.

Por mais que os Licata tentassem lidar com a sua perda devastadora, os meses seguintes não trouxeram respostas e, mais do que uma vez, Barbara pensou em como estamos mal preparados para enfrentar a morte,

quão pouco a compreendemos. No fundo do coração, acreditava há muito na vida após a morte. Criada na Igreja Católica Romana, acreditava na vida da alma enquanto viaja em direção a Deus, talvez no céu. Rezava e dizia o terço por David todos os dias, sempre na esperança de que um dia visse um sinal, alguma prova que a convencesse intelectualmente daquilo de que tinha a certeza no coração — que ele ainda existia, algures, de alguma forma.

Passaram-se semanas. John Licata chorava interiormente, dando sempre a impressão de que controlava as emoções. Para Barbara, o luto parecia permear todos os momentos de vigília. Simplesmente não conseguia deixar David partir. Talvez não passasse da fé de uma mãe, pensava, mas tinha de se agarrar a algo. Ainda assim, o seu luto não se atenuava com o tempo.

Ler o mais que podia sobre o tema da vida após a morte ajudava um pouco Barbara, pois permitia-lhe perder-se nos pensamentos e fornecia alguma prova — ainda que vaga — de que David estava "a viver outra vida" algures. Leu No Good-Byes de Adela Rogers St. Johns e o popular Life After Life do Dr. Raymond Moody. Encontrava grande conforto na Bíblia, especialmente no Evangelho segundo João. Quando Jesus disse: «Na casa de meu Pai há muitas moradas», estaria Ele a falar de uma vida após a morte?, perguntava-se. Poderia a "casa" ser o universo de Deus e as "muitas moradas" aludirem a outra vida após a morte? Ansiava por uma resposta.

LAUREN FREMER era uma jovem que conhecia David através de amigos comuns. Como todos na comunidade, sabia do efeito que a morte de David tivera nos Licata. Naquele maio, cerca de três meses após David ter sido morto, Lauren telefonou a Barbara Licata, que nunca tinha conhecido, para lhe falar de um homem chamado George. Lauren descreveu George como "o homem com capacidades fascinantes" e disse a Barbara que ele aparecia regularmente num programa de rádio local, atendendo chamadas de ouvintes e transmitindo mensagens que, afirmava, lhe chegavam dos seus parentes e amigos falecidos "do outro lado".

Lauren pensou que talvez Barbara quisesse ligar para George — talvez ele pudesse ajudá-la a comunicar com David. Deu a Barbara o número de telefone de George, que tinha anotado quando foi anunciado num programa recente. Embora Barbara tenha ficado com o número,

pensou pouco em segui-lo. Tinha alguma ideia do que procurava, mas isto não parecia ser isso. Guardou o papel com o número numa gaveta da cómoda.

Três dias depois, a amiga de longa data de Barbara, Rhoda, foi visitá-la. Enquanto Barbara falava com a amiga sobre a dificuldade que tinha em lidar com a morte de David, lembrou-se da chamada de Lauren. Estava a contar o que Lauren lhe dissera sobre o homem no rádio quando Rhoda a interrompeu: «Que engraçado. Estava para te contar que uma noite a minha filha Arlene queria usar o telefone para ligar para uma estação de rádio local. Quando lhe perguntei porquê, disse: 'Porque quero conseguir falar com o George.' Depois contou-me que o George tinha dito que um rapaz jovem tinha morrido num acidente trágico, que tocava bateria e que estava muito, muito inquieto devido à enorme tristeza e angústia que as pessoas sentiam. Parecia tanto com o David que era arrepiante. Claro que pensei que era apenas coincidência.»

De repente, Barbara percebeu que esta aparente "coincidência" tinha um significado especial para ela. Ao ouvir Rhoda e pensar nisso, sentiu-se impelida a contactar George. O facto de o nome dele ter surgido duas vezes em poucos dias era estranho. Talvez fosse esse o sinal. Marcou o número de George.

Quem atendeu o telefone de George não fez perguntas a Barbara sobre quem ela era ou por que ligava; ela apenas disse o primeiro nome e que queria ver George. A pessoa explicou educadamente que tantas pessoas queriam ver George em privado que ele não tinha datas livres até quase um ano depois. Tendo chegado tão longe na sua busca por David, Barbara relutava em desistir, mas não podia esperar tanto tempo. Tomou o possível atraso como indicação de que o seu sinal de David estava a desvanecer-se.

Menos de um mês depois, no início de junho, outra amiga de Barbara mencionou George. Desta vez, Barbara não se surpreendeu ao ouvir o nome dele e escutou ansiosamente enquanto a vizinha lhe dizia que George estaria no rádio na noite de domingo do fim de semana prolongado do 4 de julho e atenderia chamadas dos ouvintes. Nessa noite, Barbara telefonou para a estação de rádio, a WBAB de Long Island, uma estação de rock FM com a particularidade única de ter um programa de conversa noturno. A chamada foi encaminhada para a minha mulher, Chris, a produtora do The Joel Martin Show.

Com a sua longa experiência como produtora de programas de conversa, Chris estava habituada a lidar com este tipo de chamadas. Muitas vezes o chamador sentia fortemente que precisava de falar com George. Muitos pediam tratamento especial para que as suas chamadas fossem atendidas no programa sem terem de passar até uma hora a remarcar o número ocupado. Outros ligavam para obter o número de casa de George para marcar uma leitura privada. Barbara estava disposta a fazer parte do primeiro grupo, mas Chris, sensível a algo na voz de Barbara, percebeu que ela precisava de falar com George imediatamente. Seria impossível para Chris dar atenção pessoal a cada chamador, mas de vez em quando aparecia alguém como Barbara, e Chris sabia intuitivamente que a situação pedia esforços especiais. Fez apenas uma pergunta a Barbara: «A polícia está envolvida?»

«Sim», respondeu Barbara.

«Então acho que devemos tentar marcar para si uma consulta privada com George o mais rapidamente possível.»

Chris prometeu tentar marcar a consulta para Barbara e pediu-lhe que ligasse no dia seguinte à mesma hora. Depois acrescentou: «Por favor, lembre-se, quando me ligar amanhã, não me conte nada sobre si. Não preciso de saber, e o George absolutamente não deve saber nada antecipadamente sobre as suas circunstâncias. É regra dele. Nem sequer lhe diga o seu apelido quando se identificar.»

«Entendo», respondeu Barbara.

Na noite seguinte, Barbara ligou para Chris como combinado e foi informada de que George a receberia na terça-feira à noite, 8 de junho, e deram-lhe a morada. Depois de Chris lhe assegurar que John podia acompanhá-la, Barbara agradeceu e despediu-se.

Quando Barbara contou a John as experiências dos últimos dias e a consulta marcada com George, ele fitou-a em silêncio. John era cético, mas sabia que não era o momento de discutir com a mulher sobre charlatães e sessões espíritas. Ela parecia algo consolada com a perspetiva de visitar este estranho. E, na verdade, o ceticismo e a descrença de John em relação a George não o perturbavam tanto quanto o medo de que a mulher estivesse à procura de algo que talvez nunca encontrasse.

Embora sofresse com a morte de David, sentia que Barbara era mais vulnerável. A última coisa de que precisava, pensava John, era de outra desilusão. Contudo, via que ela precisava de visitar este homem.

Recordando vagamente algo que ouvira sobre George, John teve de admitir que estava pelo menos curioso em conhecê-lo. Tinha a certeza de que conseguiria detetar quaisquer "truques" que George pudesse usar e, assim, protegeria a mulher. Se mais não fosse, isto poderia reconfortá-la — e a ele, tinha de admitir —, e isso seria um alívio bem-vindo. Concordou em ir.

Os Licata não contaram a ninguém os seus planos de ver George. Uma das razões para o segredo era garantir a integridade da leitura. Se ninguém que soubesse algo sobre eles tivesse conhecimento da visita, ninguém poderia dar a George informação antecipada. Mas havia também a questão de se sentirem constrangidos, até um pouco envergonhados por procurarem a ajuda de um médium psíquico. À medida que a data do encontro se aproximava, o entusiasmo de Barbara crescia. Mas quando chegou o dia 8 de junho, sentiu também medo — mas de quê? Não sabia. Repetia para si mesma: «Nunca tive absolutamente nenhum contacto com nada a nível psíquico.»

Naquela terça-feira à noite, os Licata fizeram o curto trajeto de carro de casa até ao apartamento de George, em Babylon, ali perto. Barbara dobrava e desdobrava nervosamente o papelinho com a morada de George. Quando pararam em frente ao complexo de apartamentos com jardim, ficaram surpreendidos. Tudo parecia tão… normal, nada parecido com a típica casa vitoriana velha e gasta que aprenderam a esperar dos filmes de terror. Barbara tremia enquanto subiam os oito degraus até à porta de George. Não havia nome na campainha, mas, segundo as indicações, o número 97 era o apartamento certo. John tocou.

Olhou em frente, sem expressão. Barbara murmurou: «Meu Deus, estou assustada.» Segundos depois, um jovem vestido casualmente, com olhos castanhos penetrantes, abriu a porta.

«Viemos ver o George», disse Barbara.

«Sou eu o George», respondeu o homem.

«Ah. Eu sou a Barbara. Este é o John.»

Não disseram mais nada enquanto George sorria calorosamente e os convidava a entrar. Barbara ainda estava nervosa enquanto olhava em redor. Parecia um apartamento típico e bem cuidado. Logo à entrada havia uma mesa de jantar contemporânea e várias cadeiras; à direita, um sofá confortável virado para uma grande televisão.

Havia uma mesa de centro de madeira muito polida em frente ao sofá e, junto a uma parede, um suporte de madeira de estilo vitoriano cheio de

bibelôs. Num canto estava um relógio de pêndulo e, perto dele, uma poltrona. Um armário envidraçado com loiça e um pequeno suporte de partituras com um grande dicionário completavam a mobília da sala de estar/jantar. Nas paredes pendiam vários quadros religiosos. Uma pequena kitchenette impecavelmente limpa via-se atrás da sala de jantar, e uma porta entreaberta estava virada para Barbara; conseguia ver que era o quarto.

Voltou a atenção para George. Enquanto ele os convidava a sentar-se à mesa de jantar, percebeu que, embora não soubesse realmente como deveria parecer um psíquico, George não era o que esperava. Era de estatura ligeira, com cabelo preto encaracolado e barba bem aparada. Decerto não teria muito mais de trinta anos, se tanto. Parecia muito descontraído ao sentar-se à mesa em frente deles. Tinha um bloco de formato legal e uma caneta, para que propósito Barbara não sabia.

Perguntou se podia gravar a sessão no seu gravador de cassetes, e George respondeu: «Não me importo. Fica ao teu critério.» George rezou uma oração, pedindo proteção a Deus, e benzeu-se. De vez em quando, durante a sessão, olhava para Barbara e John, e uma vez semicerrava os olhos como se quisesse focar a visão.

Barbara rezava silenciosamente para que a visita fosse frutífera quando sobressaltou-se. George começara a escrever rapidamente no bloco. Nem Barbara nem John tinham ideia do que George estava a escrever — ou porquê —, mas a leitura tinha começado. Após alguns instantes, George falou.

«Vejo-vos rodeados de preto. Uma morte —» George começou, mas corrigiu-se imediatamente — «uma transição, por assim dizer, uma passagem para o outro lado.»

Os Licata assentiram.

«Uma pessoa jovem.»

«Sim», confirmou Barbara.

«Uma forma de passagem muito desagradável. Uma passagem súbita.»

«Sim.»

George levou as mãos às têmporas e moveu os dedos para a parte de trás da cabeça, acabando por pressionar as palmas contra a base do crânio.

«Tem algo a ver com a cabeça? A minha cabeça está a latejar. Começou a latejar no momento em que entraram na sala.»

«Sim.»

«Esta pessoa é da vossa família.»

«Sim.»

«A pessoa está muito, muito inquieta. Sinto a pessoa na sala. Digam apenas ‘sim’ ou ‘não’. Não elaborem. Foi algum tipo de acidente?»

«Sim.»

«Mas há algo estranho nisso.»

«Sim.»

«Porque estou a ver pontos de interrogação depois da palavra ‘acidente’.»

Barbara interrompeu enquanto George explicava a sua confusão sobre lesões na cara e na cabeça. «Posso elaborar?»

«Preferia que não. Se eles quiserem, voltarão ou usarão outra abordagem para me esclarecer.»

Enquanto George falava, continuava a escrever. Embora alguns médiuns psíquicos recebam as suas comunicações através da chamada escrita automática, George usa-a principalmente como meio de concentração. Encheu página após página com palavras, nomes e imagens abstratas que lhe surgiam do que chamava “o outro lado”.

«Esta pessoa é um filho vosso?»

«Sim.»

«Há alguma outra lesão física além da cabeça? Algo nas costas?»

«Não sei.»

George insistiu nesse ponto. «Estou a sentir dor nas costas também. Ouçam apenas o que estou a dizer. Esteve envolvido um veículo?»

«Sim.»

«Está bem, vejo apenas um veículo à minha frente. Está envolvido um veículo. É um filho?»

«Sim.»

«Então é com ele que estou a falar. Havia alguém com ele quando isto aconteceu?»

«Sim.»

«Era uma rapariga?»

«Não.»

«Alguma vez perderam outros filhos?»

«Não.»

«Conhecem alguém na família que tenha perdido uma rapariga jovem?»

«Não.»

«Conhecem alguma rapariga jovem que tenha partido?»

«Sim.»

«Porque ela está com ele.»

«Sim.»

«Está bem. Porque é isso que me está a confundir.»

«Sim.»

«Está bem. Esta rapariga partiu antes dele?»

«Sim.»

«Porque foi ela que o recebeu quando ele passou para o outro lado, e está ali com ele, e foi por isso que fiquei confuso por um segundo… Ela também partiu jovem.»

«Sim.»

De repente, John Licata, que estava sentado em silêncio e até então deixara a mulher responder às perguntas de George, estremeceu. Estivera a observar e a escutar, mas sem acreditar nem compreender plenamente o que se passava. No entanto, quando George descreveu uma rapariga jovem a receber o seu filho, o cepticismo de John começou a vacilar. Não havia absolutamente nenhuma maneira de George saber que uma jovem amiga de David do bairro tinha sido estrangulada cerca de quatro meses antes de David ser morto.

George continuou a escrever rapidamente, arrancando cada folha preenchida e colocando-a perto de si na mesa. Depois disse: «Ele está muito, muito inquieto. Esperemos que consiga agora desabafar o que tem a dizer, para poder descansar melhor. Era muito sensível, muito emotivo?»

«Sim.»

«Porque é assim que ele está a vir. Tenham só um pouco de paciência comigo. Ele tem de se acalmar. Está a falar tão depressa que não consigo entender o que diz. Diriam que há algo estranho no caso dele?»

«Sim.»

«Ele está a tentar explicar-me alguma coisa. Não consigo tirar-lho. Final da adolescência, início dos vinte.»

«Não.»

«Apenas adolescente.»

«Sim.»

«Está bem. Era alto?»

«Sim.»

«É isso. Apareceu-me por um segundo. Parecia bastante alto. Não sei se é a idade dele ou um número específico, mas o dezasseis significa alguma coisa?»

«Sim.»

«É a idade dele», disse George, assentindo com confiança.

«Sim.»

«Está bem. Ele diz: "Obrigado." Quando passou para o outro lado, disse que tinha dezasseis anos, mas é um rapaz grande… Disse que não estava sozinho quando o acidente aconteceu. Alguém mais esteve envolvido.»

«Sim», reconheceu Barbara.

«É o que ele me diz. Alguém mais esteve envolvido.»

«Sim.»

«Outro homem.»

«Sim.»

«Porque ele diz que foi um homem… O teu filho foi atingido na cabeça?»

«Sim.»

«Ficou gravemente cortado com esse golpe?»

«Sim.»

George parou de escrever de repente e olhou Barbara nos olhos. «Tenho medo de dizer. Foi assassinado?»

«Sim.»

«É o que ele diz. Tenham só um segundo de paciência. Estou a receber tanta emoção que fico sempre à beira. Vai-se esgotando por causa daquilo que ele está a tentar transmitir. Vidros partidos têm alguma coisa a ver com isto?»

«Sim.»

«Porque vejo vidros partidos à minha frente.»

«Sim.»

«Foi atingido com alguma coisa como uma garrafa?»

«Não uma garrafa.»

George fez uma pausa para explicar. «Às vezes tento interpretar o que vejo… Vejo vidros partidos estilhaçados à minha frente. Estavam a

arrombar algum lugar? Além de ter sido assassinado, houve algum outro crime?»

«Não sei como responder a isso.»

«Estou sempre a rezar por ele para que se acalme e diga o que tem a dizer. É possível que o assassínio dele tenha sido um acidente?»

«Sim.»

George ergueu os olhos da escrita e abanou a cabeça com simpatia. «Sentem que foi deliberado?»

«Não.»

George assentiu. «Tenho de dizer que não foi. Ele diz-me que foi um assassínio acidental. Não foi deliberado.»

«Exato.»

George voltou a escrever. «Sem me dizerem nada além de "sim" ou "não", têm alguma suspeita de quem possa ter sido? Porque ele diz que é alguém que ele conhece.»

«Sim.»

«Definitivamente. É um homem.»

«Sim.»

«O teu filho tinha algum problema no peito?»

«Sim.»

«Não admira que não consiga respirar… O teu filho era muito desportivo?»

«Sim.»

«Porque estou a ver esse símbolo também.» George mudou então de posição na cadeira, erguendo os braços e levando as mãos à parte de trás da cabeça, como fizera antes na leitura. Perguntou novamente: «Foi atingido na parte de trás da cabeça?» Quando Barbara respondeu afirmativamente, George repetiu: «Foi atingido na parte de trás da cabeça? Porque ele diz-me que foi atingido por trás. Isso é facto.»

«Sim.»

«Sinto constantemente como se alguém me estivesse a bater na parte de trás da cabeça.» George abanou a cabeça de um lado para o outro como se quisesse livrar-se da dor simpática que lhe percorria a cabeça. Embora George já se tivesse habituado às sensações de dor simpática, ainda se sentia um pouco incomodado com elas. Felizmente, a dor durava geralmente apenas alguns momentos, ou até George reconhecer o que o espírito tentava comunicar sobre dores, lesões ou outras sensações físicas

que sofrera antes de partir. «Estava numa saída social? Ele diz: "Eu estava numa saída social." Vejo-o… ele está fora… pode ser um símbolo, como digo, um lugar de dança. E estou fora, à volta dele. Estava perto de um local de convívio social?»

«Sim.»

Para os Licata, George parecia estar a falar sozinho. Na verdade, estava a "falar" com o espírito do filho deles. Embora normalmente conseguisse "perguntar" ou pedir esclarecimentos através dos pensamentos, por vezes dava por si a falar em voz alta. «Está bem», dizia George ao que os Licata já tinham a certeza de que era o espírito de David, «acalma-te. Diz-me tudo exatamente como queres.»

John e Barbara observavam e escutavam. Após alguns instantes, George retomou a escrita. «Foi encontrado perto de um carro? Porque vejo constantemente um carro?»

«Sim.»

«Estava dentro de um carro?»

«Não.»

«Perto de um carro?»

«Sim.»

«Ele continua a mostrar-me que está perto de um carro—»

«Sim.»

George virou-se para os Licata e explicou: «Ele vai direto à cara. Há algo na cara que ele quer dizer-me. Não sei o quê.»

George voltou novamente a atenção para o espírito. «O que queres que eu veja?», parecia perguntar ao ar. «Não percebo o que queres dizer.»

George estava ao mesmo tempo frustrado e desculpando-se pela incapacidade de compreender a mensagem do espírito. «Talvez queira dizer que não estou a ver alguma coisa bem», ofereceu, depois avisou novamente os Licata para não revelarem nada além de simples confirmações sobre as mensagens. «Tinha olhos muito escuros?»

«Sim.»

«Cabelo muito escuro?»

«Sim.»

«Alto, bem-parecido.»

«Oh, sim», disse Barbara, radiante. O marido assentiu em concordância.

Olhando para os Licata, George disse: «Ele aparece ao vosso lado. Mostra-me como é. Estava perto de algum lugar onde houvesse bebidas alcoólicas quando aconteceu?»

«Sim.»

«Não estavam com a cabeça no sítio. Ainda ninguém foi apanhado.»

«Exato.»

George voltou à rapariga jovem que partira antes de David. «Ele continua a dizer: "Ela recebeu-me quando cheguei."»

«Sim.»

«"Ela trouxe-me para a luz", diz ele.»

«Sim.»

«Vocês também a conhecem.»

«Sim.»

«Porque ela vos manda cumprimentos. Diz: "Lembram-se de mim. Sabem quem eu sou."»

«Sim.»

O foco de George voltou a David. «Vê, isto é muito estranho porque parece que ele não era um jovem problemático.»

«Não.»

«Parece que estava no lugar errado à hora errada.»

«Exato.»

«Saiu sozinho?»

«Não.»

«Porque vejo amigos. Saiu com amigos. Um grupo de pessoas.»

Barbara interrompeu: «George, podes mandar-lhe uma mensagem ou só recebes?»

«Posso mandar de volta, mas ele também vos ouve. Está ao vosso lado, por isso sem dúvida está a perceber tudo o que estão a pensar ou a sentir ou o que for.» Após um momento, a leitura continuou. «Alguma outra lesão corporal além da cabeça?»

«Não.»

«Era muito de atletismo ou algo assim?»

«Não atletismo.»

«Algum tipo de desporto em que se usam as pernas.»

«Sim.»

«Conheces algum John?»

«Sim.»

«Vivo ou falecido?»

«Vivo.»

«Não conheces nenhum John que tenha passado para o outro lado, pois não? Pensa um segundo.»

«O meu avô», disse Barbara, após um momento de reflexão.

«Está bem. Era isso que queria ouvir porque ele diz: "O John está aqui." Quando não pareceram reconhecer, o teu filho disse para perguntar ao teu marido que ele saberia quem era. "Já vi o John aqui", diz ele. Diz: "O John está aqui comigo."»

George repetiu o que já tinha dito antes: «Foi um assassínio acidental, continua a dizer.»

«Exato.»

«Mas não guarda qualquer rancor contra a pessoa. Está a ser muito magnânimo. Compreende. Mas, em todo o caso, conheces alguma Rose?»

«Sim.»

«Falecida?»

«Sim.»

«Porque ele diz: "A Rose está aqui comigo."»

«A minha avó», explicou Barbara.

«Diz: "O John está aqui comigo. A Rose também está aqui comigo." … Logo que a Rose se aproxima dele, ele acalma-se. Torna-se mais fácil. Porque continua a mostrar-me um carro?»

«O carro de quem?», perguntou Barbara.

«Não sei. Continua a dizer-me: "Perto do carro, perto do carro." … Continua a mostrar-me carros—»

«Sim.»

«Havia água por perto?»

«Não.»

«Foi encontrado perto de água?»

«Não.»

«Havia um rio, um riacho por perto?»

«Não.»

«Tem de significar alguma coisa. Ele insiste: "Sim, sim, sim." Continua a dizer "sim."»

«Não sei», foi tudo o que Barbara conseguiu dizer.

Durante vários minutos, George deu uma série de nomes que Barbara e John reconheceram.

«É possível que a pessoa que lhe fez isto seja mais velha do que ele?»

«Sim.»

George falou então de algo metálico, que via simbolicamente como uma arma. Barbara não tinha a certeza do significado dessa mensagem. George pode estar a referir-se ao veículo que atingiu e matou David ou a alguma outra arma no local do crime, que não pôde ser totalmente explicada por falta de informação.

«Está bem. O teu filho mostra-me esta visão por pontos. A única razão por que presto atenção é que não sei o que se passa aqui, e vocês confirmam que é exato… Esta pessoa não é emocionalmente estável, não tem equilíbrio mental. A razão por que digo isto é que quem quer que faça isto não tem. O teu filho conhecia esta pessoa?»

«Não sei.»

Depois George fez perguntas a Barbara sobre o emprego da pessoa, que ela não conseguiu responder. «Este homem que a polícia deteve, interrogaram-no ou o que foi?»

«Sim.»

«O teu filho diz que vocês sabem quem é. O suspeito não é da família.»

«Não.»

«Morava perto de vocês?»

«Sim.»

George disse ao espírito: «Continua a vir», depois virou-se para os Licata e fez mais algumas perguntas sobre o suspeito, que eles não conseguiram confirmar. «Dirias que o teu filho era um pouco ingénuo?»

«Sim.»

«Há algo específico neste homem, o suspeito, que me faz sentir extremamente desconfortável. Ainda não descobri o quê. Digamos apenas que não o queria perto de mim.»

«Exato.»

Após uma pausa de um segundo, George continuou: «Este homem é careca?»

«Não sei.»

«É casado, ou foi?»

«É casado.»

«A família dele está por perto? Conheces-o pessoalmente?»

«Conhecia.»

«O nome Robert significa alguma coisa para ti?»

«Sim.»

«Vivo, diz ele vivo. Alguém que o teu filho conheceria. Alguém próximo dele?»

«Sim.»

«Dá o nome Robert. Diz: "Como está o Robert?"»

«Bem.»

«"Diz-lhe que ouviste falar de mim", diz o teu filho. O teu filho é do tipo que deixa o passado para trás.»

«Sim.»

«Definitivamente, porque não é vingativo neste caso. É muito… tipo "Lamento que tenha acontecido, mas perdoo-lhe." Muito magnânimo.»

Barbara assentiu.

George continuou: «A pessoa que suspeitam… teve de haver algum tipo de contacto. Conheciam-se, embora—»

«É possível.»

George interrompeu: «Deixa lá até ficar mais claro. O que significa o terço?»

«Terço?», perguntou Barbara.

George assentiu. «Vejo apenas um terço erguido à minha frente.»

«Rezo um terço todos os dias pelo David.»

«Está bem, porque foi ele que o ergueu. Fez assim à minha frente. Ergueu um terço branco.»

«É o meu terço», respondeu Barbara.

«"Diz à minha mãe o que vês e que é muito significativo."»

Barbara indicou que compreendia.

«Tens uma filha?»

«Sim.»

George teve alguma dificuldade em interpretar a idade da rapariga. «Ela também é alta. É por isso que fico confuso, por causa do tamanho dela. Ele chama por ela: "Por favor diz-lhe que ouviste falar de mim. Diz-lhe que mando o meu amor. Estou bem. Estou em paz. Por favor continuem a rezar por mim."»

Barbara assentiu.

«Agora sei o nome dele. Ouvi-te dizer — David. Por isso era chamado Davey, suponho. Porque continua a dizer "Davey Crockett", a brincar? Era do tipo que fazia piadas?»

«Oh, sim.»

«Parece que está até a brincar comigo, dizendo: "Ah ah, Davey Crockett."»

George voltou então ao tema do presumível assassino de David.

«O homem… mostra-me outra vez. Vou ver se consigo… Dá-me aquela descrição que deu antes.» George descreveu então pormenores da roupa do suspeito, hábitos de saúde, penteado e temperamento.

«Não sei.»

«Bem, a primeira coisa que ele pede a ambos é que perdoem. É a primeira coisa que pede. Tenho de ser honesto convosco. Ele não está a vir de forma vingativa.»

«Fico contente», respondeu Barbara.

«Quando entraram, ele estava tão excitado com isto que eu não conseguia acompanhar, mas agora está calmo. Logo que os outros parentes… parecem aproximar-se dele, especialmente aquela rapariga — pareceu acalmar.»

«Podes dar-me o nome dela?»

«Ainda não.» George fez uma pausa, ergueu os olhos da escrita e continuou. «Ele está em boas mãos. Continua a assegurar-vos isso. E as orações que têm enviado ajudam imenso. Diz: "Estou na luz, estou na luz."»

Barbara e John pareciam reconfortados pelas palavras de George — ou melhor, de David — enquanto escutavam.

«Não foi feito intencionalmente. Tenho a certeza de que o homem não quis ir lá fora e fazer mal ao rapaz. Foi um assassínio acidental, diz ele. Algo foi feito para o provocar.» Apontando para John, George disse então: «O nome Theresa. Vai para ti.»

«A avó dele», disse Barbara.

«Fez assim», disse George, gesticulando na direção de John. «O teu filho disse: "Vai para o meu pai." Apontou para o pai. Disse: "Ela também está aqui comigo."»

«Quem é o Sal?»

«Avô.»

«Porque ele diz: "O Sal também está aqui. O Sal está comigo. A Theresa está comigo e as outras pessoas identificadas." … Têm um cão de estimação?»

«Sim.»

«Porque ele está a pedir pelo cão.»

«Sim.»

«Dirias que era um jovem muito espiritual?»

«Sim.»

«Sabes, é a impressão que tenho. Fico um pouco espantado para um jovem de dezasseis anos. Parece ser muito espiritual, esperto lá em cima, nada vingativo. É… o tipo de jovem de quem custa ver isto acontecer.»

«Sim», disse Barbara. «Quando posso fazer uma pergunta?»

«Podes fazer uma agora, mas o que quer que faças, tenta perguntar de forma a não me dares nenhuma pista.»

«Podes perguntar-lhe se está feliz? Se sente o nosso amor por ele?»

George assegurou-lhe: «Oh, sente definitivamente. Foi por isso que veio antes e falou em estar em paz e ergueu um terço para ti. Um terço branco. Disse: "Recebo isto. Continuem a mandar."»

«Sim.»

«Conheces algum Joseph?»

«Sim.»

«Vivo.»

«Sim.»

«O David conhecia-o?»

«Sim.»

«Eram próximos?»

«Sim.»

«Primos.»

«Sim, sim.»

«Ele acabou de dizer: "Joseph, como está o Joseph? O meu primo Joey." Eram bons companheiros? Está só a perguntar. Disse: "Manda cumprimentos ao meu primo Joey. Eu sei o que aconteceu. Manda-lhe os meus parabéns."»

Barbara prometeu que o faria. Joey e a mulher tinham-se tornado pais em maio de 1982, três meses após a partida de David.

«Ele tem um irmão que está muito hostil. O David diz que ele não devia estar hostil. "Eu perdoo, ele também devia perdoar."»

Barbara escutou sem dizer uma palavra. Assentiu afirmativamente. Sabia que esta mensagem era para Darrin, que ainda estava muito amargurado e zangado com o assassínio do irmão mais novo.

«O David tocava algum instrumento?»

«Sim.»

Houve alguma confusão nos símbolos que George recebeu quanto ao instrumento que David tocava.

«Partiu neste último ano?»

«Sim.»

«É inacreditável. Ele diz: "Só estou aqui deste lado há menos de um ano." E está incrivelmente sintonizado lá. "Não pensem em mim com os chamados mortos. É a melhor coisa que podem fazer." Continua a repetir isso vezes sem conta; que a oração constante, o fluxo de orações, especialmente o terço, vos traz diretamente para a luz. Por isso continuem definitivamente a mandar.»

Barbara pareceu reconfortada com a explicação de George sobre a mensagem de David para ela e John.

«Alguém foi recentemente à campa dele?»

«Não sei.»

«Sentem-no por perto?»

«Não», respondeu Barbara.

«Porque ele diz: "Estou perto. Mas não acreditem que estou morto, porque não estou."»

«Podes fazer-lhe uma pergunta?»

«Claro.»

«Pergunta-lhe se conseguiu ver o funeral dele.»

«Ele estava a falar de flores na campa. Disse algo sobre um funeral muito bonito… Culpa minha. Ignorei, pensei que talvez não devesse trazer isso à baila… Todos os avós já passaram para o outro lado?»

«Não.»

Nesse momento, George estava a enfrentar um problema comum: determinar, a partir da mensagem do espírito, se a pessoa a que ele se referia estava morta ou viva. «Há alguma avó aqui? Porque ele chama por ela. Acho que está devastada. Acho que este é o orgulho e a alegria dela de quem estamos a falar, e ele disse-me que há três avós aqui comigo. Há uma avó ainda na terra. "Por favor, não me esquecerei dela. Por favor mandem-lhe o meu amor." Tinha um sorriso lindo, dentes e sorriso lindos. Diz: "Sei que sou o orgulho e a alegria dela e ela ficaria desfeita se eu não a destacasse."»

«Sim.»

«A tua mãe.»

«Sim.»

«Fala italiano?»

«Sim.»

«Oiço italiano a ser falado. Ele diz: "Ela saberia o que eu estava a dizer agora." Deve estar a levar isto muito a peito. Por favor digam-lhe que ele diz: "Estou em paz. Por favor rezem…" Quem é devota à Santíssima Mãe?»

«A mãe do meu marido, acho», disse Barbara, enquanto John assentia em concordância.

«Mais uma vez, entrou uma mulher na sala com o teu filho e foi imediatamente para aqui e apontou. Olhou em redor e disse: "Sou devota àquilo que tens exposto aqui."» A título de explicação, George disse aos Licata: «As pessoas que são realmente fortes na fé aqui ajustam-se lindamente lá.»

Barbara tinha mais perguntas. «Pergunta-lhe se sabe qual era a missão dele na vida? Porque morreu tão jovem?»

«Só a resposta que recebo. Crescimento da alma para ti, para o teu marido, para a vossa família, para ele próprio. Diz que é uma forma acidental de passagem. Sim, é algo. É uma graça. É uma lição a ser aprendida por todos, incluindo ele próprio.»

«Ele sabe quantas pessoas foram tocadas pela partida dele?»

«Oh, sim, sabe. É o que ele diz.»

«Ele tem saudades nossas?», perguntou Barbara baixinho.

«Diz que sim, tem, mas vocês estarão lá com ele um dia. É quando a vossa missão aqui estiver cumprida. Também estarão lá. Ele interessava-se por este tipo de coisas?… Era muito religioso, talvez dentro de si?»

«Sim.»

«É isso. É muito, muito perspicaz para o outro lado, especialmente considerando as circunstâncias.»

«As nossas orações podem fazê-lo ir para planos diferentes, ou tem ele de fazer isso?»

«Oh, definitivamente—»

«Mesmo as missas que são ditas por ele?»

«Oh, definitivamente. Sem sombra de dúvida. É como receber telegramas para eles. Vocês continuam a avançar de forma positiva continuamente. Porque quando o John Lennon partiu e fizemos um contacto dele, disse que a vigília — aquele surto de oração — o levou

imediatamente para outro nível lá porque foi tão poderoso. Foram pensamentos sinceros e amorosos. É por isso que tento encorajar as pessoas, sejam católicas ou não, que é muito importante rezarem pelos chamados mortos. Que eles estão vivos.»

«Ele sofreu quando morreu? Espero que não tenha sofrido.»

«Não, disse-me que não. Foi bastante rápido. Diz que ficou assustado a princípio quando chegou lá porque não sabia o que tinha acontecido, o que é natural. Mas depois aquela rapariga aproximou-se dele.»

«Ele menciona o nome dela?»

«Não. Só me dá aquela sensação outra vez. Diz: "Ela veio imediatamente ter comigo", e depois disse: "A Rose veio ter comigo a seguir. Eu sabia quem elas eram." As que ele lembrava vagamente vieram ter com ele primeiro. As que ele não lembrava vieram a seguir, diz ele. Agora sabe quem são… Sei que o teu nome é Barbara. Mas há outra Barbara?»

«Sim.»

«Porque ele acabou de pedir por ela. Não sei porquê, mas pede por ela.»

«Ele sabe que os amigos dele foram visitá-lo?»

«Definitivamente. Pediu isso antes, por todos os amigos dele. Parece que era muito popular com toda a gente. Continua a dizer: "Crescimento da alma para todos. Digam a toda a gente que ouviram falar de mim. Mando o meu amor." Claro que há certas pessoas que quis destacar. Era muito ativo? Porque fala tão depressa por vezes. Está tão excitado por não vos ver há algum tempo.»

«Sim.»

«Agora que está consciente de que pode fazer isto, está tão excitado que às vezes não consigo acompanhar. Ele vai à frente da minha mente. É por isso que perco certas coisas e depois lembro-me delas outra vez…»

John olhou para a mulher. Ela assentiu. Compreendia.

George continuou: «Vejo o túnel à minha frente e vejo-os a entrar novamente nele. É como aquele filme Ressurreição. Entram no túnel com uma luz ao fundo, é assim que parece. É o que estou a ver agora. É o meu sinal de que têm de ir, porque o teu filho voltou a entrar. O que é isto do cabelo? Ele sorri e faz assim para mim.» George passou os dedos pelo próprio cabelo como se estivesse a pentear e a alisar alternadamente. «O cabelo dele era comprido ou muito espesso?»

«Sim», confirmou Barbara.

«Estava sempre a receber elogios por causa dele?»

«Sim.»

George parou de escrever. «Diz para continuarem a mandar as orações muito depressa. Diz: "Não se preocupem comigo. Está tudo bem comigo. Estou em boas mãos." Sem dúvida que têm rezado pelo vosso filho. Diz por favor para não pararem. Continuem a mandar. Ele está na luz por causa disso. Significa que está com Deus, por assim dizer.» George fez uma pausa de vários segundos. Para Barbara pareceu uma eternidade. Por fim, disse: «Estou a perder a energia.»

«Diz ao David que o amamos», disse Barbara, esperançada.

Tinham passado quarenta e cinco minutos, a leitura terminou. Barbara Licata ficou profundamente comovida e reconfortada com o que acontecera. Tanto ela como John voltariam a encontrar-se com George para receber muitas mais comunicações de David nos anos seguintes. No breve tempo que passaram com George, as suas perceções da morte e as suas atitudes em relação a ela mudaram profundamente. Mas os Licata eram apenas dois entre centenas de pessoas que tinham tido experiências semelhantes com George.

Quando saíram do apartamento de George, nenhum dos dois disse uma palavra. Lá no fundo, Barbara sabia que este era o sinal de David que procurava. Como veremos, era apenas o começo.

DOIS

GEORGE ANDERSON, JR., nasceu a 17 de agosto de 1952, filho de Eleanor e George Anderson, em Lindenhurst, Nova Iorque, uma típica comunidade suburbana de Long Island do pós-guerra. Os Anderson eram uma família trabalhadora de classe média; o pai de George trabalhava na Pennsylvania Railroad e a mãe era dona de casa. Os Anderson tinham três filhos mais velhos — Janice, dezoito anos (do casamento anterior do Sr. Anderson), Donna, quinze, e Al, dois —, cada um dos quais era, tal como o bebé George, uma criança normal. Os Anderson recordam a primeira infância de George como nada de especial. Era uma criança feliz, calada e meiga, com cabelo preto encaracolado e grandes olhos castanhos.

Os Anderson eram uma família muito religiosa. George Anderson, Sr., americano de primeira geração de ascendência inglesa-escocesa, era

episcopaliano, mas concordou com a mulher que os filhos seriam criados na Igreja Católica Romana. Eleanor, católica devota de origem irlandesa, assegurava-se de que a família seguia todos os ensinamentos e práticas da Igreja, incluindo assistir à missa e observar as sextas-feiras sem carne. Embora o Sr. Anderson nunca se tivesse convertido ao catolicismo, adorava com a família.

Em outubro de 1958, George, com seis anos, contraiu varicela. A doença seguiu o seu curso habitual — erupção cutânea com comichão e febre — até que, entre duas e três semanas após ter adoecido, a temperatura corporal subiu abruptamente. O vírus atacou o sistema nervoso central, resultando numa inflamação do cérebro e da medula espinal conhecida como encefalomielite, uma complicação rara. George ficou quase totalmente paralisado, incapaz até de erguer a cabeça para beber do copo que a mãe lhe levava aos lábios.

Nos dias seguintes, nem mesmo os médicos conseguiam prever com certeza que rumo tomariam a doença e a paralisia de George ou quais seriam os seus efeitos duradouros. Só semanas depois o vírus terminou o seu curso, mas embora George se tivesse recuperado da doença em si, ainda não conseguia andar. Tinha de ser transportado de um lado para o outro, a mobilidade limitava-se a rastejar muito devagar, um processo que achava bastante doloroso. Os pais temiam o pior — que o filho nunca mais andasse —, mas um médico de família assegurou-lhes que, com o tempo, George faria uma recuperação completa.

Então, uma manhã de janeiro, cerca de dois meses após o início da paralisia, George levantou-se da cama e andou. Não sabia nem queria saber o que o tinha curado. Estava simplesmente radiante por poder correr de sala em sala, de casa para o quintal, subir e descer escadas, como qualquer outra criança normal. Rezou uma oração especial a Deus em agradecimento por poder voltar a andar.

Com George a andar novamente e aparentemente livre de quaisquer outros problemas físicos resultantes da doença, tudo parecia bem. Se George se sentia de alguma forma diferente do que antes de adoecer, não disse nada. Dedica-se aos afazeres de ser uma criança saudável, normal e ativa de seis anos.

Mas sem que George ou a família soubessem, algo nele tinha mudado. Passariam muitos anos até que alguém tentasse teorizar como a doença o poderia ter afetado e potenciado, ou revelado, a sua capacidade de

comunicar com seres desencarnados — os mortos. E embora a resposta final a este enigma não seja — e talvez nunca seja — conhecida, sabemos que foi apenas após a paralisia ter ocorrido e desaparecido que George começou a ouvir as vozes e a ver as visões que teriam uma influência profunda na sua vida.

De repente, aparentemente do nada, George conseguia contar às pessoas à sua volta o que lhes tinha acontecido a elas e aos que as rodeavam no passado, por vezes referindo-se a acontecimentos que ocorreram anos antes de ele nascer. Por vezes falava de coisas que estavam a acontecer no presente e que não poderia saber. Mas o mais impressionante de tudo era prever acontecimentos que ainda não tinham ocorrido.

Que George era agora de alguma forma diferente tornou-se claro quando fez o que qualquer criança de seis anos faria com um conhecimento tão maravilhoso: partilhá-lo com um amigo. Numa das suas visões, George viu "alguém" a dizer-lhe que a avó do seu amigo de brincadeiras Tommy, de seis anos, em breve iria para "o mundo seguinte". Na altura, George nem compreendia nem questionava o que via ou ouvia. Apenas absorvia e depois relatava a Tommy. «A tua avó tem preto à volta dela», ofereceu o pequeno George descontraidamente. «Vai para o outro lado.»

«O que queres dizer?», perguntou Tommy.

«Oh, não te preocupes, porque as pessoas do outro lado estão à espera dela para que não esteja sozinha. Não estará lá sozinha.»

«O que queres dizer? O que queres dizer?», perguntou Tommy, em pânico.

«Bem, o teu avô está lá. O teu avô veio ter comigo e disse que está à espera que ela venha para estar com ele, e em breve também virá.»

«Queres dizer que a minha avó vai morrer?»

«Oh, não», respondeu George. Explicou a Tommy que ela não morreria, por isso não havia realmente nada a temer. Depois, pensando que Tommy gostaria de saber mais sobre as visões, George tentou reconfortá-lo. George não conseguia entender por que razão o amigo chorava com esta notícia; não tinha intenção de o perturbar.

Compreensivelmente assustado e confuso, Tommy correu para casa e contou aos pais o que George tinha dito. A mãe e o pai asseguraram ao filho que o amigo de brincadeiras tinha uma imaginação hiperativa. Quando a avó de Tommy morreu inesperadamente uma semana depois,

todos os que sabiam da "predição" de George descartaram-na como mera coincidência.

Mas George sentia que era mais do que isso. Tinha experimentado visões semelhantes, ou visitações, daquilo que mais tarde viria a chamar o outro lado entre o episódio da varicela e a sua "leitura" para Tommy. A reação negativa à sua predição da morte da avó de Tommy surpreendeu George. Ninguém acreditava nele ou o compreendia, e as reações variavam da descrença ao ridículo.

Desenvolveu um mecanismo de defesa astuto e defensivo. Em vez de se expor às reações previsivelmente confusas e assustadas, George tornou-se muito reservado e algo retraído, discutindo ou revelando as suas experiências apenas quando se sentia compelido ou acreditava estar na companhia de alguém que o poderia ajudar a compreendê-las.

Que o seu segredo especial provocava reações negativas perplexava George, que não tinha forma de saber que nem toda a gente via e ouvia as mesmas coisas que ele. Além de perceber os espíritos de pessoas falecidas próximas daqueles que conhecia nesta vida, George também tinha outros companheiros espirituais. Uma, uma mulher com vestes lilases e banhada em luz púrpura, aparecia a George no quarto, particularmente quando estava desanimado. A Senhora Lilás, como George passaria a pensar nela, era a visão mais comum, o espírito mais familiar. Ocasionalmente, via também o espírito de um homem mais velho materializar-se.

Este homem desconhecido usava um fato de tweed e gravata, suíças de carneiro e trazia sempre uma bengala. Quando criança, George pensava que era apenas outra visão de alguém que não conhecia. Já jovem adulto, muitos anos depois, estava a pesquisar a genealogia da família quando soube, através de parentes, como era o seu bisavô paterno. Reconheceu o espírito como o seu bisavô paterno, James Jones, que morrera em 1926. Embora os dois espíritos se materializassem frequentemente, George nunca os temeu. Pelo contrário, sentia-se intrigado e atraído por eles, particularmente pela Senhora Lilás.

NOS CINCO anos desde a morte da avó de Tommy, George guardara todas as suas experiências invulgares para si. Incerto de como expressar o que estava a acontecer, nem sequer ousava abordar o assunto com a própria família. Um dia, porém, quando tinha onze anos e frequentava a escola católica romana Our Lady of Perpetual Help em Lindenhurst, contou a

outro aluno sobre uma visão que tivera. Alguém relatou-o à professora, uma freira, que o ridicularizou à frente dos colegas. A humilhação magoou-o profundamente.

Apesar do embaraço, George continuou a falar ocasionalmente sobre outras visões. Quando a notícia delas chegava à professora, ela telefonava aos pais de George e, sem dizer porquê, dizia-lhes para "terem olho nele". Embora nunca explicasse ao Sr. e à Sra. Anderson que George afirmava ter visões, o que disse perseguiria George durante toda a infância: afirmou bastante diretamente que acreditava que o filho deles estava a tornar-se "mentalmente desequilibrado". Esta foi a primeira de uma série de "diagnósticos" não científicos e subjetivos que os professores e outras autoridades escolares de George fariam, em termos diferentes, ao longo dos seus anos de escola. Ainda assim, as visões de George tornavam-se mais fortes.

Um dia, durante a aula, George teve uma visão de tal poder que não conseguiu conter-se e gritou para toda a turma o que estava a testemunhar. Viu uma forma espiritual vestida com trajes clericais, que descreveu à turma em pormenor. Uma freira, achando todo o incidente intolerável, pegou num grosso livro de geografia, bateu com ele na cabeça de George e gritou que, antes do fim do ano letivo, se tivesse de o fazer, "bater-lhe-ia até o deixar são".

Eleanor Anderson era compreensiva com os problemas do filho mais novo e apoiava-o tanto quanto podia. Mas não tinha a certeza total do que fazer. Criada na fé católica romana tradicional, acreditava que as autoridades escolares sabiam melhor e que bons pais seguiam as sugestões da escola. Como George recordou uma vez no meu programa de rádio, a atitude dos pais em relação à escola era típica da época: «Se descobrirmos que te portaste mal na escola, apanhas em casa também.» Não admira, pois, que sempre que Eleanor se aproximava de George sobre o que o poderia estar a incomodar, ele se recusasse a discutir.

Ela e o marido não sabiam na altura que George tinha medo de confidenciar-lhes sobre as visões e vozes porque temia receber o mesmo castigo deles que sofrera nas mãos dos professores. (Embora não fosse uma criança má ou problemática, George cometia as habituais infrações infantis. Mas depois de ver as reações das freiras às suas visões, passou a ter um medo mortal de ser apanhado em algo menor, como falar na aula.)

Nas raras ocasiões em que George tentava contar à mãe que estava a ver "visões de senhoras de lilás ou branco", Eleanor não sabia o que pensar disso. Para ela, George ainda era uma criança doce e sensível e, no fundo do coração, apesar dos avisos das autoridades escolares, não conseguia acreditar que algo de grave se passava com ele. O pai de George, no entanto, disciplinava o filho na esperança de que isso o motivasse a portar-se melhor na escola. De vez em quando, George levava uma palmada ou perdia certos privilégios de televisão; uma vez foi avisado de que, se não se emendasse, não poderia ir pedir doces no Halloween.

O sétimo ano revelou-se relativamente agradável. Não houve grandes confrontos com professores ou outros alunos. George, com doze anos, aprendera a guardar o seu segredo. De todos os que conheciam George e a sua "capacidade", havia uma pessoa que procurava compreendê-lo, uma professora chamada Irmã Bartholomew. George lembra-se dela como uma mulher de paciência, a única pessoa que conhecia na altura que parecia aberta ao tema do que ele chamava as suas "experiências invulgares".

Um dia, ela e George estavam a discutir espíritos, fantasmas e fenómenos relacionados. Enquanto George falava, a freira escutava atentamente, e ele saiu com a impressão de que ela compreendia o assunto melhor do que qualquer outra pessoa com quem se tinha confrontado. Uma manhã, a turma foi informada de que a Irmã Bartholomew estaria ausente por um curto período e que uma professora substituta tomaria o seu lugar. O pai da Irmã Bartholomew estava doente. Enquanto George escutava o anúncio, recebeu psiquicamente a impressão de que o pai dela ia morrer. Quando mais tarde soube que a sua "impressão" estava correta — de facto, o pai da Irmã Bartholomew morreu —, sentiu-se compelido a dizer-lhe algo.

No primeiro dia em que ela regressou à escola, George esperou até ao fim das aulas para lhe apresentar condolências. Por alguma razão, sentiu-se suficientemente seguro para dizer: «Não precisa de se preocupar com o seu pai. Ele apenas passou para o outro lado. A voz disse-me: "Ele está em paz."»

A freira sorriu docemente ao responder: «Sim, George, eu sei. Concordo contigo. É só difícil aceitar o ajustamento.»

George assentiu. Compreendia. Depois arriscou tudo e continuou: «Sinto o seu pai perto de si, Irmã Bartholomew.» Para grande surpresa e

alívio de George, a freira não pareceu perturbada com as suas palavras. Pelo contrário, pareceu reconfortada com a mensagem de George.

Mas, exceto com a Irmã Bartholomew, George não ousava oferecer as suas leituras ou previsões a colegas, professores ou amigos. Geralmente, as suas visões eram de entidades espirituais. Ocasionalmente, eram de acontecimentos, como uma freira ou outro aluno adoecer. Nessas situações, George calava-se, embora lá no fundo soubesse que a sua informação poderia ajudá-los. Anos mais tarde explicou: «Pensava que me queimariam na fogueira.» O medo do que poderia acontecer se revelasse o seu conhecimento era um peso tão grande para o rapaz que saía de casa todas as manhãs de semana «branco como a cal», com um olhar de terror no rosto.

O refúgio de aceitação que George encontrou na Irmã Bartholomew foi breve. No oitavo ano, encontrou a personificação da intolerância: a Irmã Vincent de Paul. Embora nunca lhe tivesse batido, humilhava-o impiedosamente à frente da turma. Criticava-o e ridicularizava-o e, apesar das boas notas de George, queixava-se de que ele sonhava acordado demais. Os seus gritos frequentes — «George Anderson, tira a cabeça das nuvens!» — não tinham qualquer efeito. O "sonhar acordado" estava fora do controlo de George. Esta energia estranha e inexplicável dentro dele tornava-se tão intensa que ele não fazia ideia de como contê-la. Como resultado, os pais de George eram frequentemente chamados à escola.

Numa dessas visitas com uma professora, os Anderson assistiram enquanto ela dava uma forte repreensão a George. George ficou profundamente envergonhado, como qualquer criança ficaria, mas a freira tinha muito mais a dizer. Entre outras coisas, George não seria autorizado a participar na cerimónia de formatura na igreja local. Foi a humilhação final, embora se tenha revelado uma ameaça vazia. Não era de admirar que George se estivesse a tornar um autodescrito "desastre emocional". Os pais ainda não faziam a mínima ideia de qual poderia ser o problema do filho; ele não falava e os conselhos das autoridades escolares nunca eram específicos. Tudo o que diziam era que George devia "ser vigiado". Nunca ninguém explicou aos pais porquê.

George começou o nono ano na St. John the Baptist High School, também em Long Island. Com o passar do tempo, percebia as visões e as vozes com maior intensidade e frequência. E enquanto os seus relatos desses incidentes eram descartados nos anos mais jovens como produtos da

“imaginação”, quanto mais velho ficava, mais ameaçadas e assustadas as outras pessoas se sentiam com eles. Não surpreendentemente, os colegas frequentemente o atormentavam por causa das suas capacidades. Vários alunos tentaram uma vez enfiá-lo num cacifo pequeno, mas geralmente limitavam-se a chamá-lo “esquisito” ou insultá-lo de outra forma.

Um dia, enquanto outro rapaz o provocava cruelmente, George exclamou: «Tens muita lata a falar-me assim depois de eu ver que o teu pai é alcoólico e que te bate a ti e à tua mãe todas as noites. Só porque vens para a escola de mau humor, não descarregues em mim!» O jovem assustado afastou-se rapidamente da vítima, com medo. Como é que George “via” o pai do rapaz a bater na família?

Como poderia ele saber o que ninguém fora de casa sabia? Depois de a notícia do confronto se espalhar, muitos dos colegas de George, temendo a sua capacidade de “ver” dentro dos seus pensamentos e vidas privadas, deixaram de o importunar por completo. Outros agiam simplesmente como se George não existisse. Conseguir sequer um mínimo de aceitação por parte dos outros da sua idade parecia impossível. George era um solitário, um proscrito.

Provavelmente por causa da rejeição dos pares, George continuou a procurar adultos que o pudessem ajudar. Por mais confusas que fossem as pessoas que sabiam das visões de George, poucas — exceto talvez os pais, que nessa altura as consideravam fantasias — pareciam ter muita simpatia pelo que as visões significavam para George. Durante o primeiro ano do secundário, George conheceu um padre com quem se sentia à vontade. Certo de que o padre compreenderia as suas experiências, George arriscou confidenciar-se. O padre escutou atentamente, mas também sugeriu que George imaginava coisas.

Ter estes poderes psíquicos nem sempre era um problema, no entanto. Além de manter os valentões à distância, as capacidades de George serviam-no de outras formas invulgares. Um dia, durante o segundo ano, estava sentado calmamente a ouvir a Irmã Aquinas dar uma aula sobre a Revolução Francesa e o destino da família real.

«Luís XVI foi executado», afirmou ela, ao que George assentiu em concordância, «e Maria Antonieta seguiu-se pouco depois.» George assentiu novamente.

«A princesa, a filha pequena Maria Teresa, foi executada.»

«Errado», disse George em voz baixa.

A freira, que não o ouviu, continuou: «O delfim foi executado a seguir. O delfim é o príncipe herdeiro do trono.»

Nessa altura, George já não conseguiu ficar calado. «Errado! Eu sei o que aconteceu às crianças reais.»

«George, se eu te puser contra a parede…» — começou a freira antes de se recompor. «Está bem, George, o que achas que aconteceu?»

De repente, George, que nunca tinha lido nem ouvido uma palavra sobre o destino das crianças, viu-se de pé à frente da turma a dizer: «Primeiro, a rapariga nunca foi executada. Viveu na torre até ser levada para a Áustria por aristocratas solidários. As pessoas mais ou menos tiveram pena dela na torre e deixaram-na ir.»

A Irmã Aquinas perdeu a paciência, dizendo a George que nunca tinha lido nada disso. (Se ao menos soubesse que George também não!) «O que achas que aconteceu ao delfim?»

«Estava na prisão, mas foi contrabandeado para fora do país e levado para Inglaterra.»

A freira fitou George até ele se sentar novamente. Mas quando mais tarde pesquisou o assunto, descobriu que o que ele dissera sobre a princesa estava correto. Não conseguiu, no entanto, corroborar a versão dele sobre o que acontecera ao delfim.

Mas como é que George sabia?

Tudo o que George sabia era que a informação estava "ali". Mais tarde raciocinou que ou lhe fora dada por espíritos ou poderia ter resultado da recordação de uma experiência de vida passada pessoal.

A forma como George aprendia o que sabia era tão espantosa quanto o facto de saber o que não tinha "aprendido". O irmão mais velho, Al, dedicava muitas horas aos estudos, enquanto, sem ele saber, George literalmente dormia em cima de um livro ou olhava para a informação uma vez. A partir daí, tinha o conteúdo do livro na mente.

Durante um teste, George colocava a mão no papel do exame, lia as perguntas e depois fechava os olhos. A resposta correta surgia frequentemente à sua frente. Por vezes, George colocava os dedos diretamente numa letra de um teste de escolha múltipla, e uma visão ou forma aparecia e indicava se a resposta estava correta ou não. Apesar dos óbvios benefícios deste "batota psíquica", George por vezes perguntava-se se seria ético.

Cada vez mais, o peso das suas experiências forçava George a procurar alguém que o pudesse compreender. Para um jovem como George, que sabia pouco sobre fenómenos psíquicos, visões e vozes exceto o que aprendera na Igreja, a questão não era tanto por que razão tinha as experiências, mas por que razão era obviamente tão diferente de todos os outros. Ousou pensar que a Irmã Perpétua teria a resposta. Embora não tivesse aulas com ela, pelo que sabia dela, pressentia que poderia ser compreensiva com a sua situação.

Um dia, George contou-lhe o que estava a acontecer e ficou muito emotivo ao tentar explicar. Começou a chorar: «Estou a ver estas visões em casa. Às vezes até na cave. Vejo esta senhora linda no meu quarto o tempo todo. Sinto coisas e oiço vozes. Vejo coisas acontecerem antes de acontecerem. Com os outros miúdos, sei o que se passa nas vidas deles. Vejo visões na capela. Sou atraído para lá à tarde e sinto presenças lá. Não sei o que se passa, Irmã.»

«Porque estás a chorar com tudo isto?»

«Bem, está a começar a ficar assustador. Sou o único que consegue fazer isto. Ninguém mais consegue, e toda a gente me chama nomes e me rebaixa por causa disso.»

«Está bem, deixa-me ver. Há problemas em casa?»

«Não, Irmã.»

«Os teus pais são abusivos contigo?»

«Não.»

«Os teus pais são bêbados?»

«Absolutamente não.»

«Vais à igreja regularmente?»

«Sim, Irmã.»

«Vais à confissão e aos sacramentos?»

«Sim.»

«Os teus pais estão a educar-te para seres católico?»

«Definitivamente. Especialmente a minha mãe.»

«Está bem. Olha, acho que vamos ter de chamar os teus pais e descobrir o que é isto.»

Quando os pais de George vieram à escola, a Irmã Perpétua disse-lhes que as visões de George eram o resultado de "extrema solidão". Na opinião dela, George estava a criar as visões para preencher um vazio na vida, para compensar o facto de não ter amigos. Sugeriu aos pais de George que

“tivessem olho nele”. Era o mesmo pronunciamento bem-intencionado, mas vago e, em última análise, perigoso que já tinham ouvido antes.

Alguns meses depois, as visões tornaram-se tão intensas que começaram a afetar o trabalho escolar de George. Em vários momentos do dia, sentia-se atraído para a capela. Cada vez, era dominado por uma necessidade de chorar, mas nunca conseguia até estar dentro da capela e a rezar. Então, as lágrimas rolavam-lhe pelo rosto e ele sentia-se melhor. Pelo que George sabia, estava a viver uma iniciação espiritual, um estado de êxtase. Talvez, pensava, estivesse a ser chamado para o sacerdócio, e as visões e vozes fossem “um sinal”.

Logo após as orações, George sentia uma imensa onda de energia. Em desespero e confusão, contou a várias freiras da escola sobre isto. Elas, por sua vez, contactaram os pais e encaminharam-no para a enfermeira da escola. A essa altura, as autoridades escolares estavam convencidas de que, aos quinze anos, George estava à beira de um colapso nervoso. Insistiram que fosse imediatamente levado para um centro local de saúde mental apoiado pela Igreja.

No centro, George foi submetido à “bateria habitual de testes”. Olhou para imagens abstratas e descreveu o que via. Respondeu a uma série de perguntas — para ele — absurdas: Quantos dias tem a semana? Qual é a capital de França? O que fazes em casa? Tens amigos? Quantas vezes por dia te masturbas? Gostas mais de rapazes do que de raparigas? Gostas mais de raparigas do que de rapazes? Embora os pais tenham sido informados de que ele passara nos testes “com distinção”, também foram encorajados a colocá-lo sob os cuidados de um psiquiatra do quadro.

George concordou obedientemente em ir, esperando talvez que o psiquiatra o pudesse ajudar a lidar ou a banir as visões e a enfrentar os problemas na escola. No entanto, as visões aumentaram, e as sessões semanais com o médico não o estavam a ajudar a superar os problemas diários. Tendo diagnosticado George como esquizofrénico passivo, o psiquiatra prescreveu Librium, um sedativo. Mais tarde, George foi mudado para Valium, outro sedativo que anos depois se revelaria altamente viciante. Durante algum tempo, a situação pareceu controlada. Eventualmente, a frequência das sessões de George com o médico diminuiu para a cada várias semanas, depois para a cada dois ou três meses.

Mas as visões não pararam. Durante vários dias no final de maio de 1968, George foi dominado por uma sensação de que alguma tragédia

estava prestes a abater-se sobre o candidato presidencial democrata, o senador Robert Kennedy. Recordava-se de ter tido a mesma sensação quando tinha onze anos, pouco antes do assassínio de John F. Kennedy, e novamente imediatamente antes da morte de Martin Luther King, Jr. George sentiu-se compelido a desabafar. Confidenciou-se a uma professora, dizendo que vira uma visão do senador envolto em preto e que sabia que ele não viveria e iria fazer "a transição para o outro lado".

«George, estás outra vez com essas visões esquisitas?», repreendeu-o ela. «Para de falar assim!»

No início de junho, após o senador Kennedy morrer em Los Angeles, no dia seguinte a ter sido baleado, a professora lembrou-se das palavras de George. Teria sido uma profecia? Nada mais foi dito sobre o assunto, mas a partir daí George apanhava-a a olhar para ele, com um olhar de terror no rosto, como se dissesse: «Como poderia ele saber?»

Anos mais tarde, as memórias desses dias ainda são demasiado dolorosas para George contar com algum detalhe. Ao longo dos anos em que o conheço e trabalho com ele, ouvi as histórias emergirem aos pedaços. Hoje, ao contá-las para ouvintes e espetadores, George usa frequentemente um tom meio irónico, por vezes até sarcástico, que é ao mesmo tempo humorístico e pungente. Claramente, aprendeu com as experiências da infância e colocou-as em perspetiva, vendo-as como algo que estava destinado a suportar. Na altura, porém, a dor era quase insuportável.

A necessidade precoce de manter as suas experiências em segredo, combinada com os medicamentos entorpecedores da mente, quase reprimiram totalmente as visões e vozes. Com o que George chamaria "as malditas bombas azuis" (doses de 10 miligramas de Valium), dormia até vinte horas por dia, o que definitivamente distorcia e enfraquecia as visões e vozes. Embora George ainda conseguisse ver, ouvir e sentir, parecia-lhe que o "canal" para estas comunicações estava "entupido".

Sem dúvida, inúmeras visões psíquicas, sonhos e experiências perderam-se, em parte porque, como George explicava, "a maior parte do tempo estava demasiado ocupado a proteger o meu traseiro para pensar em algo psíquico. Os outros miúdos e professores tentavam bater-me até tirar isso de mim."

Um aluno em particular era extremamente cruel com ele. As provocações e abusos físicos reduziam frequentemente George às lágrimas, mas, sabendo que o adversário era maior e mais forte, George decidiu que

ripostar era inútil. A frustração e raiva acumularam-se até que um dia já não conseguiu contê-las. No decorrer de uma sessão com o psiquiatra, George disse: «Aquele miúdo não parava de me bater e de me rebaixar por ter estas visões e ir a um psiquiatra. Por isso derrubei-o mesmo, assim sem mais. Devia tê-lo matado!»

A partir desta simples declaração — o tipo de comentário que crianças «normais» fazem todos os dias —, concluiu que o estado do seu paciente estava a deteriorar-se. Chamou os pais dele e disse: «O George aparentemente está a tornar-se violento. Esses delírios mentais que está a ter estão a torná-lo uma pessoa violenta — um paranoico. Tem de ser internado agora. Como os hospitais psiquiátricos privados estão fora das vossas possibilidades financeiras, deve ser enviado para uma instituição psiquiátrica estatal. Ele tem dezasseis anos, por isso não pode ser colocado com crianças pequenas; terá de ficar com adultos.»

O Sr. e a Sra. Anderson ficaram profundamente abalados com a recomendação da psiquiatra; no entanto, o pai do George continuou a agarrar-se à sua forte fé na autoridade. Para ele, os professores e os psiquiatras tinham de estar corretos quanto ao filho. Afinal, as pessoas eram autoridades porque sabiam mais, ou pelo menos melhor do que o resto de nós.

Só tinham o melhor interesse do George em mente. Apesar de sentir que era necessária mais investigação, a mãe do George alinhou com a sugestão. Após anos a tentar compreender o filho, sentia-se perdida para entender o que realmente se passava. Obviamente, havia algo diferente no seu filho — embora nunca acreditasse que ele estivesse mentalmente doente —, mas naquele momento ela e o marido sentiam-se impotentes para fazer outra coisa senão seguir a sugestão do médico. Afinal, e se o médico tivesse razão?

Quanto ao George, tinha dificuldade em compreender qual era toda aquela agitação. Tinha respondido a um rufia de uma forma que a maior parte dos adultos aplaudiria. Tinha-se defendido; a sua raiva era justificada. E depois havia a questão das visões e das vozes. Tinha aprendido, durante anos de estudo, que outros tinham tido experiências que soavam semelhantes às suas: Santa Joana d'Arc e Santo António de Pádua eram ambos clarividentes e clariaudientes, enquanto São Gerardo Majella discernia espíritos; as autoridades da Igreja acreditavam neles. Mas, como George mais tarde concluiria, o homem moderno, e a religião organizada

moderna em particular, relegavam os milagres e a crença em Deus para o passado, ou para um canto arrumadinho da vida: o Sabbath de sexta-feira à noite, a Missa de domingo. Visões e vozes simplesmente não aconteciam a pessoas comuns, «normais», nesta era.

De volta a casa, disseram ao George que ia ser enviado para um «hospital» para «descansar», e que se seguisse as instruções ficaria bem e as pessoas seriam simpáticas com ele. George compreendeu a mensagem real por trás dos eufemismos. Como mais tarde gracejou: «Tecer cestos é uma boa terapia.»

Um dia, pouco depois do episódio no consultório da psiquiatra, George e os pais fizeram a curta viagem de carro de casa até ao centro psiquiátrico, uma instituição estatal que alojava doentes desde alcoólicos e desviantes sexuais até loucos criminosos. O grande edifício de betão cinzento, um de vários no terreno, era identificável apenas pelo número. A família foi encaminhada para uma zona de receção, onde esperaram que um psiquiatra da equipa os atendesse.

Enquanto George estava sentado em silêncio, uma enfermeira aproximou-se dele e disse casualmente: «Uau, és mesmo novo. O que estás aqui a fazer?» George conteve as lágrimas enquanto encolhia os ombros. A expressão no rosto dela dizia mais do que as palavras ousavam: *Este não é lugar para alguém como tu.* Quando ela se afastou, George pensou: *E se me deixarem aqui? Vou enlouquecer com todos estes malucos à solta; eu sei o que é este lugar.* A cabeça começou a latejar-lhe. Uma enfermeira deu-lhe uma aspirina e um copo de água, e ele ficou ali sentado, à espera, enquanto os pais falavam com o psiquiatra.

De repente, George foi invadido por uma sensação de calma, e viu a Senhora dos Lilases de pé à sua frente, banhada por luz púrpura. «George», disse ela, «estás a passar por um "crescimento da alma", uma iniciação. Não há nada com que te preocupar. Não vais ficar aqui. Estou contigo, e não te vou abandonar.»

Mas assim que o espírito desapareceu, George não pôde deixar de pensar para si mesmo: *Como poderia não me preocupar? Ninguém vai dar-me ouvidos sobre ela e o que acabou de me dizer — é exatamente este tipo de coisas que me dizem que estou louco.* Foi arrancado dos seus pensamentos pela voz do psiquiatra.

«Como te sentes, filho?»

«Não muito bem neste momento.»

Após cerca de quinze minutos a fazer ao George perguntas gerais que pareciam inofensivas, o psiquiatra disse a uma enfermeira: «Não sei se o devem deixar aqui.» Decidiu-se então que um segundo psiquiatra avaliaria o George.

O segundo médico, que parecia ter entre trinta e muitos e quarenta anos, estava recostado numa grande cadeira giratória com os pés em cima da secretária. Era confiante, quase arrogante. Olhou para o George, fumou cigarros um atrás do outro, depois perguntou: «Qual é o teu problema?»

«Não sei», respondeu George. «Toda a gente me diz que sou esquizofrénico porque estou a ter visões, e bati num miúdo na escola o outro dia, e agora dizem-me que sou violento. Mas não há nada de errado.»

«Que tipo de visões estás a ter?»

George explicou as visões e as vozes ao médico, que ouviu atentamente e depois disse: «Muito interessante. Que tipo de impulso sexual tens?»

«Neste momento, quase nada. Na verdade, nenhum.»

«Está bem, conta-me mais sobre as tuas visões.»

George cumpriu, acrescentando mais detalhes ao que tinha dito antes.

«São prejudiciais para ti?»

«Não. Se alguma coisa, são muito reconfortantes e tranquilizadoras.» E depois George contou-lhe tudo sobre a Senhora dos Lilases.

O médico sorriu. «Nós não internamos pessoas por verem visões de senhoras belas. Tens algum problema sexual?»

«Não.»

«Sentiste muita pressão na escola, George?»

«Não do trabalho escolar, mas sou maltratado por outros alunos, emocionalmente.»

«Está bem. Vai esperar lá fora, por favor.»

O psiquiatra seguiu o George para fora do gabinete e, enquanto George e os pais esperavam lá fora, confrontou o primeiro médico. A porta ficou acidentalmente entreaberta, por isso George ouviu toda a conversa deles.

«Recomendo tratamentos de choque», disse o primeiro psiquiatra.

«Estás louco da cabeça?», respondeu o segundo em voz alta. «Tirem esse miúdo daqui ao inferno. Não há absolutamente nada de errado com ele. Liguem para o centro de saúde mental e digam-lhes que eles — ou a escola, ou alguém — é que deviam ser internados. Não ele. É um rapaz

normal de dezasseis anos. Talvez esteja a ter viagens de fantasia, alucinações visuais e auditivas, mas são inofensivas. Se o deixarem aqui com homens adultos que são pedófilos, vai ser violado, sodomizado. Digam aos pais que o levem para casa.»

Para o pai do George, o alívio ao ouvir as boas notícias depressa se transformou em raiva. Quando percebeu o que poderia ter acontecido ao filho se ele tivesse sido internado, e quando pensou no inferno emocional por que a família já tinha passado — tudo por causa da fé cega nas «autoridades» —, jurou que nunca mais aconteceria.

George ficou aliviado por ir para casa. A escola do George, tendo-o considerado «ineducável», sugeriu que fosse inscrito no liceu público local. A mãe do George, no entanto, sentia muito fortemente que ele devia receber a melhor educação disponível, e por isso arranjou para que fosse tutorado em casa de forma privada.

Agora que a doença mental tinha sido descartada, a explicação razoável para as experiências do George foi dada como o stress de frequentar a escola. George ainda tomava tranquilizantes, mas em doses muito reduzidas (acabou por parar completamente por iniciativa própria). Os pais acreditavam que o George tinha estado à beira de um colapso nervoso e que tinha sido evitado mesmo a tempo. Se ficasse em casa e «levasse as coisas com calma», ficaria bem.

As presenças, no entanto, tornaram-se mais fortes. Um dia, o George perguntou à professora de estudo em casa se um amigo poderia assistir à aula. Quando ela olhou para cima e não viu ninguém no quarto além dos dois, ficou perplexa. George então disse-lhe que um rapaz chamado Perry queria ficar para a aula. Só quando a professora disse: «Claro, George, o que tu disseres», é que o George percebeu que só ele conseguia ver o Perry, um rapaz de cerca de dezasseis anos que lhe aparecia vestido ao estilo dos anos vinte ou trinta.

Após receber o diploma do secundário, George inscreveu-se no Suffolk Community College em Long Island, onde obteve um curso de dois anos em artes liberais. Passou também algum tempo em Dublin, onde viviam familiares da mãe. Neste ponto, George não tinha objetivos profissionais específicos, e fez um esforço decidido para bloquear as vozes — uma tarefa impossível — e para não falar delas a ninguém. A única pista que poderia explicar um aspeto das suas capacidades veio depois de um teste audiométrico padrão revelar que a sua gama auditiva era anormal:

conseguia ouvir sons tanto nos extremos inferiores como superiores da escala de frequências, sons que muito poucos seres humanos conseguiam ouvir.

O primeiro emprego dele após terminar a escola foi como operador na New York Telephone Company. De vez em quando, quando se sentia aborrecido ou travesso, jogava um pequeno jogo. Depois de atender ao pedido de assistência de um cliente, recebia uma impressão e de alguma forma «sabia» algo sobre as circunstâncias, eventos e nomes de pessoas que o cliente poderia ter conhecido e que já tinham partido. Eventualmente, George foi transferido para um cargo administrativo.

Com o passar do tempo, George, agora com vinte e poucos anos, descobriu que os ressentimentos da infância estavam a desvanecer-se. Ele e a mãe falavam sobre assuntos espirituais e psíquicos de vez em quando, e por vezes até discutiam a capacidade dele. Ambos começaram a interessar-se por fenómenos psíquicos, e isso levou-a a aceitar mais facilmente a capacidade do George. Como adulto, ele finalmente podia partilhar coisas com a mãe que nunca poderia ter mencionado quando era mais novo. Olhando para trás, para a infância do filho, Eleanor Anderson lamentava que ela e o marido não tivessem conseguido compreendê-lo e ajudá-lo mais.

Uma noite, em 1973, Eleanor sugeriu ao George que fossem a uma reunião de um grupo psíquico local que ela tinha ouvido falar através de amigos. Achava que poderia ser interessante e instrutivo. No início, ele resistiu, protestando que não queria fazer parte de um grupo de «velhotas psíquicas», mas foram na mesma.

George viria a considerar esta noite como «uma iniciação». Neste ambiente de apoio, lentamente permitiu que a sua capacidade ressurgisse. Mas agora, ironicamente, era tão cético quanto às suas capacidades psíquicas como as pessoas tinham sido quanto às suas experiências quando era rapaz. Lentamente, permitiu-se fazer leituras para amigos próximos, e depois para pequenos grupos no seu bairro. Em 1975, uma psíquica conhecida localmente chamada Kathleen previu que a sua capacidade lhe traria sucesso.

George estava a tornar-se objeto não tanto de ridículo, mas de curiosidade. Os tempos tinham mudado; de repente, livros sobre todo o tipo de fenómenos psíquicos estavam a ser lidos por milhões. O trabalho da Dra. Elisabeth Kübler-Ross com os moribundos e com experiências de

quase-morte era conhecido por muitos, e a sua aceitação gradual, pelo menos como teoria, tornava possível às pessoas discutirem o assunto agora sem serem classificadas como malucas. Gradualmente, as pessoas em Babylon, para onde George se tinha mudado após a universidade, começaram a conhecê-lo. Uma dessas pessoas foi uma jovem cega chamada Madeline.

TRÊS A CADEIA DE eventos que levou ao meu encontro com o George parece tão improvável e aleatória que nunca consigo pensar nisso sem acreditar que foi predestinada.

Tudo começou quando uma jovem ligou para o meu programa de rádio em direto para falar com o convidado daquela noite, o popular e talentoso psíquico-clarividente Robert Petro. Com uma voz suave e assustada, contou-nos que estava a perder a visão, resultado de uma complicação da diabetes juvenil.

«Alguma vez voltarei a ver?», perguntou, acrescentando apressadamente que duvidava que conseguisse lidar com o facto de ficar completamente cega.

Petro passou os minutos seguintes a tranquilizá-la. A rapariga pareceu acalmar-se enquanto ouvia as suas palavras de encorajamento, instando-a a manter-se otimista. A sua previsão psíquica era que ela encontraria força para reconstruir a vida. Concluiu a conversa sugerindo que ela o fosse ver na semana seguinte, quando ele estaria a falar numa universidade em Long Island. Disse que gostaria de conhecê-la pessoalmente.

As limitações de horário normalmente impediam-me de assistir a aparições públicas feitas por convidados do programa. No entanto, Petro era um homem fascinante, e quando ele pessoalmente me convidou para assistir à sua próxima palestra — sobre desenvolvimento psíquico —, aceitei de bom grado.

Quando cheguei ao campus, encontrei uma audiência de cerca de cem pessoas. Abri caminho pela multidão para que o Petro me visse. Ele viu, e gentilmente apresentou-me à audiência. Pouco depois, enquanto o ouvia falar, senti alguém agarrar-me o braço. Virei-me bruscamente.

«Sr. Martin? É o Joel Martin. Prazer em conhecê-lo. Sou ouvinte de longa data. Chamo-me Peter.»

«Prazer em conhecê-lo», respondi.

Ele sorriu e acenou com a cabeça. Peter era uma figura fisicamente imponente, com pouco mais de trinta anos, com mais de um metro e oitenta e de constituição poderosa. Os seus traços esculpidos eram emoldurados por cabelo castanho comprido e barba, mais típicos dos anos sessenta do que do final dos anos setenta. Vestia uma camisa larga, jeans e sandálias. Apesar da aparência algo rude, tinha olhos azuis gentis. Contou-me que era camionista de longo curso e que ouvia o meu programa de conversa sempre que podia.

Era particularmente atraído pelos programas dedicados a fenómenos psíquicos. Comentou que tinha um forte interesse nos ensinamentos do falecido vidente psíquico Edgar Cayce, e que, por coincidência, a sua rota de camião o levava entre a área de Nova Iorque—Long Island e a Virgínia, onde o centro de investigação de Cayce ainda funciona. Disse que sabia porque eu estava a assistir à palestra — «para conhecer a rapariga cega que ligou para o teu programa na semana passada. Foi uma chamada muito comovente.» Antes que eu pudesse contestar a sua afirmação, Peter disse-me para o seguir para outra parte do auditório onde, disse ele, a rapariga cega estava sentada. Senti-me compelido a ir.

«Desculpe, menina. É a rapariga que ligou para o The Joel Martin Show na semana passada para falar com o Robert Petro», disse Peter.

«Sim», respondeu ela.

«Este é o Joel Martin.»

Ela pareceu tão surpreendida e constrangida por me conhecer como eu por ser apresentado a ela. «Sou a Madeline», disse ela.

Virei-me para Peter, o estranho que nos tinha juntado. Enquanto ele me sorria, dirigiu-se para a saída. Consegui dizer em voz alta que esperava que nos encontrássemos novamente. «Talvez um dia», respondeu Peter. «Continue o bom trabalho no ar, especialmente os programas sobre fenómenos psíquicos.» Depois desapareceu.

Madeline e eu tivemos uma conversa amigável e combinámos encontrar-nos novamente dentro de algumas semanas. Dentro de poucos meses após esse segundo encontro, ela e eu tínhamos arranjado para que ela começasse a treinar para o cargo de assistente de produção no meu programa. Devido aos seus problemas de visão, foi forçada a abandonar os planos de se tornar artista. Embora eventualmente totalmente cega, trabalharia no meu programa durante os dois anos seguintes. Com a ajuda de materiais em braille, que em grande parte improvisámos, adaptou-se a

uma miríade de tarefas administrativas e técnicas necessárias para a preparação do meu programa de rádio noturno.

Teria o único propósito do Peter na minha vida sido juntar Madeline e eu? Ponderaria frequentemente isso. Durante o tempo em que trabalhámos juntos, reparei que o sentido psíquico dela era incrível. Era uma pessoa muito determinada. Um dia, na primavera de 1980, lançou a sua campanha para me fazer conhecer um psíquico chamado George.

«Foi tão preciso ao dizer-me detalhes sobre a minha vida — relações, saúde, e os nomes e descrições de familiares e amigos que morreram. Perguntei-lhe de onde vinha a informação. Disse-me que a estava a receber daqueles que tinham passado para o "outro lado"», disse Madeline. «Foi incrível!»

«Madeline, se o que me estás a contar é verdade, então o George — quem quer que ele seja — de alguma forma está a comunicar com os falecidos, com a vida após a morte», disse eu.

«É isso mesmo», respondeu ela sem hesitação.

«Bem, isso faria dele um médium. Acreditas nisso, não é?» retruquei.

«Porque não?»

«Eu expô-lo-ia no ar como um charlatão num minuto», ameacei.

«Vê-o só uma vez», suplicou ela. «Grande coisa. Uma vez. Forma a tua própria opinião.»

Tinha de admitir que estava fascinado com a ideia de que alguém pudesse comunicar com os mortos. Tinha estado a cobrir vários aspetos de fenómenos psíquicos no meu programa há anos. A minha atitude geral em relação ao assunto era de ceticismo de espírito aberto. Concedia que havia coisas para as quais não temos verdadeira explicação. No entanto, tinha de admitir que — possível ou não — a ideia de comunicar com os mortos me parecia um pouco mórbida.

«Madeline, isso não é de mau gosto ou deprimente para algumas pessoas? Ou seja, se este tipo realmente consegue fazer o que dizes.»

«Ele sabia coisas sobre mim que não podia saber. Até nomes.»

«Talvez seja um admirador secreto», ofereci, meio a brincar.

«Não sejas engraçado. Nunca o tinha encontrado antes.»

«Madeline —» protestei.

«Ouve, ele fê-lo para mim, e não é deprimente. Muito pelo contrário. Se este homem está a comunicar com os mortos, então eles não estão mortos. Continuam vivos. Quem não quer saber o que acontece quando

morre? Se este George é real, então não morremos! Isso não é deprimente nem de mau gosto, pois não? É ótimo!»

«Deixa-me pensar nisso, Madeline. Além disso, fizemos uma sessão espírita no ar no último Halloween.»

«Isso não é o que o George faz», respondeu ela impacientemente antes de desferir o golpe final. «Tu és suposto seres tão aberto de espírito.»

«Sou», protestei, «mas isto simplesmente não parece possível.»

Pensei nisso. O que tinha a temer? Se este George se revelasse um fraude, tinha a certeza de que conseguiria detetá-lo, e certamente expô-lo publicamente. Embora psíquicos e outros convidados interessados no que pode ser mais justamente descrito como fenómenos inexplicados aparecessem frequentemente no meu programa, também tinha exposto várias fraudes, entre elas, no rádio, o chamado Amityville Horror. Noutra ocasião, expusemos uma alegada médium psíquica chamada Connie que afirmava que, enquanto em estado de transe, o espírito de um homem chamado Thomas, que tinha sido seu instrutor na universidade, falava através dela. (Na verdade, a explicação dela para o seu controlo era em muitos aspetos semelhante à expressa por J. Z. Knight, uma mulher que pretende ser o instrumento, ou canal, através do qual Ramtha, um antigo residente de Atlântida há muito morto, traz a sua mensagem ao mundo.) Connie tinha convencido completamente um conhecido, um investigador em parapsicologia, da autenticidade das suas alegações. Concordei em tê-la no programa.

Assim que o programa começou, ela entrou num transe auto-induzido. Os olhos reviraram-se, a cabeça rodou no pescoço, e começou a falar com uma voz cerca de duas oitavas mais grave do que a sua voz habitual. Questionei e sondei o «espírito de Thomas», e no final do programa declarei-me cético quanto a toda a questão.

No dia seguinte, recebi uma chamada de uma mulher chamada Myra, a perguntar sobre esse programa.

«Como exatamente conheceste o Thomas?», perguntei.

«Sou a viúva dele», respondeu ela sem hesitação.

Ela concordou em participar num segundo programa com Connie/Thomas. Convidei Connie a voltar, e vários minutos depois de ela entrar em transe, perguntei ao «Thomas» se podia apresentá-lo a alguém.

«Sim», respondeu a voz grave do alter ego de Connie.

A um sinal previamente combinado, Myra entrou sorrateiramente no estúdio e sentou-se à mesa em frente a Connie.

«Olá, Thomas, sabes quem sou?», perguntou Myra suavemente.

«Não», respondeu o alegado espírito.

«Sou a Myra. Lembras-te de mim agora?»

«Não.»

«Thomas, eu era a tua mulher.»

Nesse momento, os olhos de Connie abriram-se de repente e ela corou intensamente antes de voltar ao estado de transe. Nunca mais ouvimos falar — ou da — Connie.

DURANTE OS MESES seguintes, Madeline continuou a falar sobre o George. Insistia que ele era o melhor psíquico que alguma vez tinha conhecido e que merecia aparecer no meu programa. Reservei-me o direito de decidir sobre esta última afirmação, mas nunca a tendo visto tão entusiasmada, concordei em conhecer o misterioso George.

Em antecipação da minha apresentação ao George, brinquei dizendo que talvez ele flutuasse numa névoa, ou que talvez devesse estar preparado para alguém com turbante e vestes compridas e fluidas. Madeline não achou graça. Era início de noite quando o George chegou, pontualmente, ao meu escritório. Embora educado, parecia-me indiferente. Tinha vindo diretamente do trabalho na companhia telefónica, e vestia um blazer desportivo e calças.

Exceto pelos olhos, parecia mais novo do que os seus vinte e sete anos. Ao contrário de tantos alegados psíquicos que tinha conhecido, não expressou qualquer interesse em media ou publicidade. Nem tentou persuadir-me das suas capacidades. Era na verdade bastante tímido e de voz suave. Talvez nunca o tivesse conhecido se não fosse a persistência e os apelos da Madeline. Se soubesse o que estava para vir, teria saudado esta ocasião com muito mais entusiasmo, pois o que aconteceu a seguir deixou-me literalmente atordoado.

Senti-me suficientemente à vontade com o George e curioso para o convidar a juntar-se a mim num estúdio vazio. Não houve conversa entre nós além de uma troca de cumprimentos breves e educados. No estúdio sentámo-nos frente a frente numa longa mesa branca. A Madeline ficou no estúdio connosco, enquanto a Chris, a minha mulher, observava o que se passava através da janela da sala de controlo adjacente.

«A Madeline diz-me que recebes mensagens dos mortos», disse eu.

«Daqueles que estão do outro lado», respondeu ele, quase como se pedisse desculpa por me corrigir.

«Sabes como ou porquê isto acontece?»

«Não.»

«Não chamam a pessoas como tu médiuns?»

«Bem, algumas pessoas chamam. Na verdade, acho que sou mais um pequeno do que um médio», gracejou ele, sorrindo.

Francamente, fiquei desarmado pelo seu sentido de humor autodepreciativo. Estava tão habituado a ver pessoas que alegavam ter capacidades psíquicas ou conhecimento chegarem com um ar portentosamente solene, pseudo-religioso, que o comentário dele me apanhou de surpresa. Ao longo dos anos, o sentido de humor do George revelar-se-ia inestimável para ajudar as pessoas a compreenderem e aceitarem o seu dom.

«George, pela Madeline percebi que a tua capacidade como médium é considerável. Isto é, se conseguires fazer o que ela diz. Consegues fazer isso para mim?»

«Não sei. Posso tentar. Mas talvez não consiga demonstrar nada. Fica ao critério do outro lado.»

«Do outro lado?»

«Sim, dos espíritos daqueles que já partiram.»

A minha curiosidade estava despertada, mas abstive-me de fazer mais perguntas. Anos de experiência com pessoas que trabalhavam no campo da parapsicologia tinham-me ensinado que os charlatães conseguem recolher uma quantidade enorme de informação pessoal a partir das pistas visuais e verbais mais subtis e inconscientes.

«Só um aviso, George. Se fores um impostor, vou dizer-to.»

«Conheço bem a tua reputação», respondeu ele suavemente.

«Isso assusta-te, George? A ideia de que a tua suposta capacidade possa ser exposta?»

«Neste momento, não me importo realmente», respondeu George calmamente. «Também gostaria de saber o que se está a passar. Quero saber o que estou a fazer tanto como qualquer outra pessoa. Gostaria de compreender melhor a minha capacidade. É melhor descobrir agora — de uma forma ou de outra.»

George disse então que estava pronto para começar. Tinha pedido várias folhas de papel em branco e uma caneta. Estas, explicou, eram para a escrita automática. Avisou-me para responder às suas perguntas apenas indicando «sim» ou «não», e para não oferecer qualquer informação além disso: «Deixem os espíritos fazer o trabalho.» Rezou («Que o Senhor me abençoe e guarde. Que mostre a Sua face a brilhar sobre mim e me dê paz e precisão»), benzeu-se e começou.

George olhou para mim e começou a escrever rapidamente. Do sítio onde estava sentado não conseguia ver facilmente o que ele escrevia. Antes que pudesse perguntar, ele disse: «Tomas o nome Solomon?»

«Solomon», repeti retoricamente, sem afirmar nem negar.

«Sim, Solomon», respondeu George.

«Queres dizer Sol?» Ofereci deliberadamente outra versão do nome como teste para o George, sabendo que na maioria dos casos o suposto psíquico agarra-se à «esclarecimento» do sujeito e segue-a. O que eu tentaria descobrir era quão firmemente o George se mantinha à sua interpretação da leitura e quão confiante estava na sua «fonte».

«Não, na verdade, ele está a dizer-me "Solomon".»

«Sim, sim, tomo.»

«Vibração de pai», continuou George.

«O que significa isso, George?»

«É uma figura paterna para ti», respondeu ele.

«Não.» Mais uma vez, embora pudesse adivinhar que estávamos a falar do meu avô Solomon, um homem culto e judeu ortodoxo devoto, tentei despistar o George negando.

«Estás a dizer que não. Ele está a dizer que sim», insistiu George.

«Tu ouve-lo?»

«Sim.»

«Uma figura paterna?», repetiu George.

«Sim.» Após uma breve pausa, durante a qual George continuou a escrever, olhou para cima e disse: «Espera, agora ouço-o mais claramente. Definitivamente é uma figura paterna. Mas ele está a dizer "avô". Solomon era o teu avô?»

«Sim», respondi surpreendido, espantado por o George não estar realmente a fazer-me uma pergunta, mas a pedir-me que confirmasse a informação que estava a receber do outro lado.

«Há uma estrela judaica — sabes, a Estrela de David — por cima da tua cabeça.»

Antes que pudesse pensar, olhei para cima mas claro que não vi nada. Conseguia vê-lo a desenhar a estrela vezes sem conta. Pretendia acenar que sim, mas tudo o que consegui fazer foi abanar a cabeça em descrença. Sem a minha confirmação, George continuou: «A Estrela de David. O teu avô Solomon era um judeu muito tradicional? Porque é isso que ele está a dizer. Está a dizer que era um judeu tradicional.»

«Sim», respondi.

«O teu avô Solomon diz que estava muito orgulhoso de ti quando fizeste a confirmação. Esse foi o ponto alto para ele, por assim dizer, no que te dizia respeito. Mas depois da tua confirmação, as coisas mudaram. O teu avô diz que abandonaste a fé, por assim dizer. Na altura, isso foi uma desilusão para ele.»

Acenei que sim, porque tudo o que o George estava a dizer era verdade.

«Há uma jovem de cabelo loiro curto de pé atrás de ti.»

Girei na cadeira e mais uma vez não vi nada.

«Estou a ver o espírito dela!», exclamou George.

«Estás?»

«Sim. Ela está a dizer que sabes quem ela é.»

«Sim», reconheci.

«Ela partiu subitamente.»

«Sim.»

«Ela está a apontar para a cabeça e para a cara.»

«Porquê?»

«Está a tentar mostrar-me onde foi ferida ou magoada. Foi morta rapidamente ou instantaneamente?»

«Sim.»

«Sinto a dor na minha cabeça e na cara», explicou George.

«Sentis?» perguntei, incrédulo.

«Ela diz que foi um acidente. Foi uma forma acidental de partida.»

«Sim.»

«Tomas o nome Shirley?»

«Sim.»

«É ela. Diz que precisas de ser mais rigoroso com a tua filha. Está a mexer a mão muito rapidamente. A apontar o dedo e a abaná-lo para ti muito rapidamente —»

«Para!», gritei, antes de perceber o que tinha dito e me desculpar. George parou de escrever. Não o deixaria ir mais longe. Este estranho já tinha bisbilhotado o suficiente na minha vida pessoal.

«Já ouvi o suficiente, George. Demonstração muito impressionante. Foste muito preciso.» Olhando para baixo, vi que os meus nós dos dedos tinham ficado brancos de tanto agarrar a borda da mesa.

«Estive correto?», perguntou George, surpreendido.

Não elaborei nada do que o George tinha dito. Nem o George fez qualquer pergunta. Perguntei se podia ver a escrita automática que ele tinha produzido e ele disse que sim. Agradeci-lhe pelo tempo.

Fiquei impressionado e agora mais curioso do que nunca. Embora não estivesse pronto para o admitir completamente à Madeline, queria observar o George mais de perto. Perguntei-lhe se podíamos encontrar-nos novamente. Expliquei que a demonstração dele tinha sido suficientemente impressionante, mas queria estudá-la mais, se ele permitisse. No início pareceu relutante, explicando-me que nem sempre conseguia ser preciso.

Assegurei-lhe que não tinha noções ou expectativas preconcebidas, apenas perguntas. Sugeri que juntos poderíamos descobrir como e porquê ele era um canal para mensagens dos mortos, e que, talvez um dia, ele pudesse considerar demonstrar a sua capacidade no rádio. Finalmente, George concordou. Marcámos um encontro para a segunda-feira seguinte à noite, mesma hora, mesmo lugar.

Enquanto via o George caminhar para o carro, senti-me ao mesmo tempo confortado e desconcertado. Nunca tinha experimentado nada assim. Durante toda a semana seguinte, repassaria a leitura na minha mente vezes sem conta. Quando a Madeline perguntou quão preciso o George tinha sido, respondi que ele estava correto em «algumas coisas». Mas menti. O George tinha estado correto em tudo. Não generalizara, não havia ambiguidade. Sabia coisas — nomes, detalhes, eventos, opiniões, até gestos — que ninguém mais poderia saber. Como é que ele fazia isso?

Lembrei-me de tudo o que alguma vez tinha contado à Madeline sobre mim mesmo e ponderei as possibilidades. A Madeline jurou que não tinha dito nada ao George sobre mim, e mesmo assumindo que o George tivesse ouvido todos os meus programas de rádio desde que cheguei ao rádio de

Long Island em 1972, nunca poderia ter obtido toda esta informação. A leitura do George foi um relatório incrivelmente preciso sobre eventos significativos da minha vida. Por exemplo, o meu avô Solomon, que, aliás, nunca permitia que ninguém o chamasse Sol, oficiou no meu bar mitzvah. Foi o dia mais orgulhoso da vida dele. Pouco depois, comecei a questionar a minha fé, e quando me casei com a minha primeira mulher, uma católica, ele e a minha avó ficaram destroçados.

A mulher que veio foi a minha falecida ex-mulher Shirley, a mãe da minha filha. Tinha sido morta instantaneamente apenas um ano antes quando um carro a atropelou enquanto atravessava uma rua no Brooklyn. A descrição física que o George fez dela era precisa, assim como os detalhes do local e do tipo de ferimentos que sofreu. Mas a revelação mais espantosa foi o gesto da mão que ele descreveu. Sempre que a Shirley se irritava comigo, mexia rapidamente a mão, apontando o dedo para mim.

Até a mensagem que o George me deu relativamente à nossa filha era exatamente o que a Shirley teria dito; ela era muito mais rigorosa com a nossa filha do que eu. Eram coisas que só eu sabia, coisas que não tinha partilhado com ninguém. Na verdade, a única coisa que um ouvinte de rádio saberia da Shirley era o facto de ela ter partido. Além disso, antes da minha filha se mudar para Long Island para viver comigo após a morte da mãe, ninguém no bairro nos conhecia realmente de forma íntima. Pela primeira vez fiz a pergunta que repetiria cem vezes nos anos seguintes: Como era isto possível? Teria o meu avô e a mãe da minha filha comunicado comigo através do George? Porque eles, e não qualquer outra pessoa que eu tivesse conhecido e que tivesse partido?

Revivi a leitura vezes sem conta, procurando na memória por provas de truques. O George tinha trabalhado numa sala totalmente iluminada, não entrou em estado de transe, e parecia tão factual sobre tudo. Reexaminei as folhas em que ele tinha escrito. Vi as palavras “Solomon”, “confirmação”, “Shirley”, “casamento”, “acidente”, “cabeça”, e a Estrela de David desenhada cerca de meia dúzia de vezes. Embora me abstivesse de tirar conclusões precipitadas, tinha de admitir que algo se estava a passar. Ia contra tudo o que tinha aprendido e acreditava sobre ciência e religião, a própria natureza da vida.

Durante a semana entre aquela primeira leitura e o meu segundo encontro marcado com o George, telefonei ao meu amigo e colega de longa data Stephen Kaplan para pedir conselho e assistência. Kaplan goza de uma

reputação internacional como parapsicólogo e professor, embora aborde o assunto com mais ceticismo do que quase qualquer pessoa que eu já tenha conhecido. Tinha um prazer especial em expor publicamente fraudes — na verdade, foi ele quem me encorajou a tornar pública a história do Amityville Horror.

Depois de lhe descrever a minha experiência com o George, perguntei: «Que energia ou força estranha e inexplicada poderia ser responsável?»

Kaplan disse-me em pormenor que acreditava, sem dúvida, que a mediunidade era genuína mas que a maioria daqueles que alegavam ter a capacidade eram fraudes ou mágicos. Apenas um punhado de pessoas no século XX — Edgar Cayce, Arthur Ford, e o camponês brasileiro Arigo — tinham recebido sequer um reconhecimento relutante e generalizado das suas capacidades mediúnicas ou clarividentes. E muito poucos tinham conseguido apresentar provas em testes públicos com qualquer registo de sucesso.

Disse então ao Kaplan que, enquanto estava sentado com o George, senti o que só podia descrever como uma espécie de cortina entre esta dimensão e a outra a abrir-se mais do que alguma vez acreditara possível. Ele compreendeu a analogia e concordou em ajudar-me a investigar o mistério. Seria o primeiro sujeito de teste para o George, que nunca tinha conhecido nem ouvido falar dele antes. Falaríamos pelo telefone, com o George sem saber nada sobre o homem com quem estava a falar.

Se o George fosse realmente algum tipo de instrumento de comunicação, poderíamos esperar que revelasse coisas sobre o Kaplan que nem eu próprio sabia e que não teria forma de passar ao George antes da leitura. Kaplan deu um aviso, porém. Se o George se revelasse um falso, ele expô-lo-ia.

Naquela segunda-feira à noite, o George chegou ao estúdio e cumprimentámo-nos cordialmente. Expliquei-lhe que queria que ele fizesse uma leitura para um sujeito anónimo pelo telefone. Apesar das poucas experiências que tinha conduzido enquanto trabalhava como operador, o George abanou a cabeça e disse: «Não acho que consiga fazer isso.»

«Porquê não?»

«Porque nunca tentei pelo telefone, desta maneira.»

«Bem, o que há a perder? Disseste que querias descobrir se conseguias demonstrar a tua capacidade publicamente. Se não conseguires pelo

telefone, vamos descobrir. Obviamente, descobrimos na semana passada que consegues fazê-lo pessoalmente. Fizeste-o para mim.»

«Não sei.»

«George, sinto realmente que consegues fazer isto pelo telefone. E, se conseguires, vai ajudar-te a provar melhor que a tua capacidade é genuína. E vamos poder apresentá-la no rádio no futuro.»

«Definitivamente ainda não estou pronto para ir para o rádio», protestou ele.

«Bem, talvez ainda não. Mas nunca vais satisfazer a tua própria curiosidade sobre quais quer que sejam as tuas capacidades como médium se ao menos não tentares. Não posso dizer mais do que isso.»

«Bem, fica ao critério do outro lado dizer-me, e eles não me dizem tudo. Mas, se achas que consigo...» disse ele, hesitando.

«Sim, acho que consegues. Vamos tentar.»

George sentou-se à mesa e colocou os auscultadores para poder ouvir o chamador anónimo. Falaria para um microfone, e a sessão seria gravada. A Chris sentou-se na sala de controlo à prova de som e fez a chamada para o Kaplan em Nova Iorque. Quando a consola telefónica na mesa se acendeu, foi o meu sinal de que o Kaplan estava na linha. Prima o botão e disse: «Olá, chamador.»

«Olá», respondeu Kaplan.

«O George consegue ouvir-te», disse eu. «Por favor, não digas nada sobre ti. E absolutamente não digas o teu nome. Esta é uma demonstração de circuito fechado das capacidades dele. Diz apenas "olá" para o George ouvir a qualidade da tua voz.»

«Compreendo», respondeu Kaplan. «Olá, George.»

De repente, o George pareceu muito concentrado enquanto começava a escrever rapidamente numa folha de papel. «Sei que isto pode parecer estranho», começou, «mas alguém me pede para te perguntar isto. És um homem maduro?»

«Sim.»

«Há uma mulher próxima de ti que partiu?»

«Depende de quem quiseres dizer.»

«Ela diz que tens mais de trinta.»

«Sim.»

«Havia uma mulher na tua casa que tinha grande influência?»

«Tinha uma tia que partiu.»

«Ela estava muito na tua casa quando eras pequeno?»

«Sim.»

«É do lado da tua mãe?»

«Oh, sim.»

«A tua tia era casada?»

«Sim.»

«O marido dela também partiu?»

«Sim.»

«Está bem. Também o sinto por perto. A tua tia está à tua volta por causa de grande movimento.»

«Estou sempre num estado de fluxo», respondeu Kaplan.

«Tomas o nome Elizabeth, viva ou falecida?»

«Sim, conheço uma mulher que se chama Elizabeth.»

«Ela não é família. Estás em contacto com ela? Ou estiveste recentemente?»

«Recentemente.»

«Há uma ligação profissional?»

«É uma cliente.»

«Ela é muito emocional?»

«Sim.»

«Tem tendências suicidas?»

«Não me surpreenderia.»

«Se ela te contactar, por favor dá-lhe tempo. Ela precisa de alguém com quem falar.»

«Está bem.»

«Há uma doença na tua família?»

«Sim.»

«Um homem.»

«Sim. É física ou mental?», perguntou Kaplan.

«Física, direi», respondeu George.

«Sim, há.»

«Doença física. Uma condição no peito.»

«Absolutamente.»

«A tua tia que partiu conheceria este homem também?»

«Oh, sim.»

«Há possibilidade — não estou a prever a morte — mas há possibilidade de ele poder partir?»

«Absolutamente.»

«Porque a tia está à espera dele. É teu irmão?»

«Não.»

«É próximo como isso?»

«A pessoa que está doente — sim.»

«Está bem, porque a vibração de irmão é muito forte. Esta pessoa que está doente tem uma relação de sangue contigo?»

«Absolutamente.»

«É isso, muito próximo.»

«Sim.»

«É alguém com quem partilhaste muitas experiências?»

«Todo o tempo.»

«É daí que vem o irmão. É alguém que é muito próximo. Esta pessoa está muito, muito fraca?»

«Fisicamente, sim.»

«Estás em bons termos com esta pessoa?»

«Sim.»

«É isso. Há laços muito próximos aí. O teu pai partiu?»

«Oh, sim.»

«O teu pai conheceria esta pessoa?»

«Absolutamente.»

«Sim, é isso. Agora estou a receber uma vibração de pai-filho.»

«É certamente.»

«É o que ele diz. "É o meu filho."»

Interrompi. «Porque não dizes ao George de quem ele está a falar, interlocutor?»

O Kaplan respondeu: «O George está a falar de mim!»

Confirmei o que o Kaplan disse. «É isso mesmo, George. Estás a falar do interlocutor.»

«Este senhor é o que está muito gravemente doente?», perguntou o George completamente surpreendido.

«Sim», reconheceu o Kaplan.

O George ficou atónito. Esperou um momento e depois voltou à leitura.

«O teu pai está muito perto de ti. Era um homem duro?»

«Sim.»

«Aceitas o nome Jack?»

«Sim.»

«Era próximo de ti?»

«Era o meu tio. Era casado com a tia de quem te falei antes, que vivia na porta ao lado quando eu era pequeno.»

«Aceitas o nome Harry?»

«O Harry era o meu avô.»

«Também já partiu.»

«Oh, sim.»

«Lembras-te bem dele?»

«Claro.»

«Bem, não sei se te devo dizer isto. Ele também está à tua espera. Estão à tua volta porque estão cientes da tua condição», explicou o George.

O Kaplan brincou: «Diz-lhes que podem esperar. Vou viajar em breve — mas fisicamente, não astral.»

O George passou os minutos seguintes a pedir imensas desculpas pelo que considerava uma intromissão na vida pessoal do interlocutor. Mas não tinha explicação para a sua óbvia confusão em não ter reconhecido, psiquicamente, ou interpretado a mensagem, que a pessoa com quem estava a falar era a mesma a quem os espíritos se referiam.

Como se veio a verificar, a descrição que o George fez dos problemas de saúde do Kaplan estava correta. Quatro anos antes, aos trinta e cinco anos, o Kaplan tinha sofrido um enfarte grave e recentemente tinha sido diagnosticado com arteriosclerose. Embora eu soubesse do enfarte, não fazia ideia de que o estado de saúde dele era tão precário como o George descreveu. A precisão da descrição fez pouco para aliviar a infelicidade do George por não ter conseguido identificar o sujeito da mensagem do espírito. Mas, no geral, senti que foi uma leitura notável, especialmente considerando que tinha sido feita por telefone.

Depois de o George sair do estúdio, liguei ao Kaplan para saber as impressões dele sobre a leitura. Ele estava convicto de que não havia maneira de nem o George nem eu termos sabido todos os detalhes revelados na leitura. Troçámos ideias sobre mediunidade e a possibilidade de sobrevivência após a morte física e comunicação entre os "falecidos" e os "vivos".

O Kaplan disse: «Eu diria que ele é genuíno. Ainda precisamos de mais exame. Agora o trabalho será obter as provas.» Também alertou: «Neste momento não há outra forma de testar o George. Ainda não existe

tecnologia para testar um médium ou para comunicar com uma vida após a morte.»

O George e eu continuámos a encontrar-nos regularmente durante o verão para leituras. Num caso, ele falou ao telefone com um casal. Não sabia que eram os meus pais, que viviam noutro estado. Na verdade, mesmo que o George soubesse os nomes deles, que não sabia, não teria pista de que éramos parentes, já que eu mudei o meu apelido há muitos anos. Nesta leitura, o George deu-lhes detalhes sobre a morte de uma tia, mensagens do espírito dela para o antigo marido e filho, e falou de outro tio que ia morrer em breve — algo que os meus pais sabiam, mas eu não.

Quando mais tarde falei em privado com o meu pai, fiquei espantado por descobrir que ele se sentia reconfortado pela leitura. Os meus pais, ambos já com mais de setenta anos na altura, encontraram na leitura respostas para várias perguntas sobre a vida após a morte. Claramente, as capacidades do George serviam um propósito maior do que simplesmente truques de salão.

Uma noite, enquanto preparávamos outra leitura-teste no estúdio, o Chris estava ao pé do George, a arrumar o equipamento de som. De repente, o George começou a escrever num papel em branco.

«Aceitas o nome Joseph?», perguntou ele.

«Sim.»

«Vibração de pai.»

«Sim.»

«Já partiu.»

«Sim.»

«Está a chamar pela tua mãe. Está a dizer olá. Uma saudação.»

Obviamente comovida e surpreendida pela mensagem, o Chris apenas acenou com a cabeça. O George continuou a dar detalhes sobre a vida do pai dela, saúde, personalidade e aparência. Também descreveu a morte do pai dela.

«Partiu de algo com o coração ou o sangue. Parece ser os dois, mas é difícil perceber o que ele está a dizer.»

«Sim», respondeu o Chris. «Tinha quarenta e seis anos quando morreu de uma hemorragia cerebral. Sofreu durante anos de uma doença cardíaca e hipertensão.»

Então o George repetiu para o Chris o que lhe pareceu uma mensagem enigmática exatamente como a "ouviu": «"Não ia fazer com isso o que tu pensavas que eu ia."»

Embora o George estivesse perplexo, o Chris compreendeu imediatamente a frase. Depois contou-nos que o pai dela guardava uma pistola que ninguém na família sabia até ser descoberta após a morte dele. Encontrá-la trouxe à memória todas as vezes em que ele tivera dificuldades financeiras e brincara que se ia matar com um tiro. Enquanto ele estava vivo, claro, esses comentários passaram quase despercebidos, pois, pelo que qualquer um deles sabia, o pai não tinha arma.

Depois de descobrirem a arma, os comentários do pai tomaram um significado completamente novo. E aqui estava ele, de alguma forma a comunicar ao Chris sobre algo que tinha acontecido após a morte dele, numa frase que revelava que ele estava ciente da descoberta da arma e da reação da família a isso.

ANSIOSO POR SABER mais sobre o George, alistei muitas pessoas nas minhas investigações. Um conhecido profissional de longa data aceitou ser um sujeito anónimo para uma leitura por telefone. Durante a leitura, o George contou-lhe detalhes sobre o pai tê-lo abandonado.

«Haveria alguma razão para ele se desculpar contigo?», perguntou o George.

«Oh, sim.»

«Era muito irresponsável?»

«Sim.»

«Não tens notícias dele desde Deus sabe quando.»

«Quinze ou vinte anos.»

«Ele — o teu pai — já partiu?»

«Não sei.»

«Parece ser quem me está a dar a mensagem. Deixa-me ver se consigo trazê-lo. Foste batizado com o nome dele?»

«Sim.»

«A tua mãe entra muito compreensiva. Dá-me a impressão de que o viu do outro lado. É uma forte possibilidade que o teu pai tenha partido.

Aceitas o nome Daniel, vivo ou falecido?»

«É bastante próximo», respondeu o interlocutor.

«Alguém ergueu, psiquicamente», explicou o George, «o livro Robinson Crusoe à minha frente e disse: "Olha para o primeiro nome do autor." O teu pai tem alguma coisa a ver com Daniel?»

«Sim.»

«Porque foi ele que me deu a mensagem. Parece que gosta de jogar.»

«Era ele», reconheceu o interlocutor.

«Parece que não perdeu isso do outro lado. Continua a palhaçar comigo.»

O George ofereceu então uma mensagem que o interlocutor reconheceu como correta sobre uma situação jurídica específica. «O teu pai está a ir para o futuro.»

Vários dias depois, o interlocutor aproximou-se de mim e disse, sarcasticamente: «Bom truque na outra noite. Disseste ao tal psíquico George o suficiente sobre a minha vida para me convencer que ele era real.»

Depois de vários minutos perdidos a discutir com ele, percebi que não valia a pena. Como poderia eu ter dito ao George alguma coisa sobre o interlocutor que eu próprio não conhecia? Além disso, se houvesse conluio, porque não teria o George mencionado aquelas coisas que eu sabia — a profissão do interlocutor ou a zona geral onde vivia, por exemplo? Essas coisas não surgiram. Embora o interlocutor nunca o tenha admitido, só posso supor que, depois de passar várias horas a repassar a leitura e a reexaminar todos os detalhes, chegou à conclusão de que a leitura era de facto genuína. No dia seguinte pediu-me desculpa.

Uma coisa que emergiu nesta leitura, e que continuaríamos a ver ao longo dos anos, foi a forma não ortodoxa como o George recebe as mensagens. Nesta leitura o nome Daniel chegou-lhe de uma maneira que para a maioria de nós pareceria indireta, imprecisa. Em vez da presença dizer simplesmente o nome, apontou para uma imagem do livro Robinson Crusoe e instruiu o George a tomar o primeiro nome do autor (Daniel Defoe). Como veremos em leituras posteriores, este foi apenas um de muitos meios de comunicação para o George, mas crucial.

Ao guardar e estudar registos de centenas de leituras, reparámos em certos padrões, e o George tornou-se mais hábil em captar estas "pistas". Muitas vezes, as comunicações chegam ao George no que melhor se pode descrever como "nos seus termos", através de imagens de óperas, filmes, programas de televisão, livros, personalidades e figuras e imagens católicas

com que o George está familiarizado. Como sabem os espíritos, por exemplo, que a ópera favorita dele é Aïda, ou que ele deduzirá que o espírito quer comunicar algo sobre alta finança quando percebe, ou lhe é dada, a imagem do pregão da Bolsa de Nova Iorque?

A primeira e mais óbvia explicação para o que o George estava a fazer seria telepatia — leitura da mente. Como descobrimos vários anos depois em testes, no entanto, o George não é particularmente hábil em telepatia. Se fosse, poderíamos esperar que a maioria das leituras se focasse em quem quer que a pessoa lida tivesse em mente ou mais quisesse ouvir. Na verdade, porém, descobrimos exatamente o oposto: muitas vezes, no final das leituras, os sujeitos expressam surpresa ou deceção por alguém em quem estavam a pensar ou esperavam ouvir nunca ter aparecido, enquanto alguém que poderiam ter esquecido, nunca conhecido ou conhecido apenas casualmente comunicaria através do George.

Por exemplo, numa leitura de grupo recente para uma sala cheia de estranhos, o George deu a uma jovem uma leitura muito longa, que incluiu mensagens de dois amigos e vários familiares, tudo reconhecido como correto por ela. Depois, no fim, uma mensagem detalhada que só poderia ter vindo de um ex-vizinho que se tinha suicidado vários anos antes surgiu. A jovem reconheceu a mensagem, mas perguntou: «Porque ele?» Não sabemos.

Outro aspeto da capacidade do George que não pode de todo ser atribuído a telepatia revela-se nas mensagens que vêm do outro lado e que dizem respeito ao futuro, como a leitura inicial dele para o seu pequeno amigo Tommy.

No meio de uma leitura para um amigo meu chamado Jim, o George perguntou-lhe de repente se ele tinha feito uma viagem recentemente. O Jim respondeu que não, mas o George insistiu que via psiquicamente o Jim a conduzir numa estrada de montanha íngreme, depois a negociar uma curva cerrada e traiçoeira enquanto um carro a alta velocidade vinha na curva e ameaçava bater de frente no carro do Jim.

O melhor que o Jim conseguiu fazer com a informação foi relacioná-la com uma viagem que ia fazer pelas sinuosas estradas de montanha da Nova Inglaterra, mas isso era no futuro. O George explicou que a mensagem vinha do espírito de um amigo do Jim que tinha sido morto a tiro anos antes.

Duas semanas depois, um Jim muito abalado ligou-me para contar que, enquanto conduzia numa estrada de montanha em Vermont, virou uma esquina e encontrou um carro a alta velocidade que vinha na sua faixa. Desviou-se e evitou por pouco um acidente grave. A cena foi exatamente como o George tinha descrito. Mas como poderia ser?

Se a explicação fosse telepatia, isso exigiria que o Jim — e as centenas de outras pessoas a quem o George deu mensagens sobre o futuro — tivessem conhecimento prévio dos eventos, uma possibilidade extremamente improvável. (E isso levanta a questão de porque estas pessoas não saberiam essas coisas por si mesmas, sem terem de ser informadas do outro lado através de um canal como o George.)

Esta era uma questão que surgiria inúmeras vezes. Como poderiam os espíritos saber o que ia acontecer no futuro? E se sabiam, porque não comunicavam através do George para enviar aos seus entes queridos avisos de todos os acidentes, doenças e tragédias futuras, ou, melhor ainda, dicas sobre a bolsa e os números vencedores da lotaria? O George conjeturou que do outro lado não há conceito de tempo linear como o conhecemos, sem designações de eventos passados, presentes ou futuros.

Além disso, os que estão do outro lado impressionaram o George com o facto de que todos vivemos — tanto aqui como lá — pelas leis morais e físicas de causa e efeito: karma, se preferirem. Assumindo que seja o caso, os espíritos não estão tanto a "prever" o futuro como a deduzi-lo, como nós faríamos deduções e suposições com base no nosso conhecimento de causa e efeito e na probabilidade de certos eventos dadas circunstâncias e condições específicas.

Tomamos como garantido que, se está escuro lá fora, deve ser noite. E depois de um período de escuridão passar, o sol nascerá e será novamente dia. Se virmos nuvens escuras durante o dia, adivinhamos que talvez vá chover, mas sabemos que se for janeiro e vivermos em Nova Iorque e a temperatura estiver abaixo de zero, pode nevar.

Pelo que conseguimos reunir, os espíritos conseguem ver, compreender e perceber o curso das nossas vidas de uma maneira semelhante ao exemplo, indiscutivelmente simplista, acima. Para os espíritos verem o futuro não requer maior esforço do que "virar a esquina", como diria o George. De alguma forma, a capacidade dos vivos aqui na Terra de "prever" eventos — tal como "Se eu gritar com o gato, ele esconde-se debaixo do sofá, mas se eu ligar o abre-latas, ele vem a correr"

— é aumentada, expandida, virtualmente ilimitada do outro lado. Eventos que para nós pareceriam carecer de significado, relevância ou ligação uns com os outros talvez estejam relacionados, mas de formas que não conseguimos compreender. (Considere, por exemplo, eventos que normalmente atribuímos a coincidência, pura sorte, estar no sítio certo — ou errado — numa determinada altura.) Mas para os que estão do outro lado, vigiar um ente querido aqui no mundo físico pode ser como ver uma das invenções de Brube Goldberg em ação.

A informação que o George reuniu através de centenas de leituras sugere que o que aqui consideramos como o inexplicável, complexo e por vezes irracional desenrolar dos eventos parece aos espíritos não mais complexo, imprevisível ou difícil de compreender do que o que aconteceria quando o rato salta da plataforma para a gangorra e a bola no outro extremo voa pelo ar, aterra no topo da rampa. Depois — claro, diríamos nós — tropeça no fio que abre o tubo, e o ovo cai alguns centímetros e parte-se na taça.

À medida que o verão chegava ao fim, era claro que, apesar das nossas dezenas de horas de testes, ainda havia muito mais para aprender. Os detalhes factuais sobre os sujeitos e as suas vidas eram nada menos que espantosos, e isso sozinho agarraria qualquer pessoa interessada no campo. Mas o que era mais espantoso — e crucial — era a informação que o George obtinha através destas leituras sobre o próprio significado da vida e da morte. Para fazermos mais testes, precisávamos de encontrar uma ampla gama de sujeitos anónimos e de despertar o interesse de especialistas de todas as disciplinas que estivessem dispostos a desafiar, testar e discutir as capacidades do George. O fórum perfeito para alcançarmos ambos os objetivos era o George demonstrar a sua capacidade na rádio, ir a público.

QUATRO

Até finais de setembro de 1980, o George ainda não tinha concordado em fazer leituras para interlocutores anónimos na rádio em direto. Nos meses anteriores, eu tinha assistido e tomado notas de várias dezenas de leituras-teste privadas. Também tinha convidado observadores para as leituras — uma ampla gama de interessados, como funcionários da estação de rádio, amigos pessoais e qualquer outra pessoa que conseguisse persuadir a vir ver o George em ação. Sem exceção, todos ficaram impressionados. Mas e agora?

Paradoxalmente, o George parecia aterrorizado com a perspetiva de fazer leituras no ar, mas aceitava as suas experiências psíquicas com naturalidade. O facto de receber quase constantemente mensagens dos falecidos — por vezes daqueles que tinham sido assassinados de forma brutal ou que tinham morrido de mortes violentas e excruciantes — ou de ver espíritos materializarem-se (até em casa dele) não era nem de perto tão assustador para ele como a ideia de lidar com os que estamos no plano físico.

Pouco antes do outono, a nossa assistente, Madeline, saiu. Ela tinha-se tornado cada vez mais independente e, embora estivéssemos todos muito felizes por ela, sabíamos que íamos ter saudades dela. Embora ela e o George não fossem amigos pessoais próximos, a Madeline tem um lugar especial nesta história. Se não fosse pela persistência dela, ele e eu talvez nunca nos tivéssemos conhecido. E a crença dela de que o George exibiria com sucesso a sua capacidade mediúnica no ar nunca vacilou.

No entanto, a contínua resistência do George colocou-me numa posição difícil. Tínhamos ido tão longe quanto podíamos em privado. Os resultados das leituras-teste que tínhamos conduzido eram bastante notáveis. A taxa de precisão dele era consistentemente entre 85 e 90 por cento, mas cada leitura levantava mais perguntas do que satisfazia. Quais eram os significados de certos símbolos e visões?

Havia algum significado nos padrões que algumas das leituras seguiam? Porque é que um espírito trazia à baila temas que pareciam bastante triviais e nunca mencionava aqueles de profunda importância para o sujeito? Como sabia o George que um sujeito tinha um animal de estimação falecido? Ou que um sujeito tinha visitado recentemente o túmulo de um espírito comunicante? Se estas questões não pudessem ser

exploradas, não podíamos ir mais longe. Não tinha escolha senão confrontar o George.

Quando ele chegou para a nossa sessão semanal seguinte, disse: «George, ou queres ir para a rádio ou não queres. Simplesmente não tenho mais tempo para prosseguir com isto, por mais que o deseje. Tu obviamente tens uma capacidade. Estou convencido de que há algo aí. Mas agora depende de ti. O que queres fazer?»

«Não estou a tentar ser difícil», respondeu o George apologeticamente. «Sou grato por todo o teu tempo e atenção. Só não sei se estou pronto.»

«Sinto que estás pronto, George. Deus deu-te esta capacidade ou dom, e estás a ignorá-lo. Isso é uma pena.»

O George pareceu magoado enquanto olhava silenciosamente para o chão. Não estava a tentar ser difícil; estava apenas confuso sobre que caminho seguir. Contudo, continuei: «Tenho de insistir que decidas agora.»

«Mas pensava que estávamos a fazer progressos juntos.»

«Sim, mas e agora?»

«Não sei. Mais tempo?»

«Não, George!»

«Não?»

«George, tenho de fazer isto. Ou tens de demonstrar — em público, na rádio — ou terminámos os nossos testes. Disseste que querias compreender mais sobre a origem e a natureza da tua capacidade. Esta é a tua oportunidade. Não te posso obrigar; depende de ti agora. Vai para o ar. Confia em mim. Agora ou nunca mais — pelo menos não comigo. Dou-te um minuto para pensares. Dizes sim ou não. É tudo.»

Lamentava ter perturbado o George com o meu ultimato, mas nada do que tinha dito antes tivera impacto. O George continuou apenas a olhar para o chão.

«Tenho medo», admitiu. «Quando teria de ir para a rádio?»

«Na próxima semana.»

«Na próxima semana? Para atender chamadas?»

«Não, só quero apresentar-te à audiência. Depois, duas ou três semanas depois disso, voltas para atender chamadas dos ouvintes.»

«Está bem, ganhaste tu. Sim.»

MARCÁMOS A ESTREIA do George na rádio para a meia-noite de 6 de outubro de 1980. Neste primeiro programa, simplesmente discutiríamos as experiências e capacidades do George.

O George sentou-se à mesa do estúdio em frente a mim. Tentei ignorar o medo óbvio dele enquanto fazia a introdução noturna habitual do meu programa. Depois apresentei o George.

«De todas as coisas que fizemos no programa Joel Martin ao longo dos anos, entre as mais interessantes estão as expedições psíquicas, aquelas aventuras que nos levam ao reino psíquico com muitos psíquicos distintos de todo o país e do mundo. Uma das áreas, no entanto, com que não lidámos realmente em detalhe é uma área que estou a achar cada vez mais fascinante. Este é o tema da mediunidade e da escrita automática.»

«O meu convidado esta noite», continuei, «que descobri há pouco tempo aqui mesmo em Long Island, acredito que um dia — se já não for — estará na liga dos grandes psíquicos do mundo. É verdadeiramente uma das pessoas mais incríveis que já conheci neste campo e, numa data futura, estará a atender chamadas telefónicas e a falar com os ouvintes. Mas quis apresentá-lo esta noite, brevemente, como forma de familiarizar a audiência deste programa com um senhor a quem chamarei apenas George, para proteger a sua privacidade.

O dom único do George é a mediunidade. Ele tem a capacidade de receber comunicações dos espíritos dos falecidos, quer acreditem quer não. Utiliza uma técnica chamada escrita automática para facilitar as mensagens que recebe dos espíritos daqueles que já partiram. Dou-te as boas-vindas, George.»

O George respondeu com um aceno silencioso — não é grande técnica de rádio. Avancei.

«George, concordas com a breve definição de mediunidade que acabei de dar à audiência?»

«Sim», respondeu ele.

«George, este processo de escrita automática. O que é exatamente?»

«Bem, é uma forma de — suponho que se pode chamar comunicação com o além. Entidades de além do véu — do mundo do além — enviam mensagens através da tua mente, que se transmitem para a tua mão e são escritas. Também, por vezes, consigo ouvir as entidades a falar comigo. Pedem-me que escreva as mensagens para minha referência pessoal, para não me esquecer e poder recordá-las mais tarde. Basicamente, é uma forma

de transmitir mensagens ou contacto com o além com o propósito de nos ajudar deste lado do véu.»

«George, quando dizes "deste lado do véu", referes-te a este plano terreno?»

«À Terra. Sim», respondeu.

«E, basicamente, o que está a acontecer é que os espíritos estão mesmo a comunicar contigo? Não sei se "pessoas" é a descrição correta depois de alguém ter deixado este plano terreno.»

«Sim, os espíritos estão a comunicar-se comigo ou através de mim. Eu chamar-lhes-ia entidades ou, melhor ainda, espíritos. Pessoas que deixaram o corpo físico e regressaram à forma espiritual de vida.»

«E os espíritos comunicam através de ti às pessoas que estão à tua volta na Terra?»

«Sim. Os espíritos usam-me como canal com o propósito de comunicar com alguém aqui com quem querem falar.»

«Conheces a autora Ruth Montgomery?»

«Com certeza.»

«O que sabes sobre a familiaridade dela e a relação com a mediunidade e a técnica de escrita automática?»

«Sei que ela era muito amiga do falecido Arthur Ford, que foi um médium renomado. E que eu sinto, mesmo que alguém discorde, trouxe a mensagem autêntica do espírito de Harry Houdini. Qualquer um dos livros que ela escreveu é excelente neste campo, e eu li todos. Dão certamente um contacto legítimo com o além, e também os acho muito razoáveis de acreditar.»

«Então», disse eu, «acreditarias na Ruth Montgomery quando ela diz que o falecido médium Arthur Ford comunica com ela através desta técnica de escrita automática?»

«Oh, definitivamente, sim», respondeu o George.

«Porque é que os médiuns têm a capacidade de comunicar com entes queridos falecidos, amigos, conhecidos através de várias técnicas? Por exemplo, alguns praticam escrita automática, como tu. Outros, ouvi dizer, reivindicam capacidades mediúnicas em estados de transe.»

«São diferentes estágios de contacto espiritual. Algumas entidades comunicariam por uma forma de transe. Isso também já me aconteceu. Embora eu fuja disso.»

«Porquê?»

«Pessoalmente, fico um pouco nervoso com isso. Mas acho intrigante ver outra pessoa a fazê-lo. O transe é uma forma. Talvez quando uma entidade sente que és um médium ou um canal entre os dois mundos, e descobre que não consegues ou não te sentes confortável a comunicar por transe, venha através da escrita automática. Há também — o que eu já fiz — simplesmente sentar-me com uma pessoa e comunicar com o espírito por contacto pessoal ou por voz. Mas passei para a escrita automática porque não me sinto tão drenado durante uma leitura com esse método.»

«Falemos sobre como escolheste a escrita automática como técnica. Ou foi algo que simplesmente te aconteceu?» perguntei.

«Não.»

«George, estavas sentado um dia quando, de repente, pegaste numa caneta e ela começou a escrever praticamente sozinha?»

«Não, porque eu sempre tive preconceito contra a escrita automática comigo próprio, porque sentiria que era a minha imaginação a escrever as palavras e as mensagens. Mas descobri agora, pelas minhas leituras, que quando comecei a ficar muito cansado, fui impressionado a segurar numa caneta. E, à medida que continuava, a escrita começava, e também me dava uma forma de concentração.»

Durante os minutos seguintes, discutimos a origem da capacidade do George. Ele descreveu as visões e vozes que começaram na infância, e como conseguia sentir ou prever eventos à volta das pessoas que ninguém mais conseguia. Apressou-se a acrescentar que guardava tudo isso muito para si na altura e admitiu candidamente que os que tinham autoridade pensavam que ele "poderia ter alguns problemas mentais". Especialmente comovente foi a descrição do George da sua solidão infantil. Embora houvesse entidades espirituais que o confortavam quando ficava desanimado, poucos outros podiam — ou queriam — ajudá-lo.

Pedi ao George mais esclarecimentos sobre as visões e vozes da infância e como podia ter a certeza de que não eram alucinações ou frutos da sua imaginação.

«Na altura», começou o George, «via visões afastadas de mim. Também via visões na minha mente, que seria uma forma de ver com o que entendo ser o olho psíquico. Via o passado, o presente e o futuro. Como poderia eu saber os nomes de pessoas que já partiram, ou dar mensagens de que alguém do outro lado estava preocupado com alguém aqui — e ser preciso — se estivesse a imaginar ou a alucinar?»

A resposta dele surpreendeu-me, pois tinha uma segurança que não lhe tinha visto antes.

«George, és um católico romano estrito?»

«Sim.»

«Muito devoto, pelo pouco contacto que tive contigo.»

«Sim.»

«E não vês nenhum conflito entre o catolicismo e as tuas capacidades psíquicas?»

«Não vejo. Mas aparentemente a Igreja vê. Com todo o respeito pela Igreja Católica, eles parecem não compreender a minha capacidade. No entanto, é uma religião que tem uma grande quantidade de fenómenos psíquicos.»

«Bem, neste país — sem desrespeito às crenças pessoais de ninguém — alguns dos que são religiosos tendem a evitar ou criticar este tema», disse eu.

«No entanto, isso nem sempre é verdade noutros países, mesmo alguns católicos, como vários na América do Sul.»

«Exatamente.»

«George, como responderias a alguém que sugere, agora mesmo, que a tua capacidade é obra do diabo ou de natureza demoníaca?»

«É uma pena que o que a Igreja não compreende, considerem obra do diabo. Lembrem-se das aparições em Lourdes, França, no século passado. É considerado, até hoje, uma aparição psíquica excecional e muito espiritual. As autoridades da Igreja, na altura, estavam prestes a internar Bernadette Soubirous por incompetência mental, e também porque não compreendiam porque a Virgem Maria apareceria a esta camponesa ignorante, a Bernadette.

Acho que foi porque a Virgem Maria estava a tentar dizer-nos algo. Só porque aquelas altas autoridades da Igreja não sabiam tudo tão bem como pensavam, tentaram rotulá-lo mal. A minha capacidade não é demoníaca. Evito qualquer uso dela para fins malignos. Uso o meu dom apenas para ajudar pessoas», respondeu o George. «O diabo não faz isso.»

«Agora, eventualmente descobriste que era um dom psíquico. Apesar da incompreensão dos adultos à tua volta, conseguiste de alguma forma reunir a tua própria força para perceber que não havia nada de anormal, e falar sobre o teu dom e realmente colocá-lo em prática?» perguntei.

«Não. O que aconteceu foi que, quando se falou que eu poderia ser mentalmente incompetente, isso assustou-me, e tentei bloquear da minha mente e esquecer completamente, o que fiz durante vários anos. Então ficou dormente. Depois, já fora da escola, comecei novamente a interessar-me por temas como astrologia e filosofia chinesa. Também assisti à minha primeira sessão espírita, à qual fui como cético e, para ser honesto, também só por diversão. Uma das senhoras lá era médium e disse-me: "Tu também és médium." Infelizmente, não sabia do que ela estava a falar, por isso disse-lhe: "Não, eu sou pequeno."»

«Ela começou dizendo para não revelar nada sobre mim, família, as minhas circunstâncias. Disse: "Mantém a conversa geral." Entrámos para fazer a sessão, e ela e algumas das outras senhoras trouxeram mensagens e provas distintas de membros da minha família que não havia forma possível de elas saberem», explicou o George.

«Isso traz-nos ao presente.»

«Sim.»

«Depois de anos a entrevistar um grande número de psíquicos neste programa, teria de te classificar entre os melhores. Embora, admito, no início fosse cético. É realmente fantástico ouvir nomes de entes queridos voltarem, nomes que nem sequer recordas conscientemente. E é fascinante ouvir o George falar com pessoas e muitas vezes contar-lhes detalhes sobre eventos ainda por acontecer.»

«Obrigado.»

«Finalmente estás confortável com a tua capacidade?»

«Até certo ponto ainda estou um pouco inquieto. Acho-a intrigante. Às vezes ainda tento descartá-la como possivelmente a minha imaginação, mas já tive provas suficientes para mim mesmo de que há algum contacto invulgar que já não posso refutar como sendo obra da minha imaginação.»

«George, fizeste uma série de demonstrações-teste nas últimas semanas para mim e para outros. Trouxeste nomes e circunstâncias de entes queridos falecidos. Poderia ser que estivesses a captar de mim ou dos outros? A captar o que cada um de nós estava a pensar, se não conscientemente, então subconscientemente?»

«Por outras palavras, queres dizer telepatia. Estava a ler a tua mente?»

«Sim.»

«É possível que algumas pessoas pensem que é isso», respondeu o George. «Mas parece que quando as pessoas vêm ter comigo para leituras

privadas, às vezes vêm especificamente com alguém em mente de quem querem ouvir. No entanto, não consigo trazer-lhes uma mensagem dessa pessoa, porque estão a pensar tão intensamente nessa pessoa que mantêm os pensamentos para si. Trago-lhes toda a gente menos essa, e no final da leitura dizem: "Não trouxeste a pessoa de quem queria ouvir." E eu digo: "Bem, então, se decidires voltar, tens de manter a mente em branco." Se eu estivesse a ler mentes, porque não captaria o que a pessoa que vem ter comigo está a pensar? Por isso, embora obviamente exista leitura de mentes, ou telepatia, não é isso que eu estou a fazer.»

«George, para algumas pessoas, a tua precisão está entre 85 e 90 por cento?»

«É possível. Depende muito da pessoa para quem estou a fazer a leitura. Normalmente pela voz da pessoa, ou no minuto em que vêm ter comigo, sei se consigo ou não lê-los. Normalmente tento de qualquer forma durante pelo menos cinco a dez minutos. Se descubro que nada parece clicar, desisto e digo-lhes que, se quiserem voltar noutra altura, estou disposto a tentar novamente. Mas normalmente não perco o tempo deles. Com outras pessoas, os espíritos parecem conseguir comunicar alto e claro e com grande precisão.»

«George, és tu que fazes a escrita automática, ou é o espírito que escreve através de ti?»

«É a entidade ou espírito que escreve através de mim. Os espíritos estão a usar o meu ser físico por um momento, apenas para escrever o nome ou a situação deles.»

«Seria possível, talvez, fazer isto sem escrita automática?» perguntei.

«Sim, no início quando comecei as leituras, fazia-as apenas sentando-me com a pessoa. Mas descobri que a escrita automática parece aliviar a tensão na minha energia para fazer os contactos.»

«George, vamos todos para o que chamaste o outro lado quando morremos?»

«Sim, vamos», respondeu, «mas prefiro dizer que fazemos a transição.»

«Então não morremos?»

«Não. Deixamos os nossos corpos físicos, e a alma segue para o outro lado numa forma espiritual. Por isso a morte é uma transição para outra dimensão, mas não é um término.»

«Então não há razão para temer a morte?»

«Não, não há razão para isso.»

«George, presumo que acreditas que a alma pode regressar num novo corpo?»

«Queres dizer reencarnação? Sim, acredito nisso.»

«E as mensagens que deste às vezes incluem avisos de morte, e avisos de formas de evitar acidentes. Portanto, és capaz de receber estas mensagens do outro lado e falar sobre o futuro?»

«Sim. Se houver alguém do outro lado preocupado com uma pessoa. Não há conceção de tempo lá, pelo que me disseram. Eles, os espíritos, conseguem ver o futuro, e se preveem uma situação perigosa a acontecer, estão tão preocupados lá como estariam contigo aqui. Por isso tentariam avisar-te, se pudessem ou se fosse suposto. Se, mais provavelmente, a tragédia não puder ser evitada, eu não a vejo e não recebo a mensagem. Normalmente, se me é dita, é porque ainda há tempo para chamar a atenção para isso, para que a situação possa ser evitada.»

«George, sabes como isto está a acontecer?»

«Realmente não sei, mas gostaria de descobrir.»

«Mas vês uma imagem, presumo? Ou seja, uma visão ou uma voz vem até ti?»

«Recebo tanto visões como vozes. Chamo-lhe "clairsenses". É uma sensação que me invade. Sinto-a. Percebo-a. Disseram-me que há diferentes formas de receber mensagens, psiquicamente. Clarividência é ver psiquicamente. Clariaudiência é ouvir psiquicamente. Tenho de dizer que às vezes tenho clarividência, porque vejo a pessoa em espírito aparecer à minha frente, e consigo descrever como ela é. Também tenho clariaudiência, às vezes, porque oiço a voz; oiço o nome. E isso dá ainda maior crença à pessoa que vem ter comigo de que o seu ente querido está realmente lá com ele, e está a tentar ajudar, se for esse o caso, ou a saudá-lo.»

«George, se alguém te apresentar, é apropriado que te chamem psíquico? Estás confortável com essa designação?»

«Diria que sou mais um médium. Disseram-me que sou um médium, porque trabalho como canal para espíritos que já partiram. Mas sou psíquico.»

«Está bem, George, chamemos-te médium psíquico. Seria aceitável para ti?»

«Sim.»

«Estarias disposto a submeter-te aos meus ouvintes, e a deixar pessoas da audiência falar contigo por telefone?»

As coisas tinham corrido bem até aí, mas perguntei-me como ele responderia. Sentei-me a olhar carrancudo para o George.

«Sim, estaria», respondeu.

Eram as palavras que queria ouvir, embora, ao dizê-las, o George parecesse e soasse como um noivo num casamento à força.

«Já foste testado por alguém do meio científico?»

«Não, senhor.»

«Permitirias isso?»

«Sim.»

«Muito bem, faremos isso numa data futura. Entretanto, George, aguardemos com expetativa o regresso nas próximas semanas para falar com os ouvintes e comunicar-lhes mensagens de entes queridos falecidos e outros que possam conhecer de experiências passadas nas suas vidas.»

«Sim.»

«Trarás mensagens às pessoas e dir-lhes-ás o que está a acontecer do outro lado do véu?»

«Exatamente.»

A nossa entrevista terminou. Quando fizemos uma pausa para vários anúncios gravados, o George soltou um suspiro audível de alívio mas não disse nada.

«George, foste ótimo!», exclamei. «Bem, estás menos assustado agora?»

«Não.»

«Porquê não? Foste excelente. Pensava que não conseguias falar.»

«Realmente não consigo — assim tão bem.»

«Mas George, acabaste de o fazer.»

«Obrigado, mas aquele não era bem eu.»

«Não eras tu? Quem era então?»

O George apontou silenciosamente para cima. Olhei para as luzes fluorescentes no teto e depois, perplexo, fixei o George. «Não percebo.»

Ele baixou os olhos como se estivesse a confessar um pecado. «Bem, para te dizer a verdade», disse suavemente, «eles estavam a dar-me as respostas.»

«Eles?»

«Os espíritos, do outro lado. Eles ajudam-me sempre quando há uma crise.»

«Bem, acho que tenho muito a aprender.»

De repente ocorreu-me que talvez o George não fosse uma pessoa, mas duas diferentes. Uma, confiante e articulada, tinha estado a demonstrar o seu dom notável. A outra era gentil, insegura e assustada com a perspetiva de atenção pública. Poderiam os espíritos estar a fornecer ao George respostas para as minhas perguntas, tal como o tinham ajudado nos testes na escola e agora o usavam como canal de comunicação? Poderia a mediunidade cair no âmbito de uma possessão positiva?

Dentro de alguns dias marcámos o prometido programa de chamadas para três semanas depois e começámos a anunciar a data no ar. Tudo estava pronto, ou assim pensava, até um dia em que o George perguntou: «Tenho mesmo de ir para a rádio atender chamadas na próxima semana?»

«Sim.»

«E se ainda não estiver pronto?»

«Estavas há semanas, George.»

«E se ainda estiver assustado?»

«Paciência. Não estejas!»

«Não sei se consigo fazer isso ainda», protestou o George.

«George—»

«Está bem, está bem.»

«Vais fazer. Os espíritos vão ajudar-te.»

«Assim espero.»

«George! Conversa encerrada!»

Ao finalmente concordar em fazer leituras a frio em direto na rádio, o George não só tornava possível testes mais extensos do que alguma vez poderíamos fazer dependendo de conhecidos para sujeitos; também ia demonstrar as suas capacidades para milhares, e ao atender chamadas ia dar a inúmeras pessoas a oportunidade de aprender em primeira mão o que eram a mediunidade e as comunicações espirituais.

Não tendo pesquisado completamente a história da parapsicologia, honestamente não apreciava o quão extraordinário era esse feito. Parecia-me que, se alguém tivesse uma capacidade tão tremenda, ficaria mais do que feliz por partilhá-la com o público, para provar que era real, para calar os críticos de uma vez por todas. Apesar de ter entrevistado dezenas de pessoas que alegavam ser dotadas psiquicamente, nunca me tinha sido

oferecida cooperação em qualquer teste ou demonstração em que a pessoa testada não pudesse definir pelo menos algumas das regras e ditar algumas das condições. A resposta do George — hesitação e tudo — era invulgarmente aberta. Como o George mais tarde confessou, no entanto, ele não estava tão ansioso por provar-se ao mundo como estava por provar a si mesmo que a sua taxa de precisão não era apenas o produto de algum truque inconsciente que tinha aprendido a fazer.

Os temas geralmente agrupados sob a designação "paranormal" sempre foram populares junto do público, e os anos setenta trouxeram uma onda de livros e artigos de revistas sobre tais assuntos. Nessa época surgiram vários outros tipos de fenómenos paranormais, juntando-se aos OVNIs, casas assombradas, histórias de fantasmas e todo o tipo de ocorrências estranhas.

Mais uma vez, é importante ter em mente que a única coisa que o George tem em comum com alguém como, por exemplo, o psicocinético Uri Geller é que o conhecimento atual e a teoria científica não conseguem explicar as suas capacidades. O facto de o público estar disposto a considerar e discutir temas tão controversos como o Triângulo das Bermudas, o poder das pirâmides, os antigos astronautas e a vida após a morte não significava que fossem todos aspetos do mesmo fenómeno, mas sim que as mentes das pessoas estavam agora um pouco mais abertas. Até as pessoas que não acreditavam necessariamente neles sentiam curiosidade. Nos anos em que estive a emitir e a apresentar convidados que falavam sobre uma ampla gama desses temas, descobri que um ceticismo aberto e saudável muitas vezes nos aproximava muito mais da compreensão do que uma aceitação cega.

Quando conheci o George em 1980, não só a atitude do público em relação aos fenómenos psíquicos tinha mudado, como a nossa capacidade de conceber e realizar testes de capacidades psíquicas tinha sido grandemente melhorada por uma nova geração de máquinas. Pode parecer um pormenor pequeno, mas o simples facto de termos acesso a computadores pessoais para ajudar a calcular estatísticas de probabilidade, ou gravações em vídeo das leituras para estudar e comparar — coisas que não teríamos obtido facilmente cinco anos antes — permitia-nos agora construir sobre a nossa informação. E depois havia os produtos da tecnologia médica, como a termografia, o mapeamento cerebral e outros

métodos de rastrear os produtos físicos — ou, como um médico lhes chama, as pegadas — dos eventos psíquicos.

O simples facto de o George conseguir fazer uma leitura na rádio ou na televisão, em direto, diante de dezenas de milhares de pessoas tornava-o diferente. Hoje, numa única emissão local, mais pessoas podem ver o George do que as que conseguiram assistir a todas as leituras individuais privadas que o grande vidente do século XX Edgar Cayce deu em toda a sua vida. E por causa disto, o público não precisa de depender do relato de um jornalista ou de um sujeito sobre o que testemunhou. Qualquer pessoa que queira uma confirmação pessoal das capacidades do George só precisa de pegar no telefone.

Claro que muito disto viria mais tarde. Tudo o que eu sabia era que, se o George fosse um médium psíquico genuíno que recebia mensagens dos falecidos, a forma mais completa de o testar era expô-lo a dezenas de milhares de estranhos e deixar que os resultados dessas leituras a frio falassem por si.

26 DE OUTUBRO DE 1980: O George e eu falámos brevemente antes do programa. Ouvi-o murmurar qualquer coisa sobre estar nervoso. Depois passou vários minutos sozinho no estúdio antes de entrarmos no ar. Lembro-me de pensar que qualquer pessoa que olhasse para dentro do estúdio e visse o George a rezar provavelmente pensaria que era um condenado prestes a ser executado.

Às onze da noite apresentei o programa e o meu convidado. Isto era rádio em direto e uma experiência no paranormal, expliquei. «Esta noite, comunicação com o além. Será possível? Vamos tentar comunicar com o mundo dos espíritos através do George.»

Relemos os pontos altos da nossa primeira conversa, e mais uma vez o George explicou a definição de mediunidade, o processo mediúnico e o nosso verão de testes. Mais uma vez admitiu que não sabia como nem porquê os espíritos comunicavam através dele. Decidimos também que, por razões legais e morais, o George não daria notícias trágicas nem avisos prévios.

Pedi aos meus ouvintes que mantivessem a mente aberta e depois convidei-os a ligar. Segundos depois de anunciar os números de telefone, as dez linhas estavam ocupadas.

«George, há instruções para as pessoas que vão ligar?» perguntei.

«O melhor é manterem a mente em branco. Não pensem em nada importante que possam ter na cabeça, porque se o fizerem, podem estar a reter os pensamentos para vocês. Se isso acontecer, posso não conseguir captar a comunicação espiritual.»

«Mais alguma coisa, George?»

«Preferia também que os interlocutores dissessem apenas "sim" ou "não". Por favor, não me forneçam detalhes nem elaborações. Nem sequer digam o vosso nome. Porque se disserem algo e eu receber depois uma mensagem igual ou semelhante, não tenho confiança suficiente em mim e direi: "Acabaste de me dizer isso." Vou pensar que é a minha imaginação e bloqueio a mensagem… Claro, há a possibilidade de uma pessoa não poder ser lida. Devo conseguir saber isso nos primeiros minutos. Se eu falhar em tudo, terei apenas de dizer: "Desculpa."»

«Além disso», acrescentei, «pensem bem antes de dizerem sim ou não.»

«A maior parte dos espíritos, se estiverem conscientes o suficiente, fará o possível por comunicar com um nome que vocês conheçam.»

«Muito bem, vamos atender a primeira chamada», disse eu.

«Boa noite, Joel. Boa noite, George», disse a interlocutora.

Lembrei-a das regras e pedi-lhe que dissesse algo geral sobre o tempo.

«O tempo hoje está ventoso e frio», respondeu ela.

Expliquei à audiência que o que provavelmente lhes parecia ratos a correr ao fundo era o George a escrever. Mencionei que as palavras e símbolos eram geralmente ilegíveis, mas às vezes podiam ser decifrados. «Interlocutora, aceitas o nome Frank, vivo ou falecido?» perguntou o George.

«Neste momento não me lembro de ninguém.»

«Alguém com qualquer ligação contigo? Um amigo teu, possivelmente. Continuo a escrever o nome Frank. Normalmente, se escreve continuamente, alguém do outro lado sente que está no sítio certo.»

«Tive um amigo com quem trabalhei uma vez chamado Frank.»

«Já partiu? Diz apenas sim ou não.»

«Realmente não sei. Não. Não o vejo há tempos.»

«Quando o conheceste, havia alguma situação à volta dele de que tinhas conhecimento que se destacasse particularmente?»

«Sim.»

«Era uma pessoa mais velha?»

«Não. Era jovem, tinha vinte e poucos anos.»

«Estava muito confuso? Parece ter muita coisa na cabeça. Não sei. O facto é que, mesmo que não sejam assim tão amigos, alguém do outro lado sabe que tu o conheces.»

Interrompi para perguntar: «Porque viria esta pessoa que é apenas um amigo através desta interlocutora em particular?»

«Bem, eles veem a oportunidade de chegar ao Frank, usando-me como canal. Além disso, sabem que esta interlocutora tem contacto com ele. Quem quer que seja, estão insistentes. Continuam a escrever o nome dele.»

Olhei para o bloco do George e depois confirmei para a audiência. O George tinha escrito o nome Frank pelo menos uma dúzia de vezes.

«George, dizes que o Frank ainda está vivo. Não está a vir do mundo dos espíritos. De onde está o Frank a vir?» perguntei.

«Há alguém no mundo dos espíritos que conheceria o Frank e sente que tem de o contactar neste momento.»

«Com uma comunicação do mundo dos espíritos para esta senhora, através de ti?»

«É isso. Porque ela sabe quem ele é. Estou a tentar estabelecer quem é o Frank.»

«E se não conseguires?» perguntei.

«Bem, então vou tentar cortar a comunicação dele e trazer outra pessoa do outro lado. O problema é que, se não conseguir verificação certa, o espírito não consegue romper do outro lado», explicou o George calmamente.

Nunca tinha visto antes um médium que parasse no meio de uma leitura para responder a perguntas sobre o processo sem se confundir. Apesar das minhas interrupções, o George continuou, imperturbável.

Nos minutos seguintes deu à interlocutora outro nome de alguém na vida dela. Desta vez ela reconheceu e aceitou uma forma abreviada do nome, mas não tinha a certeza sobre as circunstâncias atuais da pessoa, embora sugerisse que o George poderia estar correto no detalhe que tinha dado.

Agradeci-lhe e passei para o próximo interlocutor anónimo, um homem. O George parecia imperturbado pelo seu fracasso em resolver a questão do Frank com a primeira interlocutora. Perguntei-me se a razão era nervosismo, ou se o George afinal não era mesmo psíquico. Ou, talvez, se a sua capacidade era mais fraca ao telefone do que pessoalmente.

O George estava a escrever enquanto falava com o segundo interlocutor, e identificou corretamente as preocupações específicas de carreira do interlocutor, e continuou a dizer-lhe que um espírito do outro lado, agindo como anjo da guarda, o encorajava a continuar os seus projetos criativos. O George deu a mensagem do outro lado: «Avança no campo criativo em que já estás.» O George tinha escrito a palavra "criativo" repetidamente.

Perguntei ao interlocutor se se aplicava.

«Sim», respondeu ele, «estive a pintar hoje.»

O George também deu ao interlocutor o nome de um parente que tinha partido, e forneceu uma mensagem desse parente para a viúva ainda na Terra.

Perguntei em voz alta se esta leitura era precisa.

O George respondeu: «Assim que começo a receber a minha verificação positiva, a entidade constrói com mais informação. Mas até lá, ficam apenas ali, e se sentirem que não estão a receber resposta, simplesmente vão-se embora.»

Da terceira interlocutora, o George perguntou: «Conheces o Charles, vivo ou falecido?»

«Sim.»

«Vivo ou falecido?»

«Vivo.»

«Família?»

«Sim.»

«Próximo por sangue?»

«Sim.»

«O teu pai já partiu.»

«Sim.»

«O teu pai conhecia o Charles?»

«Sim.»

«Muito bem. É ele que me está a dar a mensagem.»

«Sim.»

«O teu pai está a chamar por ele, "Charlie".»

«Sim.»

«É uma pessoa mais velha?»

«Sim.»

«Da idade do teu pai?»

«Sim.»

«Eram irmãos?»

«Não.»

«Próximos assim?»

«Não, não assim tão próximos.»

«Aceitas o nome Michael?»

«Sim, vivo.»

«Família?»

«Sim.»

«O teu pai era um homem muito virado para a família?»

«Sim, era.»

«É por isso que estou a receber todos os nomes de família. O teu pai conhecia o Michael?»

«Sim.»

«O teu pai falava outra língua?»

«Sim.»

«Nasceu num país estrangeiro?»

«Sim, nasceu.»

«Aceitas o nome Joseph?»

«Sim.»

«Um que já partiu.»

«Sim.»

«Tio?»

«Sim.»

«Tenho o tio Joseph falecido. O teu pai tinha alguma condição que afetasse o sangue?»

«Não me parece.»

«Partiu de algo que se espalharia pelo corpo?»

«Sim.»

«É por isso que vi o sangue. Tenho de interpretar símbolos, e há um milhão de formas de os interpretar», explicou o George. «O tio Joe partiu antes do teu pai.»

«Sim.»

«Ele diz: "Vi o teu pai aqui do outro lado."»

«Eram muito próximos?»

«Sim, bastante próximos.»

«Muito bem.»

«O teu pai tinha alguma condição no peito?»

«Sim.»

«Tinha cancro?»

«Sim.»

«Gostava de música. Ópera.»

«Sim.»

O George disse-nos: «Oiço psiquicamente música de ópera. Aceitas o nome Tony, interlocutor?»

«Sim, falecido.»

«Parente também.»

«Sim.»

«Há alguma ocasião alegre a aproximar-se?»

«Sim.»

«Os espíritos, a família, estão a reunir-se, e vejo branco, simbolicamente… Vais ser afetado?»

«Sim.»

«Sempre que pergunto ao teu pai o nome dele, ele sorri-me e diz que era um nome comum. Mas não consigo perceber o que ele está a dizer. Tinha um sentido de humor seco?»

«Sim.»

«Reconheces um homem baixo, corpulento, calvo?»

«Sim.»

«Um tio?»

«Sim.»

O George concluiu a leitura, e perguntei ao interlocutor qual era a ocasião próxima que ia celebrar.

«Recentemente tornei-me avô. É um batizado.»

Nas quarta e quinta chamadas o George foi igualmente preciso, descrevendo situações específicas e dando nomes corretos de entes queridos falecidos. Fizemos uma pausa para vários anúncios, e durante o intervalo o George olhou-me fixamente, vazio. Quando o elogiei pelo desempenho, sorriu e acenou com a cabeça. Quando abrimos a segunda hora, o George estava novamente em escrita automática enquanto saudava um interlocutor masculino. Em segundos, estava a escrever a palavra "mãe" vezes sem conta.

«Alguém do outro lado está a chamar pela tua mãe, do outro lado. Uma voz de criança está a chamar pela tua mãe. Está a chamar "Mãe, mãe". Dizem que é a tua mãe.»

O interlocutor fez uma pausa e depois respondeu: «A minha mãe teve dois abortos.»

Interrompi para perguntar ao George se uma criança que não chegou a nascer podia comunicar do outro lado.

«Sim», respondeu o George, «podia, porque o espírito, supostamente, entra no corpo no momento do nascimento.»

O George continuou a falar a outro interlocutor, um homem, sobre uma "vibração forte" que sentia em torno de uma mudança de carreira específica iminente, e a aconselhá-lo sobre isso. O interlocutor aceitou a mensagem como precisa.

«Aceitas o nome Thomas, vivo ou falecido?»

«Vivo.»

«Família.»

«Sim.»

«Alguém próximo dele do outro lado partiu?»

«Sim.»

«Essa pessoa já partiu há muito tempo?»

«Sim.»

«Alguém está a chamar por ele. Alguma razão em particular?»

«Não.»

«O pai do Thomas partiu?»

«Sim.»

«O pai do Thomas está aqui. Há alguma situação à volta do Thomas?»

«Sim.»

Outro interlocutor perguntou ao George porque é que os espíritos não comunicam diretamente, e porque é que o George tinha frequentemente de traduzir símbolos. O George explicou que fazer uma leitura é como "juntar as peças de um puzzle". Requer "descodificar e interpretar" palavras, sons, imagens, sensações físicas e sentimentos, alguns deles muito pessoais e compreendidos na sua forma pura apenas pelo sujeito.

O processo era semelhante a montar um puzzle gigante sem saber como deve ser a imagem final. Além disso, vários espíritos podem competir numa "linha psíquica" do outro lado ao mesmo tempo. Referiu-se a eles como "sinais cruzados de espíritos concorrentes."

O George disse a seguir a um homem que alguém do outro lado estava a chamar por uma filha e a pedir desculpa pelos "problemas" que tiveram quando ele estava na Terra. O George explicou que o homem que tinha partido se deteriorou lentamente, e que os que estavam à sua volta "passaram por um período emocionalmente difícil antes de ele partir." O interlocutor disse que era correto. O George descreveu o homem como vindo debilmente e falando muito devagar. «Não tem pressa, nem mesmo do outro lado.»

O interlocutor reconheceu: «Era exatamente assim em vida.»

«Algum problema com uma filha? Ele fala; está resolvido.»

«É o meu avô.»

«Está a pedir desculpa à filha outra vez.»

«Ela está aqui mesmo. É a minha mãe», disse o interlocutor.

Na última meia hora do programa, o volume de chamadas tinha aumentado. O George saudou imediatamente um interlocutor masculino: «Assim que ouvi a tua voz, alguém do outro lado disse: "Uma rutura numa relação."»

«Sim», reconheceu o interlocutor.

«Tiveste uma rutura numa relação recentemente?»

«Sim.»

«Foste tu que a provocaste?»

«Sim.»

«Estavas recentemente perto do casamento?»

«Sim, há cerca de dois anos e novamente, há cerca de cinco meses.»

«Alguém do outro lado está a dizer: "Não. Ainda não estás pronto para isso."»

«Tens razão, George.»

«Vejo um símbolo de aliança de casamento, mas estão a dizer-me que estás casado com a tua carreira.»

«Sim.»

As mensagens vinham de um espírito que o George identificou corretamente como o avô falecido do interlocutor.

Depois de mais algumas chamadas, fiz uma pausa para perguntar ao George mais sobre os símbolos psíquicos. Ele explicou que na verdade os sente ou vê e depois começa o processo de interpretar o que significam.

«É uma questão de símbolos e verificações», respondeu.

Após mais algumas leituras — cada uma altamente precisa — o programa terminou. Não havia dúvida de que o George tinha sido um sucesso, mas ele parecia perturbado com a primeira chamada e com a sua incapacidade de interpretar corretamente a informação sobre o Frank.

No dia seguinte recebi um telefonema de uma mulher que se apresentou como Vivian. Explicou que tinha sido a primeira interlocutora da noite anterior, aquela que não conseguia reconhecer o Frank. Durante os poucos momentos em que esteve no ar com o George, contou-me, estava tão nervosa que bloqueou, mas minutos depois de desligar, percebeu. Sabia quem era o Frank e porque ele estava a chamar por ela.

A Vivian disse que tinha trabalhado com um jovem chamado Frank Davis, Jr., e que tinha sido amiga dos pais dele até à altura em que o Frank, Sr., morreu de cancro. Tinha a certeza de que era o pai do Frank, Jr., que estava a chamar por ele através dela. Enquanto falava com a Vivian, percebi que eu também conhecia o Frank Davis e o filho dele. O Frank, Sr., era um vizinho que eu tinha chegado a conhecer bastante bem durante o ano antes da morte dele.

Embora tivesse sofrido muito, era sustentado por uma fé religiosa profunda e uma crença sincera numa vida após a morte. Tinha-o ajudado a desenredar alguns problemas burocráticos e ficara muito afeiçoado a ele. O George tinha dito durante a leitura da Vivian que alguém no mundo dos espíritos que conhecia o Frank estava a tentar contactá-lo. A Vivian acreditava que o espírito do Frank, Sr., estava a chamar por ela porque ela conhecia tanto o filho como a viúva dele.

Agora parecia irritada consigo mesma por não ter feito a ligação. Mas eu também fiquei perturbado: Poderia o Frank, Sr., estar a chamar por mim? Ao não reconhecer, teria eu privado a interlocutora ou a família do Frank de uma mensagem importante? A menos que o Frank, Sr., voltasse noutra altura, nunca saberia.

CINCO

APÓS APENAS algumas aparições no programa, o George era tão popular que as linhas da estação ficavam congestionadas duas horas antes do início. Mais do que uma vez recebemos tantas chamadas que as linhas telefónicas locais ficaram sobrecarregadas e o serviço foi interrompido. Claro que nós, na estação, ficámos entusiasmados com a resposta, mas recebemos muitas queixas do empregador do George, a New York Telephone. Pediram-nos que tentássemos "controlar" as chamadas. Tudo o que podíamos fazer era parar de dar o número de telefone assim que as linhas estivessem cheias — mas era inútil.

A reputação do George espalhou-se rapidamente de boca em boca. Até os céticos mais ferrenhos sentiam-se compelidos a ligar ou a escrever. Um homem, que se identificou como cristão renascido, informou-nos que o dom do George era genuíno, mas de origem diabólica. Continuou dizendo que ia rezar a Deus para "bloquear" a capacidade do George de receber as mensagens dentro de vinte e quatro horas.

Claro que as suas orações se revelaram em vão. Pelo menos ele acreditava que o George era real. Pelo que conseguíamos determinar, a fonte do apelo do George e talvez o propósito do seu dom era dar conforto e tranquilidade aos sobreviventes dos falecidos. Embora todas as leituras fossem altamente precisas, várias foram tão dramáticas e comoventes que até o George e eu ficávamos abalados.

Uma dessas leituras aconteceu na véspera do Dia de Ação de Graças de 1981. O interlocutor era um homem que, a julgar pela voz, poderia ter entre vinte e cinquenta anos. Disse olá, e depois ele e eu conversámos brevemente sobre um dos meus atores de cinema favoritos, Mickey Rooney.

«Enquanto falavas, senhor, continuei a receber música à tua volta», disse o George, abrindo a leitura.

«Sim», respondeu o homem.

«Faz parte da tua vida?»

«Fazia.»

«Deveria fazer. Tocavas algum instrumento? Escrevias música? Algo nesse género?»

«Era disc-jockey.»

«Isso explica. No minuto em que ouvi a tua voz, continuei a ouvir música à minha volta, e só escrevia isso vezes sem conta.»

«Compreensível.»

«E voltará a fazer parte da tua vida no futuro», previu o George.

«Houve alguma morte recente à tua volta?»

«Muito recente.»

«Um homem?»

«Sim.»

«O teu pai.»

«Sim.»

«Isso atingiu-me como uma bala. Morreu de um enfarte súbito?»

«Sim, morreu. Meu Deus, Jesus Cristo.» O interlocutor estava obviamente muito emocionado com o que ouvia.

«Estou um pouco abalado deste lado», admitiu o George. «Conheces o Edward, vivo ou falecido?»

«Sou eu o Edward.»

«Diria que partiu no último mês.»

«Há duas semanas. Foi por isso que liguei.»

«Ele diz que houve amargura quando partiu.»

«Não», respondeu o interlocutor, hesitando, como se confuso com o que a mensagem aludia.

«Não», insistiu o George, «ele diz que há amargura de alguém que não conseguia compreender porque ele tinha partido.»

«Sim.»

«Porque não houve aviso. E ele diz: "Era a minha hora de ir."»

«Oh Deus, oh Jesus.» A esta altura o interlocutor estava tão dominado pela emoção que eu perguntei-me quanto tempo mais ficaria na linha.

«Por isso tinha de ser.»

«George, isto é incrível!»

Até eu tinha dificuldade em acreditar no que ouvia. «Senhor», perguntei, «conheces o George?»

«Já me sentei com o George no passado, mas esta é uma leitura incrível.»

«Não há maneira de ele saber com quem está a falar?»

«Absolutamente não. Este é o meu pai a falar através do George para mim.»

«Não viste o George desde que o teu pai partiu?»

«Não.»

«Então não há maneira de ele ter sabido disso?»

«Não.»

«Então deixa-me continuar», disse o George. «Tens uma irmã?»

«Sim.»

«O teu pai era extremamente próximo dela?»

«Oh Deus, sim.»

«Porque ele está a chamar por ela. Estava ela perto dele quando partiu?»

«Morreu nos braços dela.»

«Bem—»

«Estamos a falar de quase duas semanas atrás», repetiu o interlocutor.

«Ele diz-me: "Diz-lhe que estou muito perto, tudo está bem." Estou a receber desejos de boas festas. Está a enviar saudações. Recebo dois nomes à minha frente. Ou o nome Allison ou Alice.»

«Alice. Oh, isso é incrível.»

«É a irmã que é próxima do teu pai?»

«Morreu nos braços dela.»

Mais uma vez questionei o interlocutor. Esta leitura era impressionante. Ele negou que o George soubesse quem ele era ou as circunstâncias da morte do pai. O George continuou.

«Bem, ele chama por ti, chama pela tua irmã. Diz: "Por favor digam a toda a gente que estou em paz, estou bem, mando o meu amor." Há também uma mulher falecida com o mesmo nome da tua irmã.»

«Sim. Essa é a minha avó.»

«E ela diz que estava lá para o receber quando ele chegou.»

«Oh Jesus Cristo.»

«Estou a sentir uma dor forte no coração, por isso aparentemente foi de um enfarte maciço muito rápido. Antes de sair de casa—»

O interlocutor interrompeu o George. «Estou só à procura de mais alguma coisa.»

«Ele pede pela tua mãe. Presumo que se vão reunir para as festas, e ele estará lá convosco em espírito. Podem ter a certeza disso.»

«Sou crente, mas isto é incrível. A minha irmã Alice está a ouvir isto agora mesmo. Tem um efeito calmante em mim. O meu pai diz mais alguma coisa?»

«Está muito próximo de todos vós. Acho que ele tornou isso óbvio nessas mensagens.»

TÍNHAMOS COMPILADO notas e gravações de centenas de leituras, e depois de receber dezenas de telefonemas e cartas de interlocutores que tiveram a gentileza de nos contactar para corrigir informação que tinham dado erradamente ou acrescentar informação que não tinham reconhecido na leitura, estava a tornar-se claro que o George era provavelmente muito mais preciso do que inicialmente acreditávamos. Embora cada leitura fosse um teste que confirmava a capacidade do George, os testes no seu conjunto levantavam ainda mais perguntas sobre a sua natureza, fontes e limitações.

Além das leituras que o George fazia na rádio e em privado, ele disponibilizava-se para indivíduos e grupos selecionados, todos encorajados a trazer qualquer prova que pudessem encontrar de que as capacidades do George não eram genuínas. Estas situações destinavam-se a expor o George a céticos, pois embora a audiência fornecesse um vasto conjunto de potenciais sujeitos para leituras, é seguro assumir que a maioria dos ouvintes e interlocutores já acreditava pelo menos na possibilidade de comunicações desencarnadas. Os céticos mais fechados provavelmente nem ouviam o programa, pelo menos no início.

Marcámos o primeiro encontro para janeiro de 1981. Foram convidadas aproximadamente vinte pessoas, algumas amigas, outras conhecidos profissionais. Entre os presentes estavam Stephen Kaplan e a mulher, pelo menos três escritores, um arqueólogo, um homem com doutoramento em física, vários professores, um artista comercial conhecido pelo seu estudo de OVNIs, um fotógrafo, vários estudantes universitários e algumas pessoas que trabalhavam na estação de rádio.

O grupo era composto por igual número de homens e mulheres, com pessoas de várias idades, origens raciais e étnicas e persuasões religiosas. O encontro teve lugar num estúdio vazio na estação, e, sem exceção, todos estavam muito curiosos sobre o George, embora poucos tivessem chegado a uma conclusão definitiva sobre ele.

O Kaplan pôs a noite a rolar proclamando-se o especialista em desmascarar fraudes psíquicas e depois procurando no estúdio dispositivos de escuta eletrónicos. O Kaplan teorizou que um "microfone" habilmente escondido permitiria ao George, ou a mim, escutar as conversas dos nossos convidados e depois usar qualquer informação obtida nas leituras. Após

uma busca minuciosa, o Kaplan declarou-se satisfeito por as instalações estarem eletronicamente “limpas”.

O Kaplan anunciou então que tinha trazido uma pessoa não convidada que estava isolada numa sala separada e perguntou se o George podia demonstrar a sua capacidade lendo esse sujeito. O George concordou, e o Kaplan voltou momentos depois com uma jovem.

A mulher e o George sentaram-se em lados opostos de uma mesa, e, como esperado, o George começou a sua escrita automática. Do sítio onde estava, conseguia ver por cima do ombro do George. A palavra “sangue” estava escrita repetidamente na folha.

«Senhora, por favor não me diga nada sobre si. Nem sequer o seu nome. Responda apenas sim ou não.»

Ela acenou com a cabeça.

«Há alguma razão para eu ver sangue à sua volta? No sentido psíquico, quero dizer.»

O Kaplan interrompeu e pediu ao George que repetisse a estranha pergunta.

«Bem, para te dizer a verdade», explicou o George, «vejo psiquicamente sangue a jorrar por todo o lado à volta dela. Mas não parece ser no sentido de perigo ou violência.»

«Sim», reconheceu ela.

O George continuou a despejar detalhes da vida da mulher, incluindo pormenores sobre o casamento dela, que claramente a deixaram desconfortável. Deu-lhe vários nomes de pessoas e as suas relações com ela, que ela confirmou como corretos. O George explicou que as mensagens estavam a ser recebidas da falecida mãe da mulher.

Depois o George voltou ao sangue que estava a ver novamente em símbolos psíquicos.

«Continuo a ver sangue a jorrar. Também vejo sangue em frascos ou recipientes, quase como num banco de sangue.»

«Sim.»

«George», disse o Kaplan, «querias alguma clarificação?»

«Bem», respondeu o George, «podia continuar e provavelmente interpretar o que estou a ver, porque sinto que o sangue significa algo sobre alguém na vida dela.»

«Sim», disse ela.

O Kaplan disse então: «O nome desta mulher é Ann Hughes. É escritora e neste momento está a trabalhar num livro sobre vampiros.»

«Oh, deve ter sido por isso que vi o sangue», disse o George, surpreendido com a ligação improvável.

«Mas há mais», acrescentou o Kaplan. «Ela é casada com um hematologista.»

Após esta leitura bem-sucedida, o George passou tempo a falar com todos os presentes, a responder a perguntas e a discutir a leitura. As pessoas queriam saber como o George podia ter a certeza de que as suas capacidades não eram produto de algo demoníaco, como recebia e interpretava os símbolos. Falou sobre precognição e porque acreditava que não negava o livre-arbítrio, sobre a sua infância e sobre o que tinha aprendido através das suas leituras acerca da vida após a morte.

O último tema foi de longe o mais popular. Afinal, que importância tinha realmente se o George conseguia entregar uma mensagem dos entes queridos falecidos de outra pessoa? Certamente a mensagem seria significativa para esse indivíduo, mas o verdadeiro significado do dom do George era o que a existência das mensagens significava para todos nós. Se os falecidos estavam a comunicar, então não estavam mortos.

Era altura de outra demonstração. Vamos chamar ao homem que se voluntariou para ser sujeito Barry Hollander, um vendedor. Tinha-o conhecido alguns meses antes através de um amigo comum e ficara fascinado pelo seu cepticismo obstinado em relação a todos os fenómenos psíquicos. Simplesmente não havia como falar com este tipo. Ao longo da noite, o Barry tinha sido barulhento e conflituoso, e, apesar do que tinha acontecido com a Ann Hughes, não estava a mudar de ideias nem um pouco. Anunciou em voz alta que toda a noite era uma encenação e que o George era uma fraude. Alternadamente a rir e a provocar, exigiu depois que o George o lesse, alegando que ele não podia ser lido.

O George encolheu os ombros e aceitou. Convidou o Barry a sentar-se, depois começou a escrever muito rapidamente. O Barry sentou-se com os braços cruzados apertados sobre o peito, o rosto com um sorriso presunçoso. O seu ataque verbal não parecia ter incomodado o George, que estava absorvido na comunicação. Depois o George comentou para ninguém em particular: «As emoções durante uma leitura podem construir ou prejudicar a comunicação.»

«Porquê?» perguntei.

«Porque os espíritos começam a ficar chateados do outro lado e isso faz oscilar a vibração deles.» Depois, virando-se para o Barry, disse: «Aceitas o nome Sophie?»

«O quê?» perguntou o Barry, obviamente surpreendido.

«Sophie», repetiu o George.

«Sim.»

«Viva ou falecida? Sinto que já partiu.»

«Sim.»

«Mãe ou figura materna?»

«Não, não a minha mãe.»

«Bem, então como uma mãe. Ela está a dizer: "Fui como uma mãe para ti."»

«Sim.»

«Não uma avó?»

«Não.»

«Era uma tia?»

«Sim, sim.» Com este último facto, o sorriso do Barry desapareceu, o rosto empalideceu.

«Porque continua ela a dizer que foi como uma mãe para ti?»

«Foi», respondeu o Barry em voz baixa. «Praticamente criou-me. Era muito próximo da tia Sophie. Era como uma mãe para mim.»

«Isto é parvo», disse o George. «Perdoa-me. Vou dizer-te o que estou a ver, mas não faz sentido. Ela está a beliscar-te as bochechas. Há alguma razão para ela fazer isso?»

«Sim», respondeu o Barry, agora obviamente assustado. «Fazia-me sempre isso quando eu era criança. Era um sinal de afeto.»

Alguns dos outros, que tinham achado as tiradas anteriores do Barry embaraçosas e desagradáveis, desataram a rir. O Barry, de volta ao seu eu antigo e beligerante, recuperou a compostura e declarou que tudo isto era um truque inteligente. Desafiou o George a dizer-lhe algo muito pessoal — até íntimo — sobre ele.

«Não», protestou o George.

«Desafio-te.»

«Não.»

«Vês», disse o Barry, bastante satisfeito consigo mesmo, «não consegues.»

«Por favor não peças. Não quero intrometer-me.»

«Porque não? O que me podes dizer?»

«Está bem, se insistes», respondeu o George relutantemente.

O Barry, pensando que tinha encurralado o George, olhou para cima e sorriu amplamente para toda a gente na sala.

«Estás com discórdia conjugal? Porque a tua tia está a dizer que há uma séria falta de harmonia no lar.»

O Barry enrijeceu. A mulher dele estava num canto, visivelmente perturbada mas calada.

«A tua tia está a dizer que há demasiada raiva em casa. Tensão conjugal. Está a beirar a violência.»

O Barry olhou fixamente para o George, acenando ligeiramente com a cabeça, mas não fez nada para indicar que queria que o George parasse. O George continuou a descrever um casamento terrível, com detalhes que não poderia saber exceto através da tia Sophie. Quando o Barry ouviu o suficiente, levantou-se rapidamente da cadeira e tentou em vão descartar a leitura do George. A Sra. Hollander exigiu ser levada para casa.

«Como pudeste fazer isso?» gritou ela ao Barry. «Como pudeste contar àquele homem sobre nós?»

«Mas eu não contei!» protestou o Barry.

«Então quem contou? Não fui eu! Tu sabes isso. Como pudeste?»

«Mas—»

E depois foram-se embora.

DURANTE A MAIOR parte de 1981 fomos frequentemente acompanhados no ar por um homem a quem chamaremos Dr. David Gold, um físico das faculdades de duas universidades locais. Foi o primeiro cientista a vir a público falar sobre as suas observações e descobertas sobre o George. Uma vez afirmou: «Uma vez que a matéria não pode ser criada nem destruída, é razoável que quando morremos, uma energia em alguma forma sobreviva e passe para outra dimensão, onde comunica ou transmite de volta através do George, que é essencialmente um recetor, um recetor humano.»

Em julho de 1981, o Gold participou num programa com o George e o Padre Tom Hartman, um padre católico romano. Durante a discussão, o Padre Hartman falou da alma; o Gold falou de uma energia que sobrevive à morte corporal humana; e o George falou de espíritos. Cada um estava a falar da mesma coisa. Claro que isto não é uma revelação original — o

excelente livro de Lawrence LeShan sobre o paranormal até se chama The Medium, the Mystic, and the Physicist — mas demonstrou claramente que todos pensamos em algo, independentemente do que lhe chamemos, a que atribuímos certas qualidades, principalmente a sua capacidade de sobreviver às nossas mortes, a sua indestrutibilidade. A ideia de que talvez, lá no fundo, todos temos este conhecimento parecia ser reforçada com cada leitura e cada pessoa com quem falávamos.

A esta altura, praticamente não havia dúvida na minha mente de que o George era genuíno. No entanto, sabia que se a minha afirmação pudesse ser publicamente substanciada, atrairíamos outros investigadores. Mesmo que nenhum deles pudesse dizer-nos exatamente o que era a capacidade do George, pelo menos poderíamos determinar o que o dom do George não era.

E essa informação revelar-se-ia bastante eficaz contra céticos teimosos e irracionais. Procurávamos também respostas bem fundamentadas para aqueles que se recusavam a aceitar não só as alegações do George mas de qualquer pessoa sobre capacidade ou experiência psíquica por causa da ignorância, confusão e dúvida lançadas sobre todo o assunto tanto pelos charlatães como pelos desmascaradores psíquicos.

Numa entrevista, um desmascarador resumiu a sua prova de que tais coisas eram impossíveis: «Os fenómenos psíquicos são anti-científicos.» Respondi que para a ciência ignorar os fenómenos psíquicos era o que era anticientífico. A minha equipa foi uma vez contactada por um dos mais famosos desmascaradores do país, que por acaso também é mágico. Ficámos mais do que felizes por tê-lo no programa com o George, mas por algum motivo ele nunca apareceu.

Por um lado, havia fanáticos — de ambos os lados — cujos lemas bem poderiam ser "A minha mente está decidida, não me confundam com factos." Por outro, havia os cientistas interessados e outras pessoas inteligentes que afirmariam as capacidades do George, mas apenas off the record.

Um dia recebi um telefonema na estação. «Sr. Martin, o meu nome é Dr. Abrams. Sou psiquiatra numa agência estatal que lida com saúde mental. Ouvi o vosso programa de rádio ontem à noite enquanto vinha para casa. O vosso convidado foi um homem que identificaram como o Médium Psíquico George.»

«Em que posso ajudar?», perguntei.

«O homem no vosso programa, o George, alegou que estava em comunicação com os falecidos», respondeu num tom rigidamente educado.

«Sim.»

«Alegou que estava a dar mensagens aos interlocutores daqueles que já partiram. O George alega que recebe estas comunicações daqueles que agora estão em forma espiritual noutra dimensão. Ele — está a pretender ser um médium. Está tudo correto?»

«Sim.»

«Sr. Martin, sou um veterano de trinta anos na profissão de psiquiatria e tenho um interesse profundo e crença na parapsicologia e na investigação da sobrevivência. Tenho as minhas próprias teorias muito definidas. O George deu uma demonstração bastante impressionante —»

«Obrigado, doutor.»

«Ou foi a maior fraude psíquica que já ouvi ser perpetrada publicamente, e não pouparei esforços para expor tanto a si como ao George como fraudadores!»

Já esperávamos e até aceitávamos um certo grau de ceticismo público como compreensível, mas o tom intimidatório deste homem e as suas acusações desafiavam a nossa integridade. Controlei o meu temperamento enquanto respondia: «Dr. Abrams, asseguro-lhe que o que ouviu não foi nenhuma fraude nem embuste. Foi genuíno. Não houve conluio. Aqueles que ligam ao George são aleatórios e anónimos para ele.»

«Muito bem, Sr. Martin», respondeu Abrams, parecendo que não acreditava realmente em mim. «Não estou em posição de refutar ou apoiar-vos neste momento. Tenho, no entanto, de descobrir por mim mesmo se o George é uma descoberta genuína nas comunicações mediúnicas, ou —»

«Ou o quê?»

«Ou.» Fez uma pausa por um momento e depois mudou de tática. «Tenho a responsabilidade de proteger o público do engano no campo da investigação parapsicológica. Como vê, levo o assunto muito a sério.»

«Eu também, doutor.»

«Bem, então compreende que tenho de descobrir por mim mesmo. Vou realizar o meu próprio teste à capacidade dele e depois relatar-lhe-ei os meus resultados.»

«E admitirá, se o George for genuíno?», perguntei.

«Sim», prometeu.

«Aparecerá no ar, se ele provar que é genuíno?»

«Sim. Mas primeiro deixem-me determinar isso. Falaremos novamente, Sr. Martin. Obrigado pelo seu tempo. Adeus.»

A chamada do Dr. Abrams foi ao mesmo tempo irritante e lisonjeira. Desde o momento em que o George consentiu em fazer leituras públicas, tínhamos tentado interessar cientistas, médicos, psicólogos, escritores — basicamente qualquer pessoa com conhecimentos extensos numa área que pudesse ser relevante para a nossa compreensão do George.

Um biólogo molecular respeitado postulou que a resposta seria encontrada não num campo específico da ciência, mas em vários, especificamente física (para explicar a energia), neurociências (para explicar o funcionamento cerebral do George), biologia (para explicar outras funções físicas) e genética (para explicar porque o George não é o único membro da sua família alargada com capacidades psíquicas; vários membros da família dele tiveram experiências premonitórias repetidamente).

Anos mais tarde, outro médico articulou lindamente o nosso problema, dizendo: «Como podemos encontrar as respostas se não soubermos que perguntas fazer?» Mas mesmo com essas limitações em mente, ainda achávamos melhor que as pessoas fizessem perguntas. Tudo o que pedíamos àqueles que procuravam investigar o George era que trouxessem à sua tarefa um sentido de ceticismo aberto e que viessem ao programa discutir os seus resultados — pró ou contra — em público.

Pelo menos o Dr. Abrams tinha-se interessado pelo George. Fosse o que fosse que o doutor tinha planeado, depressa tirei a conversa da cabeça, certo de que acabaria por descobrir.

Vários meses após a chamada dele, o George ligou-me para contar uma leitura muito invulgar. Mais cedo nesse dia, um homem com roupa suja, por barbear e a cheirar a álcool tinha aparecido. O George assumiu que era um sem-abrigo, mas relutantemente convidou-o a sentar-se.

Enquanto o homem cambaleava até à cadeira, o George perguntou-se como ele tinha conseguido encontrar o caminho. Uma vez desabado na cadeira, o estranho sentou-se com os olhos semicerrados.

A escrita começou. O George olhou para cima e viu o rosto de Sigmund Freud por cima da cabeça do homem. O que poderia significar?

«Senhor, é profissional?», perguntou o George.

«Sou?», respondeu o homem, arrastando as palavras numa resposta beligerante.

«Bem, estou impressionado a dizer que sim. É na área médica?»

«Porque dizes isso?»

«Para te dizer a verdade, vejo o símbolo do rosto de Sigmund Freud por cima de ti», explicou o George.

«Vês?»

«Estão a dizer-me que não és o que pareces ser. És psiquiatra?»

«Sim, sou», respondeu o homem, subitamente sóbrio. Depois felicitou o George pela precisão e explicou o seu propósito. «Foi uma mascarada. Como vês, George, ouvi-te na rádio há vários meses e tive de descobrir se o que ouvi era verdade. Encharquei-me em álcool porque pensei que aparecer como um bêbedo sem-abrigo seria uma boa forma de testar a tua capacidade como médium psíquico. Mas não resultou. Fico feliz por dizer que o truque foi em mim!»

Era o Abrams, e vários dias depois ligou-me para contar o que tinha acontecido.

«Agradeço que tenhas ligado de volta para me dizer que achaste o George genuíno», disse eu. «Agora, vais ao ar falar sobre a experiência e sobre as tuas teorias em parapsicologia e mente?»

«Bem», respondeu hesitante, «isso posa um problema. Não sei se consigo cumprir essa parte da minha promessa, embora acredite que a capacidade do George é autêntica.»

«Porquê não?»

«Para ser franco, Sr. Martin, temo que os meus colegas nunca compreendessem ou aceitassem se eu falasse publicamente. Lamento verdadeiramente.»

Quando desliguei, perguntei-me se o Abrams sabia que Sigmund Freud tinha sido membro tanto da English Society for Psychical Research como da American Society for Psychical Research, ou dos extensos escritos de Carl Jung sobre o paranormal. Infelizmente, embora a sua relutância fosse compreensível, eu sabia que o Abrams teria ficado mais do que feliz por vir ao meu programa se tivesse achado o George falso. Os colegas teriam compreendido — e provavelmente aplaudido — isso.

Nem todas as visitas surpresa do George foram tão agradáveis. Tinha passado menos de um ano desde que ele aparecera pela primeira vez na rádio, e a procura por leituras privadas tinha aumentado tão dramaticamente que ele estava marcado com meses de antecedência. Com essas leituras, os programas de rádio e o tempo que passava a trabalhar com

autoridades policiais em casos especiais, ele quase não tinha tempo livre, mas ainda mantinha o emprego a tempo inteiro na New York Telephone. Embora a maior parte das pessoas tivesse de marcar hora para uma leitura privada, de vez em quando o George via alguém que parecia precisar dele.

Uma noite o George ligou-me para a estação, frenético. Explicou que acabara de desligar a mais recente de uma série de chamadas anónimas ameaçadoras que tinha recebido nas últimas semanas. Tinha a certeza de que o autor da chamada era um homem para quem tinha feito uma leitura estranha apenas semanas antes.

O George vivia sozinho numa casa alugada na altura. Era uma sexta-feira à noite, e a última leitura marcada para essa noite tinha acabado de terminar. As duas senhoras idosas para quem ele tinha lido estavam a sair pela porta da frente quando apareceu um homem alto e magro. Era de aparência comum, com cabelo castanho escuro comprido e óculos de armação metálica. O George calculou que tivesse cerca de trinta anos. Usava uma camisa desportiva normal, camisola, calças e um trench coat bege, mas havia algo de suspeito nele.

Quando as duas mulheres passaram por ele no passeio, ele cobriu o rosto com as duas mãos. O George sentiu imediatamente o que descreveu como "vibrações desconfortáveis", e reparou que os seus gatos e cão se retiravam como se também sentissem perigo. Inicialmente relutou até em falar com o homem, mas ele alegou ter vindo por recomendação de um amigo e o George cedeu.

O George fez o homem entrar. O estranho sentou-se, tirou os óculos e perguntou: «Queres que me concentre?»

«Não», respondeu o George. A pergunta pareceu-lhe peculiar. Sentado em frente ao estranho, o George começou a escrita automática e viu imediatamente dois símbolos psíquicos: um triângulo e a balança da justiça, que pareciam crescer.

«Estás envolvido em algum tipo de situação legal?»

«Sim», respondeu o homem.

«Uma situação grave, porque a balança da justiça — o símbolo que vejo — é grande.»

«Sim», respondeu o homem nervosamente.

Depois o George viu o triângulo sobrepor-se à balança. «Estás envolvido num triângulo amoroso?»

«Sim.»

«O triângulo amoroso relaciona-se de alguma forma com a situação legal?»

«Sim.»

«És casado?»

«Não.»

«É a tua mulher?»

«Não, não, não!», exclamou o homem zangado.

O George mudou de assunto quando viu símbolos psíquicos de instrumentos musicais, que o homem reconheceu estarem relacionados com a sua carreira. De repente o George viu uma visão clara de uma mulher de pé perto do homem. Quando o George descreveu a visão, o homem ficou paralisado e perguntou: «Como é que ela é?»

«Oh, diria que tem entre vinte e cinco e trinta anos, cabelo loiro comprido. É muito atraente e bem vestida.»

O homem ficou sem expressão. O George viu símbolos de instrumentos musicais também à volta do espírito da mulher, e ela indicou-lhe que tocava piano. Depois o espírito da mulher acusou o homem de a ter assassinado. Antes de pensar no que estava a fazer, o George soltou: «Estás a ser acusado de assassinato?»

«Como soubeste?», gritou o homem, saltando de pé. Rapidamente recuperou a compostura e sentou-se novamente. «Como soubeste disso?»

A esta altura o George estava assustado. Seria o homem sentado a poucos metros dele realmente um assassino? Engoliu em seco, respirou fundo e respondeu: «Porque ela está a dizer que a mataste.»

«Onde está ela?», exigiu, os olhos a percorrerem a sala.

«Está de pé ao teu lado», disse o George suavemente. «O que vejo é verdade?»

O homem ignorou a pergunta do George e perguntou: «Qual é o nome dela?»

«Aceitas o nome Jean?»

«Oh, meu Deus! Isso é incrível!» Os olhos do homem encontraram os do George, mas tudo o que o George via era o espírito da mulher a mostrar-lhe uma cena de assassinato. Psiquicamente o George viu a mulher a ser esfaqueada repetidamente, espancada e a cair no que parecia ser o chão de uma sala de estar. As mãos dela estavam erguidas à frente do corpo numa tentativa fútil de se proteger. Olhos arregalados de terror, ela caiu, um braço estendido, o outro num punho cerrado. O George não ousou dizer em

voz alta o que estava a ver. Ouviu o espírito dizer vezes sem conta: «Sou a Jean. Aquele filho da mãe matou-me! Quando é que alguém vai fazer alguma coisa? Ele matou-me! Matou-me!»

Era invulgar um espírito vir tão zangado. De experiências passadas, o George sabia que às vezes os espíritos dos recém-falecidos guardam emoções humanas "normais". O espírito da Jean queria vingança, um sentimento que sem dúvida manteria até se ajustar ao outro lado e ao facto de já não estar no seu corpo físico.

O homem ordenou ao George que parasse. Teria ele virtualmente confessado ter matado a mulher? Parou mesmo antes de dizer algo que pudesse ser usado contra ele legalmente. Além disso, apesar do facto de as autoridades policiais chamarem pessoas com capacidades psíquicas para ajudar a resolver casos, informação obtida psiquicamente é inadmissível num tribunal. Um momento depois, o homem tinha-se ido embora.

Abalado, o George não conseguia parar de pensar no que acabara de acontecer. Porque tinha o homem sido tão ousado? Teria vindo à leitura por culpa, ou porque queria saber se um psíquico ou médium "conseguia dizer" que ele tinha cometido um crime? O espírito da mulher estaria a assombrá-lo? Ou estaria ele a procurar mais informação para ajudar a evitar a prisão? O homem saberia sequer que ela estava morta?

Vários dias depois o George recebeu a primeira chamada ameaçadora, seguida de mais duas. O autor da chamada disse ao George que ele seria morto, e o George pediu-me conselho. A polícia teria de ser notificada, disse eu. O George ligou, e minutos depois chegou um polícia, mas não o agente normalmente destacado para o bairro do George. O George começou o seu relato com o habitual aviso autodepreciativo: «Eu sei que vão pensar que sou louco, mas...» Felizmente, o polícia sabia algo sobre parapsicologia e acreditava que a preocupação do George era justificada. O departamento de polícia forneceu patrulhas extra à volta da casa do George durante vários dias como precaução.

Nos meses seguintes o George e eu tornámo-nos amigos do agente, e ele manteve-nos informados sobre o que estava a acontecer com o caso, um dos assassinatos mais publicitados na área tri-estatal. Apesar da grande quantidade de detalhes que a leitura do George tinha revelado, o seguimento foi frustrante. O George e o polícia até viajaram para fora do estado para dar a outro departamento de polícia uma descrição detalhada do estranho, da mulher e da visão. (O George trabalhou com a polícia noutras

ocasiões, mas apenas a pedido deles. Essas leituras são sempre gratuitas e mantidas em absoluto sigilo.) Embora o caso nunca tenha sido resolvido, as chamadas pararam, e o George nunca mais viu o estranho.

Num momento, o George estava a ser interrogado por um assistente do procurador da República cético. Não satisfeito apenas em dizer que não acreditava em comunicações desencarnadas, o ADA continuou a insultar o George. Quando o George sentiu que já tinha tido mais do que suficiente, disse, numa voz muito educada: «Sabes, a tua mãe está a dizer-me que a tua mulher ficaria muito infeliz se soubesse da Wendy.» O homem ficou como se tivesse visto um fantasma. Mais tarde soubemos de alguns colegas dele que ele estava envolvido num caso extraconjugal secreto com uma mulher chamada Wendy.

Como sempre, dávamos as boas-vindas a qualquer pessoa com algo a oferecer — pró ou contra — em relação ao George e à sua capacidade. Um dos nossos primeiros convidados especialistas foi Max Toth, o autor de Pyramid Power e Pyramid Prophecies, dois livros de grande sucesso, e conferencista, investigador, parapsicólogo, hipnotizador e autoridade em eletroencefalografia. Conhecemo-nos em meados dos anos setenta quando ele veio ao programa discutir Pyramid Power, um trabalho controverso sobre a energia inerente a objetos em forma de pirâmide. Anos antes, Toth tinha frequentado uma escola de mágicos, onde aprendera os verdadeiros truques do ofício, e aceitou entusiasticamente o meu convite para examinar o George em direto na rádio. Prometeu dizer-me — e à audiência — se detetasse qualquer sinal de fraude ou conluio.

Havia mais no George do que podíamos ver? Toth foi encorajado a não poupar esforços para revelar qualquer coisa sobre o George ou as suas leituras que pudesse ser duplicada por um mágico. Eu nem sabia nem me importava como ele iria testar o George; a minha única condição era que o teste fosse apropriado, que fosse desenhado para investigar apenas os fenómenos que o George experiencia.

Isto pareceria óbvio. No entanto, muitas vezes os investigadores concebem e administram testes que revelam algo sobre as capacidades psíquicas de uma pessoa sem qualquer consideração pelo que capacidade psíquica específica essa pessoa alega ter. Este erro vem da perceção pública generalizada de que tudo o que é misterioso, inexplicado, bizarro ou anormal cai sob a designação fenómenos psíquicos, e que todos são, de alguma forma, essencialmente o mesmo, quando na verdade estes temas

têm em comum apenas que dizem respeito a ocorrências ou fenómenos que se assume operarem fora das leis habituais da natureza tal como as conhecemos.

Surpreendentemente, até muitos investigadores "especialistas" falham em fazer estas distinções cruciais. Como um conhecido disse uma vez, esta abordagem é análoga a ver toda a ciência como uma única disciplina, embora saibamos que cada campo de estudo científico — da astrofísica à zoologia — contém muitas áreas de especialização adicional. Um médico disse que muitos dos testes a que pessoas como o George são submetidas eram "tão relevantes como examinar os olhos com um estetoscópio." Não só o George foi testado para capacidades psíquicas diferentes das que alega possuir, como o facto de ele "falhar" um teste de PES foi interpretado como significando que ele não tem capacidades psíquicas de todo.

Às vezes a validade de um teste era julgada não pela sua relevância ou qualidade, mas pelos seus resultados: Várias vezes durante 1981, o George fez leituras enquanto especialistas monitorizavam as suas respostas físicas com um eletrocardiograma para medir a frequência cardíaca e um eletroencefalograma para medir a atividade das ondas cerebrais. Um médico que participou nestes testes teorizou que se o George estivesse a trabalhar num estado de transe autoinduzido, onde os espíritos comunicam através de voz direta, a sua frequência cardíaca seria mais baixa do que o normal (ou seja, no estado não-transe, não-psíquico).

Os resultados de um eletroencefalograma indicaram que durante uma leitura a atividade das ondas cerebrais dele alternava entre o estado alfa (relaxamento profundo, "consciência passiva") e beta (alerta, fisicamente ativo). (Os outros dois tipos de atividade das ondas cerebrais que o eletroencefalograma mede são theta [tranquilidade profunda, por vezes inconsciente] e delta [sono profundo, total inconsciência].) Dada esta informação sobre a atividade das ondas cerebrais do George, o médico assumiu que a frequência cardíaca dele seria mais lenta também.

Isso pareceu lógico a todos nós, e esperávamos que os resultados concordassem. No entanto, quando o eletrocardiograma mostrou que a frequência cardíaca do George aumentava dos normais 70 batimentos por minuto para 113 ou 114 enquanto estava em estado de transe, o médico simplesmente recusou-se a aceitá-lo. Em vez de ver este resultado inesperado como um fenómeno digno de mais investigação, ficou furioso com o George, chegando ao ponto de o denunciar e insultar. Como sempre,

o George suportou educadamente o abuso; mais tarde, a pedido do casal, revelou tanto ao médico como à mulher um facto que cada um tinha mantido secreto do outro.

Max Toth compreendia o problema de estabelecer a credibilidade do George e concordava com a nossa premissa. Examinaria o George por qualquer meio que achasse apropriado, mas procuraria especificamente provas de mediunidade genuína e fraude psíquica. Na noite em que devia aparecer no programa, Max Toth chegou ao estúdio pouco antes do início. Com ele veio uma jovem a quem não fui apresentado e com quem não me foi permitido conversar.

Quando o George chegou, foi-lhe pedido que ficasse numa sala separada enquanto Toth, a mulher e eu nos sentávamos no estúdio de transmissão. Expliquei à nossa audiência o que ia acontecer e apresentei Toth e George um ao outro. A pedido do Toth, referi-me à jovem como Sr.ª X. Parecia ter cerca de trinta anos, pequena, com cabelo castanho claro curto, óculos, uma blusa de gola alta de mangas compridas e calças.

Toth reiterou o propósito da demonstração, fez ao George várias perguntas gerais e depois instruiu-o a começar a leitura da Sr.ª X. A caneta do George deslizou sobre as folhas de papel como habitual, mas ele parecia desconfortável. Sempre que olhava para ela, abanava a cabeça e depois piscava antes de olhar para as palavras na folha e de novo para a Sr.ª X. Era como se não conseguisse acreditar no que estava a receber.

Finalmente o George exclamou: «Meu Deus, há chamas por todo o lado à volta dela!»

«O quê?», perguntou Toth num tom plano e sem emoção.

«Ela está rodeada de chamas — sabes, fogo. Psiquicamente há chamas por todo o lado à volta dela.»

O George continuou a leitura durante vários minutos e depois repetiu a descrição da cena perturbadora que lhe surgia diante dos olhos. Disse que a Sr.ª X parecia estar num escritório ou noutro local de negócios, e que estava engolida pelas chamas. Até esse ponto, nem a mulher nem Toth tinham confirmado nem negado as afirmações do George. Toth pediu então que o George clarificasse ou elaborasse a sua visão.

Sem hesitação, o George repetiu: «Chamas rodeiam-na. Ela deve ter estado num fogo bastante mau pelo aspeto que tem.»

Perguntei ao George se o simbolismo psíquico ou a visão poderia significar que ela tinha sido apenas queimada por um fogo em vez de realmente estar num fogo, como ele descreveu.

«Diria que não. Daquelas chamas, estão a dizer-me que ela foi queimada como resultado. Foi um acidente, mas foi grave. Ela sofreu muito», respondeu George. Tanto George como eu fizemos uma careta com esta descrição, mas Toth e a mulher permaneceram inexpressivos.

«George», disse Toth, «disseste "estão a dizer-me". O que queres dizer com isso? Quem são exatamente "eles"?» George pareceu aliviado por mudar de assunto. «Sinto que está na vibração do pai. O teu pai já partiu, Menina X?» «Sim», respondeu ela. «Os "eles" a que me refiro são os espíritos. É o espírito do pai dela que me está a falar do fogo… do acidente.»

«Mais alguma coisa sobre o pai dela, George?», perguntou Toth. «Ele tinha algum problema no peito?» «Sim», respondeu a mulher. «Bem, não paro de escrever a palavra "pulmonar". Não sou médico, mas sei que é o peito. Estou a sentir algum tipo de problema no peito. É algo pulmonar. É o melhor que consigo decifrar do que o teu pai está a dizer. Ele limita-se a repetir "pulmonar".»

Depois de George transmitir várias mensagens mais, Toth terminou a demonstração. George olhou com simpatia para a jovem. Pedi a Toth que esclarecesse e avaliasse a leitura. Quão precisa tinha sido? George era ou não um médium genuíno?

Toth começou por apresentar a Menina X. «Esta é a minha noiva, Ellen.» «Ellen, podes dizer-nos quão preciso foi o George?», perguntei.

Ela explicou que, vários anos antes, trabalhara no escritório do segundo andar de uma empresa de aluguer de limusinas. Lá em baixo ficava a garagem, com veículos e bombas de gasolina. A casa de banho do segundo andar estava em obras e, como a eletricidade ainda não tinha sido instalada, a iluminação era feita com velas. Aparentemente, vapores de gasolina tinham subido da garagem e enchido a casa de banho, de modo que, quando Ellen acendeu o fósforo para acender uma vela, o compartimento explodiu em chamas. Ellen ficou envolvida nelas e sofreu queimaduras graves. Confirmou que a cena do acidente dela era exatamente como George a descrevera.

Toth contou-nos depois que Ellen se tinha vestido de forma a cobrir as cicatrizes no braço gravemente queimado. Explicou que era impossível

George detetar qualquer pista pela aparência física dela e que, mesmo que George tivesse visto as cicatrizes e soubesse que eram de queimaduras, poderia ter começado com uma pergunta mais geral como «Alguma vez sofreu uma queimadura?» para tentar pescar uma resposta. Mas sem qualquer reação da Menina X, George viu um momento específico do acidente dela.

Outro ponto era que George não se referiu inicialmente a queimaduras em geral. Descreveu psiquicamente ver o fogo envolvê-la e repetiu a visão com ênfase, apesar da falta de resposta de Toth ou Ellen.

Ellen explicou também que a descrição de George sobre a saúde do falecido pai dela era correta. Toth achou fascinante o facto de George ter rabiscado várias vezes a palavra "pulmonar", pois tinha um duplo significado. Quando jovem, o pai de Ellen sofrera de tuberculose e, anos mais tarde, morreu de paragem cardíaca após uma embolia pulmonar, um coágulo na artéria principal entre o coração e os pulmões. Era certamente uma "condição do peito", como George descrevera.

Para benefício do público que ouvia, Toth reiterou que Ellen era completamente desconhecida de George e de mim. A informação que George obtivera era conhecida apenas por Toth, Ellen e talvez alguns familiares e amigos próximos. Para Toth, a especificidade dos detalhes excluía qualquer conluio.

Para nos ajudar a compreender melhor o que Toth procurava, falou então de como observara cuidadosamente a linguagem corporal de George, comparando-a com a de um charlatão nestas circunstâncias. Antes de uma leitura a frio, em que o suposto médium encontra o sujeito pela primeira vez, o médium faz uma afirmação ao sujeito. Por exemplo, pode abrir a sessão com uma declaração geral e provocadora como «Há algum problema em casa» ou «Há um novo interesse amoroso na tua vida».

O médium falso observa então atentamente a reação do sujeito — a expressão facial e a linguagem corporal, bem como qualquer resposta verbal — à procura de pistas sobre os pensamentos ou estado de espírito geral do sujeito. Alguns supostos videntes fazem uma série dessas afirmações até uma delas provocar uma reação significativa. A partir daí, é basicamente uma questão de reduzir o leque de preocupações ou interesses do sujeito e depois fornecer "mensagens" que pareçam adequadas a essas preocupações.

Em contraste, declarou Toth, George não manteve qualquer conversa com Ellen antes da leitura; as suas primeiras palavras para ela foram «Há chamas». Além disso, George foi definitivo quanto à comunicação espiritual que recebeu, mesmo sem "pistas" e sem confirmações ou negações de Ellen ou Toth. «George acerta imediatamente», comentou Toth. «Não hesita. Mantém-se firme. Repete conversas exatas. Descreve situações e eventos na vida dos sujeitos — passados, presentes e futuros. Também fornece frequentemente os nomes dos vivos e dos falecidos na vida dos sujeitos. Isso é definitivamente raro e é sinal de um médium genuíno. Não há pistas, visuais ou verbais, com que ele possa trabalhar.»

Toth sugeriu que, quando George disse que recebia mensagens do espírito do pai de Ellen, George tinha "sintonizado uma ligação psíquica através da qual leu ou interpretou os pontos principais sobre ela".

Perguntei: «Porque só esses dois pontos: o fogo e a saúde do pai dela?» Toth respondeu que, na sua opinião, isso era causado ou pelo estado de espírito do sujeito ou pelo dos espíritos. Esses dois elementos-chave na vida dela poderiam estar na mente consciente ou subconsciente de Ellen.

Outra explicação possível era que o espírito do pai dela, talvez sabendo quão importantes eram esses dois eventos na vida de Ellen, quisesse transmiti-los para a confortar. Ao enviar essas duas mensagens específicas, provava também a ela que era a fonte da comunicação e que era genuína. Toth interessou-se também pelo facto de George "estar a receber a informação por muitos canais diferentes". Continuou: «George não tem um guia espiritual. Tem todos os espíritos. Outros têm um módico de capacidade psíquica, mas o teatro tomou conta de muitos deles. Precisam de truques.»

«O que achas do George?», perguntei. «Não vi nenhum truque. É um médium psíquico do caraças. Definitivamente tem capacidade mediúnica… A comunicação espiritual é uma explicação aceitável.

«George nem sempre diz às pessoas o que elas querem ou vêm ouvir», observou Toth. «E não recua de uma comunicação espiritual mesmo que o sujeito discorde ou não consiga reconhecer. Obviamente não se deixa perturbar por céticos ou por quem afirma ser negativo, até hostil ao assunto. Não tem medo de ser testado publicamente em condições controladas.

«E, claro, a precisão dele é impressionante. As probabilidades estatísticas de ele estar a adivinhar têm de ser excluídas. Em termos percentuais, George tem uma taxa de acerto muito elevada.»

«O George não é 100% preciso», comentei. «Claro, ninguém é. Mas, na tua opinião profissional, o que explica aqueles elementos nas leituras dele que estão errados, mesmo que sejam uma pequena percentagem?»
«Bem, como disse antes, um falso não entraria em detalhes específicos como o George faz e certamente não forneceria nomes, com exatidão, dos falecidos ou vivos na vida do sujeito. O George sabe quando está certo. Quando está errado?», perguntou Toth retoricamente. «Diria que 90% das suas supostas imprecisões se devem à incapacidade dos sujeitos reconhecerem, associarem ou lembrarem corretamente o que George está a relatar tal como o ouve dos espíritos. É um problema muito humano.»

«Perguntei-me», disse eu, «se algumas pessoas ficam tão chocadas ao ouvir um nome ou incidente de que tinham a certeza que ninguém mais poderia saber que não conseguem imediatamente reconhecer ou aceitar o facto. Sei que foi o meu caso quando conheci o George pela primeira vez. Claro, por vezes há confusão ou mal-entendido sobre o que George está a tentar interpretar dos símbolos muitas vezes crípticos que recebe psiquicamente. Além disso, as pessoas não admitem algumas coisas em voz alta. E há vezes em que as comunicações de George dos espíritos são para eventos que se aplicam ao futuro. Obviamente esses não podem ser confirmados no momento em que são dados, pois ainda não aconteceram.»

Após mais alguns minutos de discussão, o programa terminou. Ficámos todos impressionados com a leitura de George. Mas o próprio George pareceu absolutamente espantado quando, ao encerrarmos o programa, Toth o chamou "o psíquico dos psíquicos". Ninguém poderia pedir mais do que isso.

SEIS NO OUTONO de 1981, a Viacom, um dos maiores sistemas de televisão por cabo de Long Island, ofereceu a George e a mim o nosso próprio programa semanal. Além das aparições regulares de George no The Joel Martin Show na rádio, passámos agora a apresentar juntos o Psychic Channels, um programa semanal de conversa com uma vasta gama de convidados — médicos, clérigos, cientistas, psicólogos, autores e outros especialistas — a discutir vários aspetos dos fenómenos psíquicos e do inexplicável.

Embora a direção e a equipa técnica do estúdio fossem amigáveis e cooperantes, alguns funcionários eram céticos. Até alguns que tinham ouvido George na rádio duvidavam que ele conseguisse demonstrar com sucesso o seu dom na televisão. Era uma preocupação válida. As nossas emissões de rádio eram feitas num ambiente muito calmo e tranquilo, com poucas distrações. O programa ia para o ar à meia-noite, por isso raramente havia alguém no edifício além de George e eu, por vezes acompanhados por convidados, e a produtora/engenheira do programa, a minha mulher Chris, e o assistente dela na sala de controlo adjacente. Ninguém nos via, por isso vestíamo-nos confortavelmente e tínhamos apenas microfones, auscultadores e um painel telefónico no estúdio.

Obviamente, um estúdio de televisão é um ambiente muito mais complexo e agitado, com muito equipamento e geralmente até uma dúzia de pessoas a operar as câmaras e a tratar das várias tarefas técnicas. No plateau tínhamos de nos vestir adequadamente e usar maquilhagem. Perguntei-me como George reagiria a tudo isso.

Nos doze meses anteriores, ele ganhara tanta autoconfiança que quase estava ansioso por fazer o programa de televisão — uma grande mudança em relação a apenas um ano antes. Claro que isso não quer dizer que George não estivesse um pouco nervoso com a sua estreia na televisão. Mas isso era normal. Para aliviar os medos de George e ajudá-lo a adaptar-se ao estúdio de televisão, decidimos que o nosso primeiro programa seria uma conversa sobre a capacidade dele, algo parecido com a nossa entrevista introdutória na rádio.

A gravação correu bem e, quando vi o programa mais tarde, reparei que George tinha uma presença muito boa. Fez uma excelente figura, respondeu às perguntas com clareza e não pareceu minimamente inquieto, apesar das suas frequentes queixas em off-camera de que estava. O realizador, a equipa e eu ficámos todos satisfeitos com a estreia de George, mas a verdadeira questão permanecia: George conseguiria realmente fazer leituras na televisão? Só havia uma maneira de descobrir.

«George», disse eu um dia, «adivinha o que vamos tentar na TV na próxima semana?» A expressão no rosto de George disse-me que ele sabia o que aí vinha.

Esperávamos que George conseguisse eventualmente ler pessoas que ligassem em direto. Entretanto, porém, o nosso primeiro sujeito apareceria connosco no estúdio. Elise era uma ouvinte de vinte anos que eu conhecera

vários meses antes. Uma jovem muito bonita, parecia a imagem da saúde, mas à medida que nos tornámos amigos, ela contou-me que sofria de lúpus eritematoso sistémico, uma doença hereditária crónica que afeta o sistema autoimune do corpo. Nas pessoas que têm a doença, uma célula branca do sangue de forma única, a célula LE, faz com que o sistema imunitário, que normalmente protege contra organismos invasores, se volte contra si próprio, deixando as vítimas enfraquecidas. O lúpus afeta principalmente mulheres jovens e pode atingir praticamente todos os órgãos do corpo, bem como as articulações. Por estas razões, no passado era frequentemente diagnosticado inicialmente, por engano, como artrite ou doenças semelhantes. Não há cura conhecida para o lúpus e a eficácia dos tratamentos, principalmente esteroides, é limitada.

Apesar de o caso de Elise estar avançado, a sua aparência não dava qualquer pista da doença: não tinha a erupção característica em forma de borboleta nas bochechas e na ponte do nariz.

Ela ouvira George na rádio, mas nunca o tinha conhecido. Perguntei se poderia abusar da boa vontade dela para ser o sujeito da primeira leitura televisiva de George e, após alguma relutância, ela aceitou. Certificámo-nos de que George e Elise não se encontrassem nem sequer se vissem antes da gravação. Só quando o realizador do programa nos chamou para os nossos lugares no plateau é que ela se juntou a nós. Sentou-se entre George e mim.

«Boa noite, bem-vindos ao Psychic Channels. Eu sou Joel Martin, este é o Médium Psíquico George e esta noite vamos experimentar no mundo dos fenómenos inexplicáveis enquanto George tenta receber comunicações de espíritos do outro lado do véu. O nosso sujeito é uma jovem que George está a conhecer neste exato momento pela primeira vez. O nome dela é Elise.»

Virando-me para a direita, disse: «Olá, Elise. O que eu disse está correto? Alguma vez conheceste ou falaste com o George antes?» «Não», respondeu ela. «Nunca falei com ele.»

George, já absorvido na sua escrita automática, não olhava para nenhum de nós. Havia uma câmara posicionada atrás e ao lado de George para que o público pudesse vê-lo a rabiscar de folha em folha. Do sítio onde eu estava sentado, era impossível decifrar exatamente o que George escrevera.

«Vejo sangue à tua volta», começou George. «Tens algum problema de saúde que envolva o sangue?» «Sim», respondeu Elise. «Afeta as articulações e os ossos? Tipo artrite?» «Sim.»

George desenhou um esboço simples mostrando dois ossos e, onde se encontravam, fez várias linhas verticais curtas para indicar o tecido conjuntivo. Ergueu o desenho para a câmara e Elise confirmou que o esboço representava com exatidão o que ele descrevera como "parecido com artrite".

«Há alguma coisa errada com uma certa célula no sangue? Algo como leucemia, mas não é leucemia.» «Sim.»

George desenhou um segundo desenho do que estava a ver psiquicamente. O desenho mostrava um vaso sanguíneo com células sanguíneas a passar por ele. Desenhou as células sanguíneas como pequenos ovais, mas entre os ovais havia uma célula muito maior, de forma peculiar. Ergueu este desenho para a câmara para outro plano aproximado.

«Estão a dizer-me que a doença é rara», comentou George, «mas não consigo perceber o nome. Seja o que for que me estão a dizer do outro lado, não consigo descortinar. Acho que não é uma condição de que já tenha ouvido falar.» «Sim, é rara», respondeu Elise.

«Vejo deficiência de ferro.» «Provavelmente é verdade. Não tenho comido muito nas últimas duas semanas. Estive doente.»

«Aceitas o nome Lydia?» «Sim.» «Vibração de mãe. Avó?» «A minha bisavó», corrigiu Elise. «Ela está a dizer que tinha a mesma doença que tu tens.» «Eu sei», disse ela, «a minha avó acabou de me contar isso há uns meses. Mais ninguém sabia. Ela sentia-se culpada por isso e contou só a mim. Posso ter herdado a doença da minha bisavó. A minha avó fez-me jurar que nunca contaria a mais ninguém.»

«A tua bisavó morreu jovem desta doença?» «Sim, por volta dos trinta e poucos anos, de ataque cardíaco provocado pela doença.»

«Ela está a guiar-te e diz para continuares a lidar com a tua doença como estás a fazer. Não deixes que os médicos te tratem sem boa razão. Tem muito cuidado com o que eles dizem», disse George, transmitindo o conselho da bisavó de Elise.

«Vou ter.»

«Aceitas o nome Helen? Acho que ouço a Helen a falar noutra língua, por isso é difícil percebê-la.» «Sim.» «Vibração de mãe.» «Avó.» «Parece que está a falar francês», comentou George. «Sim.»

«Tens dores intensas?» «Sim.»

«Vejo uma célula específica no teu sangue a fazer algo que não devia fazer. Não é um coágulo. E está a fazer o oposto do que devia fazer.» «Sim, é uma célula branca do sangue, uma espécie de leucócito que destrói os da sua própria espécie. O corpo destrói-se a si mesmo. As células provocam a autodestruição do corpo.»

Seguiram-se várias outras comunicações pessoais para Elise, não relacionadas com a saúde dela. Todas foram precisas. Iam para familiares e incluíam uma mensagem complexa e correta da falecida avó de Elise sobre uma herança familiar. Depois George concluiu a leitura, dizendo: «É tudo. A energia está a esvanecer-se agora.»

Após a gravação, vários membros da equipa do programa aproximaram-se cautelosamente de Elise para lhe perguntar se o que acabavam de testemunhar era real. Vários estavam visivelmente tocados pela leitura de George. Elise garantiu-lhes que a demonstração era genuína, que este era o seu primeiro contacto pessoal com qualquer psíquico ou médium, e certamente com George. Admitiu também estar tão espantada com a precisão dele como eles estavam.

Como de costume, George pareceu pouco impressionado com a sua exibição e mais tarde disse-me que achava que poderia ter feito melhor. Na verdade, porém, foi uma leitura notável, até para ele. Agora que estava claro que as capacidades de George não eram comprometidas pelo ambiente agitado do estúdio de televisão, podíamos prosseguir.

A leitura que George fez de Elise foi bastante típica do tipo de comunicações que ele recebe.

As comunicações espirituais chegam a George através de clariaudiência, clarividência (de símbolos psíquicos ou projeções), dor simpática e clari-senciência. Ele pode receber a mensagem por um único método ou por uma combinação de vários ou, como no caso de Elise, por alguns ou todos eles. George depois "regista" as suas várias impressões através de escrita automática. Embora em alguns casos receba um símbolo importante — como a Estrela de David na minha primeira leitura —, noutros usa a escrita para tomar notas sobre o que está a ver, a ouvir e a sentir.

Não há "regras" (pelo menos nenhuma que conheçamos) quanto a quais espíritos comunicam, quando, porquê, como ou sobre o que são as suas mensagens. Ao descrever as leituras de George, recorremos a palavras

como “geralmente” e “habitualmente”, porque, embora no seu conjunto as leituras sigam certos padrões, os espíritos são indivíduos e há sempre exceções. A maioria das leituras envolve vários espíritos. Um espírito pode querer transmitir saudações, dar conselhos ao sujeito ou pedir desculpa por algo que fez em vida, enquanto outro pode querer apenas um olá descontraído ou felicitações por um evento tão mundano como a compra de uma casa nova.

Compreensivelmente, a peça de informação mais valorizada em qualquer mensagem é o nome do espírito. Para muitos, esse é a prova final e definitiva da autenticidade de George. Muitas vezes o espírito “fala” o seu nome, que George recebe por clariaudiência. Mas os espíritos nem sempre dão informações tão simples de forma tão fácil. Durante uma leitura pública numa escola local, George chamou uma mulher que estava no fundo da sala: «Uma jovem próxima de si partiu?»

«Sim», respondeu a mulher.

«De forma trágica. Envolvendo um veículo.»

«Sim.»

«É uma filha para si?»

«Sim.»

«Por volta dos vinte, ou início dos vinte e poucos.»

«Sim.»

«Minha senhora», começou George, «sem desrespeito. Sei que isto soa estranho e não quero que pareça cómico, mas vejo a personagem de banda desenhada Wendy the Witch a voar em círculos à volta da sua cabeça.» «Sim, George, eu percebo», respondeu a mulher.

«O nome da minha filha era Wendy. Tinha vinte e dois anos quando foi morta num acidente de automóvel.»

Noutra ocasião, George disse:

«Mulher próxima de si partiu.»

«Sim.»

«Irmã, é o que estou a ouvir.»

«Sim.»

«Vejo um suporte de especiarias.»

«Não percebo», respondeu o sujeito.

«O espírito está a dizer-me», explicou George, «que o suporte de especiarias é um símbolo do nome dela.»

«Ah, agora percebo», respondeu o sujeito.

«Chamavam-lhe Ginger.»

Por vezes parece que os espíritos "entram" na mente de George e evocam uma imagem cujo significado ele compreenderia.

«A tua mãe partiu?», perguntou George a um jovem numa leitura.

«Sim», respondeu ele. De repente, George viu uma cena de uma das suas óperas favoritas, *La Traviata* de Verdi. Era o primeiro ato, em que a personagem Violetta canta a sua grande ária. Supondo que o espírito estava a indicar que era de origem italiana ou que talvez tivesse gostado da ópera em vida, George não se deu ao trabalho de mencionar essa informação em voz alta. Após a leitura, porém, perguntou ao sujeito o nome da mãe. O sujeito respondeu:

«O nome da minha mãe era Violet. Em italiano, é Violetta.» Portanto, o espírito estava lá e a mensagem era correta. O problema estava no recetor, George.

Tendo em conta quão facilmente George se pode confundir com a maneira indireta como alguns espíritos comunicam mensagens simples, é espantoso quão frequentemente ele acerta. Um dia, George não fazia ideia de como interpretar uma visão da Disney World. Sabia que se aplicava ao espírito de um homem que tentava dar-lhe uma pista sobre o seu nome, mas onde entrava a Disney World? Seguindo a sua lógica, George tentou pensar em quem — ou o quê — associado ao parque de diversões teria um nome masculino.

«O nome dele era Donald?»

«Não.»

«Era Mickey?»

«Não.»

«Era Walt?»

«Não.»

George ficou bloqueado; tudo o resto que tinha dito fora reconhecido como correto e ele esgotara todas as possibilidades óbvias. «Ok», disse George frustrado. «Desisto. Qual era o nome dele?» «Orlando.» Só então George fez a ligação: a Disney World fica em Orlando, Florida.

Quando George viu índios americanos a dançar à volta da cabeça de um sujeito masculino, perguntou:

«Há alguma razão para eu ver índios americanos a dar voltas à tua volta?»

«Que eu saiba não», respondeu o sujeito.

«Não és índio americano?»

«Não.»

«Porque vejo índios americanos a dar voltas à tua volta numa dança de guerra?»

«O meu apelido é Geronimo», ofereceu o sujeito, «como o chefe índio americano.»

George por vezes capta nomes através de uma visão de uma pessoa famosa que tinha esse nome. Por exemplo, uma visão de Theodore Roosevelt geralmente significa que o nome do espírito era Ted ou Teddy. Mas nem sempre é tão simples. George pode ser-lhe mostrado Franklin Delano Roosevelt quando um espírito quer comunicar ao sujeito que «não há nada a temer senão o próprio medo», uma das citações mais famosas de Roosevelt.

George viu Roy Rogers para um espírito chamado Roy, uma cena do filme *Gigi* para um espírito chamado Maurice (Chevalier), Rudolph the Red-Nosed Reindeer para um espírito chamado Rudolph, uma barra de chocolate Peter Paul Mounds para um espírito chamado Peter ou Paul, ou o nome do espírito escrito em letras que pareciam flutuar diante de George «como escrita no céu». Mais uma vez, o contexto é tudo.

Podemos assumir que os espíritos mantêm algum sentido de humor. George uma vez captou o nome de um espírito quando este lhe mostrou um cachorro-quente que ele reconheceu como sendo do Nathan's, uma famosa cadeia de fast-food da costa leste, por cima da cabeça do sobrinho dele, o sujeito. O espírito era o Tio Nathan.

Uma vez, o espírito do marido de uma viúva não parava de cantar: «Every little breeze seems to whisper Louise.» Não fazia sentido para George, mas quando ele contou à mulher o que ouvia, ela riu-se e disse que o cão de estimação do marido se chamava Louise.

«Às vezes», diz George filosoficamente, «não conseguimos ver a floresta por causa das árvores. A minha mente pode rejeitar a interpretação mais lógica e ir para algo muito mais complexo. Não sei porquê. Acho que é simplesmente a natureza humana ou a minha incapacidade de acreditar por vezes que as coisas podem ser apresentadas de forma tão fácil. Mais do que uma vez rejeitei ou ignorei um espírito que dizia ter um nome muito comum, como John ou Mary. Dizia ao espírito: "Vamos lá, toda a gente tem uma tia Mary falecida. Não é preciso ser médium para saber isso." Mas

todas as vezes que fiz isso, era mesmo esse o nome do espírito. Até hoje, ninguém é tão cético quanto a isso como eu.»

Isto levanta a questão de como a qualidade das mensagens de George poderia mudar se, por exemplo, ele não fosse culto e excecionalmente inteligente desde o início. As suas leituras médicas seriam mais específicas se o seu conhecimento de medicina fosse mais vasto? Conseguiria ele transmitir informação adicional se compreendesse todas as línguas estrangeiras que por vezes ouve os espíritos falar? O seu repertório de símbolos e referências seria diferente se tivesse sido criado noutra parte dos Estados Unidos, com outra religião ou noutro país completamente diferente?

Como e porquê algumas entidades transmitem as suas mensagens por clariaudiência em vez de projeção ou formas visuais de espírito ou símbolos? Essa é uma questão tão misteriosa e importante como qualquer outra que se possa levantar sobre o processo mediúnico. Os símbolos representam um problema especialmente fascinante, complexo e enigmático que exige mais estudo e uma investigação científica cuidadosa se o processo quiser ser melhor compreendido.

Porque transmitem os espíritos mensagens através de algumas das representações mais crípticas imagináveis, que depois requerem uma interpretação cuidadosa? Escolhem eles os métodos a usar? Têm algum controlo? Os símbolos fazem parte de uma linguagem universal? A repetição destes símbolos por parte daqueles que falavam línguas estrangeiras em vida aponta para um conjunto de símbolos universais ou para uma forma de telepatia interdimensional que transcende toda a linguagem falada?

Se os símbolos são comunicados do outro lado para o subconsciente de George e depois interpretados pela sua mente consciente e racional, o processo é semelhante à interpretação de símbolos oníricos? Ou, como sugeriu um psicólogo, mais parecido com a interpretação que um psicoterapeuta faz da linguagem, sonhos, etc., de um paciente? Porque comunicam os espíritos por vezes as suas mensagens diretamente e noutras usam símbolos?

Sabemos que os espíritos transmitem frequentemente as suas mensagens por clariaudiência, bem como em forma visível, mas na maioria das vezes é uma combinação das duas, juntamente com alguma clari-

senciência e dor simpática. Quando a transmissão é clariaudiente, George escuta pacientemente e escreve o que ouve psiquicamente.

«As vozes geralmente soam longe, como se viessem do lado oposto de um túnel, e no entanto os dois mundos correm paralelos», explica George. «Por vezes conseguimos ouvir o tagarelar de cinco entidades desencarnadas ao mesmo tempo. É como várias pessoas numa sala a falar todas ao mesmo tempo, ou numa linha partilhada. Geralmente esperam pela sua vez, ou eu separo-os. Por vezes a entidade com a personalidade mais forte domina. Mas habitualmente cada um fala durante alguns minutos e depois deixa os outros terem a sua vez de comunicar do outro lado, para os entes queridos aqui.»

Espíritos que desejam dar informação sobre a causa da sua morte física podem fazê-lo por clariaudiência. George ouvirá tiros ou os sons de um acidente de automóvel, uma explosão ou uma árvore a cair se esses sons estiveram relacionados ou foram ouvidos no momento da morte física do espírito. Pode ouvir sons mais agradáveis, como sinos de casamento tocados por um espírito a falar de uma celebração ou a oferecer felicitações. Pode também ouvir música, o que pode indicar que o espírito ou o sujeito está envolvido com música; ou pode ter significado simbólico — por exemplo, que há necessidade de harmonia na vida de alguém.

Através de palavras faladas, George obtém pistas sobre o estado de espírito do espírito e muitas vezes capta idiossincrasias como o tom de voz ou expressões particulares. Não é raro um sujeito dizer de um espírito que comunicou por clariaudiência: «Era exatamente assim que ele diria» ou «Essa era uma das expressões favoritas dela.»

Embora ainda não tenhamos descoberto como estes processos ocorrem, George e outros teorizaram que, seja como for e onde for que a mensagem é recebida no cérebro, os canais auditivos “normais” e o processo de audição são irrelevantes. Quando a audição de George ficou comprometida por uma grave infeção no ouvido, a clareza e o volume das comunicações intensificaram-se.

As transmissões nem sempre são claras e por vezes são dificultadas pelo que George chama “interferência”.

«Pode ser comparado à interferência que por vezes sentimos quando ouvimos uma estação de rádio distante», explica ele.

«Numa leitura lembro-me de ouvir do outro lado um espírito a chamar o que pensei ser o nome Bessy. Então repeti-o ao sujeito. Afinal o nome era Becky.»

Numa noite de verão, George estava a meio de uma leitura quando um raio caiu do céu durante uma tempestade elétrica e cortou a sua receção clariaudiente.

«As comunicações do outro lado pararam durante vários minutos. Foi como se a capacidade fosse cortada. Não conseguia ouvir nem receber nada. Depois, pouco tempo depois, a capacidade voltou e as comunicações funcionavam bem outra vez.»

O incidente abre muitas questões sobre a natureza da energia pela qual viajam as comunicações. O que é? É elétrica ou eletromagnética? O conhecimento e a tecnologia atuais ainda não conseguiram resolver estes enigmas, mas testes realizados mais tarde sugeriram caminhos interessantes para investigação futura.

Geralmente, os espíritos parecem mais preocupados em fazer-se reconhecer pelos sujeitos e usam métodos muito notáveis para transmitir a sua informação. Durante uma leitura no programa de televisão, George identificou o espírito de um jovem cuja mensagem ia para uma mulher na plateia do estúdio. Identificou corretamente o espírito como o falecido irmão da mulher, mas ficou confuso porque toda a informação chegava exclusivamente em símbolos visuais.

«Pergunto-me porque é que ele não me está a falar», disse George. «Não sei porque não estou a ouvir nada do teu irmão.» Apesar disso, a leitura continuou, com George a receber tudo através de símbolos visuais, incluindo o que parecia ser linguagem gestual.

No final da leitura, a mulher disse a George que o irmão tinha sido mudo. Poderia ele ter tido a capacidade de comunicar com George por clariaudiência após a morte? Ou estava intencionalmente a não "falar" para que a irmã soubesse que era o irmão dela, presumivelmente o único espírito que apareceria mudo? Não sabemos.

Para esta e perguntas semelhantes, os espíritos ou não podem ou não querem revelar os seus segredos a George.

O componente visual das mensagens de George são projeções psíquicas. Estas dividem-se em duas categorias: espíritos e símbolos. Como sabe George quais projeções são espíritos e não símbolos? Os espíritos mostram-se a ele como manifestações reais, que ele literalmente vê à

medida que aparecem diante dele. Por vezes aparecem como seres etéreos ou ocasionalmente — talvez por energia suficiente, supomos — como formas mais sólidas. Isto pode acontecer quando a descrição física específica que George faz da forma ajuda o sujeito a identificar o espírito. As entidades manifestam-se de alguns segundos até vários minutos.

Durante uma demonstração de grupo numa escola secundária local, George viu um homem para quem recentemente tinha feito uma leitura privada. A filha de nove anos do homem tinha sido brutalmente violada e assassinada e, embora quase todos os que têm uma leitura com George fiquem reconfortados, a amargura compreensível deste homem em relação à filha tornara-se clara numa atitude cínica e desafiadora. Diante de todo o grupo, o homem disse a George:

«Se é realmente o espírito da minha filha, com o que foi enterrada?» «Um ursinho de peluche», respondeu George sem hesitar.

«Sim? E o que tinha ao pescoço?»

«Uma fita.» «E de que cor era a fita?» George fechou os olhos durante alguns segundos e depois respondeu:

«Vermelha.» O homem deixou-se cair na cadeira e disse baixinho: «Obrigado, George.»

Mais tarde contou-me que George estava correto e que não havia outra maneira de ele saber esses pormenores.

O que os espíritos pretendem comunicar ao materializarem-se nem sempre é claro para George ou para o sujeito. Numa das nossas leituras iniciais, George descreveu com tanto pormenor a minha falecida avó que nem eu consegui confirmar tudo até mais tarde, quando falei com a minha mãe. Num momento, George disse que via a minha avó como uma mulher idosa sentada numa cadeira.

Comentou que parecia ter apenas uma perna e supôs que devia ter sofrido uma amputação. Isso não fazia sentido para mim, pois eu sabia que não tinha sido assim. A minha mãe, porém, sabia que aquilo a que George se referia era o hábito vitalício da minha avó de se sentar com um pé escondido debaixo das suas saias compridas e apenas uma perna à vista.

Os símbolos, por outro lado, são exatamente isso. Transmitidos do outro lado, o seu objetivo é fornecer pistas sobre a mensagem ou identidade do espírito. Tal como símbolos num sonho ou um código secreto, os símbolos espirituais requerem muitas vezes uma "tradução" pela mente lógica e racional de George. Alguns dos símbolos comuns são usados

repetidamente e geralmente têm apenas um ou dois significados possíveis — o laço branco de celebração que muitas vezes indica um casamento ou nascimento, a oferecimento de rosas como pedido de desculpas ou felicitações —, enquanto outros são únicos e pessoais, relevantes e compreendidos apenas pelo sujeito e pelo espírito.

A "linguagem" dos símbolos é semelhante a uma linguagem verbal no sentido em que qualquer palavra, ou símbolo, pode ter vários significados, dependendo do contexto. A informação que recolhemos até agora sobre símbolos psíquicos forma uma espécie de glossário primitivo que está constantemente a crescer.

Um exemplo de uma mensagem pessoal com duplos significados que apenas o sujeito conheceria ou compreenderia ocorreu em 1982. Tinha acabado de gravar uma entrevista com um inglês de meia-idade. Era muito distinto na aparência e quem o encontrasse pela primeira vez provavelmente presumiria que era um homem de negócios londrino de classe alta. Nada na sua maneira de vestir ou falar traía as suas verdadeiras raízes — a classe trabalhadora de Liverpool dos anos quarenta e cinquenta.

Perguntei ao homem, a quem chamaremos Justin, se gostaria de conhecer o George. Justin interessava-se em geral pela mediunidade, embora não fosse isso que tínhamos discutido na nossa entrevista. Ele aceitou falar com George nessa noite. Quando George chegou, limitei-me a dizer: «Gostava que conhecesses um amigo nosso de Londres.»

Mal tinham trocado cumprimentos, George já olhava para o homem com uma expressão de perplexidade.

«Como o meu amigo regressa à Europa amanhã de manhã, há alguma coisa que possas dizer-lhe sobre ele agora?», perguntei.

George começou imediatamente a escrita automática, mas quando olhou para Justin, os olhos arregalaram-se-lhe. «Há um espírito de um homem atrás de ti. Está de óculos de armação metálica e segura uma guitarra…» George parou, como se não acreditasse nos próprios olhos. «Espera aí… parece… não, não pode ser.» Parou outra vez.

«O que foi, George?», perguntei.

«Parece o John Lennon», respondeu George, atónito.

«Parece?», perguntei.

«Senhor, há alguma razão para eu ver o espírito de John Lennon atrás de si? Ele está a dizer: "Eu conheço-o."»

«Sim», respondeu Justin.

«Conheceu pessoalmente o John Lennon?», perguntou George.

«Sim, conheci.»

Justin pediu então se podia falar com George em privado. Foram para uma sala vazia e, quando Justin saiu cerca de meia hora depois, disse que George tinha sido muito preciso. Depois acrescentou: «O George disse que o espírito do John me estava a dizer: "Lembra-te do gelo, lembra-te do gelo." A princípio ele hesitou em transmitir-me isso. Disse que ouvia o espírito do John a dizer algo que o George achava que não fazia sentido. Parecia que o George estava a falar com a entidade, que para mim era invisível, claro: "O quê? Isso não digo eu. Parece parvo." Depois disse que o espírito do John insistiu. Então o George acabou por me dizer: "Lembra-te do gelo."»

«Teve algum significado especial?», perguntei.

«Sim», respondeu Justin. «A primeira vez que o John Lennon e eu nos conhecemos, há muito tempo, foi numa festa. Quando cheguei, ele e os outros convidados estavam a divertir-se a atirar cubos de gelo pelas costas uns dos outros. É a primeira coisa de que me lembro do John, mesmo antes de sermos formalmente apresentados.

A última vez que tive notícias do John foi quando ele me ligou de Nova Iorque para Inglaterra, da casa dele. O John estava muito entusiasmado por me tocar ao telefone uma música nova chamada "Walking on Thin Ice". Tinha um orgulho especial no trabalho da Yoko Ono com ele. "Walking on Thin Ice"… foi a última que fizeram juntos.» A voz de Justin esmoreceu num silêncio triste.

Em geral, os símbolos desempenham um papel muito importante nas mensagens que George recebe. Alguns especialistas que observaram George acreditam que os símbolos são de alguma forma projetados no subconsciente dele e depois processados na mente consciente, tal como os sonhos. Não é raro um espírito oferecer um símbolo que George analisa em excesso ou interpreta de acordo com o significado que teve em leituras anteriores ou o significado pessoal para ele, e ser repreendido, por vezes de forma bastante seca, pelo espírito para basicamente tratar da sua vida e limitar-se a transmitir a mensagem.

Na verdade, um dos problemas mais comuns que George tem nas interpretações é assumir muitas vezes que o significado de um símbolo é consistente de uma leitura para outra. As rosas, por exemplo, são símbolos de pedido de desculpas, agradecimento ou felicitações na maioria das

leituras. Isso, porém, não impede que sejam usadas para transmitir um significado mais pessoal. Para uma senhora idosa, faziam parte da mensagem do falecido marido sobre uma roseira que ele lhe plantara; para um jovem, previram o pedido de desculpas da namorada (que ele recebeu três dias depois, escrito num cartão com a imagem de rosas); noutra leitura simbolizaram o nome do espírito, Rose.

Receber mensagens através de símbolos é muitas vezes uma tarefa demorada e frustrante. George já exprimiu o receio de que as pessoas pensem que ele está a "pescar", a "adivinhar" ou a "jogar às vinte perguntas" quando transmite um símbolo desconhecido ou uma mensagem que simplesmente não lhe faz sentido. Normalmente, porém, assim que o significado do primeiro símbolo é confirmado, estabelece um contexto para a leitura — ou pelo menos para a mensagem de um espírito — e tudo o resto geralmente encaixa.

Como os espíritos parecem apresentar a George símbolos que sabem que ele compreenderá (por exemplo, a cena de *La Traviata*), e como George muitas vezes tem de interpretar por si próprio, o que acontece quando um espírito comunica uma mensagem que é pessoalmente repugnante para George? As suas crenças religiosas pessoais influenciam de alguma forma as interpretações das mensagens que recebe? Embora George seja profundamente religioso, não faz proselitismo.

No entanto, há tanto espíritos como símbolos claramente religiosos que lhe fornecem comunicações para os sujeitos das leituras. Muitas vezes manifestam-se-lhe como espíritos de santos. Mas são puramente para a sua interpretação pessoal, e o sujeito não precisa de ser católico romano, nem sequer cristão, para que estas projeções se manifestem. George descreve os santos que lhe aparecem em forma espiritual como "o verdadeiro artigo. É realmente um espetáculo. Os santos aparecem rodeados por uma luz branca ardente e transparente. É como se eu estivesse a olhar para neve que não derrete em chamas."

Por exemplo, o espírito de São Francisco de Assis, que dedicou a vida ao cuidado dos animais, indica a George que o sujeito é cruel com animais ou um caçador pouco desportivo. Embora George deteste a caça e adore animais, não permite que a sua reação pessoal ao conteúdo de uma mensagem ou ao que ela revela sobre o sujeito ou o espírito o influencie. George já foi advertido mais do que uma vez do outro lado para se manter fora das leituras, para não se envolver emocionalmente.

Uma vez George viu o espírito de São Floriano prender psiquicamente uma medalha num homem que estava a ler. Para o indivíduo, claro, o gesto era invisível, mas o significado depressa se tornou claro para George. «Vejo São Floriano por perto. És bombeiro?», perguntou George.

«Sim.»

«Fizeste recentemente um ato específico de bravura ou heroísmo?»

«Sim.»

«Envolveu o resgate de alguém de um incêndio, estão a dizer-me.» «Sim.»

Quando George fez uma leitura para um antigo irmão franciscano, viu um espírito que reconheceu como São Pascál Baylon, um espanhol do século XVI cujo corpo físico nunca se decompôs (um exemplo do fenómeno inexplicado conhecido como incorruptibilidade). George ouvia clariaudientemente o santo dizer:

«Sou o santo anjo da guarda deste homem.» George disse ao homem que o santo também estava a dizer:

«Escolheste o meu nome na tua vida religiosa como irmão.»

«Sim», confirmou o homem. «O meu nome era Irmão Baylon quando estava na ordem religiosa.»

Quando aparece um santo, o espírito pode estar a dizer-nos que a associação ou significado do santo se aplica a ele, ao sujeito ou a alguém próximo do sujeito. Por exemplo, a aparição de São Peregrino sugeriria que alguém — o espírito, o sujeito, alguém próximo do sujeito — teve ou terá cancro. Se George vê o espírito de Santa Lúcia, padroeira dos cegos, ou de Santa Clara, padroeira contra dores nos olhos, e recebe uma mensagem sobre a saúde do sujeito, indica preocupação com uma condição ocular. Ver São José, padroeiro da boa morte, dirá ao sujeito que o espírito partiu pacificamente para o outro lado.

A aparição de São Patrício geralmente indica que alguém envolvido é de ascendência irlandesa, embora uma vez se tenha referido ao pai do sujeito (que pode não ter sido irlandês), que morrera quarenta e dois anos antes e se chamava Patrick. Quando George vê o espírito de Santo António vestido de cinzento, indica má saúde no presente ou no futuro. Quando Santo António aparece de preto, é sinal de morte física à volta do sujeito — a morte de um ente querido na Terra ou do próprio sujeito. Se o aviso prévio da partida se destina ao indivíduo, George não o transmite, a menos que o outro lado lhe diga que o sujeito pode evitar esse destino através das

suas próprias ações. No geral, porém, é muito raro George receber qualquer mensagem relativa à morte de um indivíduo. Ele acredita que, nessas circunstâncias, não lhe é permitido saber.

Um santo cuja aparição é geralmente bem-vinda é São Geraldo, o padroeiro das grávidas. Mas a mensagem do santo nem sempre pode ser facilmente reconhecida. Durante a leitura de uma jovem no programa de rádio, George perguntou-lhe se estava grávida ou tinha filhos. Ela negou veementemente ambos, dizendo que a parentalidade era a última coisa em que ela e o marido pensavam. George explicou-nos que via São Geraldo e o que acreditava que significava, mas perante as negações da ouvinte teve de deixar passar. Dois meses depois, a mulher ligou-nos para a estação com a notícia de que acabava de descobrir que estava grávida e que estava na altura da leitura.

Os símbolos aparecem diante de George da mesma forma que as imagens nos aparecem num ecrã de televisão ou como visões na sua mente. Por vezes vê um único objeto ou símbolo, enquanto noutras ocasiões pode ver uma cena inteira, como uma cena de filme, como no caso da pianista assassinada Jean ou de Ellen, que sofrera queimaduras tão graves num incêndio. Os símbolos podem parecer-lhe tão deslocados ou simplesmente tão parvos que ele não acredita neles. Um aspeto interessante dos símbolos é que muitas vezes se referem a ou brincam com expressões idiomáticas ou figuras de linguagem conhecidas. Por exemplo, uma maçã madura indicaria que o sujeito está "maduro" ou pronto para algo.

De todos os meios que os espíritos usam para comunicar, a dor simpática é o mais "testável". Porque sabemos que a dor resulta da estimulação dos nervos e da perceção dessa estimulação pelo cérebro, podemos detetar evidência de dor usando tecnologia atualmente disponível, como a termografia (o processo pelo qual um instrumento sensível ao calor regista diferenças de temperatura corporal causadas por lesão, doença ou enfermidade em vários locais).

A dor simpática ocorre muito rapidamente, durando apenas o tempo necessário para o cérebro de George registar o tipo de dor e a zona do corpo afetada. De alguma forma, os espíritos estimulam uma parte do cérebro de George, o que lhe permite sentir a sensação. A dor simpática pode referir-se a doença ou lesão passada, presente ou futura e é o meio pelo qual George obtém informação em muitas leituras relacionadas com saúde.

Uma dessas leituras foi organizada por um médico. A paciente dele, uma jovem sem sinais visíveis de doença, seria diagnosticada por George. Só a mulher, o médico e a mãe dela sabiam da doença. Foi-lhe dito para não falar de todo com George, nem sequer dizer olá, e certamente não confirmar mensagens. George procedeu descrevendo corretamente e sentindo os locais físicos específicos da doença. O médico confirmou cada ponto como correto.

Depois George descreveu uma visão simbólica que tinha a certeza de que lhe estava a ser dada como pista sobre a doença da mulher.

«É uma cena do filme *Resurrection*», disse George.

«Podes ser mais específico?», perguntou o médico.

«É a cena em que a mulher com poderes de cura cura uma doença incapacitante chamada dis—, dis—, distonia.» «Está correto, George. Esta mulher sofre de distonia musculorum deformans.»

Aqui, embora o nome da doença tenha chegado a George através de uma visão de um filme com que estava familiarizado, a informação sobre o sofrimento físico da paciente veio exclusivamente através das suas sensações de dor simpática.

A informação mais fascinante que George obteve através de dor simpática diz respeito ao que se sente, fisicamente, ao morrer. Descrevendo as sensações de um homem que morreu após ser atingido por um raio, George disse: «O meu corpo parece que ficou dormente, mas ao mesmo tempo sinto como se tivesse levado um choque elétrico tremendo. Sinto as duas sensações ao mesmo tempo. É muito doloroso.»

Noutra leitura, George transmitiu:

«Sinto uma dor e uma pressão tremendas. É como se todo o meu corpo estivesse a ser comprimido. Literalmente esmagado. Sinto como se os meus órgãos internos estivessem a rebentar. É uma sensação horrível. Aliás, este é um dos piores episódios de dor simpática que já tive.»

O espírito era de um homem que morrera ao cair num poço e ser esmagado por um elevador de carga. Outro espírito, que se afogara, também o comunicou através de George via dor simpática.

«Sinto como se estivesse a encher-me de algum fluido. Todo o meu corpo é invadido por um frio e sinto uma sensação de explosão. É como se as minhas entranhas se estivessem a encher e a rebentar. Ao mesmo tempo, não consigo respirar.»

Causas mais comuns de morte física são comunicadas da seguinte forma: — Ataque cardíaco: dores agudas sobre o coração de George. — AVC: dormência nos braços de George. — Coma: George sente uma morte sem dor. — Morte súbita: George descreve ser "chocado para fora do corpo". Isto é típico de um espírito cuja morte física foi instantânea, após um acidente de carro, por exemplo. — Asfixia, estrangulamento:

George sente como se o ar lhe estivesse a ser cortado e não consegue respirar. — Esfaqueamento: dores agudas e perfurantes em várias partes do corpo. — Overdose de drogas: George sente que algo "estranho" está a passar pelo seu corpo, muitas vezes acompanhado por sensações de náusea, tontura e desmaio.

Quando George sentiu um impacto doloroso de algo na cabeça e ouviu o que parecia um ramo de árvore a partir-se e a cair ao mesmo tempo, o sujeito confirmou que o sobrinho dela fora atingido fatalmente na cabeça por um ramo de árvore durante uma tempestade. Noutra ocasião George disse que se sentia muito magoado por todo o corpo, seguido de uma sensação dolorosa, como se todos os seus ossos estivessem a ser esmagados. O espírito acabou por ser de uma jovem que fora espancada e agredida antes de o assassino atirar o corpo dela de um viaduto para as rochas aguçadas lá em baixo.

Não surpreendentemente, no último ano ou assim George fez várias leituras para pessoas cujas vidas foram tocadas pelo VIH/SIDA. Durante uma leitura na televisão, George disse a uma jovem sujeito que sentia "células sanguíneas a enlouquecer" e tinha dificuldade em respirar, "como pneumonia". Depois descreveu sentir os pulmões a encherem-se de fluido, seguido de sensações gerais de dor, fraqueza e, finalmente, coma. Depois disso, George disse-nos que o espírito estava a soletrar a causa da morte dele. «Acabou de soletrar a palavra SIDA à minha frente», disse ele, o que a mulher confirmou.

George continuou: «O espírito diz que atravessou e que está bem. Está contente por ter acabado. Diz que está feliz do outro lado. Está bem e em paz. Está agora livre do sofrimento. Diz que havia um propósito para ele passar pelo que passou e depois partir. Cumpriu uma missão e agradece-te por teres sido tão boa amiga dele logo após o ponto de transição conhecido como morte. Porque ele diz que não está morto.»

Obviamente, os entes queridos daqueles que comunicam através de dor simpática podem achar estas partes das leituras perturbadoras. No

entanto, a mensagem do espírito é quase sempre de conforto. Esta é uma declaração típica que George recebe de um espírito após tal troca: «O espírito está a dizer-me do outro lado que não sofreu muito tempo. Está a dizer que houve apenas uma dor momentânea e depois deixou o corpo, e a dor desapareceu. Está a dizer-me que foi levado para a luz e que agora se ajustou ao outro lado. Quer que saibam que está em paz.»

SETE TENDO CONHECIDO o George há já alguns anos, toda a gente no meu programa estava habituada a presenciar coisas bastante interessantes. Embora George há muito tivesse aprendido a bloquear mensagens quando não está a fazer leituras, ainda há momentos em que é literalmente dominado pelo que vê, ouve ou sente sobre alguém.

A minha amiga Joan surpreendeu-me quando ligou a pedir se podíamos encontrar-nos nos próximos dias. Joan disse apenas que tinha algo para me contar e combinámos almoçar no hotel dela. Na verdade, não tínhamos mantido contacto desde que ela e o marido se mudaram para a Costa Oeste dois anos antes. Presumi que estava em Long Island para visitar os pais, que ainda lá viviam, e ela não disse nada que indicasse o contrário.

Na manhã seguinte ao telefonema de Joan, George foi submetido a uma série de testes concebidos por um especialista em informática para determinar a probabilidade de George prever corretamente grupos de números tanto antes como depois de serem gerados aleatoriamente por um computador. Por outras palavras, o computador poderia ajudar-nos a determinar se George era precognitivo (capaz de prever quais números seriam gerados antes do facto) ou telepático (capaz de saber, sem usar nenhum dos cinco sentidos habituais, quais números tinham sido gerados). Nos dois testes de precognição, o especialista estabeleceu que George tinha uma possibilidade em cem de adivinhar o número correto.

De vinte números gerados aleatoriamente, seria de esperar que George acertasse corretamente em quatro. Na verdade, porém, acertou em nove dos vinte números tanto na primeira como na segunda volta dos testes. Nos testes de telepatia — uma capacidade paranormal que há muito suspeitávamos que George não tinha melhor do que a pessoa média —, obteve menos do que a média na primeira volta (três de um esperado ou média de quatro) e ligeiramente acima da média na segunda volta (cinco, um a mais do que a média de quatro).

Estes testes, embora preliminares, juntamente com a informação que tínhamos recolhido nas leituras reais e nas entrevistas pós-leitura, confirmaram que George não estava a ler mentes. De onde vinha a informação? Ainda não podíamos dizer. Agora podíamos acrescentar mais um item à lista do que a capacidade de George não era.

Após os testes, convidei George para vir comigo ao almoço com Joan. Partimos para Long Island e, no hotel, liguei para o quarto de Joan no telefone interno e disse que estaríamos à espera no átrio. Mal tinha desligado, George perguntou-me se a minha amiga tinha acabado de passar por uma grande tragédia. Respondi que sinceramente não sabia. Depois vimos Joan a descer a escadaria acarpetada para o átrio. Ele sussurrou-me discretamente: «Vejo tudo preto à volta dela. Esse é o meu símbolo de que houve uma tragédia ou morte. Tenho a certeza.»

O comentário de George foi inquietante, mas como não havia forma delicada de confirmar ou negar, deixei passar. Joan cumprimentou-me calorosamente e apresentei-lha ao George. Ela pareceu genuinamente contente por conhecê-lo. Pelo aspeto, Joan estava bem, mas não conseguia tirar da cabeça o comentário de George.

Quando nos sentámos na cafetaria, Joan e eu falámos, mas a conversa, embora agradável, era superficial. Perguntei-lhe o que queria contar-me e ela respondeu que falaríamos sobre isso daqui a pouco. Alguns minutos depois, chegaram as nossas sandes. Mal George deu a primeira dentada, começou a mexer a cabeça de um lado para o outro, segurando o pescoço e a garganta com uma mão.

«George, o que se passa?», gritei em pânico.

«Sinto que estou a sufocar», respondeu ele com a voz rouca.

«Estás bem? Engoliste mal?», perguntei.

Joan agora olhava fixamente para George enquanto ele agarrava a garganta com as duas mãos. De repente virou-se para Joan e o sufoco pareceu passar. «Minha senhora», disse ele, «não quero intrometer-me nem parecer indelicado, mas assim que a vi entrar no átrio, senti que havia uma tragédia à sua volta. Tive de dizer.»

«George…», interrompi bruscamente.

«Não, Joel, deixa-o falar. Está tudo bem, George. Que tragédia sentes?», perguntou Joan.

George voltou a inclinar a cabeça para trás e para os lados, e os dedos percorreram novamente a garganta. «Bem, para ser sincero», disse ele,

«sinto que alguém se asfixiou. É isso que estou a sentir. Uma sensação de asfixia.»

«Por favor, George, continua. O que achas que é?», perguntou Joan sem qualquer emoção percetível.

«Uma mulher próxima de si partiu?»

«Sim.»

«Vibração de mãe. A tua mãe partiu?»

«Sim.»

«Partiu de forma trágica?»

«Sim.»

«Recentemente», afirmou George.

«Sim.»

«Asfixiou-se, de alguma forma?»

«Sim.»

George fez uma pausa. Estava a reagir a algum som ou voz que só ele ouvia. «Ela está a dizer: "Parti por asfixia, mas…" Espera. Ouço um estrondo. Algo caiu com estrondo.»

«Sim.»

«Espera. Acho que agora percebo o que ela quer dizer. Está a mostrar-me o que significa.»

«O quê, George?»

«Ela tirou a própria vida?», perguntou George.

«Sim.»

«É isso que ela me está a mostrar. Cometeu suicídio.»

«Sim.» Joan estava pálida, mas sem outra expressão.

«George», perguntei, atónito com a notícia, «qual era o estrondo que ouviste psiquicamente?»

«A tua mãe estava de pé em cima de alguma coisa quando tirou a vida?»

«Sim.»

«Porque parece que aquilo em que ela estava de pé caiu com estrondo. Mobília? Uma mesa ou cadeira.»

«Sim.»

George voltou a pôr as mãos na garganta e a rodar a cabeça de um lado para o outro.

«Joan», disse-lhes, «eu não sabia nada disto. O que aconteceu?»

«Era isso que te queria contar hoje, porque tu conheceste a minha mãe. Aconteceu na semana passada. George, podes dizer-me porque é que ela tirou a vida? Ela diz-te?»

«Perdoa-me se estou a pisar terreno que não devia. Mas os teus pais tinham um casamento difícil?»

«Sim.»

«Ela diz: "Fiz isto para me vingar." Não sei o que ela quer dizer», acrescentou George apologeticamente.

«Sim, eu percebo isso», reconheceu Joan.

«A tua mãe está a dizer que estava muito deprimida. Já não aguentava mais. Parece que havia muita fricção com o marido… o teu pai. Havia muitas discussões, desentendimentos, gritos e tensão. Parece que se davam muito mal.»

«Foi o teu pai que a encontrou?»

«Sim.»

«É o que ela diz. Mas agora ela sabe que este não era o caminho. Está a pedir desculpa pelo que fez.»

Joan apenas fechou os olhos e acenou com a cabeça em resposta.

«Ela ou tu perderam um cão?»

«Sim.»

«Era o cão dela?»

«Sim.»

«Porque ela diz que o cão estava lá para a receber quando chegou ao outro lado. Isso foi um conforto para ela.»

«Sim, ela adorava o cão. Ela chama pelo meu pai?»

«Bem, apenas para dizer que não devia ter feito isto como forma de ajustar contas, por assim dizer. Ela compreende o peso que ele e a família agora carregam por causa disto.»

«Sim.»

«Tens uma irmã?»

«Sim.»

«A tua mãe está a chamar por uma filha. Mais nova do que tu. Está especialmente preocupada com ela.»

«Sim.»

«E está a enviar à tua irmã a mesma mensagem: "Este não era o caminho, o suicídio não era a resposta."»

Interrompi relutantemente. «George, eu pensava que as pessoas que tiram a própria vida, vítimas de suicídio, não progridem nem se ajustam rapidamente ou bem do outro lado.»

«Sim», respondeu ele, «é verdade. Mas ela parece ter-se ajustado bem, considerando tudo. Isso também me surpreende.»

«Joan», disse eu, «eu não fazia ideia das dificuldades conjugais dos teus pais. Do que estava o George a falar quando disse que a tua mãe se estava a vingar do teu pai?»

«O pai e a mãe davam-se muito mal. Discussões e brigas. Quando o pai ficava muito zangado ameaçava que um dia se mataria, e dizia que quando a mãe chegasse a casa uma noite do escritório o encontraria enforcado. Era essa a ameaça dele. Dizia que isso a faria sentir-se culpada. Ela virou o jogo; fez o que ele apenas ameaçava. O pai chegou a casa, depois de uma discussão particularmente feia que tinham tido mais cedo nesse dia, e encontrou-a enforcada.»

George e eu ficámos em silêncio, comovidos pela trágica história de Joan.

«Ela está em paz?», perguntou Joan baixinho.

«Sim, notavelmente, considerando as circunstâncias. Está arrependida do que fez, claro; pede desculpa. Mas parece estar a ajustar-se bem, dadas as circunstâncias. Diz que o cão a receber ajudou a tornar a transição mais fácil.»

Joan sorriu.

«Reza por ela», disse George.

«Está bem.»

«Espero não ter dito nada que te perturbasse. Sei que não me esperavas hoje.»

«Não, George, muito pelo contrário. Foste um grande conforto. Respondeste a várias perguntas que eu tinha.»

Os três falámos mais um pouco antes de ser hora de ir embora. Quando nos preparávamos para sair, reparei na escrita automática de George no papel do individual. Devo ter-me habituado tanto a ele fazer escrita automática que, aparentemente sem pensar, lhe tinha passado a minha caneta durante a leitura.

NA LEITURA que fez para Joan, George foi tipicamente preciso. Sabíamos que George acertava na maior parte das vezes, por isso voltámos a nossa atenção para tentar estabelecer padrões e repetibilidade.

Um dos maiores problemas que os parapsicólogos, e os médiuns em particular, enfrentam ao lidar com a comunidade científica é a questão da prova. O que realmente prova que o que George está a fazer é o que ele diz que é? Se ele transmitir mil mensagens genuínas, uma para cada mil pessoas, isso constitui prova suficiente?

Nesse ponto, ele já tinha feito cerca de seiscentas leituras para estranhos anónimos na rádio e na televisão (e inúmeras outras em leituras de grupo públicas e privadas), mas para alguns críticos isso ainda não era suficiente. No entanto, números tão grandes por si só excluíam a adivinhação, e até a PES ou telepatia. Num teste realizado ao vivo na rádio por um psicólogo, as probabilidades de George determinar corretamente dois factos sobre cada espírito — o seu sexo e a sua relação com o ouvinte (pai, irmã, etc.) — em treze chamadas eram de 1 em 6 044. Nesse programa, a precisão de George foi a habitual entre 85 e 90 por cento.

Mas e se George, ao fazer leituras para pessoas que de alguma forma estavam relacionadas com o espírito comunicante, ou espíritos, obtivesse essencialmente a mesma informação mas em leituras diferentes, para sujeitos diferentes, ao longo do tempo?

Considerando o número de leituras que George faz, mesmo que visse todos estes sujeitos pessoalmente, não poderia adivinhar as mesmas mensagens corretamente com sujeitos diferentes. Sem ofensa para o George, mas como muitas pessoas com capacidades psíquicas, a memória dele não é suficientemente boa para lhe permitir lembrar-se de informação de uma leitura para a outra.

Durante o verão e até ao início do outono de 1982, George fez uma série de três leituras que serviram como uma espécie de “teste”, embora nem todas tivessem sido planeadas. Duas das três leituras foram feitas no programa de rádio com chamadas em direto, e nem George nem eu conhecíamos os ouvintes. A terceira, uma leitura privada, envolveu quatro membros da família do espírito e um amigo dele.

Em junho, George tinha feito uma leitura privada para os pais do espírito; o casal não esteve presente em nenhuma das três leituras seguintes. Apenas um sujeito — o irmão mais velho do espírito —

participou em duas das leituras. E um sujeito nunca tinha conhecido o espírito e só soube da família dele após a morte.

O fio condutor entre eles era que cada um tinha alguma relação com David Licata, o jovem vítima de atropelamento e fuga cuja história abre este livro.

Após a leitura inicial de George para os pais de David, Barbara e John Licata, ele não teve mais contacto com a família. Passara quase um mês até à noite de 4 de julho, quando um jovem anónimo ligou.

«Olá», disse ele.

«Lembras-te de um amigo que partiu num acidente de carro ou morte violenta?», perguntou George.

«Sim.»

«Antes da outra senhora entrar [referindo-se a uma das duas ouvintes que precederam este jovem], alguém apareceu e disse: "O primeiro homem a ligar é para mim." Isso seria "Parti num acidente de carro violento ou algum tipo de morte violenta." É um acidente de carro?»

«Mais ou menos.»

«Envolvendo um veículo, seja como for?»

«Sim.»

«Muito próximo de ti?»

«Sim.»

«De sangue.»

«Sim.»

«Porque há algo diferente nisso? Sem me dizeres, percebes o que ele quer dizer? Há pontos de interrogação sobre isso.»

«Sim.»

«Foi atropelado por um carro?»

«Sim.»

«É o que ele diz. Atropelamento e fuga. Foi atropelamento e fuga?»

«Sim.»

«Uma pessoa jovem?»

«Sim.»

«É teu filho?»

«Não.»

«Como um filho para ti?»

«Não.»

«Ele continua a dizer… Ele tem um filho?»

«Não.»

«Não sei porque insiste nisso. Vou deixar passar. Não foi há muito tempo, isto?»

«Não.»

«Ele é parente, no entanto. Acho que já te perguntei isso.»

«Sim.»

«Ainda não superaste?»

«Não propriamente.»

«Porque ele diz: "Supera isso, eu não estou morto. Estou aqui." Porque insiste tanto em "filho"? Tens um filho?»

«Não.»

«Não sei o que ele quer dizer. Ele insiste em algo sobre um filho… Estás em contacto com os pais dele?»

«Sim.»

«Eles aguentam isso? Então vou dizer. Ele está a pedir que digas aos pais dele que ouviste falar dele. Que ele está bem. Que está do outro lado. O nome David significa alguma coisa para ti?»

«Sim.»

«É ele?»

«Sim.»

«É o que ele diz. "O meu nome é David." Diz: "Por favor, diz aos meus pais que ouviste falar de mim e que estou aqui e que estou bem." Ele era muito amigo dos animais?»

«Sim.»

«Porque vejo muitos animais à minha volta. E ele diz-me que trabalha com animais do outro lado. Animais e crianças. Muito próximo da mãe dele?»

«Sim.»

«És irmão dele?»

«Sim.»

«É isso. Agora esclareceu. Ele diz: "És meu irmão." Também sabe que há muita hostilidade em ti sobre… Ele diz se sabes quem fez isto a ele?»

«Sim.»

«Foi um homem?»

«Sim.»

«Mas ele perdoa-o. Diz: "Porque não consegues fazer o mesmo?"»

«É difícil.»

«Eu sei, mas é o que ele está a dizer do outro lado. Também… outra coisa que está a tentar dizer. Estou a perder. A avó materna da tua mãe ainda está deste lado do véu, na Terra?»

«Sim.» (Nota, no entanto, que a avó materna da mãe de David é Rose, e que na verdade já tinha falecido. Nesta e noutras leituras, David chama por Lucie, que é a avó materna de David, que ainda vive. Este é o tipo de erro que George tem dificuldade em corrigir quando o sujeito está nervoso e responde incorretamente, algo não raro em pessoas que ficam conscientes de sii por saberem que estão na rádio.)

«Eram muito, muito próximas?»

«Sim.»

«Ele chama por ela. "Por favor, diz-lhe que ouviste falar de mim." Está a tentar lembrar-se de toda a gente. Acho que também tens uma irmã?»

«Sim.»

«Está a tentar manter toda a gente em mente para ninguém ser esquecido. Também, ele era jovem, adolescente?»

«Sim.»

«Não podia ter mais de dezasseis.»

«Sim.»

«Vejo um jovem à minha frente, não mais de dezasseis, um rapagão, no entanto.»

«Sim.»

«Ombrada larga, parece atlético?»

«Sim.»

«Cabelo escuro?»

«Sim.»

«Caramba, ele está mesmo forte nesta sala. Está a aparecer mesmo à minha frente… é impressionante. És mais velho do que ele?»

«Sim.»

«Porque ele diz que és o irmão mais velho. Diz: "Por favor, transmite tudo isso" e diz: "Tenho de voltar agora", portanto, aparentemente, está a despedir-se.»

«Obrigado.»

Depois de o ouvinte desligar, George e eu olhámos apenas um para o outro. «Que loucura!», exclamou George. «Aquela mensagem apareceu

mesmo antes da segunda chamada. Alguém surgiu naquela sala e disse: "O primeiro homem a ligar é para mim." O interessante é que ele insistia em "filho" e, cada vez que eu dizia "Não, não é o meu filho", eu não conseguia perceber o que ele queria dizer.»

Eu também estava confuso. «Não percebo», disse eu. «No momento em que ouviste a voz daquele tipo, independentemente de quem fosse…?»

«Aparição instantânea!», respondeu George. «Apareceu logo na sala e começou a dar-me todos os pormenores.»

«Estás a dizer-me que no segundo em que ouves uma voz a dizer "Olá, George", consegues ver imediatamente um acidente de carro violento?»

«Naquela chamada consegui. Como eu disse, mesmo antes de atenderes aquela chamada. A segunda pessoa que tivemos foi uma senhora. Quando ouvi a voz de uma mulher, era para eu lhe dar a mensagem, e o jovem que acabou de falar connosco apareceu e disse: "Eu não vou para ela. Vou para o primeiro homem que ligar." Ouvi a voz do homem e ele disse: "É ele, é ele!"»

«Imediatamente sentiste um acidente de carro violento?»

«Sim. Atropelamento e fuga, disse-me atropelamento e fuga. O que me intrigou foi ele dizer: "O meu nome é David" e eu ignorar.»

Depois do programa soubemos que o ouvinte era Darrin Licata, o irmão mais velho de David. A chamada de Darrin durou apenas alguns minutos, menos de um décimo do tempo que os pais dele tinham passado com George várias semanas antes. Mesmo nesse breve período, no entanto, a mensagem de David a Darrin continha oito elementos de informação que tinham aparecido na leitura de Barbara e John.

Em ambas, David menciona e envia saudações à avó materna, menciona que há algum mistério (George falou do símbolo de ponto de interrogação) em torno da sua morte, chama pelos pais, chama pela irmã, indica a idade aproximada, menciona que um veículo esteve envolvido na sua morte e que foi atropelamento e fuga.

A oitava semelhança, e de longe a mais impressionante, foi a preocupação de David com a forma como Darrin estava a lidar com a sua morte. Em ambas, David menciona a raiva e hostilidade de Darrin e pede-lhe que perdoe o homem que o matou, tal como ele perdoou. Em junho, George tinha dito aos Licata: «Ele [David] tem um irmão que está muito hostil. David diz que ele não devia estar hostil. "Eu perdoo, ele também

devia.”» A Darrin, que, mais uma vez, era um de vários ouvintes anónimos naquela noite, George disse: «Ele [David] diz: “És meu irmão.” Também sabe que há muita hostilidade em ti… ele diz: “Sabes quem fez isto a ele?”» Depois de Darrin responder que sim e se confirmar que o suspeito era homem, George disse: «Mas ele [David] perdoa-o. Diz: “Porque não consegues fazer o mesmo?”»

A 16 de agosto de 1982, a Chris marcou com George uma leitura de grupo para cinco pessoas. George nunca as tinha conhecido antes e só foi apresentado a elas depois de a leitura estar concluída. Nem eu sabia quem eram. Só depois da leitura soubemos que eram Darrin Licata; a irmã mais nova dele, Diana Licata; Cory, o amigo de David; a avó materna de David, Lucie; e a tia Linda de David. Só quando começámos a trabalhar neste livro é que soube toda a história desta leitura em particular. Barbara Licata, a mãe de David, não esteve presente na leitura, mas levou a mãe dela, Lucie, os filhos Darrin e Diana, o amigo de David, Cory, e a tia Linda até à estação de rádio e deixou-os lá.

A Chris tinha instruído Barbara a não entrar na estação para garantir que George não a visse e pudesse ligá-la às outras cinco pessoas. Em teoria, a Chris poderia ter-me dito quem eram, mas o facto é que não disse. Estes testes foram concebidos para provar a capacidade de George a mim tanto como a qualquer outra pessoa. A Chris organizava frequentemente estas leituras sem o nosso conhecimento, tal como filtrava chamadas telefónicas ou ajudava a marcar consultas de emergência para pessoas que queriam leituras privadas.

Mas, para responder aos céticos, mesmo que a Chris me tivesse dito quem eram, nem ela nem eu poderíamos saber nem uma fração da informação que surgiu na leitura. Além disso, apesar do impacto que a primeira leitura privada de John e Barbara Licata com George teve neles, Barbara, como veremos mais adiante no capítulo, continuou a rezar por outros sinais de David de que ele ainda estava vivo. O irmão de David, Darrin, por razões pessoais, tinha relutado até em estar presente nesta leitura de grupo em particular e tinha secretamente concebido o seu próprio teste para tentar enganar George.

Que a morte de David continuava a ter um efeito profundo na família é evidente, e no caso de Lucie, a avó, o seu luto e a intensidade emocional da leitura levaram-na a responder incorretamente a várias perguntas. Este facto é aqui assinalado porque muitas vezes a própria experiência da leitura

é avassaladora e faz com que muitos sujeitos deem respostas confusas ou incorretas sem querer. Por esta razão, George não só permite como incentiva as pessoas a gravarem as suas leituras, tomando notas ou usando um gravador portátil. Na verdade, ele é um dos poucos médiuns que conheço que permite gravações.

A leitura começou com os cinco sentados numa sala e George, papel e caneta na mão, a rabiscar. George nunca consegue prever nem controlar quem aparece, e esta leitura em particular começou com "interferência" de um espírito que várias das pessoas presentes poderiam ter identificado se estivessem a pensar nela. Como não estavam, não o fizeram. Mesmo assim, George prosseguiu.

«Foi estrangulada? Teve alguma lesão na garganta?»

«Não», responderam.

«Alguém mais consegue receber isto? Só para ter a certeza de que não é de outra pessoa. Ok. Tem de ficar. Significa alguma coisa», disse George.

«Talvez um grito?», perguntou alguém.

«É mais do que isso. Não sei se é para ti. Posso estar a ser cortado. Alguém aqui conhece alguém que partiu com um problema na garganta? Tem de significar alguma coisa. É demasiado forte. Continua a voltar. Insistem.»

Como ninguém conseguia confirmar, George disse: «Está bem, vou bloquear.»

Linda, que na altura pensava que poderia ser a amiga de David que fora assassinada por estrangulamento pouco antes de David partir, tomou nota. Embora não soubesse o suficiente sobre o caso da rapariga para confirmar, sentiu que significava alguma coisa. Afinal, tinha razão. A rapariga, Dawn, tinha dezoito anos na altura da morte, um facto importante, porque mais tarde ela vai referir a diferença de idades entre ela e David como forma de se identificar na leitura. Após uma pausa, George recomeçou.

«Francesca significa alguma coisa para ti, ou para mais alguém na sala?», perguntou George a Lucie.

«Sim», respondeu ela.

«Partiu ou viva?»

«Partiu.»

«Membro da família?»

«Sim.»

«Senti qualquer coisa à tua volta antes, mas não tinha a certeza. Ela é tua parente de sangue?»

«Sim.»

«Volto muitos anos com ela?»

«Sim.»

«Coloco-a na categoria de avó, bisavó. Não estou a dizer que seja essa a identidade, mas é a zona da família a que volto.»

«Sim.»

«Tenho curiosidade em saber como recebi o símbolo, como recebi o nome. Vi Santa Francisca Cabrini ao teu lado, e o primeiro nome dela era realmente Francesca, e disseram que o primeiro nome vai para ela», disse George, apontando para Lucie. «Um homem próximo de ti partiu?»

«Sim», respondeu ela.

«Ela conhece-o? Conhece-o lá.»

«Não.»

«Ela partiu antes dele?»

«Sim.»

«Porque ela estava lá para o receber quando ele chegou. Partida trágica?»

«Sim.»

«É o que ela diz. Conheceste esta Francesca pessoalmente?»

«Ah, sim.»

«Tinha um bom sentido de humor, uma maneira muito agradável? A razão por que pergunto é… vou dar-te a mensagem. Quando ela disse que o homem próximo de ti está lá com ela, que o recebeu, disse: "Posso ser egoísta e dizer que estou contente por tê-lo aqui", por assim dizer.»

«Sim.»

«É o que ela quis dizer. Disse-o com um sorriso. Achei que estava meio a brincar contigo. Houve alguma violência na partida dele?»

«Sim.»

«Não percebo isto. De outra fonte?»

«Sim.»

«Porque consigo ver uma mão a cobrir-te, e é um símbolo. Não quero que penses… Pomos "grande" ou "avó" antes do nome dela? Como tia-avó ou grande-tia, ou só tia?»

«Para aquela que partiu. Francesca.»

«Para o homem que partiu, ela seria tia-avó. Ela diz-me "tia", mas também diz "tia-avó", "grande-tia". E queria que isso fosse esclarecido também. Agora percebo que isso pode ser uma pista. Podem dar-me tia e avó e estão a dizer-me que é como tia-avó, e é por isso que recebo as duas identidades. Ela falava outra língua?»

«Sim.»

«Italiano?»

«Sim.»

«Com um nome assim, é óbvio. Bem, podia ser espanhol. Acho que com a Madre Cabrini lá também, é bastante óbvio.»

«O que disseste, Santa Francisca de quê?», perguntou Lucie.

«Não. Disse Santa Francisca Xavier Cabrini, Madre Cabrini, estava lá para me dar a pista quando a vi aparecer, uma visão dela, para eu apontar imediatamente para o nome dela como essa identidade. Este é teu filho?»

«Não.»

«Não perdeste um filho? Tens um filho?»

«Não.»

«Nunca tiveste um aborto espontâneo ou algo assim?»

«Não.»

«Alguém na família perdeu um filho?»

«Sim.»

«Ah, ok. Porque há alguém a aparecer aqui a dizer: "Sou o filho que partiu." Tu dizes "Não" e ele diz "Sim" e eu estou a enlouquecer! Ele partiu de forma trágica?»

«Sim.»

«Conheceria a Francesca?»

«Não.»

«Do outro lado?»

«Sim.»

«É isso. Estou a receber essa sensação do outro lado. Alguma violência na partida dele?»

«Sim.»

«Derramamento de sangue?»

«Sim.»

«Porque vejo derramamento de sangue à minha frente… violência. Ele partiu rapidamente?»

«Sim.»

«Ele aparece. Estavas preocupada com ele estar com dores ou a sofrer? Ele diz: "Não estava. Fui rapidamente. Saí do corpo instantaneamente e estive aqui tão rápido quanto isso." Houve… Houve barulhos altos? Estou a ouvir barulhos altos, estrondos.»

«Sim.»

«Ele diz-me que isso o assustou, mas esta tia Francesca estava lá e veio logo ter com ele e acalmou-o. Porque quando chegou ao outro lado, disse que andava aos gritos, não sabia o que tinha acontecido. Estava terrivelmente assustado e ela veio logo ter com ele e ajudou-o, levou-o para a luz, por assim dizer. Mulher muito religiosa outra vez? Fé forte talvez seja melhor dizer?»

«Sim.»

«Porque digo religiosa, não quero necessariamente dizer ir à missa todos os dias, seja o que for. Não sei se o que estou a ver é para ser tomado como símbolo ou literalmente: Esteve um carro envolvido?»

«Sim.»

«É isso. Ouço dois carros a chocar. És parente deste jovem?»

«Sim.»

«Porque insiste ele em dizer "filho"? É teu neto?»

«Sim.»

«Ok, ainda bem que não disseste nada. Ele voltou outra vez e começou a insistir naquele "filho" e depois disse: "Sou neto dela." Tenho de me lembrar que tudo vem na mesma vibração. O teu neto era muito jovem?»

«Sim.»

«Adolescente. Porque parece ser adolescente.»

«Sim.»

«Não mais de dezasseis.»

«Sim.»

«Não sei o que significa. Acho que é algo pessoal para ti. Ele tinha cabelo muito escuro?»

«Sim.»

«Cabelo escuro lindo, devo dizer», acrescentou George.

«Sim.»

«Ele está mesmo ao teu lado, aparece de vez em quando. Muito atlético?»

«Sim.» Com isso, Lucie, que várias vezes durante a noite tinha estado à beira das lágrimas, desatou a chorar.

«Não quero ser chato», disse George suavemente a Lucie, «mas por favor tenta controlar-te ou eu fico igualmente emocionado, e as vibrações aqui estão muito pesadas.» Um momento depois Lucie acalmou-se e George continuou.

«Ele gostava de basquetebol?»

«Não.»

«Basebol ou algo assim?»

«Não.»

«Talvez seja só um símbolo para desporto.»

«Não, ele praticava desporto», respondeu Lucie. Depois, como que a corrigir-se, acrescentou: «Praticava.»

«Ah, ok. Rapaz grande para dezasseis anos?»

«Sim.»

«Foi atropelado pelo carro?»

«Sim.»

«Porque é o que ele me diz. Foi atropelado pelo carro. Não estava dentro de um carro, não foi um acidente em que dois chocaram. Foi atropelado por um carro, atropelamento e fuga.»

«Exato.»

«Porque ele me diz: "Atropelamento e fuga." Conheces a Rose?»

«Sim.»

«Partiu?»

«Sim.»

«Ela também está lá. É a outra avó dele?»

«Bis—»

«Ok, estou a receber vibração de avó outra vez. É a tua mãe?»

«Sim.»

«Ok, é o que ela quer dizer. Ela partiu antes dele?»

«Sim.»

«Porque ela diz que estava lá para o receber quando ele chegou, juntamente com a tia também. Ele tinha um sorriso muito marcante?»

«Sim.»

«Não paro de ver isso claramente. Ele tem uma boa vibração aqui. Consegue realmente aparecer. Consigo vê-lo aparecer em intervalos diferentes. É um tipo alto, de aspeto atlético, não mais de dezasseis anos,

cabelo escuro, bonito, olhos marcantes, sorriso muito proeminente, vibração muito sensível, pessoa muito calorosa, bom rapaz para a idade dele. Não estou só a dizer isso porque é teu neto. É honesto. É a sensação que teria dele se o tivesse conhecido em carne e osso em vez de em espírito. O nome dele é David?»

«Sim.»

«É o que ele diz. Não sabia se ele estava a dar-me o nome de outra pessoa, porque disse: "É David, é David."»

«Como o vês?», perguntou Lucie.

«Não consigo explicar.»

«Não, quero dizer, como o vês? Como é que ele parece?»

«Pela descrição que dei, pelo que consigo ver, ele está na luz. Está rodeado de luz, o que é a minha pista de que está na luz do outro lado. Está bem avançado e, se consegue comunicar tão precisamente, está muito bem avançado. Mas a tua mãe e a tua tia estão lá só para garantir que tudo corre bem para ele. Dizem-me que têm sido uma ajuda tremenda para ele lá. Ele diz que sabia que vinhas hoje.

Foi por isso que, quando entrei, foquei-me imediatamente em ti. Senti algo à tua volta primeiro, e ele tem uma vibração espiritual muito, muito positiva. Diz-me apenas que… está meio a rir-se… diz: "Fizeste-me esperar o dia todo." Diz: "Estive à espera o dia todo que chegasses." Estava muito ansioso. Mais uma vez, diz que já falou contigo antes. Desde que saibas o que significa. Os pais dele ainda vivem?»

«Sim.»

«Eles acreditam nisto? Porque ele pede pelos dois. Diz: "Por favor, digam-lhes que ouviram falar de mim." Há uma rapariga ao teu lado agora. Uma rapariga jovem que partiu.»

«Eu conheço-a», disse Lucie.

«Sabes quem ela é?»

«Diria que sim.»

«É parente?»

«Não. Quando dizes jovem, cerca de que idade?»

«Diria que pelo menos jovem o suficiente para estar no… talvez um pouco mais velha.»

«Não a conheço. Conheço de nome», disse Lucie, esclarecendo a declaração anterior.

«Porque ela tem menos de trinta anos. Ok, é isso. Ela tem menos de trinta anos. As circunstâncias da partida dela semelhantes às dele?»

«Violenta.»

«É o que ela diz. Ela partiu antes dele, no entanto.»

«Sim.»

«Porque ela estava lá para o receber também quando ele chegou. Eram parentes?»

«Não.»

«Apenas muito bons amigos?»

«Sim.»

«É o que ela diz. Mas era quase como família? Havia uma proximidade, ou ela certamente sente isso do outro lado. Ela sabe… ele tem irmãos?»

«Sim.»

«Ela conhece algum dos irmãos dele?»

«Sim.»

«E ela continua a dizer "olá, irmão, olá, irmão". Não sei o que quer dizer com isso, mas deixo isso contigo. Mais uma vez, isto é um símbolo duplo, por isso vou só perguntar. Um veículo seria um símbolo de morte súbita acidental? Ou esteve algum veículo envolvido na partida dela?»

«Acho que sim», respondeu Lucie. Na verdade, Lucie sabia muito pouco sobre a partida da rapariga. Isto estava errado e constitui um exemplo interessante de como o facto de não reconhecer corretamente pode influenciar a leitura. Para George, um veículo é também um símbolo psíquico de uma partida acidental. Se Lucie tivesse respondido que um carro não tinha nada a ver com a morte da rapariga, George teria concluído que o veículo estava a ser usado como símbolo de algo além do óbvio.

Como vimos pela experiência que uma série de reconhecimentos corretos parece de alguma forma ajudar os espíritos a comunicar-se de forma mais clara e rápida, poderíamos concluir que o espírito da rapariga "se foi" por falta de resposta de alguém na sala, algo bastante comum.

«Ela parece identificar-se com as mesmas circunstâncias. Acho que nem preciso de te perguntar isto, que rezes por ele, porque ele está a reconhecer.»

«Oh, sim.»

«O nome Charles significa alguma coisa para ti?»

«Pode ser.»

«Já partiu?»

«Não.»

«O teu neto conhecê-lo-ia?»

«Sim.»

«Algo para… Conheces esta pessoa razoavelmente bem?»

«Sim, muito bem.»

«Alguma razão para preocupação com ele?»

«Que eu saiba, não.» (Na verdade, George estava correto. Havia preocupação com a saúde de Charles. Ele estava paralisado há muitos anos.)

«O teu neto dá-me o nome dele e pede-te que lhe digas olá.» George fez então uma pausa de vários segundos antes de perguntar à avó de David: «Conheces o Dominick? Tens a certeza que não? Parece que insiste mais contigo.»

«Não.»

«Pensa, volta atrás. O nome vem para ti. Peço-te só que o guardes na memória.» Mais uma vez, a resposta emocional de Lucie à experiência da leitura estava a afetar a sua capacidade de reconhecer corretamente. Como Barbara me informou enquanto preparávamos este manuscrito, Lucie conhecia sim um Dominick, um parente do marido de Lucie, Joe. Dominick tinha partido muitos anos antes.

«Acho que o teu neto voltou agora», disse George. «Estou a rir-me, ele sorri-te e diz que as tuas orações são as melhores porque vêm com grande fé.

«Mais uma vez», continuou George, olhando diretamente para Darrin, «ele diz que já falou contigo antes. Impressiona-me que te pergunte no passado. Já perdoaste? Pela partida dele?»

«Queres dizer, se já me habituei à ideia?», perguntou Darrin.

«Não. Ele diz-me, sem dúvida, que partiu às mãos de outra pessoa ao volante e quer saber se já perdoaste essa pessoa?»

«A minha mente está em branco», respondeu Darrin, que estava algo nervoso e não muito feliz por estar ali.

Após um momento de silêncio, George continuou. «O David está de volta, mas parece andar à volta da sala. Sem me dizer quem, há mais alguém aqui relacionado com ele?»

«Sim.»

«Ele diz: "Há mais alguém na sala." Não quer que pensem que se esqueceu deles ou que não sabe que estão aqui. São mais do que um?»

«Sim.»

«Ele diz: "Uma pequena reunião de família esta noite", diz ele.»

«Ele está contente com isso?», perguntou Lucie.

«Oh, sem dúvida. A vibração é muito clara. Ele continua a brincar: "Fizeram-me esperar o dia todo. Fizeram-me esperar o dia todo." Ele tinha sentido de humor?»

«Sim.»

«Estou a ter essa impressão. É assim que ele aparece. Diz-me: "Fizeram-me esperar o dia todo. Nós temos coisas para fazer do lado de cá! Não ficamos só sentados!" Ele tem irmãos? Algum dos irmãos dele está aqui presente?»

«Sim.»

George olhou para Darrin e Cory. «É um de vocês os dois ali?»

«Sim.»

Apontando para Darrin, George perguntou: «Tu? Porque ele parece ir para esse lado. És mais velho do que ele, certo?»

«Sim.»

«Ele já falou contigo antes?»

«Sim.»

«Porque ele diz que sim. Mais uma vez, essa é a mensagem. "Já falei contigo antes." A mesma pergunta outra vez: "Já perdoaste?" Ele já te perguntou uma vez. Não diria um jovem fanaticamente religioso, mas é espiritual, sensível, um jovem sincero.»

«Sim.»

«Mais uma vez, não é do tipo que, se perdesse a missa ao domingo, ficaria a chorar. Mas acho que interiormente é muito espiritual, sim. A vibração dele é muito espiritual. Ele continua a dizer: "O perdão é maior. O perdão é maior." Parece insistir mais contigo», disse George, dirigindo-se a Darrin, «porque pareces ser mais hostil, mais vingativo. Ele diz: "Reflete só no que estou a dizer." Para haver crescimento da alma, é preciso haver perdão. Não sei se percebes o que quero dizer aqui. Tinhas algum nome carinhoso?»

«Às vezes», respondeu Darrin.

«Por ele. Não consigo dizer, mas consigo sentir. Mais uma vez, ele chamou-te por ele. Espero não estar a ser demasiado pessoal, mas sentiste-te culpado quando ele partiu?»

«Sim.»

«Ele disse que sim. Escreve a palavra. Continua a dizer: "Porquê? Porquê? Porquê te sentes culpado? Porquê te sentes culpado?"»

«Ele ia sair comigo naquela noite.»

«Parece que estás a carregar isso na consciência por causa da partida dele. Ele diz: "Não é verdade, não é verdade." Diz para te libertares disso. Pergunta se te sentes responsável pela morte dele de alguma forma?»

«Não tanto.»

«Porque ele está a brincar contigo. Primeiro que tudo, ele diz: "Eu não estou morto. Por isso não devias sentir-te responsável." Ele gostava muito de crianças? Crianças e animais?»

«Sim.»

«Tens algum animal de estimação em casa?»

«Sim.»

«Mais do que um?»

«Não.»

«É um cão?»

«Sim.»

«Porque ele comenta que têm um cão em casa. "Dá um abraço ao cão por mim", diz ele, embora esteja por aí muitas vezes. Ele tinha quarto próprio?»

«Sim.»

«O cão alguma vez entrava no quarto dele?»

«Todo o tempo.»

«Porque ele diz: "O cão sabe quando estou no meu quarto, porque o cão entra." Diz: "Quando vires o cão ir para o meu quarto, vais saber que estou lá." Como um sinal de que ele está presente por algum motivo. Ele está a ser cavalheiro e a afastar-se porque parece que estou a receber…» George fez nova pausa. Falando com Darrin, perguntou: «Andas de bicicleta? Tens uma mota ou uma minimoto, algo desse género?»

«Não, mas conheço alguém que tem», respondeu Darrin, pensando num amigo de David que andava de mota de trilho.

«O teu irmão fala contigo sobre cautela numa mota ou minimoto. Alguém que deve ter cautela nisso. Deixo isso contigo. Não sei o que significa. Estou a entender como algo que talvez vá acontecer…»

«Um dos amigos dele tem.»

«É imprudente com ela?»

«Tem os seus humores.»

«Ele está avisado para ter… Segundo o teu irmão, ele diz: "Avisa-o para ter cautela numa minimoto ou mota." Que há… vou ser honesto… parece que pode haver um acidente ou que ele se pode magoar gravemente. Por isso, se o amigo dele estiver recetivo a isto e conseguires falar com ele sobre isso, ele…» A voz de George foi-se esgotando. Após alguns instantes, continuou, dizendo à avó de David: «Sei que o teu neto voltou à sala para dizer boa noite porque estou a receber o David outra vez, presente na sala outra vez.»

«Ele reconhece mais alguém que esteja aqui além de mim?», perguntou Lucie.

«Ele tem alguma irmã aqui?»

«Não», respondeu ela. (Isto estava obviamente errado; Diana estava sentada mesmo ali. Mas estava a aproximar-se o fim da noite e a leitura tinha claramente cobrado o seu preço à avó de David.)

«Ele tem alguma irmã?», insistiu George.

«Oh, sim. Desculpa, pensei que tinhas dito se eu tenho uma irmã.»

«Não. Quando não reconheceste mais ninguém, ele disse: "A minha irmã." E tu disseste que não, e ele simplesmente bloqueou. "O que queres dizer com não?"»

«Ele reconhece mais alguém?»

«Algum dos pais dele está aqui?»

«Não.»

«Mas eles acreditam nisto, porque ele volta a chamar pela mãe e pelo pai, ambos ainda vivos na Terra. Mais alguns irmãos?»

«Não.»

«Ele tinha mais irmãos?»

«És só tu?», perguntou George a Darrin. «A tua mãe alguma vez perdeu um filho?»

«Não. Esta pessoa está deste lado?»

«Não, o teu irmão parece dar-me a impressão de outro irmão. Deixo isso. Não sei o que significa.»

«Pode ser como um irmão?»

«Aceito. Definitivamente. Ele diz "irmão", como um irmão no sentido familiar.»

«Se pudesses olhar para uma pessoa, isso dar-te-ia alguma pista?», perguntou Darrin.

«Acho que não neste momento», respondeu George. «Ele está a desvanecer-se. Está a ir-se embora.»

A última pergunta de Darrin foi feita por um motivo. Ele levou o amigo de David, Cory, não porque Cory estivesse especialmente interessado em assistir a uma leitura, mas porque Darrin queria tentar enganar George. Talvez, pensou ele, George achasse que Cory era irmão de David, ou que ambos eram irmãos de David ou amigos de David. Na verdade, porém, George falou diretamente com Darrin em vários momentos, deixando bem claro que David reconhecia Darrin como seu irmão.

Mas Darrin tinha ainda outro truque na manga. Após a primeira leitura dela com George em junho, Barbara tinha-se interrogado sobre a descrição física que George fez do filho. Ele dissera que David aparecia diante dele (como fez na leitura telefónica de Darrin e nesta leitura de grupo), mas os detalhes, embora numerosos, eram bastante básicos — cabelo escuro e bonito, sorriso agradável, olhos escuros, etc.

Barbara perguntou-se quão claramente George tinha visto o filho e idealizou uma experiência para o testar. Ela e Darrin reuniram fotografias de três amigos de David. Cada um tinha mais ou menos a idade de David na altura da morte, cabelo escuro e olhos escuros, e encaixava basicamente na descrição de David que George dera anteriormente a partir da aparição. A quarta fotografia era de David.

No fim da leitura, Darrin aproximou-se de George, mostrou-lhe as quatro fotografias e perguntou-lhe qual dos quatro rapazes era David. George escolheu imediatamente a fotografia de David e, rindo-se, disse a Darrin: «Preparaste-me uma armadilha.»

Esta terceira leitura, a segunda a incluir Darrin, continha dezasseis factos em comum com a leitura de Barbara e John e dez factos em comum com a de Darrin. Uma parte da mensagem — David pedir a Darrin que perdoasse o seu assassino — apareceu nas três. A informação que George recebeu na leitura de Barbara e John e na leitura de grupo incluía David reconhecer as orações deles, mencionar o cão de estimação, indicar sentido

de humor, mostrar a sua aparência a George, indicar que sofreu pouco e partiu rapidamente, mencionar a bisavó materna Rose pelo nome, indicar que era atlético, mencionar que foi recebido do outro lado pela rapariga assassinada, indicar que ela tinha partido antes dele, chamar pelos pais, chamar pela irmã, indicar a idade aproximada, indicar que um veículo esteve envolvido na sua morte, mencionar que o acidente foi de fuga, e pedir a todos que perdoassem o seu assassino.

A informação que surge na leitura de Darrin e no discernimento de grupo inclui David mencionar o seu nome (algo de que George parecia estar prestes a acertar antes de Barbara o mencionar na primeira leitura), identificar-se como filho de alguém e mencionar o seu trabalho com crianças e animais do outro lado.

Outro facto que ambas as leituras partilham é que, antes de cada uma, David apareceu a George e disse-lhe que alguém o iria contactar por ele. Além disso, há cinco peças de informação comuns às quatro leituras: David chamar pelos pais, chamar pela irmã, indicar a idade aproximada, indicar que um veículo esteve envolvido na sua morte e mencionar que o acidente foi de fuga.

Uma nova peça de informação que não podia ser repetida foi David dizer a George que já tinha falado com Darrin antes. Esta parte da mensagem indica que os falecidos têm consciência das coisas que acontecem após as suas mortes físicas. Por outras palavras, a consciência desencarnada não é apenas uma coleção de informação recolhida durante a vida física do espírito e de alguma forma acessível a pessoas como George. Muitas vezes, os espíritos falaram das suas mortes, de quem encontraram do outro lado e outros detalhes semelhantes.

Um cético poderia argumentar que certas ideias preconcebidas sobre a morte — por exemplo, quais entes queridos falecidos estarão lá para nos receber — podem estar bem fixadas nas nossas mentes antes de morrermos. Mas quando um espírito revela informação sobre algo que só aconteceu depois da morte física, isso sugere que há uma consciência constante de um estágio da vida para o seguinte. A próxima leitura relativa a David Licata provaria este ponto de forma conclusiva.

Numa noite de finais de setembro, George atendeu uma chamada anónima de uma mulher e confirmou imediatamente a presença de um homem.

«Não me digas nada, responde só sim ou não», disse George. «Há alguém que ele conhece e a quem está mais próximo?»

«Sim.»

«É isso. Ele está a usar-te como intermediária. É parente dessa pessoa?»

«Sim.»

«Porque ele está definitivamente a dar-me "parente". Partiu de doença?»

«Não.»

«Esteve com grandes dores?»

«Não acredito.»

«Algum problema no peito? Tipo acidental?»

«Sim.»

«Algo no peito — foi por isso que pensei em doença primeiro. Estou a sentir dor no peito.»

«Não sei.»

«Generaliza a palavra "veículo envolvido".»

«Sim.»

«Ok, automóvel, específico porque veículo pode ser avião, barco, o que for. Morreu em acidente de viação?»

«Sim.»

«Jovem?»

«Sim.»

«Os pais dele ainda estão na Terra?»

«Sim.»

«Ele chama por eles. Se tiveres algum contacto, ele diz: "Por favor, diz aos meus pais que ouviste falar de mim. Estou bem." Sabes alguma coisa sobre a família dele?»

«Sim.»

«Alguma das avós dele partiu antes dele?»

«Não me parece.»

«Estou a sentir a presença de uma mulher com ele. Vem numa vibração de mãe.»

«Sim.»

«Tenho de dizer avó, talvez bisavó.»

«Provavelmente bisavó.»

«Ela estava lá para o receber quando ele chegou.»

«Sim.»

«Ele tinha vinte e poucos anos?»

«Não.»

«Mais novo?»

«Sim.»

«Uau. Não pensei que ele fosse assim tão novo, mas parece bastante novo.»

Perguntei: «Ele parecia jovem?»

«Sim, muito», respondeu George. «Só vi um flash por um segundo de um jovem do sexo masculino, mas parecia que podia ter perto de vinte. Alguém mais esteve envolvido na morte dele?»

«Sim.»

«Ele estava no veículo?»

«Não.»

«Porque ele diz que não estava no veículo.»

«Não.»

«Foi atropelado.»

«Sim.»

«Outra pessoa é responsável pela partida dele.»

«Sim.»

«Atropelamento e fuga.»

«Sim.»

«É o que ele me diz. És alguém próximo? Saberias de uma jovem que partiu antes dele?»

«Sim.»

«Porque ela também está aqui com ele.»

«Sim.»

«Não são as mesmas circunstâncias, mas é um tipo de morte súbita também. Não é acidente de carro ou algo assim, mas um tipo de morte súbita.»

«Sim.»

«Adolescente, essa pessoa?»

«Sim.»

«Agora que o vejo outra vez, cerca de dezasseis, dezassete?»

«Sim.»

«O nome… não conheces os parentes dele… ele está a dizer-me o nome Rose.»

«Sim, sim, é a bisavó dele.»

«Foi quem estava lá para o receber quando ele chegou. Rose, ele diz: "A Rose estava lá para me receber quando cheguei." Agora, estás… tens algum contacto com a família dele?»

«Sim.»

«Sabes se há algum aniversário a aproximar-se de um elemento masculino da família dele?»

«Foi recentemente o aniversário dele.»

«Oh. Ele está a dizer algo sobre um aniversário. "Feliz aniversário", seja o que for. O pai da mãe dele ainda está na Terra?»

«Sim.»

«Tens algum contacto com ele? Seria o avô dele.»

«Sim, conheço-os.»

«Ele diz "Papa".» (Isto, soubemos depois, era como David chamava ao avô materno, o marido de Lucie, Joe.)

«Sim.»

«Ele diz: "Por favor, diz-lhe que ouviste falar de mim, que não me esqueci dele." Não sei porquê. Diz: "Por favor, diz-lhe que ouviste falar de mim, e também à Linda." O nome Linda significa alguma coisa para ti?»

«Para mim não, mas pode significar para eles.»

«Algum parente dele com o nome Linda?»

«Não saberia dizer. Isso não sei.»

«Pessoa muito atlética?»

«Sim, muito.»

«O futebol tem alguma coisa a ver com isso?»

«Sim. Sim.»

«Não paro de ver uma bola de futebol à minha frente.»

«Sim.»

«Ele está a segurar uma bola de futebol.»

«O futebol tem um grande peso nisso.»

«Pois é. Ele está a estender-me uma bola de futebol.»

«Tem um peso muito grande.»

«Ele estende-ma e diz: "Devolve-a."»

«Sim, sim. Muito mesmo.»

«Mais uma vez, não sei como a família dele se sente em relação a isso. Sem dúvida que não estão muito contentes, tenho a certeza. Mas ele diz: "Eu perdoei a pessoa que me fez isto, por favor façam o mesmo."»

«Sim.»

«Tu és…»

«Não posso dar-te nenhuma informação, pois não?»

«Não. Neste momento não, agora não. Espera até ele acabar. Está a vir alto e claro. És vizinha? Parente por afinidade ou algo assim?»

«Não.»

«Mas ele conhece-te.»

«Só… não», respondeu a mulher, parando a seguir, visivelmente confusa sobre o que dizer.

«Ele sabe quem tu és», disse George.

«Ele não me conhece da Terra. Conhece-me agora que partiu.» «Oh, está bem. Ele tem uma irmã mais nova?»

«Sim.»

«Chama por ela. Tem outro irmão?»

«Sim.»

«Chama por ele. Chama pelos pais.»

«Sim. Todos os parentes. Diz: "Não me esqueci de ninguém." Continua a dizer "Linda, Linda, Linda", vezes sem conta.»

«Não sei. O meu nome é Lauren.»

«Não, não és tu. É outra pessoa. Ele tem alguma tia com esse nome?» «Não sei. Pode ter.»

«Pois bem, descobre.»

«Sim.»

«O nome Barbara significa alguma coisa para ti?»

«Sim, é a mãe dele.»

«Então ele deve ter uma tia Linda porque diz-me: "A Barbara é a minha mãe e a Linda é a minha tia." É a ela que está a chamar. Conhecias esta rapariga que partiu? Ela partiu antes dele?»

«Sim.»

«Eles namoravam ou algo assim?»

«Não. Conheciam-se.»

«Pelo menos muito bons amigos?»

«Sim. Conheciam-se.»

«Porque eu conseguia ver, e ela também tinha de ser adolescente.»

«Sim, era.»

«Partiu de forma violenta?»

«Sim.»

«Ela é parente tua ou só amiga?»

«Não. Nem sequer a conheço.»

«Engraçado, mas ela… O nome dele é David?»

«Sim.»

«Ele diz que o nome dele é David, o rapaz com quem estou a falar.»

«Sim.»

«E depois ele diz… esta rapariga aparece e manda amor e lembranças a toda a gente. Diz: "Por favor, diz a toda a gente que ouviste falar de mim." Parece quase que… alguém a matou?»

«Sim.»

«É o que parece. Parece que a estão a assassinar à minha frente.»

«Sim, foi.»

«Porque ela diz o mesmo, que está bem do lado de lá. Mas partiu antes do David?»

«Sim.»

«Porque ela diz: "Encontrei-o quando ele chegou aqui."»

«Sim, pouco tempo antes.»

«E ela diz… está a mandar lembranças a toda a gente e diz que eles trabalham muito bem do lado de lá.»

«O que é que eles fazem?», perguntou a interlocutora.

«É uma ótima pergunta», acrescentei eu. «Tenho de passar para outra chamada. Mas adoro as perguntas.»

George respondeu: «Eles estão os dois muito em paz, antes de mais.»

«Eles progridem?», perguntei. «Envelhecem?»

«Claro», disse George.

«Ficam literalmente mais sábios à medida que envelhecem?», perguntei em voz alta.

«Sim. Porque têm de perceber que não há restrições terrenas, por isso podem progredir com mais força. Não há tentação. Unem-se plenamente a Deus, podem fazer o máximo.»

«Posso dizer uma coisa antes de…», perguntou a mulher.

«Claro.»

«Agora que acabou, posso dar-te a informação que queria?»

«Sim.»

«A razão por que tive contacto com o David foi que, depois de ele partir — sem o conhecer —, criei com a escola um fundo de bolsa de estudo em memória dele.»

«Oh», disse George. «Compreendo.»

«Era uma bolsa de futebol.»

«Tu conheceste o David, que foi morto pelo carro?», perguntei.

«Foi morto. Foi atropelado por um carro», respondeu ela.

«É engraçado», comentou George, «ele estendeu-me uma bola de futebol e disse para ta dar a ti.»

«Sim.»

«Porquê futebol?», perguntei.

«Nunca o conheci nesta vida, mas participei em…»

«Espera lá», disse eu, interrompendo-a. «Tu não o conheceste nesta vida?»

«Não. Não o conheci quando ele era vivo, mas depois de ele morrer, toda a história tocou-me tanto que…»

«Mas», disse George, «o que me deixa de boca aberta é que esta informação me foi dada antes de entrarmos no ar.»

«A sério?»

«Um jovem apareceu-me enquanto estávamos sentados, à espera de entrar no ar, e disse-me: "A primeira chamada de mulher que entrar será para mim." E quando ouvi primeiro um homem, ignorei, e ele voltou outra vez, e depois saltámos uma linha ou qualquer coisa.»

«Eu devia ter sido a primeira pessoa no ar», disse a mulher.

«Exato», disse eu.

«As linhas baralharam-se e não conseguiste…»

«Sim, exatamente. Devias ter sido a primeira chamada e algo correu mal. Só tenho mais uma pergunta que não percebo», disse eu. «O que é que o futebol tem a ver com isto?»

«Ele jogava na Commack Soccer League. Era muito apaixonado por futebol. Depois de partir, criámos uma bolsa através da Commack Soccer League em memória dele para ajudar outros alunos. Vai continuar durante anos. Outros alunos que se formem vão receber dinheiro para a universidade.»

«Isto está a dar-me arrepios», declarou George, encolhendo os ombros como se tremesse.

«Sim», concordei. «Está a dar-me arrepios. Qual é o teu primeiro nome, querida?»

«É Lauren», respondeu ela.

Como talvez te lembres, Lauren foi a jovem que, sem nunca ter conhecido os Licata, telefonou a Barbara para lhe falar de George. Esta última leitura foi especialmente interessante por várias razões. Primeiro, o papel de Lauren na leitura foi explicado muito claramente por David: ela não era parente, mas intermediária. Segundo, quando Lauren não conseguiu reconhecer certas informações — a dor no peito de David (que também surgiu na primeira leitura de Barbara e John) e o nome da tia Linda —, George insistiu. Um médium com menos integridade poderia ter aceitado facilmente a sugestão de Lauren de que David queria dizer Lauren, e não Linda, por exemplo. Mas George não o fez. Terceiro, George não só se manteve firme com Linda como deu a relação de Linda com Barbara e com David.

Mas talvez a parte mais espantosa da leitura tenha sido David indicar que, embora não tivesse conhecido Lauren enquanto estava na Terra, sabia da bolsa de futebol. Todas as indicações anteriores de que era atlético (em duas das três leituras anteriores) eram inespecíficas, mas nesta David mostrou a George a bola de futebol e disse que devia ser devolvida a Lauren. Ele sabia da bolsa e da ligação de Lauren a ela.

Esta leitura continha os cinco factos comuns a todas as quatro leituras (como listados acima), mais cinco outras peças de informação que apareceram tanto na de Barbara e John como no discernimento de grupo (menciona a bisavó materna falecida Rose pelo nome, pede a todos que perdoem, menciona ser atlético, menciona encontrar a rapariga do outro lado e que ela morreu antes dele), uma peça de informação que também surgiu na leitura de grupo (que a rapariga tinha sido assassinada) e uma peça de informação que apareceu nesta leitura, na de Darrin e na do grupo (o nome dele, David). Finalmente, George foi, pela terceira vez, informado por David de que haveria uma chamada para ele.

Não sabemos por que razão tanta informação confirmada nas quatro leituras nem sempre foi repetida. No caso da leitura de Barbara e John, talvez não precisassem de lhes dizer que o espírito era o filho deles, David, algo que ele menciona a todos os outros. O que sabemos é que das 22 peças de informação na leitura do grupo, 17 aparecem na leitura de Barbara e John, 10 na de Darrin e 14 na de Lauren. Cinco aparecem nas 4, 8 aparecem em 3 das 4 e 13 aparecem em 2 das 4. Estes números, combinados com a natureza da informação — nomes e relações específicas, conhecimento de coisas que aconteceram após a morte de David, a

consistência nas mensagens repetidas e especialmente a sua mensagem de perdão a Darrin —, não deixam dúvida de que David estava a falar com amigos e entes queridos através de George.

Contudo, a história não termina aqui. No final de outubro, George deu uma demonstração pública para cerca de trezentas pessoas na Lindenhurst High School. Durante uma leitura, começou a receber mensagens de David. Nesse momento, o julgamento do homem acusado de matar David estava em curso, algo que David reconheceu, dizendo que tinha assistido ao julgamento.

George transmitiu as mensagens que recebeu diretamente de David. Estas continham informação que ele não poderia saber. David identificou a avó materna pelo nome próprio, Lucie, pediu pelo pai, John, pelo nome, mencionou o avô, Papa (como fizera na leitura com Lauren) e chamou pela tia Linda. E, como sempre, agradeceu-lhes a todos pelas orações.

A essa altura, George já conhecia a família Licata de vista, pelo que poderíamos fazer de advogado do diabo e desconsiderar esta leitura. No entanto, depois disto, e durante os anos seguintes, David continuou a contactar a família através de George. A 27 de dezembro de 1982, George estava a trabalhar à secretária na companhia telefónica quando o espírito de David apareceu diante dele. George ouviu David dizer: «Manda rosas à minha mãe» e "ditou" o texto para o cartão que acompanharia as flores.

Nesse dia George foi a uma florista e encomendou um ramo de crisântemos, margaridas, névoas-de-bebé e seis rosas. Escreveu a mensagem que David pediu no cartão, assinou o seu próprio nome por baixo da mensagem de David e deu instruções à florista para entregar a Barbara Licata.

Quando atendeu à campainha e viu as flores, Barbara pensou que algum vizinho as tinha enviado como prenda de Natal atrasada. Depois leu o cartão: Adoro-vos, Mãe e a Todos. Com Amor Para Sempre, David. Barbara olhou para as seis rosas vermelhas e começou a chorar; depois percebeu o que tinha acontecido. A 23 de dezembro Barbara começara a rezar uma novena, uma série de orações especiais que se dizem durante nove dias.

A novena dela era a Santa Teresa das Rosas. Tinha rezado para que o cão do David, que jogava à bola com ele no quintal e que morrera nesse mês, estivesse bem e com David do outro lado. Queria também um sinal de David de que ele continuava bem. Barbara telefonou a George, que então

contou a história das flores. Através de George, David tinha respondido às orações de Barbara.

Quatro anos depois, em 1986, Barbara foi ter com George para mais uma de uma série de leituras. Durante uma delas, George ouviu psiquicamente David dizer: «Diz à minha mãe o que vês, diz à minha mãe o que vês.»

George estava a ver muffins, que pensou terem de ser um símbolo psíquico. A ideia de ver muffins era simplesmente demasiado absurda para tomar à letra. Disse a Barbara: «Estás rodeada de muffins. Fazes bolos?»

«Não», respondeu Barbara, rindo-se. «Era o nome do nosso cão, Muffin.»

Aparentemente David estava a dar à mãe a saber que sabia do destino do Muffin e que ele estava com ele do outro lado. Embora David tivesse aludido ao cão em leituras, o nome do cão nunca tinha sido mencionado. Na verdade, Barbara nunca chegou a contar a George que o cão tinha morrido. E — uma nota para os céticos — se ela lhe tivesse contado, não faria mais sentido que George tivesse mencionado o cão em qualquer uma das leituras anteriores e não quatro anos depois da morte do cão?

Na leitura de 1986 George transmitiu a Barbara a seguinte mensagem de David: «Tenho um novo emprego. Estou a aconselhar jovens que passam para o outro lado.» Explicou que tomara a decisão de fazer isso e que todas as orações da família e dos amigos o tinham ajudado a crescer do outro lado. Perto do fim, brincou: «Ganhei as minhas asas.»

OITO

DEPOIS DE ANOS a apresentar um programa de rádio, começamos a ver os ouvintes não como estranhos mas como um grupo de vizinhos amigáveis. Embora só conheçamos pessoalmente algumas dezenas, através de cartas e chamadas, centenas tornam-se conhecidos. Foi através de um desses ouvintes interessados que conheci o Dr. John Gschwendtner. O autor da chamada tinha sido um dos alunos de física dele e ficara impressionado com as discussões de Gschwendtner sobre o paranormal nas aulas de ciências. O Dr. Gschwendtner parecia imperturbável perante as objeções fechadas dos colegas à sua desviação da “ciência ortodoxa”.

Quando nos conhecemos em 1982, o Dr. Gschwendtner já tinha lecionado em três faculdades da área de Nova Iorque, incluindo a Universidade de Columbia. Obtivera o doutoramento em física na prestigiada Universidade de Viena em 1940.

Gostei imediatamente do Dr. John, como lhe chamava. Embora já tivesse passado dos sessenta e cinco anos, estava em excelente forma física, resultado de anos a praticar meditação e ioga. O rosto bonito e marcado era emoldurado por cabelo grisalho curto e uma barba e bigode bem aparados. Homem de inteligência evidente, era sempre encantador, eloquente e espirituoso, a ponto de ser impossível não o achar divertido e bastante simpático, mesmo quando discordávamos.

Durante a nossa primeira conversa, o Dr. Gschwendtner falou com entusiasmo da sua busca de respostas para questões sobre o paranormal, apesar da sua natureza elusiva e das muitas controvérsias e paradoxos. A sua maior frustração era a falta de um fórum público para expressar as suas ideias e filosofia sobre a ciência e o paranormal. Aceitou graciosamente o nosso convite para aparecer num próximo programa de rádio, onde eu o poderia apresentar a George.

Uma vez no ar, o Dr. Gschwendtner e George conversaram brevemente sobre a capacidade de George. O Dr. Gschwendtner deu a sua opinião sobre ciência e paranormal, explicando que não só ciência, misticismo e paranormal eram compatíveis, mas que "um não pode existir sem o outro". Na verdade, disse, há milhares de anos os antigos pareciam compreender sistemas que só agora começamos lentamente a redescobrir. Admitiu, porém, que dentro dos nossos sistemas atuais o funcionamento psíquico ou mediúnico genuíno "não pode ser explicado pelas explicações científicas, físicas ou psicológicas atuais". Acrescentou: «Um psíquico ou médium legítimo está fora da ciência. É, por essa definição, paranormal.»

O Dr. Gschwendtner perguntou então a George se poderia demonstrar a sua capacidade, tendo ele próprio como sujeito. Como sempre, não havia forma de sabermos o que esperar. O doutor nada disse sobre a sua vida pessoal e nada no seu comportamento indicava que estivesse particularmente ansioso por ouvir alguém do outro lado.

George começou a escrever. Ergueu momentaneamente os olhos para o Dr. Gschwendtner e depois abanou a cabeça.

«Há um espírito de uma mulher de pé atrás de si, doutor», disse George.

«Sim», respondeu o doutor.

«Há alguma razão para ela aparecer com hábito de freira? Parece do tipo usado há muitos anos.»

«Sim.»

«A sua mãe já partiu?»

«Sim.»

«A mulher com hábito de freira teria alguma razão para dizer que é a sua mãe?»

«Sim.»

«A sua mãe era freira?», perguntou George, achando altamente improvável.

«Sim, antes de sair para casar e criar família.»

«Doutor, há também um homem de pé perto da sua mãe. O seu pai já partiu, porque é isso que sinto que é.»

«Sim.»

«Há alguma razão para ele estar vestido com traje de padre ou de irmão?»

Era óbvio que George achava difícil acreditar que ambos os pais tivessem pertencido a ordens religiosas antes de casar.

«Sim.»

«O seu pai era padre?»

«Monge», respondeu o Dr. Gschwendtner.

«Ambos os seus pais estão de pé atrás de si com o traje do clero católico romano», explicou George.

«Sim.»

«O seu pai está a dizer que correu tudo bem contigo. Não está nada desapontado contigo.»

«Obrigado.»

«A sua mãe está a insistir para ires à igreja.»

«Está bem», respondeu ele, parecendo compreender a mensagem.

«Esteve nas forças armadas?»

«Sim.»

«Porque vejo símbolos militares.»

«Sim.»

«As forças armadas alemãs. Vejo a suástica», explicou George.

«Sim.»

«Era oficial?»

«Sim. Fui oficial durante a Segunda Guerra Mundial. Quem te está a contar isto, George?», perguntou o Dr. Gschwendtner.

«Vejo dois espíritos atrás de ti. Apareceram logo que os espíritos dos teus pais se foram. Um está com uniforme verde; o outro com uniforme castanho.»

«Sim», respondeu o doutor imediatamente.

«Aceitas o nome Hans?»

«Sim.»

«É um deles. Loiro, boa aparência. Diria que no início dos vinte anos. Está com o uniforme verde. O outro espírito mostra-se com uniforme castanho. Mas tem tez mais escura e cabelo mais escuro.»

«Sim.»

«Há alguma razão para eles estarem a pedir desculpa? O Hans está. Mas diz que não tens motivo para te sentires culpado pelo que aconteceu», disse George. «Estão a dizer que não foi culpa tua.»

«Compreendo.»

«Sentiste-te responsável pela partida deles? Porque eles estão a dizer para não te sentires culpado.»

«Obrigado.»

«Agora, o soldado que se identifica está a erguer algo para eu ver. Parece um desenho ou uma forma qualquer. Diz que vais entender se eu o desenhar para ti.»

Alguns segundos depois, George ergueu uma folha de papel em que desenhara um triângulo invertido. O Dr. Gschwendtner olhou para ele um segundo e depois reconheceu-o. Nisso, George começou a saltar na cadeira. «O Hans está a dizer-me que é uma espécie de código. É um código. Nunca recebi um código antes», disse George entusiasmado. «Doutor, o código tem alguma coisa a ver com o teu serviço militar?»

«Sim.»

«Estão a dizer-me que saíste das forças armadas.»

«Sim.»

«Oiço cães a ladrar. Cães ferozes.»

«Compreendo.»

«Tentaste ou chegaste a fugir do serviço militar?»

«Sim.»

«O Hans diz que o código tem a ver com a tua fuga. Os cães também estão relacionados com a tua fuga.»

«Sim.»

«Estão a dizer-me que fizeste uma fuga por cima de uma fronteira até à segurança. Parece um milagre teres escapado.»

«Sim.»

A leitura continuou mais um pouco e George deu outros detalhes corretos. Fiquei espantado ao saber que o homem que eu só conhecia como cientista e professor tinha fugido dos nazis anos antes.

O Dr. Gschwendtner corroborou a leitura de George ao dar-nos a nós e à audiência que escutava um relato incrível da sua juventude. Fora recrutado à força para o exército alemão no início da guerra, mas, devido ao seu passado científico, foi colocado no serviço meteorológico da força aérea alemã, a Luftwaffe, onde chegou ao posto de capitão.

Em 1942 fez uma fuga ousada mas perigosa da Alemanha para a neutra Suíça. A travessia traiçoeira levou-o pela fronteira alemã fortemente guardada e fortificada, patrulhada por soldados com cães de ataque. A captura teria significado, claro, execução certa como desertor. Que tenha escapado aos nazis foi milagroso. Contudo, uma vez na Suíça, Gschwendtner não era homem livre.

Os suíços detiveram-no e interrogaram-no. Para provar que nada tinha a esconder, Gschwendtner revelou aos suíços certos detalhes técnicos sobre o exército alemão, incluindo alguns códigos secretos. O triângulo invertido que George desenhara fazia parte desse código, o símbolo meteorológico de aguaceiro. «O que George mencionou não era em si um símbolo secreto», disse o Dr. Gschwendtner, «mas o local onde aconteceu e o seu contexto eram secretos.» A aceitação pelos suíços dos códigos e de outra informação secreta tornou-se, nas palavras do Dr. Gschwendtner, «o meu passaporte para a liberdade».

Gschwendtner esclareceu depois os papéis dos dois soldados que George vira psiquicamente. Hans, o oficial loiro de uniforme verde, morreu acidentalmente ao não seguir as indicações de voo de Gschwendtner. O soldado de tez mais escura que George viu era um italiano que Gschwendtner conhecera na Suíça e que foi morto ao tentar fugir dos suíços, algo que Gschwendtner recusara fazer. Contou-nos que se sentira responsável pelas duas mortes durante muito tempo.

John Gschwendtner reconheceu que não havia forma de George ter tido acesso prévio à informação que trouxe na leitura. Por exemplo, a probabilidade de não um, mas ambos os pais terem pertencido a ordens religiosas antes de casar era infinitesimal, sobretudo naqueles tempos.

«Ele descobre coisas de que ninguém tem consciência exceto a pessoa para quem está a fazer a leitura», disse Gschwendtner. «Não havia forma de ele saber estes factos da minha vida. Não são o tipo de memórias de que se fala facilmente. Posso dizer-vos que houve coisas que George me contou que ninguém nos Estados Unidos alguma vez soube, coisas que nunca contei a ninguém desde que vim para este país em 1960. A probabilidade de escapar aos nazis era rara. A probabilidade de George saber é ainda mais rara.»

Perguntei ao Dr. Gschwendtner se tinha alguma teoria para explicar as capacidades de George.

«Na minha opinião», respondeu, «as perceções de George não podem ser explicadas pelas nossas explicações científicas, físicas ou psicológicas atuais. Ele está fora da ciência. É paranormal. George vê uma imagem dos acontecimentos que descreve. Uma teoria é que ele possa ter acesso, de alguma forma, às nossas mentes inconscientes e aos nossos bancos de memória. A informação vem até ele.»

«Poderia George ter acesso aos bancos de memória daqueles que já partiram?», perguntei, referindo-me a uma teoria comum.

«Certamente. Não vejo razão para não. Sim, ele poderia ver e projetar entidades desencarnadas — mas não há forma de o provar. Por outro lado, também não há forma de dizer que não. Não tenho forma de dizer que não existem entidades desencarnadas. Mas os parapsicólogos até agora não conseguiram comprová-lo. A telepatia é mais fácil de acompanhar do que entidades desencarnadas. A telepatia está fora de dúvida.»

«Como sugere que George consegue dar mensagens sobre acontecimentos futuros?», perguntei.

«Não há passado, presente nem futuro da maneira que os descreves. Esta é a minha metáfora: o livro já está escrito. Mesmo que ainda não tenhas lido o capítulo final, ele já está escrito. Do mesmo modo, o futuro já está aqui, mesmo que ainda não tenhamos chegado lá. O tempo é uma ficção.»

«O que acontece quando deixamos este corpo físico?», perguntei.

«Passamos de uma casa para outra. Há uma energia indestrutível. Não creio que essa energia mude assim tanto. Esperamos que se desenvolva.»

«Essa energia poderia ser a alma?»

«Sim. George vê as almas dos mortos.»

«E, doutor, depois de partirmos do mundo físico, podem as almas ou espíritos comunicar-se de volta connosco?»

«Não podemos prová-lo com os nossos sistemas atuais de conhecimento, mas pessoalmente dou-lhe uma alta probabilidade», respondeu Gschwendtner.

«Doutor, tenho curiosidade. Porquê o teu interesse no paranormal?»

«Desde rapaz que me deparei com o facto de neste mundo existirem coisas que não estão nos livros de física. Por isso comecei a perseguir isto de forma sistemática. Tenho um interesse de toda a vida para além dos limites da ciência ortodoxa.

«Carl Gustav Jung, o grande psiquiatra, escreveu uma tese de doutoramento sobre parapsicologia. O sistema de psicologia de Jung inclui o conceito de coincidência significativa, ou sincronicidade. Jung interessava-se por quase todas as áreas do paranormal, procurando causas e explicações. Jung era simultaneamente psiquiatra e filósofo. Era suíço. Conheci-o na Suíça. Era como um patriarca para quem dele aprendia. Estava sempre a falar consigo mesmo e a deixar-nos ouvir. Jung tinha a mente aberta. Era um homem honesto que usava fenómenos psíquicos na sua própria prática», explicou Gschwendtner.

«O que esperas que as pessoas de hoje considerem quando se aproximam do paranormal?», perguntei.

«Espero que alguém que me use como modelo comece a repensar a sua ignorância. É preciso educar as pessoas. Abrir-lhes a mente. Acordar-lhes o cérebro!», respondeu Gschwendtner.

A LEITURA NO AR com o Dr. Gschwendtner e as duas leituras privadas que se seguem dão bons exemplos de um padrão que observámos. Parece haver uma clara correlação entre as circunstâncias trágicas, invulgares ou muito emocionais na altura da partida e a força, clareza e especificidade da comunicação do espírito. Não sabemos ao certo porquê, mas alguém cuja partida deixou entes queridos com perguntas, arrependimento ou luto intratável parece fazer um esforço extra para dar detalhes privados e factos identificadores. Curiosamente, vemos também o

oposto sempre que o sujeito é vago, pouco disposto ou incapaz de reconhecer uma mensagem. As negações repetidas de uma mensagem por parte do sujeito praticamente garantem que a mensagem terminará — embora normalmente só depois de o espírito ter feito várias tentativas de a transmitir.

Em contrapartida, se olharmos para um avô ou avó que partiu calmamente em idade avançada por causas naturais e deixa uma família basicamente estável, temos uma ideia do que os espíritos podem estar a pensar. Quase sem exceção, o espírito que teve a sorte de partir numa morte tão ideal tem pouco a dizer. Claro que a mensagem tem um significado profundo para a família, mas os espíritos que partem nestas circunstâncias parecem ser os mais propensos a preocupar-se com a promoção no emprego do sujeito, o carro novo, a mudança de residência ou o aniversário que se aproxima. Não quer isso dizer que estas mensagens não tenham outro conteúdo; têm. Mas parecem faltar-lhes o sentido de urgência e a alta emoção dos casos mais trágicos ou invulgares.

O reconhecimento da oração pelos espíritos e as declarações de preocupação connosco indicam que eles de alguma forma têm conhecimento do que sentimos e, talvez, pensamos. Não há dúvida de que os espíritos parecem ser atraídos por aqueles que precisam de os ouvir e, uma vez essas pessoas estabelecidas contacto, seja através de George ou de outra forma, as mensagens dos espíritos contêm palavras de amor, conforto, perdão e tranquilidade. Estes pontos em particular tendem a ser repetidos muitas vezes na leitura, como se, tal como George acredita, o espírito soubesse quão desesperadamente aqueles que ficaram precisam de os ouvir.

É muito difícil estar sentado centenas de horas com alguém como George e não ser profundamente e pessoalmente tocado por muitas das leituras. De certo modo, a partida de cada ente querido é dolorosa, mas tanto George como eu acreditamos que não há nada tão devastador como a dor de um pai pela morte de um filho.

Um dia, no outono de 1983, recebi uma chamada de um homem que nunca tinha conhecido. Queria falar sobre o assassínio brutal de um rapaz de dez anos que acontecera vários anos antes num estado vizinho. O crime fora particularmente chocante porque não foi cometido por adultos desequilibrados ou por um grupo de jovens delinquentes, mas por dois ou três outros miúdos, nenhum muito mais velho do que a vítima. O falecido, um rapaz chamado Charles, foi abordado por três outros jovens que

exigiram que lhes entregasse o casaco de ganga. Quando ele recusou, atacaram-no e depois enfiaram-lhe várias bandanas de algodão pela garganta abaixo, sufocando-o até à morte. Pelo que lera sobre o caso, três rapazes estavam a ser acusados do assassínio, mas ainda havia dúvidas quanto ao papel de cada um no crime ou mesmo se todos os três eram culpados. O homem com quem falava era o pai de um dos rapazes acusados. Tinha ouvido falar de George e pediu-me que o ajudasse a marcar uma leitura. Prometi fazer o que pudesse.

No dia seguinte, George contou-me que na noite anterior tivera a visão mais estranha. Por alguma razão que não conseguia entender, o espírito de um rapaz brutalmente assassinado aparecera diante dele. George lembrava-se vagamente de ter ouvido ou lido algo sobre o crime hediondo e o espírito dera-lhe um símbolo. Quando George me descreveu o espírito e o símbolo, percebi que era o espírito de Charles, o rapaz de quem eu falara com o homem apenas um dia antes. George ainda não conseguia perceber por que razão o espírito lhe apareceria. Recusei-me a explicar, mas marquei uma leitura privada do homem com George.

A leitura realizou-se em casa de George e começou da maneira habitual.

«O que quer que eu diga, responde apenas sim ou não; não me dês detalhes nem informação. Deixa-me falar a mim.» Após uma breve pausa, George perguntou: «Há tragédia à tua volta ou houve?»

«Sim», respondeu o homem.

«Houve; acabou.»

«Sim, espero que sim», respondeu o homem em voz baixa.

«Bem, digamos apenas que o núcleo acabou. Neste mundo, pelo menos. Isto aconteceu há vários anos?»

«Sim.»

«Acabou, mas nunca te vais conformar com isso. É isso que estou a perceber. Algum familiar partiu nesta tragédia?»

«Não, não um familiar.»

«Alguém muito próximo de ti?»

«Não propriamente.»

George ficou em silêncio. Isto era invulgar. «Mas houve uma morte; uma morte trágica.» Numa folha escrevera a palavra redrum. «Assassínio?»

«Sim.»

«É o que estou a receber. A pessoa que partiu é do sexo masculino?»

«Sim.»

«Mas não próxima de ti?» George estava bloqueado. «Simplesmente não percebo por que estão a vir. Não é parente teu?», repetiu.

«Não.»

Na esperança de ajudar a esclarecer o que George estava a receber e afastar a possibilidade de ser outra pessoa da família do homem a vir, perguntei: «Há mais alguém na família de quem ele possa estar a falar?» O homem abanou a cabeça que não.

«Não percebo», repetiu George. «É muito confuso. Está bem, deixamos passar. Partiu jovem?»

«Sim.»

«Não é parente teu por casamento nem nada desse género.»

«Não.»

«Ele é parente teu de alguma forma, simplesmente não percebo como. Amizade?»

«Não.»

«Tens a certeza?»

«Sim.»

«Foi assassinado?»

«Sim.»

«Porque é por isso que continuo a escrever redrum; assassínio escrito ao contrário. Pessoa jovem.»

«Sim.»

«Jovem do sexo masculino.»

«Sim.»

«É parvo dizer, mas uma forma invulgar de partir?»

«Sim.»

«Não é um assassínio de que eu ouvisse falar todos os dias, isso é certo. O nome Benjamin significa alguma coisa para ti?»

«Sim.»

«Significa? Porque continuo a ver Benjamin Franklin por cima. Pensei que ias dizer que não. Sabes muito sobre esta pessoa que partiu por causa do assassínio?»

«Agora, sim.»

«Está bem, é daí que estou a receber a relação. Conheces a pessoa e sabes o suficiente sobre ela. É quase como se tivesses carregado histórias sobre ele; fizeste algum trabalho relacionado com o assassínio dele.»

«Sim.»

«Eis a relação que estava a captar. Está bem. Conheces pessoalmente as pessoas ligadas a isto. Foi por isso que senti o puxão; ele sabe do outro lado que estiveste envolvido no caso dele. Este é um caso muito, muito emocional. Há muitas lágrimas à volta disto, desânimo, tristeza.»

«Com certeza.»

«Esta pessoa Benjamin é parente teu?»

«Não.»

«Só amigo. Está bem, ele tem alguma coisa a ver com trabalhar neste caso?»

«Sim.»

«Porque estou a receber a mesma ligação que tens, algum tipo de ligação nesse sentido, não familiar, mas eis uma ligação próxima. Fazes algum tipo de escrita?»

«Profissionalmente, não.»

«Investigação de algum tipo?»

«Não.»

«Vão ficar doidos», disse George a respeito dos espíritos cujas mensagens não pareciam estar a ligar. «Em relação a este caso, trabalhaste neste caso, ou algo assim?»

«Sim, de certa forma.»

«Investigaste-o, falaste sobre ele?»

«Extensivamente.»

«Está bem, eis a ligação. Conhecias esta pessoa pessoalmente? Não tiveste contacto com ele antes da partida dele.»

«Não.»

«Tens algum contacto com a família dele?»

«Remotamente.»

«Poderias ter contacto com a família dele?»

«Poderia? Se quisesse, provavelmente.»

«Estás em bons termos com esta família?»

«Não.»

«Isso é invulgar. Conheces alguém envolvido no caso dele?»

«Sim.»

«Eis outra ligação. Não quero dizer nada até ter a certeza de que o que estou a receber está correto. Sabes como esta pessoa partiu?»

«Sim.»

«Alguém que conheces esteve envolvido na morte dele?»

«Que eu saiba, não.»

«Alguém que conheces foi acusado da morte dele?»

«Sim.»

«Porque quando disseste não, recebi "Não, errado", que há envolvimento nisso. O nome Joseph significa alguma coisa para ti?»

«Sim.»

«Vivo.»

«Sim.»

«Na Terra. Outro jovem, ainda não partiu. Era jovem na altura da partida desta pessoa?»

«Sim.»

«Está bem, é o que estou a receber. Bem, tenho de perguntar: Este Joseph está envolvido neste assassínio? Porque é isso que este lado do outro mundo não para de me dizer; ele diz: "Eu perdoei o Joseph." Percebes? Desde que percebas, vou continuar a transmitir. Este Joseph está afastado?»

«Sim.»

«Está longe daqui, não nesta zona. Não sinto que esteja fora do estado onde isto aconteceu, porém.»

«Não.»

«Diria que está na metade ou final da adolescência agora?»

«Sim.»

«Esta pessoa que partiu conhecia o Joseph?»

«Sim.»

«Conheciam-se pessoalmente, porque segundo ele: "Conheciamo-nos pessoalmente." Diz-me…» George fez uma pausa, respirou fundo e depois disse: «Bem, vou perguntar: o Joseph está a ser acusado do assassínio dele?»

«Sim.»

«É o que ele diz: "O Joseph está a ser acusado do meu assassínio." Agora, a pessoa com quem sinto que estou em contacto diria que partiu aos dez, onze anos, muito novo, partida muito trágica. Não acidente de veículo nem nada desse tipo; ele afasta-me de quaisquer símbolos desse género. Diz que não. Os pais ainda vivem, correto?»

«Sim.»

«Porque ele continua a chamar pelos pais: "Por favor, digam aos meus pais que ouviram falar de mim, digam-lhes que estou bem." Repete isso vezes sem conta.»

George continuou com dificuldade em determinar a relação do sujeito com Joseph.

«Agora, este Joseph é parente teu? Mais uma vez, só trabalhando neste caso ou algo assim? Não há relação nem amizade?»

«Com um membro da minha família, o Joseph é.»

«Está bem, está bem. É parente teu por casamento?»

«Não, não é parente», disse o homem, tentando esclarecer o que queria dizer sem revelar nada. «Só amizade.»

«Está bem, porque há algum tipo de ligação com a família dele. Não conseguia perceber o que queriam dizer. Há alguém acusado que seja parente teu?»

«Neste momento, não.»

«Poderia haver?»

«Houve numa altura.»

«Porque alguém aponta psiquicamente para ti e depois afasta-se, o que significa… um filho? Segundo este homem do outro lado, o teu filho foi meio que apontado mas depois libertado ou afastado disso, e ele não está a fazer acusações. Dá-me a impressão de que o teu filho não teve nada a ver com isso. Se teve, foi muito, muito pouco; não chegou ao extremo destas outras pessoas envolvidas.»

«Verdade.»

«Ele não está preso. Basicamente acabou?»

«Com ele.»

«Está bem, porque estou a receber liberação. Acho que já estás bastante convencido disso, mas ele diz para ficares descansado; "O teu filho não teve nada a ver com a minha partida." Ele foi detido, não foi?»

«Sim.»

«Sim, vejo uma detenção à minha frente, e ele esteve encarcerado temporariamente, mas foi ilibado. O nome Charles significa alguma coisa para ti?»

«Sim.»

«Partiu, porém.»

«Sim.»

«Não é familiar.»

«Não.»

«Não tens ninguém chamado Charles na tua família que tenha partido?»

«Verdade.»

«Está bem, só queria esclarecer isso, que não há ninguém parente teu que tenha partido. Chamavam-lhe Charlie?»

«Sim.»

«Primeiro diz Charles, depois diz Charlie. É ele a vítima?»

«Sim.»

«Tem de ser, porque mais uma vez recebo o chamamento aos pais: "Por favor digam-lhes que ouviram falar de mim, digam-lhes que ouviram falar de mim, estou bem, estou bem, estou bem." Repete isso vezes sem conta. O nome William significa alguma coisa para ti?»

«Sim.»

«Vivo.»

«Sim.»

«Envolvido nisto.»

«Sim.»

«Estou a receber novamente a vibração de perdão. O William teria estado envolvido no caso?»

«Disseste que ele foi ilibado.»

«Ele parece perdoar este Joseph e este William pelo envolvimento na sua partida. Estou só a repetir o que ouço. A pessoa que foi assassinada diz-me que uma pessoa teve definitivamente envolvimento de primeira fila. E parece dar-me o nome Benjamin. Dá-me a impressão de que eles definitivamente tiveram algo a ver com isso. Mas ele está a perdoar. Continua a dizer: "Eu perdoo, eu perdoo", e mais uma vez continua a chamar pelos pais. Era muito próximo dos pais?»

«Sim.»

«Tem de ter sido. Esses dois nomes voltam outra vez, que eles estiveram diretamente envolvidos, sejam quem forem estes outros dois, Joseph e Benjamin. O Charles diz: "Eles estiveram diretamente envolvidos na minha partida." Mas não o diz com hostilidade, diz-o com perdão e percebe que aconteceu. O Charles é definitivamente a vítima que está do outro lado. Partiu por causa disto.»

«Sim.»

«Vejo um casaco qualquer, mostra-mo e diz que tem a ver com o problema inicial.»

«Sim.»

«Segundo este Charles do outro lado, eram três no total, com um cabecilha, por assim dizer, e outra pessoa diretamente envolvida. O teu é como o terceiro. Há duas pessoas realmente apontadas, realmente envolvidas. Se eu incluísse o teu filho como acusado, seriam três, mas vou afastá-lo. Era nisso que estava a insistir; tinha de explicar. Segundo este Charles, eram dois — um cabecilha e outro, um capanga, por assim dizer. E diz que o terceiro acusado não tem nada a ver com isso. E também era jovem, tinha de ser adolescente, porque teria, tipo, doze, treze anos por aí.»

«Acabou de fazer dezasseis.»

«Os outros eram mais velhos do que ele na altura disto?»

«Não.»

«Porque ele disse: "É o que era o mais velho, tinha uma das maiores diferenças de idade", não parecia ter qualquer ligação. Fosse qual fosse este caso, parece que no último minuto estavam à procura de alguém mais para acusar, e ele por acaso estava na lista, mas dizem que ele não tem nada a ver com isso e foi ilibado. Este Charles partiu criança? Filho único.»

«Sim.»

«É o que ele me diz, filho único. Recebo uma vibração muito boa dele. Parece inquieto só no sentido de querer que os pais saibam que está bem, imagino por causa da tragédia. Continua a chamar pelos pais — "Digam-lhes que estou bem, digam-lhes que estou bem." … Neste caso, foi usada alguma arma? Estica além disso — não faca nem pistola.»

«Uma arma?», perguntei.

«Sim», respondeu George, «mas não faca nem pistola, porque vejo-as riscadas. Outra forma de arma.»

«Sim», respondi.

«Segundo este Charles, ele diz: "Parti", mas não de algo que eu identificasse como arma. Era ruivo? Tens ideia de como ele era?»

«Sim. Tinha cabelo ruivo.»

«Rosto muito luminoso; cara agradável, pelo que vejo à minha frente. O nome Louise significa alguma coisa para este Charles?»

«Sim.»

«Porque ele continua a chamar por Louise: "Diz-lhes que ouviste falar de mim." Eram muito próximos?»

«Sim.»

«Parentela?»

«Sim.»

«Ele parece muito… Há uma mulher atrás dele e adoraria saber quem é. Tem de ser a avó ou bisavó. Está meio que a ajudá-lo a fazer contacto. A Louise é a mãe dele?»

«Sim.»

«É o que ele diz. Está bem. Ela é muito próxima, imagino. Continua a dizer-me para dizer à mãe dele que ouvi falar dele, vezes sem conta. Suponho que eram próximos porque ele chama: "Mamã." O pai ainda vive também?»

«Sim.»

«Não recebo nome, mas continua a chamar por ele também. "Diz ao meu pai que ouviste falar de mim." Não sei o que eles sentem sobre isto, mas devem acreditar que ele está morto porque ele continua a dizer: "Digam-lhes que eu não estou morto, eu não estou morto." É como uma criança ansiosa, a repetir vezes sem conta. É a coisa mais estranha: continuo a sentir pressão na garganta; isso teve alguma coisa a ver com a partida dele?»

«Sim.»

«Hum, alguém teria… agora ouve bem a minha pergunta… alguém lhe teria segurado a garganta num momento qualquer?»

«Possivelmente.»

«Sinto que me estão a segurar a garganta, mas não me estão a estrangular. Não com a mão, em todo o caso. Estou a ter uma sensação de falta de ar — ele deve ter sido asfixiado. Partiu por asfixia, algo assim; não estrangulamento, porém. Há algo na minha garganta. É a mesma sensação que tive quando fiz um caso em que alguém morreu asfixiado, e direi que foi assim que partiram, mas não por vontade própria. Foi forçado algo pela garganta da pessoa?»

«Sim.»

«É como se sentisse algo a ser enfiado pela minha garganta abaixo. Sem saída — sensação horrível. Tenho de limpar isso rapidamente… Estou com muitas dores de cabeça. Saberias se esta pessoa teve muita pressão na cabeça antes de partir?»

«Possivelmente.»

«Estou a sentir uma dor de cabeça tremenda, tipo, ufa, o sangue a inchar no topo da cabeça, seja o que for que aconteceu na garganta. Estes dois estão ambos encarcerados?»

«Não.»

«Um está, porém. Mais um a caminho», declarou George.

Intervim: «Diz tu.»

«É uma possibilidade muito forte.»

«Não sabemos», disse eu.

«Há um lá dentro agora, diz-me ele», explicou George, com precisão, como se veio a verificar. «Continuo a ver um carimbo grande, preto, que diz "culpado". Se ele fosse inocente, dir-me-iam; se for culpado, também me dizem. Pode ter havido muita controvérsia, mas eles mantêm-se firmes e dizem "culpado" no primeiro. Agora, diz-me que há definitivamente dois culpados. O teu não, mas os outros dois, definitivamente. O que está preso agora esteve diretamente envolvido, o outro pode ter feito parte ou pode ter ficado ali a ver. Vejo dois homens à volta de outro homem. Acho que, se alguma coisa, o teu filho pode ter estado por ali naquela altura, antes disto tudo começar, e por medo fugiu, não sei.

«A pessoa que partiu diz que o teu filho não teve nada a ver com a morte dele. Se alguma coisa, pode ter sido pressionado pela polícia, estou a perceber que foste posto no moinho pelo departamento de polícia, mas não recebo qualquer prova. Nada, um fluxo limpo de água à minha frente, o que significa liberação, e um zero, o que significa nenhum envolvimento. É por isso que tenho de me manter firme no que dizem sobre as outras partes. Estou a receber um grande carimbo de "culpado" à minha frente.

«Além deste Charles que partiu, há alguém vivo próximo dele com o mesmo nome, porque ele repete o nome?», continuou George. «Oh — percebo agora. Diz que foi batizado em homenagem a alguém; um Charles sénior, por isso vamos assumir que teria de ser o pai; é a minha primeira escolha. Porque diz: "Eu sou o júnior; o meu pai tem o mesmo nome que eu." Está bem. Não sei se alguém tem contacto com os pais dele, mas ele certamente gostaria que ouvissem.

Continua a dizer-me: "Diz aos meus pais que ouviste falar de mim." Mais uma vez: "Por favor, diz aos meus pais que ouviste falar de mim." É só isso que ouço. Definitivamente uma pessoa jovem a chamar: "Mãe. Mamã. Diz à mamã que estou bem", esse tipo de coisa. Pararam. O contacto quebrou-se.»

Após alguns momentos de silêncio, George e o pai de William falaram sobre a leitura. Todos os nomes dados estavam corretos, assim como o relato de George, através de dor simpática, do ato que matou Charles. Tudo o que George dissera sobre o caso provou ser verdade. O filho dele era o terceiro suspeito e fora considerado não culpado pelos tribunais. Dos outros dois suspeitos, ambos foram considerados culpados conforme acusados. Num momento, George disse ao pai de William: «Foi interessante; no minuto em que te sentaste, comecei a ver aquela cena de O Iluminado, em que diziam "redrum".

Alguém repetia vezes sem conta e continuavam a escrever. É assassínio escrito ao contrário. E eu disse: "Ah, agora percebo o que isto significa, tem de ser um caso de assassínio." E vi preto por cima da tua cabeça. Mas era cinzento, o que significa que o pior passou, está a clarear. É só uma má memória, por assim dizer. Primeiro pensei que alguém tivesse algo a ver com filmes e depois percebi, vi o preto, disse que não, tem a ver com assassínio.»

Para o pai de William, a leitura trouxe uma mensagem de conforto para ele e, se algum dia a discutisse com os pais de Charles, para a família do rapaz assassinado. Infelizmente, não sabemos se eles alguma vez souberam disto.

GERALMENTE, AS PESSOAS vêm ter com George à procura de respostas. O seu ente querido sofreu antes de morrer? Sabia ele ou ela que, após a morte física, tinham um neto, ou que o cônjuge sofria de um problema de saúde? Mas de vez em quando, as pessoas vêm ter com George para saber sobre alguém que ainda pode estar na Terra e, no caso raro, para descobrir se um ente querido está na Terra ou já partiu para o outro lado.

Uma noite, George foi contactado por um jovem casal cuja filha pequena fora raptada. Era um caso invulgarmente complexo, envolvendo uma batalha pela custódia e uma adoção fora do estado de legalidade questionável. George tentou lê-los mas não conseguiu, não saiu nada. Perguntámo-nos se o facto de todos estarem vivos — os pais da menina, os avós e a maioria dos parentes, assim como a própria menina e os raptores — explicaria a falta de comunicação do outro lado.

Uma das leituras mais tristes que alguma vez assisti foi com os pais de um homem dado como desaparecido em combate desde o início de

fevereiro de 1973, apenas oito dias após a assinatura do tratado que pôs fim à Guerra do Vietname. Estacionado no Laos e antes disso na Tailândia, voara numa missão de reconhecimento de rotina, o avião foi abatido e acreditavam que fora feito prisioneiro. Após mais de uma década à procura de respostas — do governo, de outros ex-prisioneiros de guerra e de várias organizações —, não estavam mais certos quanto ao destino do filho.

A mãe dele, Lila, explicou depois de a leitura ter terminado: «Quatro morreram na queda e quatro foram capturados. Primeiro disseram que o Matthew estava desaparecido, depois disseram que estava morto, e mais tarde soubemos que tinha sido capturado, e têm gravações de voz do inimigo a falar da captura. Por isso não sabemos se ele está morto ou vivi—» Parou um momento, como se não conseguisse terminar. «É por isso que sempre me perguntei se ele está morto ou vivo?» Vieram ter com George à procura de uma resposta.

A leitura propriamente dita com Lila e Anthony, o pai de Matthew, durou mais de uma hora, durante a qual vários espíritos apareceram, incluindo o pai, o tio e a tia de Lila, cada um com mensagens reconhecidas. O que se segue são excertos que dizem respeito especificamente a Matthew. A leitura completa é demasiado longa para incluir aqui integralmente; no entanto, várias coisas aconteceram na leitura antes de Matthew conseguir romper.

Durante quase os primeiros quinze minutos da leitura, foi o pai de Lila quem falou. Deu uma longa série de pistas que depois foram reconhecidas — um mapa da Europa, dirigir-se a George como jovem, interesse em medicina (embora não fosse médico) —, mas inicialmente foram negadas por Lila e Anthony, que estavam a "interpretar" todas as mensagens em função de como se relacionariam com o filho. Quando George perguntou: «É o teu pai?», Lila disse que não. Então George disse: «Ele disse-me que eu ia receber um não nisso. Disse: "Eles vão entender-me mal." É ou um pai ou uma figura paternal.» Depois de finalmente se determinar que o primeiro espírito era o pai de Lila, e não o filho dela, George relatou que o espírito lhe dissera: «Sou o pai dela. Vais receber um não, eles não estão a pensar que sou eu.»

Isto provou ser um caso clássico contra a telepatia. Obviamente, se a fonte de informação de George fossem os seus sujeitos e se as leituras fossem essencialmente produto da leitura das suas mentes, ele teria chegado a Matthew, não ao avô. Além disso, George transmitiu mais tarde

outra informação do pai de Lila, como um nome carinhoso — que George repetiu a Lila, usando a mesma pronúncia suíço-alemã que o pai dela usava — que ela não pensava há anos. Ainda assim, logo no início e mais tarde também, George manteve-se fiel à sua mensagem, mesmo quando poderia ter seguido facilmente as pistas dos sujeitos. Talvez como resultado da confusão inicial, Matthew esforça-se muito para oferecer prova não só da sua identidade mas da sua morte, falando longamente de vários acontecimentos na vida dos pais e irmãos que ocorreram depois de ele ter sido dado como desaparecido. Mais uma vez, neste ponto George não sabe quem são Lila e Anthony — os nomes deles nem a relação entre eles — nem por que estão ali.

«Perderam um filho?», perguntou George.

«Há anos», respondeu Lila. «Um aborto espontâneo.»

«Está bem, era isso que procurava», respondeu George. Depois, virando-se para Anthony, perguntou: «Tu não perdeste um filho, pois não?»

«Sim, perdi um filho», disse Anthony em voz baixa.

«Está bem, espera lá — não digas nada. Aborto espontâneo?»

«Sim, sim. Não respondi bem», disse Lila de repente.

«Não aborto espontâneo? Não é aborto espontâneo. Quando disseste aborto espontâneo, não bateu certo.»

«Quando disseste filho», explicou Lila, «estou a pensar num pequenino—»

«Não, eles querem dizer que há definitivamente alguém que se reclama vosso filho. O teu tio trá-lo.»

«Está bem», respondeu Lila, compreendendo.

«Isto é engraçado. Quando disseste aborto espontâneo, foi tipo "não, não", depois inclinaram-se sobre ti», disse George, indicando Anthony, «e depois disseram que perdeste um filho, ele disse-me para ir ter com ele, que ele compreenderia. O filho já era crescido.»

«Sim.»

«Está bem. Ainda assim partiu meio jovem para os padrões de hoje?»

«Sim.»

«Sim, é isso que recebo. Muito próximo de vós.»

«Sim.»

«Ainda é.»

«Sim.»

«Partida muito dolorosa?»

«Sim.»

«Partiu depois do teu tio?»

«Sim.»

«Conhecia o teu tio? Se não, encontrou-o lá, porque… É vosso filho, aliás?»

«É ele, mas ele não—»

«Está bem, mas encontrou-o lá, o teu tio foi uma das primeiras pessoas a recebê-lo quando ele chegou, por causa de ele ser tão próximo de vós. Conhecia o teu pai?»

«Sim, conhecia.»

«Porque o teu pai também o recebeu. O teu pai partiu antes dele?»

«Sim.»

«Porque estou a receber quem recebeu quem quando o outro chegou — é isso que me está a baralhar.»

«Isso é uma pergunta neste momento», respondeu Lila. «Não sei.»

«Está bem. Ele encontrou o teu filho ou o teu filho encontrou-o, um ou o outro. É o teu filho, certo?»

«Sim.»

«Tinha mais de dezasseis anos quando partiu?»

«Sim.»

«Está bem. É este de quem pensavas quando começámos?»

Lila respondeu: «Quando falaste com ele primeiro [referindo-se ao pai dela], sim.»

«Ele diz-me: "Pensavas que era eu." Mas ainda não estava pronto para aparecer, por isso primeiro vieram o teu pai e o teu tio, e ele observou-os para ver como faziam, e assim que percebeu como era, aprendeu com aquilo e pegou nisso… era definitivamente adulto, tinha pelo menos vinte e poucos anos ou mais—»

«Sim.»

«Usava uniforme?»

«Sim.»

«Porque está a aparecer de uniforme mesmo atrás de ti. Deixou-me de boca aberta. Partiu no serviço militar? Ou com este uniforme?»

«Com o uniforme.»

«Tem paciência comigo. Estou a tirar conclusões precipitadas sobre militar — pode ser polícia, bombeiro, outra coisa qualquer —, mas partiu de uniforme.»

«Sim.»

«Está bem, fico-me por aí. Tenho de manter o meu cérebro lógico fora disto e só ouvir. Está bem, ele diz que partiu de uniforme.»

«Militar», interveio Anthony.

«Tens uma fotografia dele em casa de uniforme?»

«Sim», respondeu Lila.

«Porque ele continua a fazer-me continência de uniforme e diz: "Sim, tens uma fotografia minha em casa… de uniforme", e consigo vê-la, está definitivamente exposta. Guardas algo perto dela? Uma vela, uma rosa?»

«Sim», respondeu Lila.

«Há algo para o homenagear ali, diz-me ele e está muito contente com isso. Uma pessoa muito sensível?»

«Sim.»

«Vibração muito forte e sensível que recebo dele.» Virando-se para Anthony, George perguntou: «Ele também te conhece, certo?»

«Sim», disse Anthony.

«Não quer que penses que te está a ignorar, porque a força vai toda nesta direção [indicando Lila]… Está bem agora, não quero tirar conclusões precipitadas. Esteve alguma arma envolvida na partida dele?»

«Sim.»

«Então está correto. Não sabia se era símbolo militar ou se significava outra coisa, mas ele disse que uma arma esteve envolvida na partida dele. Há algum mistério sobre a forma como partiu?»

«Sim.»

«É o que ele me diz, põe pontos de interrogação depois da arma. Muito mistério, diz ele. Estava longe de casa?»

«Sim.»

«Havia muitas explosões à volta dele?»

«Sim.»

«Porque estou a ouvir explosões a rebentar, mas há pontos de interrogação a seguir.»

«Exato.»

«Definitivamente há algo por esclarecer. Rezas por ele?»

«Oh, sim.»

«Porque ele recebe-as alto e claro. Continua a enviá-las. Rezas o terço por ele?»

«Todos os dias.»

«Não acredito nisto», disse George, incrédulo. «Filho da mãe, ele acaba de erguer o terço à minha frente e diz: "É isto que ela reza por mim. Diariamente." Diz: "Por favor, continua." Só por curiosidade, as contas do teu terço são brancas?»

«Cristal.»

«Oh, homem. Ele mostrou-me cristal branco e ergueu-as à minha frente.»

O tom de George mudou bruscamente a meio da frase. «Foi morto numa explosão? Ou, aparentemente, foi morto em combate? Pelo que sabemos, mas ao mesmo tempo não é combate?»

«Exato.»

«É o que estou a receber. "Fui morto em combate", mas não da forma que eu interpretaria como combate. Ele não está no campo de batalha. Ou está perto de um campo de batalha.» George ficou em silêncio, tentando absorver as mensagens aparentemente contraditórias. «Percebes aonde quero chegar, sem me dizeres nada? Foi morto em combate, mas diz que não é—»

«Sim», respondeu Lila imediatamente.

«Não é combate, eu… quando recebo "morto em combate", sei o que estou a pensar, e ele diz: "Não é o que estás a pensar." Oh. Agora, alguém escreveu sobre ele?»

«Sim.»

«É o que ele está a dizer, antes do que o teu pai dizia, percebes, eu percebo, algo foi escrito sobre ele. Escreveste sobre ele?»

«Sim.»

«Falas dele?»

«Oh, sim.»

«Publicamente, porém?»

«Sim.»

«Está bem, agora percebo. É por isso que te vejo a ensinar. Estás a contar, estás a relatar a história dele ao público — está bem, mas acho que é isso que ele quer dizer e está a tentar transmitir. Tinha algum nome carinhoso?»

«Sim.»

«É a esse que se refere o nome carinhoso, está bem. Não consigo captá-lo porque a mente vai rejeitá-lo; nunca ouvi antes. Vês, o problema é que às vezes quando vêm todos ao mesmo tempo, fico confuso. Não sei realmente com quem estava a falar no início. E depois o teu pai, felizmente, apareceu e deve ter sido uma pessoa de vontade forte, dominou a interação e explicou-me o que estava a acontecer. Depois veio o teu tio e explicou-me porque sentia aquela suavidade, e depois o teu filho apareceu e disse que, como nós dois parecíamos pensar que era dele que eu estava a falar no início e ele ainda não tinha vindo. Tem alguma irmã com quem seja muito próximo?»

«Sim.»

«É a outra mulher de quem fala. Mais nova do que ele?»

«Não.»

«Ele tem irmãs mais novas?»

«Sim.»

«Bem, quando disseste não, ele disse: "Sim, irmã mais nova", e disse: "Há outra também."»

«Possivelmente. Pensei que ele fosse mais próximo de outra.»

«Bem, há uma razão para estar a sair assim… Ele estava definitivamente no estrangeiro quando esta tragédia aconteceu—»

«Sim», respondeu Lila.

«Está bem, porque ele diz: "Estou por cima de água." Bem, acho que não é preciso ser médium para saber. Foi no Vietname?»

«Sim.»

«Sim, teria de ser, porque é o mais recente de acordo com a idade dele—»

«Bem, isso não — não foi o que aconteceu.»

«Oh, não foi. Ele esteve no Vietname, porém?»

«Não», disse Anthony.

«Não, não na altura. Não», concordou Lila.

«Mas nessa parte do mundo?», perguntou George.

«É a parte certa do mundo», respondeu Lila.

«Não, mas ele disse-me: "Sudeste Asiático." Talvez a razão de ele ter feito isso fosse para eu prestar atenção, caso contrário ignoraria. O nome Tommy significa alguma coisa para vós? Thomas?»

«Não, não Thomas.»

«Tens a certeza? Tommy é o que recebi na verdade. Significa alguma coisa, talvez não seja nome, mas está entre aspas. Bem, deixo-o.»

«Pode ser outra coisa», ofereceu Lila, «mas não digo.»

«Ele diz-me: "Diz Tommy e põe entre aspas, e diz simplesmente."»

«Não, eu não—»

«Está bem, deixo-o. Conheces algum Scott vivo ou que tenha partido?»

«Conheço Scott que tenha partido?», perguntou Lila. «Vivo, definitivamente.»

«O teu filho conhece-o?»

«Oh, sim.»

«O teu filho pediu pelo Scott. São parentes, muito próximos?»

«Sim.»

«Scotty? Chamam-lhe por algum nome carinhoso ou assim?»

«Scott», repetiu Lila.

Anthony respondeu: «Não sei se se chamavam por nomes carinhosos um ao outro.»

«É só — não sei, parece que eram próximos, diz ele, pediu pelo Scott. Diz: "Por favor, diz-lhe que ouviste falar de mim", que ele está bem do outro lado, está em paz e assim por diante, e certamente aprecia as orações que tens enviado. Foi isso que o manteve em paz e o ajudou. E o teu tio, rezas pelo teu tio, porque ele certamente o ajudou imenso do outro lado. Ele tem muita consciência espiritual. Estava perto de água quando partiu?»

«Que eu saiba, não.»

«Navios de algum tipo? Alguma outra instalação militar?»

«Não saberia», disse Lila. «Possível.»

«Poderias dizer que foi assassinado?»

«Isso é possível. Estica a palavra, sim.»

«Estica a palavra que ele foi assassinado», disse George.

«Definitivamente», disse Lila.

«Não sinto que tenha sido intencional, porém, sabes. É como se tivesse sido vítima das circunstâncias.»

«Possível», respondeu Lila.

«Sim, é possível», concordou Anthony.

«Deram-vos algum tipo de medalha por ele ou algo assim?»

«Sim», disse Lila.

«Alguma comemoração?»

«Sim.»

«De algum tipo do governo?»

«Sim.»

«Alguns figurões, porque ele fala disso, diz algum tipo de medalha que receberam ou comemoração, agora não estou a dizer que seja—»

«Bem, há uma comemoração e também uma medalha», interveio Lila.

«Não estou a dizer que seja isto. Vejo um Purple Heart à minha frente.»

«Sim.»

«Foi isso?»

«É uma delas.»

«Oh, está bem — desculpa, amigo», disse George ao espírito antes de se virar de novo para Lila e Anthony. «Ele mostrou-me um Purple Heart, diz que é uma delas, e eu pensei que estava a ser usado como símbolo.»

«Não.»

«Sorriso muito, muito característico?»

«Sim.»

«De vez em quando vejo-o aparecer atrás de ti, sorriso muito característico. Quero dizer, isso destaca-se acima de tudo. Voava?»

«Sim.»

«Porque continuo a ver estes aviões todos à volta, diz que os pilotava ou pelo menos trabalhava com eles ou trabalhou com eles ou algo assim. Ah, deixa-me esclarecer isto agora. Não era fuzileiro, pois não?»

«Não», respondeu Lila.

«Mas trabalhou com os Marines ou—»

«Que eu saiba, não.»

«Ou talvez algum tipo de contacto com eles?»

«Isso é possível.»

«Continuo a ouvir algo—»

«Oh, já sei», exclamou a mãe de repente.

«Ele está a cantar "From the Halls of Montezuma"», disse George, claramente sem perceber a importância.

«Eu sei, eu sei», respondeu Lila rapidamente. «Está bem.»

«Isso é dos Marines.»

«Está bem.»

«Está bem, desde que percebas. Ele só diz algo sobre os Marines.»

«Sim.»

«Agora, ele voava?»

«Sim.»

«Sabia pilotar aviões, porque era o piloto destes aviões—», disse George, seguindo os seus símbolos e pistas até à conclusão mais lógica.

«Não.»

«Não?», perguntou George, surpreendido.

«Não», repetiu Lila.

«Não? Trabalhava neles ou algo assim?»

«Sim, ou dentro deles.»

«Vejo-o num avião e parece que está a trabalhar em algo, foi por isso que assumi que era o piloto.»

«Está correto.»

«Oh, está bem, desde que percebas. Ele trabalhava em equipamento militar — qual é a palavra certa? — trabalhava em equipamento militar no avião.»

«Sim.»

«Oh, está bem. É exatamente isso, estou a ver algo assim, pensei que ele estava a pilotar, mas agora acho que sei o que ele quer dizer… Estava no avião quando partiu?»

«Não sabemos.»

«Foi capturado por alguém?»

«Pensamos que sim.»

«Porque é o que estou a receber. Ele diz: "Fui capturado."»

«Certo.»

«Mais uma vez, volto ao Sudeste Asiático, diz que foi capturado. Agora, teria sido capturado no Sudeste Asiático, nessa zona?»

«Sim.»

«Porque ele diz definitivamente — e está a mostrar-me a Indochina, que fica no Sudeste Asiático — nessa zona. Agora, sabes com certeza que ele partiu?»

«Não.»

«Tenho a impressão que sim. Vou ser honesto. Mas ele teria sido como — vejo à minha frente um MIA, por isso estava desaparecido em combate ou algo assim. Mas vou ser honesto contigo — agora, posso estar errado —, mas pelo que vi até agora, ele fez a transição. Foi por isso que acho que ele disse que foi assassinado, não no sentido de— qual é a palavra—»

«Combate?»

«Sim, exatamente. Vítima das circunstâncias por causa das condições mundiais—»

«Sim.»

«Tipo muito descontraído?»

«Sim?»

«Sabes — não guarda rancores nem animosidades em relação ao outro lado exceto, tipo, bem, aconteceu, aconteceu, sabes, ele está muito vivo e assim por diante, e está muito feliz por ter paz do outro lado, mas não guarda hostilidades. O teu tio era muito… acho que "cristão" é a palavra a usar.»

«Sim.»

«Porque o teu tio teve influência nele, dizendo-lhe que quando aconteceu e ele chegou lá com medo, o teu tio tranquilizou-o e disse que ele tem de perdoar e crescer aqui. O teu tio estava definitivamente muito bem preparado para a vida espiritual… transmitiu-o muito facilmente ao teu filho, e o teu filho aprendeu depressa. Algo em torno do que costumava ser o Camboja? Kampuchea, acho que se chama agora.»

«Não longe.»

«Bem, estou a ver Laos, Camboja—»

«O que vês?»

«Estou perto da fronteira desses dois países—»

«Exato.»

«É por isso. Estou a ver ambos, tipo a fronteira do Kampuchea e do Laos—»

«Bingo», disse eu.

«Uau — digo-vos, nunca me vão convencer que rezar pelos chamados mortos não ajuda. Tu rezas por ele, mas também rezas para obteres uma resposta.»

«Sim», disse Lila em voz baixa.

«Ele diz: "A tua oração foi atendida." Acho que tens a resposta. Diz: "Ela reza por mim, mas reza por uma resposta. Diz-lhe que as orações dela foram ouvidas. Está a receber a resposta agora." E diz-me que agora podem descansar bem, podem ficar tranquilos sabendo que de facto ele está vivo, mas não neste mundo. Poderia ter sido abatido?»

«Sim.»

«Aconteceu realmente durante a Guerra do Vietname?»

«Não.»

«Está bem, era isso que queria saber. A guerra não estava a decorrer no sentido em que eu a conheço. Era isso que me estava a baralhar o tempo todo. Depois ele veio ter comigo e disse que foi quase o que chamarias uma missão de reconhecimento ou algo assim—»

«Sim.»

«Ele está a fazer algo assim, diz-me, e não estamos em guerra com quem quer que os tenha abatido, por assim dizer. É por isso que quando disse antes que foste morto em combate, mas não foste morto em combate, e ele disse: "Agora percebes o que quero dizer", porque não estávamos envolvidos. A guerra, parece, já tinha acabado há muito. Trabalhava com computadores ou algo assim—»

«Sim.»

«Algum tipo de equipamento técnico?»

«Sim—»

«Definitivamente havia muito equipamento técnico de alguma forma, nos aviões e à volta da base e assim por diante. Agora, na altura em que estava estacionado no estrangeiro, correto?»

«Sim.»

«Estava estacionado no Sudeste Asiático.»

«Sim.»

«Está bem, definitivamente era onde estava estacionado, no Laos ou no Kampuchea.»

«Não», disse Lila.

«Mas ele continua a mostrar-me aquela fronteira outra vez—»

«Exato. Compreendo.»

«Ele continua a dizer-me: "Vai à fronteira desses países." … Alguém mais partiu com ele? Pelo que pudessem saber?»

«Sim», respondeu Lila.

«Em definitivo. Pelo menos mais duas pessoas. Dois outros tipos—»

«Sim.»

«Na mesma experiência. A Tailândia esteve envolvida nisto?»

«Sim.»

«Vejo a Tailândia à minha frente agora. Interessante. Ele mostra-me Anna e o Rei do Sião. E diz: "Agora, como se chama hoje?" Estava baseado na Tailândia?»

«Sim. Foi de lá que voou», disse Lila.

«É o que ele diz, baseado na Tailândia. Voou da Tailândia e subiu perto daquelas fronteiras ou algo assim—»

«Sim.»

«Então foi isso que aconteceu… O teu aniversário está a chegar em breve?»

«Sim.»

«Não vou conseguir dormir esta noite. Ele acabou de desejar-te feliz aniversário e entregou-te rosas, dizendo que vem aí em breve. Diz que é melhor cedo do que tarde. Isto dá-me arrepios. Há… há algum memorial em honra dele ou assim?»

«Sim.»

«Ele mostra-me tipo uma sepultura, mas diz que não é uma sepultura, é um memorial…»

«Sim», disse Lila rapidamente.

«Em honra dele, e tu foste lá recentemente, tens isso em algum lado, e ele elogia-o. Puseste flores lá há pouco tempo? Ou algo assim, ou ficaram flores lá?»

«Não», disse Lila. «Queria ter posto.»

«Porque ele diz qualquer coisa sobre flores no memorial, em comemoração lá, algo desse género… Jovem muito carinhoso?»

«Sim.»

«Pessoa muito calorosa, definitivamente boas vibrações. Posso dizer com segurança que este é o menino da mamã?»

«Sim.»

«É o que ele diz… O nome Matthew significa alguma coisa para ti?»

«Sim», respondeu Lila.

«Faleceu?»

«Sim.»

«Já… responde só sim ou não, não me digas mais nada… já falámos com ele antes?»

«Sim.»

«Já falámos. Ele diz: "Já falaram comigo antes." Agora tenho três à escolha. Qual deles és tu?», perguntou George ao espírito, rindo-se.

«Consegues dizer?», perguntei eu.

«Ah, é engraçado», disse George. «Ainda não. Vou deixá-lo ir, ele só me diz: "Diz-lhe que o Matthew está aqui e que já falaram comigo antes." Soletras o nome dele de maneira diferente?»

«Não.»

«O Matthew conhecia o teu pai?»

«Sim.»

«Não é o teu pai, pois não?»

«Não.»

«Ele diz: "Conheço o pai dela e não é o pai dela." Ah, percebi, estão a dizer que o teu pai talvez soletrasse o nome de forma diferente, ou conhecesse uma versão diferente do nome. Teria escrito em alemão ou assim?»

«Possivelmente, mas eu nunca…»

«Não, não tinhas motivo para isso, mas percebo o que ele quer dizer.»

«É muito possível», disse Lila.

«O nome Anthony significa alguma coisa para ti?»

«Sim», respondeu Lila.

«O Matthew conhecia o Anthony?»

«Sim.»

«Um símbolo interessante. Vi Santo António à minha frente e ele disse: "Fica com o nome, não com o que viste." Deixo-os falar tudo, também os ajuda. Disseste que o teu primeiro nome era Lila. Muito bem, também conheces o Anthony.»

«Sim», disse Lila.

«Esta é a Lila», disse George, «este é o Anthony. O Anthony é muito próximo de ti?»

«Sim.»

«É interessante, porque eu gosto de os deixar fazer com símbolos, vou aprendendo a interpretá-los e deixo-os demorar o tempo que precisarem para me mostrarem um símbolo que eu consiga identificar», explicou George. «O Anthony é teu marido?»

«Sim», respondeu Lila.

«Então este deve ser o teu filho, o Matthew», disse George.

«Sim», disse Lila.

«Sim, porque ele diz: "O Anthony é o marido dela, o meu pai", portanto tem de ser o filho. Ah», disse George, ao perceber de repente perceber, «és tu o Anthony. Ele disse-me, quando começou a falar do avô, que o nome tinha de ser Matthew porque falava no sentido de avô, por isso não seria o teu tio. Chamado Matt?»

«Sim.»

«Sim, agora está só a escrevê-lo… Tens algum problema com os olhos?», perguntou George a Lila.

«Sim.»

«O teu filho diz: "Já viste isso?"»

«Sim.»

«Vigiai os olhos, vejo Santa Lúcia por cima da tua cabeça e isso fala por si. E o teu filho confirma-me que é mesmo. Fizeste alguma operação?»

«Sim.»

«Ele diz que fizeste uma operação qualquer, que já a fizeste.»

«Sim.»

«Porque ele disse que o teu pai voltou a estar contigo, o teu pai apareceu outra vez e esteve contigo nessa altura, o teu tio esteve contigo, e agora estás bem, não estás?»

«Sim.»

«Sim, porque ele diz que está limpo outra vez, vejo claridade à minha frente. Alguma vez rezaste a Santa Lúcia? Ah, pronto, só queria saber, vejo-a por cima da tua cabeça, e normalmente esse é o meu símbolo psíquico para problemas nos olhos. Fizeste algum tratamento à retina?»

«Sim.»

«Foi o que ele me disse, trabalho feito na retina. Foi o quê, descolamento de retina?»

«Isso mesmo. Isso mesmo.»

«Descolamento de retina. Agora, isto aconteceu-te depois de teres assumido que ele tinha falecido?», perguntou George.

«Sim», respondeu Lila.

«A razão por que pergunto é que, para mim, isto é prova dupla de que ele está do outro lado, porque o teu tio e o teu pai têm definitivamente conhecimento disso, e ele diz-me que tiveste um descolamento de retina, e eu continuava a ver um laser à tua frente, e isso normalmente significa descolamento de retina, não é? Pronto.»

«Responderei a isso mais tarde», disse Lila.

«Percebes o que significa?»

«Perfeitamente.»

«Muito bem, porque o teu filho colocou-to à frente e disse: "Isto teve alguma coisa a ver", e depois disse: "Descolamento de retina." … E parece que vou ser desligado, é essa a impressão, estou a descer, vejo o túnel a abrir-se, portanto normalmente significa que eles estão a entrar, estão a

voltar para o outro lado. Bem, tenho a impressão, ele diz-me: "Tu procuras paz de espírito." Definitivamente foi algum tipo de grupo renegado de orientação comunista que os abateu e aproveitou a situação e tal. É melhor ser honesto, foram executados de certa forma por esses tipos abutres na zona da fronteira. Sabe, seriam muito hostis para com americanos de qualquer maneira. Sabe, é por isso que acho que ele diz "assassinato" entre aspas porque sentiu que estavam sob ataque, por assim dizer, quando na verdade não havia nada disso.»

«Tens a sensação de que ele ter sido morto logo na ação, quando caiu, ou de ter vivido algum tempo depois?», perguntei eu.

«Tenho a impressão… Não, ele disse-me que foi capturado. Sinto que foi primeiro capturado e depois executado ou assim. Posso estar enganado, mas é a impressão que ele me estava a dar. Capturado.

«Mais uma coisa. Se isto estiver certo, definitivamente não durmo esta noite», disse George. «Ele tinha algum sinal de nascença? Cicatriz?»

«Não de nascença», disse Lila.

«Muito bem, claramente alguma cicatriz?»

«Tinha uma cicatriz.»

«Não era visível? Quer dizer, a roupa tapava-a.»

«A roupa tapava-a», confirmou Lila.

«É o que ele me diz. Diz qualquer coisa sobre… Diz: "Pergunta-lhes sobre a cicatriz que eu tinha e que a roupa tapava", ou assim. Foi de alguma lesão?»

«Uma delas foi.»

«Aquela que foi por lesão, diz ele. Foi tipo pontos?»

«Sim.»

«Sim. É o que ele me diz, aquela dos pontos, diz a lesão que levou a pontos quando era criança ou assim.»

«Sim», disse Lila.

«É o que ele diz, de um acidente quando era criança, ou uma lesão quando era criança e tal, diz: "Aceita isso. Tenho de viver com ela aqui agora, é muito giro. Deve ser a mensagem final." Definitivamente a enviar grande abundância de amor do outro lado, mais rosas no teu aniversário, já agora. Do teu pai, do teu tio, da tua tia, do teu filho. Pronto, despedem-se. Cortam.»

Logo após a leitura, George passou mais de meia hora com Lila e Anthony e discutiram a sessão. Várias coisas que o Matthew tinha trazido à

baila tinham acontecido depois da sua morte — os problemas de visão da Lila, a Lila a rezar o terço por ele e a ter uma fotografia dele exposta em casa. Ele identificou-se a si próprio, ao pai, e a um irmão, o Scott, militar de carreira com quem tinha uma rivalidade amigável desde que ele estava na força aérea; daí o cantar "The Halls of Montezuma".

Mas o Matthew também aludiu a coisas com grande especificidade que não poderia de forma alguma saber se ainda estivesse vivo, e muitas das indicações de quão específico e correto ele estava encontram-se na própria linguagem. Por exemplo, referir-se à sua morte como tendo acontecido "em ação" mas não em ação, ou referir-se à mãe ir a uma sepultura que não é sepultura (como se veio a verificar, uma pedra memorial em Arlington, onde não são permitidas flores; facto que explica a menção às flores).

Havia também outros memoriais — um ginásio na ilha de Creta com o nome dele — e condecorações póstumas, incluindo o Purple Heart, a Distinguished Flying Cross, e outra. Mais cedo, o Matthew indicou que sabia que a mãe falava da sua situação e que coisas tinham sido escritas sobre ele. Após a leitura, Lila e Anthony mostraram fotografias militares das cicatrizes a que George tinha aludido. Além disso, havia informação sobre alcunha do Matthew (Kiwi), que George tinha a certeza de que não conseguiria, e outros detalhes.

Num momento, George disse: «Se ele estivesse ainda vivo, de onde viria toda esta informação?» Uma pergunta válida. Mais tarde, Lila e Anthony souberam que o filho tinha sido capturado vivo na zona que George indicara. Acreditava-se que depois tinha sido morto pelos captores, provavelmente com uma metralhadora (daí o "tommy" entre aspas, termo que Anthony, militar de carreira, reconheceria da Segunda Guerra Mundial).

Lila e Anthony ficaram basicamente convencidos pela leitura de que o Matthew estava morto, mas Lila, compreensivelmente talvez, procurava outra explicação. Perto do fim da noite perguntou: «Como explica que eu sinta que ele ainda está vivo?»

«Porque está», respondeu George baixinho.

«Porque o ouvi falar comigo há cerca de um mês e dizer: "Eh, mãe, vou para casa"?»

«Na medida em que ele pôde vir ter comigo, pôde vir ter contigo», disse George.

«Cerca de três a seis meses depois de termos recebido a notícia de que ele tinha sido morto, às duas da manhã», disse Lila para nós, «o Matthew estava ao pé da cama, fardado, claro como água. E disse: "Quero só que saibas que estou bem. Já não precisas de te preocupar comigo." E ouvi isso claro como o dia, e acordei o Anthony e disse: "O Matthew esteve aqui", e depois ele foi-se embora.»

«Sei que tens saudades dele», disse George, «mas ele está contigo. Se pudesses ser eu durante cinco minutos, terias paz de espírito completa de que o teu filho está em paz do outro lado.»

NOVE

NO OUTONO de 1983 a Viacom mudou os Psychic Channels para um novo estúdio de televisão maior. Agora, embora continuássemos a gravar a maior parte dos programas, uma vez por mês o George fazia um programa em direto com leituras para várias pessoas que telefonavam e para outras escolhidas aleatoriamente do público no estúdio. Tal como no programa de rádio, recebíamos um número enorme de chamadas, as linhas telefónicas ficavam congestionadas, e os bilhetes para o estúdio eram muito procurados.

Chegavam tantos pedidos que tivemos de limitar a disponibilidade de bilhetes aos assinantes do nosso sistema de cabo, e mesmo assim cada pessoa só podia obter dois bilhetes. Tínhamos cortado relações com a estação de rádio, por isso menos pessoas tinham acesso telefónico ao George. A procura por leituras privadas aumentou dramaticamente, e já em 1984 havia uma lista de espera de dois anos.

Finalmente, dezenas de milhares de espetadores podiam ver por si próprios que pessoas de todas as idades, independentemente do sexo, origem étnica ou crença religiosa, estavam interessadas em comunicar com os falecidos. Podiam também ver que o George não era o "psíquico" estereotipado. Era um jovem bem-arranjado, bem vestido, bem-falante, inteligente e com um sentido de humor rápido. O mais importante, as pessoas viam o que acontece durante uma leitura.

Qualquer leitura pública é geralmente menos íntima, especialmente no que toca a assuntos muito pessoais ou potencialmente embaraçosos. Às vezes é o espírito que "censura" a mensagem; outras vezes é o George que pode, por exemplo, saber psiquicamente de uma adultério de um dos

parceiros mas ver alguém que pode ser o cônjuge do sujeito no público do estúdio. Apesar disso, as leituras com público no estúdio forneciam a prova visual mais dramática de que o que o George fazia era real, de que as mensagens tinham grande significado para as pessoas. As transcrições não podem de forma alguma fazer justiça àquelas leituras em que, por exemplo, uma idosa frágil recebe uma mensagem do falecido marido e depois, de olhos marejados de lágrimas, grita para o George: «Eu sabia que ele havia de aparecer, sabia que estaria aqui para mim.

Obrigada, obrigada.» Ou a expressão no rosto de um pai quando o filho falecido aparece e lhe garante que não sofreu muito no acidente de carro fatal e a mãe chora na mão do pai. Ou o ar de alívio e felicidade quando o pai de uma jovem mulher se desculpa com ela, através do George, pelo seu comportamento perturbador e lhe garante o seu amor — quase quinze anos após a sua morte física.

Em mais do que uma ocasião, um cético ferrenho — inadvertidamente, claro, pois o público do estúdio é tão anónimo para nós como qualquer pessoa que telefona — ficou chocado ao receber uma mensagem inesperada. Ainda assim, o aspeto mais surpreendente das leituras no estúdio é que, independentemente de quão trágica tenha sido a morte, ou de quanto o espírito é sentido falta pelos seus entes queridos, todas as pessoas acabam a leitura a agradecer ao George, visivelmente aliviadas e reconfortadas, muitas vezes a sorrir.

A nossa investigação continuava, e agora que tínhamos gravações vídeo de cada programa, eu podia anotar dois elementos importantes. O primeiro era a reação inicial do George quando ouve a voz ou vê o rosto do espírito. Quão exata é esse primeiro momento de contacto? Quão precisa é a informação que se segue? E quão específicos são os detalhes que surgem? Há sempre aquelas leituras que começam devagar, com o George a ter dificuldade em captar ou compreender as pistas psíquicas. Nessas situações, haverá uma razão para a dificuldade?

O espírito cometeu suicídio, ou faleceu em circunstâncias invulgares, ou em coma? E depois há aquelas leituras que literalmente começam antes mesmo de chegarmos ao plateau. Várias vezes o George disse: «Disseram-me que a primeira pessoa a telefonar será um homem», ou «Disseram-me para trazer rosas para a mãe de um jovem. Disse-me que ela estaria no público.» E, claro, estava. O segundo, e talvez o mais fascinante, é a reação das pessoas no público do estúdio. O ar de surpresa e espanto face à

precisão do George, as confirmações ditas em voz alta em expressões de alegria ou alívio, os olhares genuínos de conforto e paz, as lágrimas.

Com o tempo, o George foi-se sentindo cada vez mais à vontade e confiante na sua capacidade. Tinha-se demitido do emprego na New York Telephone naquele verão e agora dedicava-se a tempo inteiro às leituras. Um dos resultados foi começar a fazer afirmações em vez de pedir confirmações durante as sessões. Quando a pessoa não reconhecia, o George agora era mais capaz de insistir. Seguem-se destaques de algumas leituras telefónicas típicas realizadas durante uma emissão de televisão em direto.

«Homem próximo faleceu», disse George.

«Sim», respondeu uma mulher.

«Mulher próxima faleceu.»

«Sim.»

«Estão relacionados.»

«Há uma ligação familiar», reconheceu a mulher.

«Eras próxima dele.»

«Sim.»

«É o marido da tua tia.»

«Sim.»

«O teu tio está a chamar por ela. Diz que está na luz.»

«É uma expressão que ele usava», respondeu a mulher.

«Teve um fim difícil.»

«Sim. Morreu há uma semana, esta noite faz uma semana.»

«Há um processo em tribunal.»

«Sim.»

«Por causa de uma mordida de cão.»

«Sim.»

«O cão saltou e derrubou-te.»

«Sim. Fomos a tribunal ontem.»

A OUTRA MULHER que telefonou, George disse: «Problemas de pele? Erupção ou borbulhas.»

«Sim», respondeu ela.

«Três homens próximos faleceram.»

«Sim.»

«Pai faleceu.»

«Sim.»

«Sogro faleceu.»

«Sim.»

«Não consigo perceber quem é o terceiro homem», confessou George.

«Quer que lhe diga?»

«Não. Há um casamento a aproximar-se.»

«Sim.»

«Os espíritos dizem que vão todos estar no casamento.»

«Ótimo.»

«O teu pai está a enviar-te graça.»

«Hoje seria o aniversário dele, e o meu está a chegar.»

«Aceitas o nome Frank?»

«Era o meu avô.»

«O terceiro homem que eu não conseguia identificar antes!»

«Sim.»

A uma mulher que telefonou: «Crise emocional à tua volta. Pessoal. Triste e deprimida.»

«Sim.»

«Vejo o símbolo de toalhas com nó. Tens dificuldade em controlar o génio?»

«Sim.»

«É o teu falecido pai que me está a dar a mensagem.»

«Sim, ele faleceu.»

«Vejo o símbolo de uma bebida com gelo. Interpreto como um romance em águas turbulentas. Vejo também o símbolo de um coração partido à tua volta.»

«Sim.»

«O teu pai pede desculpa do outro lado por te ter abandonado. É o teu anjo da guarda.»

«Morreu quando eu era muito nova.»

A um homem que telefonou, George disse: «Avó faleceu.»

«Sim.»

«Ela mostra-me que estás de uniforme.»

«Vou entrar para o Corpo de Fuzileiros. Já me alistei.»

A UMA MULHER que telefonou, George afirmou: «Uma doença ou falecimento recente.»

«Sim.»

«Dois falecimentos. Dois espíritos presentes.»

«Sim.»

«O teu pai faleceu.»

«Sim.»

«Faleceu nos últimos três anos.»

«Sim.»

«Está a chamar pela mãe.»

«Sim.»

«A mãe dele já faleceu?»

«Sim — a minha avó, a mãe dele.»

«Pois bem, ela está com ele.»

«Muito bem.»

«O teu pai esteve muito doente antes de falecer. Está a agradecer-te por teres ficado com ele antes do falecimento.»

«Sim, isso é verdade.»

«Ele está a insistir na palavra "peso".»

«O meu pai…»

«Teve problemas de peso? Ele diz…»

«Sim.»

«Oiço uma segunda língua, uma língua estrangeira.»

«Sim.»

«A tua avó…»

«Sim.»

«Aceitas o nome William falecido?»

«Sim.»

«O teu pai faleceu de uma doença no peito?», perguntou George, acrescentando: «É aí que sinto dor.»

«Sim.»

«Coração e tensão arterial.»

«Sim.»

NA NOITE em que um espírito tinha dito ao George para trazer rosas para o estúdio para a mãe dele, ele percebeu o espírito do jovem. Depois de se determinar que a mensagem era para uma mulher, George disse: «Jovem do sexo masculino morto de forma trágica.»

«Sim», respondeu ela.

«Acidente com veículo envolvido.»

«Sim.»

«O teu filho.»

«Sim.»

George continuou então a descrever a personalidade do jovem, a idade e outros detalhes, que a mãe confirmou. No fim da leitura, George levantou-se da cadeira e entregou à mulher as rosas que tinha trazido. Contou-nos que o espírito lhe tinha dito: «A minha mãe vai estar no público. Dá-lhe estas. Vão reconfortá-la.»

Em pouco tempo, os Psychic Channels tornaram-se o programa de televisão de produção local mais popular. Estar na televisão tornou-nos mais visíveis, tanto literal como figurativamente, e como já não estávamos na rádio, menos pessoas conseguiam chegar ao George. Sendo tão — ou provavelmente mais — curioso sobre a sua capacidade do que qualquer outra pessoa, George dava as boas-vindas a testes, observações, experiências e teorias de especialistas e pessoas interessadas.

Trabalhar em Long Island revelou-se uma grande vantagem para nós. Embora geralmente considerada um grande subúrbio da cidade de Nova Iorque, Long Island é na verdade suficientemente grande para ser um estado por si só. Predominantemente de classe média e média-alta, Long Island alberga nada menos que dezoito universidades e colégios, além de muitas escolas técnicas, bem como o famoso Laboratório Cold Spring Harbor e o Laboratório Nacional de Brookhaven. A ilha também possui várias indústrias tecnologicamente avançadas, incluindo a aeroespacial.

Além disso, a população inclui membros de praticamente todos os grupos religiosos e étnicos da América — desde índios americanos a judeus ortodoxos. Tivemos no nosso público cristãos renascidos, católicos romanos, ortodoxos gregos, ortodoxos russos, episcopalianos, unitários, quakers, hindus, budistas e protestantes de todas as denominações. Juntaram-se-nos no ar, tanto na rádio como na televisão, um número crescente de especialistas e peritos — curandeiros, hipnotistas, físicos,

psicólogos, clérigos, médicos, agentes da autoridade, especialistas em computadores, engenheiros, técnicos, investigadores psíquicos, mágicos, educadores e até demonologistas — que alertavam contra a utilização de qualquer capacidade psíquica.

O George já demonstrava as suas capacidades em público há mais de três anos. Nunca houvera qualquer dúvida de que algo estava a acontecer, e parecia não haver limite para o número de teorias mirabolantes que os céticos inventavam para o explicar. Um médico, psiquiatra com credenciais impressionantes, observou o George durante algum tempo e depois deu-nos as suas conclusões. Segundo este senhor, o George não tem capacidades psíquicas, não fala com falecidos — é tudo muito mais simples do que isso. O George tem acesso a um grande sistema informático programado com informações sobre todas as pessoas que ele lê. O George chama os dados antes de conhecer a pessoa e depois passa essa informação durante a leitura.

«Quer dizer que o George memoriza tudo isso?», perguntei eu, incrédulo.

«Claro», respondeu o psiquiatra.

«Como é que o George tem acesso a um computador tão sofisticado?»

«Simples. A C.I.A. e outras agências de inteligência saberiam. Há formas de obter essa informação. Obviamente, como o George não pode estar a adivinhar, tem essas ligações», proclamou o bom doutor, muito sério.

«E as pessoas que vêm ter com ele anonimamente ou ao acaso?», perguntei eu.

«Ele sabe antecipadamente quem são e tem ficheiros sobre elas.»

«Sabe o quão complicado e complexo isso seria?»

«E então?»

A minha cabeça fervilhava com um milhão de respostas possíveis. Onde é que o George iria buscar informações sobre detalhes como quem estava presente quando uma pessoa faleceu, uma alcunha preferida, informações relevantes sobre uma investigação criminal de que nem a polícia tinha conhecimento? Às finanças? Ao departamento de veículos motorizados? Aos obituários locais? Era ridículo, especialmente tendo em conta que nem o George nem eu tínhamos os recursos financeiros para sustentar tal sistema. E, mais uma vez, isto pressupõe que o George conhece todos os seus sujeitos anónimos, todas as pessoas cujo único

telefonema é escolhido ao acaso pelo sistema telefónico entre centenas de outros para passar pelas linhas ocupadas, todos os detalhes de todos os crimes em que a polícia lhe pede ajuda.

O trabalho com a polícia é um excelente exemplo. Embora não possamos discutir os detalhes destes casos altamente confidenciais, podemos dizer que o George revela informações que só poderiam ser conhecidas pela vítima ou pelo perpetrador. Como é que essa informação estaria num computador? E quem já lidou com os computadores do governo sabe que, se o George dependesse dessas fontes, a sua reputação como médium psíquico estaria arruinada.

Eram, na minha opinião, pontos todos pertinentes, mas era evidente que a discussão já há muito deixara de ser racional. Tudo o que consegui dizer foi: «Doutor, sem desrespeito, mas o senhor é que precisa de ajuda.»

Muitas das leituras do George envolviam dor simpática. Ao contrário de um detalhe factual sobre a personalidade, vida ou morte física de alguém, a dor simpática — qualquer dor — pode ser monitorizada e verificada. Era só questão de tempo até alguém se apresentar para testar esse aspeto da capacidade do George. Um médico, quiroprático, ofereceu-se para participar e fornecer os sujeitos anónimos para exatamente essa experiência. Durante o teste, o médico trazia um paciente de cada vez. Cada paciente recebia uma leitura privada do George, e o George descrevia a sua condição física — fosse doença ou lesão — com base no que percebia através da dor simpática.

Importa notar que o George nunca tentou adquirir mais do que um conhecimento rudimentar de anatomia humana e medicina. Uma vez perguntou erradamente a uma mulher sobre a sua "próstata". Por um lado, um maior conhecimento de medicina e anatomia poderia dar às leituras de saúde do George detalhes mais específicos; por outro, devemos encarar a sua relativa ignorância nesses assuntos como mais uma prova de que é a entidade desencarnada, e não o George, quem fornece a informação.

Antes da experiência, que decorreu no consultório do médico em Long Island, este aceitou fazer uma leitura privada. No decurso dela, o médico reconheceu como corretos vários factos que o George trouxe à baila, entre eles que a mulher do médico tinha sofrido um aborto espontâneo (que o médico admitiu só ele e a mulher saberem) e que a mãe dele tinha falecido de um AVC. O George conseguiu até dizer ao médico qual das mãos da mãe tinha ficado aleijada. Durante todo o tempo, o filho

jovem do médico insistia que o George era uma fraude. O jovem, estudante de medicina, afirmava que o que o George fazia não cabia na sua definição de ciência e medicina, e portanto não podia ser real. O George manteve a calma; já ouvira aquilo tudo antes. Mas, a meio da leitura com a mãe do médico, o George falou de rosas e de repente o quarto começou a cheirar a rosas. Claro que não era obra do George, era obra da avó do rapaz, que sem dúvida queria mostrar ao neto que estava mesmo ali. Todos os presentes ficaram espantados, mas o filho do médico não desistia. Passámos aos testes.

O médico montou um biombo atrás do qual um de dez pacientes ficaria de pé. Não havia forma de o George saber qual era ou de obter pistas sobre a aparência física. Seguem-se os resultados das dez leituras — a resposta do George para cada uma, com o diagnóstico do médico entre parênteses: dor nos rins (problemas renais, dor); dor na zona lombar (fraqueza e dor na zona lombar); dores tipo artrite, que o George atribuiu a lúpus porque também via uma doença no sangue (lúpus eritematoso sistémico); dor no pescoço, rigidez no maxilar, dificuldade em virar a cabeça e mexer o maxilar (problemas no maxilar e pescoço devidos a lesão acidental); dor de cabeça (cefaleia resultante de lesão por chicotada cervical); dores nas costas (chicotada cervical com lesão nas costas); dor no braço e na mão (bursite no braço e ombro); dor nas costas, lombalgia (escoliose, ou curvatura da coluna); dor na perna (lesão na perna); dor de cabeça inespecífica (dor na cabeça, pescoço e face, com perturbação auditiva causada por lesão).

Das dez, o médico aceitou nove diagnósticos; a décima não era, na sua opinião, suficientemente específica. Depois o médico acrescentou que, a menos que o George conseguisse identificar a vértebra exata afetada pela lesão ou doença, teria de considerar todos os outros diagnósticos como palpites com sorte. Porque é que mudou subitamente de ideias? Não sabíamos, e o médico não dizia. Tinha admitido ter ficado profundamente comovido com a leitura privada. Durante toda a sessão, o filho continuou a atormentar o George e deixou claro ao pai que considerava ridícula qualquer crença no fenómeno. Terá o médico ficado intimidado ou envergonhado por dizer que o George estava certo? Nunca saberemos.

Outros tentaram desmascarar sem o nosso conhecimento. Um astrónomo respeitado que via o programa de televisão há meses achava que o George tinha de estar a usar algum truque. Para seu crédito, analisou

várias leituras, procurando padrões nas respostas. Inicialmente supôs que a informação que o George dava resultava de raciocínio dedutivo e generalizações banais. A teoria até parecia fazer sentido, só que, em quase todas as leituras, chegava a um ponto em que o George trazia à baila informação — nome de uma pessoa, causa da morte física, alusão à vida pessoal do sujeito ou à relação com o falecido — que simplesmente não poderia ser obtida por nenhum outro meio senão comunicação com desencarnados.

Quando o astrónomo finalmente nos contou da sua investigação, ficámos contentes, não só porque não conseguiu provar que o que o George fazia era outra coisa senão aquilo que dizíamos, mas pela sua honestidade. Usou o seu conhecimento e inteligência para criar e testar uma hipótese. Quando os resultados já não batiam certo, disse-o. Como nos contou mais tarde: «Os meus resultados deitam por terra muita coisa do que me ensinaram e treinaram para acreditar.» Mas isso tornava-o automaticamente impossível ou suspeito? Não.

Infelizmente, nem todos os céticos eram tão abertos, honestos ou — para ser franco — tão inteligentes. Na primavera de 1984 fui contactado por um jornalista freelancer que dizia estar a fazer uma reportagem sobre videntes em geral e sobre o George em particular. Conhecia profissionalmente o pai do jornalista, jornalista local, há anos, mas não falava com ele há quatro. Achei estranho que o jornalista me telefonasse a mim, já que poderia ter ligado diretamente ao George (dávamos o número de casa dele no programa de televisão, como fazíamos na rádio). Supondo naturalmente que o jornalista me telefonava para eu lhe arranjar uma marcação mais cedo na agenda atafulhada do George, prometi que o faria e marquei para o jornalista para ver o George duas semanas depois.

Chegou a noite marcada, encontrámo-nos com o jornalista e a mulher dele (que não nos tinham avisado que viria). O George ficou noutra divisão enquanto eu falava com o jornalista, dando-lhe informações e contexto sobre o George. Também estavam presentes a minha mulher, Chris, a minha filha, a nossa amiga Elise e outro amigo que trabalhava com computadores. O George entrou depois, fez a leitura ao jornalista e à mulher, tudo gravado em cassete. Na primeira parte da leitura, segundo o artigo publicado mais tarde na revista de domingo do Newsday, o George descreveu com precisão e deu o nome do avô paterno falecido do jornalista, determinou que a mãe do jornalista (que tem um nome e apelido muito

irlandeses) era judia, e disse-lhe que ele tivera problemas na caixa de velocidades do carro (o que tinha acontecido horas antes da leitura).

O George deu depois o nome da mulher do homem, Ingeborg (que o jornalista afirmou no artigo não ter dito na presença do George). Voltando-se para a mulher, o George percebeu a avó falecida dela, deu o nome, determinou que era o mesmo que o segundo nome de Ingeborg, que a avó tinha vivido com ela quando era mais nova, e que o aniversário de Ingeborg estava a chegar. Depois o George apanhou o nome Svien, que disse ter morrido jovem, por volta dos vinte anos, de "alguma coisa relacionada com altura". Tudo isto foi confirmado pela mulher do jornalista.

Não voltámos a ter notícias da leitura até o artigo sair, no outono. Abrimos a revista e descobrimos que o George e eu éramos acusados por escrito de fraude, conluio e contratação de detetives privados para desenterrar informações sobre o jornalista e a família. Claro que a família não era totalmente desconhecida — o pai era crítico de restaurantes local —, mas também não eram exatamente figuras públicas. Isso, porém, não importava nada. Embora o jornalista admitisse por escrito ter ficado surpreendido com algumas revelações do George, escreveu: «O meu primeiro e último instinto é manter-me cético… Preferia acreditar que há explicações lógicas para o ilógico.»

Incluímos este episódio não para nos queixarmos de uma crítica negativa, mas para dar um exemplo de manual de como NÃO se tenta desmascarar um médium e para mostrar, mais uma vez, que mesmo publicações conceituadas continuam geralmente mal preparadas para lidar com este tema. Se, por um momento, aceitarmos a afirmação absurda do jornalista de que o George e eu fazemos "investigação", então faz sentido que só possamos investigar pessoas cujos nomes conhecemos, tanto os sujeitos como os espíritos.

Dizer-me o nome verdadeiro e o objetivo ajudou o jornalista a ter uma marcação mais cedo que a pessoa comum. Contudo, em vez de o admitir no artigo, refere-se a mim como "o escudo do George contra o público" e insinua que a lista de espera do George não era assim tão longa. Diz no artigo que passou um ano inteiro a fazer pesquisa, mas não contactou nem o George nem a mim até poucos meses antes da publicação. Porque não ligou diretamente ao George para marcar mais cedo? Poderia ter marcado com pseudónimo. Provavelmente teria esperado mais tempo para ver o George, mas ter-se-ia protegido dos nossos "investigadores". (Aliás, o

George não pede apelidos na maior parte das marcações.) Melhor ainda: porque não telefonou a dizer que tinha uma emergência ou que estava envolvido num caso policial? Se conhecesse melhor o programa e o George, saberia os nomes de vários peritos — todos na lista telefónica — a quem poderia ter pedido para montar uma experiência. Enfim, poderia ter seguido qualquer uma de várias vias para chegar ao George sem passar por mim e sem revelar a identidade.

Imaginem quão melhor seria o seu "desmascaramento" se tivesse mandado outra pessoa fazer-se passar por ele, ou trouxesse outra mulher e a apresentasse como sendo a esposa, ou acompanhasse outro jornalista que assumisse a identidade dele enquanto ele se fazia passar por amigo interessado, e depois gravasse o George a dar a "investigação", que claro estaria toda errada.

O Dr. Abrams, que apareceu em casa do George fingindo estar bêbado, e Stephen Kaplan e Max Toth, que testaram o George trazendo sujeitos inesperados e anónimos, tinham a ideia certa. Mesmo vindo como ele próprio, poderia ter tentado enganar o George dando pistas falsas para o desviar do caminho. As prateleiras da biblioteca pública local estão cheias de livros — a favor e contra — sobre o tema. Umas horas de leitura cuidadosa teriam valido uma fortuna em truques de desmascarador. Nem o George nem eu vimos nenhum usado, nem antes nem durante a leitura.

Para cúmulo, o artigo estava cheio de erros factuais, incluindo que o jornalista foi apresentado à mulher e ao cunhado do George; o George nunca foi casado. O jornalista parecia não saber — ou pelo menos não explicou aos leitores — as diferenças entre PES, "uma coisa chamada psicometria" [aspas dele], e outros fenómenos paranormais e os leitores de mãos e quiromantes de beira de estrada sobre quem fez a maior parte da sua pesquisa. Aliás, as palavras "médium" ou "mediunidade" nunca aparecem. Terá ele percebido como o George era diferente do leitor de tarot? Parece que não.

O artigo terminava com o comentário sobre o George: «Quer dizer, se ele está mesmo a falar com mortos, porque é que alguma vez se enganaria em alguma coisa?» Mas será que o George "se enganou"? O jornalista admite que o George acertou em muitos pontos e não menciona erros. Queixa-se de receber uma série de nomes desconhecidos mas não diz se fez ou não a pesquisa familiar básica que o George incentiva todos os sujeitos a fazer, tanto para seu como para benefício dele.

E, por fim, voltamos a um daqueles velhos preconceitos sobre a consciência desencarnada. É espantoso como tanta gente que descarta até a possibilidade de sobrevivência e comunicação desencarnada insiste em julgar os médiuns segundo critérios arbitrários de comportamento das entidades. Têm expectativas de como uma entidade "a sério" deve agir, apesar de afirmarem que tais coisas não existem. Aqui, o jornalista "razão" que os mortos não podem estar a falar com o George, mas se estivessem nunca se enganariam.

Isto quer dizer que, se o George só tivesse trazido nomes que o jornalista reconhecesse e se ele tivesse marcado anonimamente, aceitaria que o George era genuíno? Não há como saber. Temos de presumir, portanto, que o jornalista acredita que (a) a informação veio da nossa "investigação" e não dos espíritos dos familiares mortos dele mortos, e/ou (b) que os familiares mortos dele não eram suficientemente inteligentes para acertar em tudo. Talvez fosse problema hereditário.

Felizmente, apesar da relutância de muitos profissionais das ciências em explorar publicamente fenómenos inexplicados, ainda há alguns — certamente minoria — que se chegam à frente. Mesmo antes de começarmos a apresentar juntos os Psychic Channels, o George já tinha feito dezenas de aparições públicas, incluindo demonstrações na New School for Social Research, na Suffolk Academy of Medicine, na State University of New York em Stony Brook, na Mensa e noutras organizações.

Quando realizámos um simpósio psíquico em Suffolk County em 1986, com a presença de muitos profissionais de várias áreas, já não restavam dúvidas de que a ciência começava a abrir-se a questões sobre o mundo inexplicado. Nos anos oitenta, o colunista sindicado Jack Anderson noticiava as experiências de quase-morte e experiências fora do corpo do rei Hussein da Jordânia e publicava títulos como "Espiões Psíquicos Americanos Afirmam Penetrar em Bases Secretas Soviéticas". A Woman's World publicou uma reportagem sobre reencarnação, Whitley Strieber escreveu um bestseller nacional, Communion, sobre os seus encontros com extraterrestres. A venerável New York Times Sunday Magazine publicou um ensaio intitulado "A Ciência no Encalço de Deus". Estávamos no sítio certo à hora certa.

Ninguém era mais cético sobre a capacidade ou mais entusiasta de testes e experiências do que o próprio George. Ao contrário de muitas

pessoas dotadas psiquicamente, o George aceitava livremente qualquer teste, participava em qualquer experiência, em praticamente qualquer condição, desde que não envolvessem agulhas hipodérmicas. Até os céticos mais ferrenhos admitiam que algo estava a acontecer, e que a capacidade do George levantava um problema duplo. Primeiro, estaria ele mesmo a receber mensagens dos falecidos? Segundo, se não, donde vinha a informação?

Por outras palavras, independentemente da "fonte", as capacidades do George levantavam uma série de questões secundárias sobre a natureza da consciência, desencarnada ou "viva", e do cérebro humano. O que poderia explicar a capacidade mediúnica do George? Qual é o processo pelo qual as comunicações espirituais ocorrem (ou seja, está no "hardware" do cérebro físico do George ou no "software" da mente)? Haverá alguma energia ainda não explicada, não descoberta, responsável? O que faz do George um canal para estas comunicações?

Como é ele um "recetor humano"? E, se, como o George e outros afirmam, a morte física é apenas uma transição para o outro lado, poderíamos aprender o suficiente com ele para construir uma hipótese de trabalho, uma base a partir da qual pudéssemos prosseguir investigações científicas sobre a vida após a morte? Seria a capacidade do George sequer "testável"?

A resposta à última pergunta é claramente não. Contudo, embora não possamos testar a capacidade em si, podemos testar as suas manifestações específicas. Podemos comparar leituras e entrevistas pós-leitura para verificar a precisão dele. Podemos apresentar-lhe fotografias de desconhecidos e ver se ele consegue identificar a entidade que afirma ter visto. Podemos estudar os seus desenhos rudimentares e a escrita automática em busca de palavras, nomes, símbolos. E, graças aos enormes avanços na tecnologia médica, podemos testar o George quanto a manifestações físicas de coisas como a dor.

Em 1983 fomos apresentados a um médico a quem chamaremos Dr. John Bell. Depois de observar o George em várias ocasiões e de ter sido ele próprio destinatário de uma mensagem emocional do filho já falecido, Bell realizou uma série de testes ao George. Esses testes, alguns com recurso a termografia, centraram-se na dor simpática e no diagnóstico psíquico. O Dr. Bell apareceu connosco em vários programas de televisão e foi sempre um convidado muito bem-vindo. Era a personificação do ceticismo de

mente aberta, nunca saltando para conclusões e afirmando muitas vezes que estes testes teriam de ser repetidos não uma ou duas, mas vinte, trinta, cem vezes antes de tirar qualquer conclusão.

Em fevereiro de 1984, George foi submetido a uma série de testes de termografia. A termografia é um método de diagnóstico que utiliza um dispositivo de imagem sensível ao calor para medir diferenças de temperatura corporal, que depois são representadas no ecrã com cores diferentes. Um paciente submetido ao procedimento aparece no monitor como uma silhueta multicolorida, sendo o branco as zonas mais quentes e o preto as mais frias. A temperatura ambiente e a temperatura corporal do George foram estabilizadas antes do teste para garantir que as leituras fossem verdadeiras.

George colocou-se em frente da máquina de termografia, um aparelho semelhante a uma câmara, vestindo apenas cuecas. Queríamos verificar (1) se o termógrafo detetaria a zona do corpo do George onde ele afirmava estar a receber a dor simpática e (2) se essa zona correspondia aos problemas de saúde dos sujeitos anónimos. Além de George e de mim, estavam presentes dois médicos, dois técnicos de termografia, um especialista em computadores, um operador de câmara de vídeo (mais tarde dedicámos dois programas inteiros dos Psychic Channels à sessão), um agente da polícia fora de serviço e dois sujeitos escolhidos pelo Dr. Bell.

Os testes correram bem, com George não só a descrever com precisão os problemas de saúde específicos de cada sujeito como também a "acender-se" no ecrã em conformidade. O Dr. Bell afirmou que George não poderia criar voluntariamente os pontos quentes. Uma técnica de termografia experiente disse estar a ver padrões de temperaturas corporais que nunca tinha visto antes. Mas a precisão do George foi além de todas as expectativas.

Num dos casos, descreveu com exatidão os múltiplos problemas de saúde de uma mulher — uma lesão nas costas, um tumor na mama que tinha sido removido e uma doença neurológica degenerativa. Depois disse que sentia «uma dor aguda» na garganta. Vimos a zona da garganta do George aquecer no ecrã, mas o médico da mulher insistiu que a garganta dela estava perfeitamente bem. A mulher confessou então que estava tão nervosa e, quando foi chamada para entrar na sala de testes, engoliu acidentalmente um rebuçado grande e duro que lhe arranhou a garganta.

Algum tempo depois, George foi testado quanto à dor simpática. Estes testes foram realizados em televisão. Desta vez, um médico aplicou um leve choque elétrico no corpo de um sujeito, um cientista, que estava sentado a um lado do estúdio. George estava sentado a vários metros de distância, de costas para o cientista e com os olhos vendados. Cada vez que o médico tocava o cientista com o elétrodo, George indicava corretamente o local do contacto.

Para tentar enganar George, o médico não aplicou o choque mas disse que o tinha feito. George ficou em silêncio por um momento e depois respondeu: «Sinto uma dor a começar no ombro direito e a descer pelo braço direito.» Claro que nessa George foi marcado como errado, mas um mês depois o cientista sentiu exatamente a sensação que George descrevera. Os exames revelaram que sofria dos estádios iniciais de uma doença muscular degenerativa. Terá George detetado a doença antes de os sintomas se manifestarem? Ou terá ido ao futuro?

Não há realmente forma de saber. Mas George já tinha sentido dor simpática antes que só pôde ser confirmada semanas ou meses depois. No decurso de uma leitura muito precisa, disse a uma mulher que sentia dor atrás da orelha e estava convencido de que estava relacionada com o filho dela. A mulher respondeu que o filho não tinha problemas de ouvidos, mas George insistiu. Várias semanas depois, o filho da mulher estava no relvado em frente a casa quando um agressor desconhecido o baleou e matou por engano de identidade. A bala entrou-lhe no crânio mesmo atrás da orelha.

George falou — em privado e publicamente — de premonições que se concretizaram. Teve um sonho em que viu a cena que semanas depois percebeu ser o assassínio do Presidente Anwar Al-Sadat do Egito. George via claramente a cena — um desfile militar — e as cores dos vários uniformes, mas todos os rostos estavam ausentes ou vagos. Noutra ocasião, estava extremamente agitado e não conseguia parar de andar de um lado para o outro em frente a um retrato do Papa João Paulo II. No dia seguinte, o Papa foi baleado.

Serão estas premonições ou vislumbres do futuro deliberadamente vagos porque os acontecimentos estavam predestinados e fora do controlo humano? Até algumas premonições muito específicas — como a morte da avó do Tommy — parecem sugeri-lo. Outros casos, e informações que George recebeu do outro lado, sugerem que, embora alguns acontecimentos futuros não possam ser alterados, outros podem. Quando estávamos de

férias numa zona montanhosa, telefonámos ao George só para dizer olá. Ele ficou bastante aliviado por falar connosco e contou-nos uma visão que tivera do nosso carro a despistar-se numa das estradas íngremes de montanha por onde andávamos. Instou-nos a mandar verificar imediatamente o carro, especialmente o mecanismo da direção. Na manhã seguinte levámos o carro a um mecânico que, depois de ver, nos disse que apanhámos um problema na direção «mesmo a tempo».

Só demos os primeiros passos para descobrir como o George funciona. Testes como o da termografia têm de ser repetidos muitas mais vezes antes de se tirar qualquer conclusão. Quanto ao George, embora talvez nunca saibamos o porquê, o como vale definitivamente a pena investigar. Para esse fim, reunimos peças de evidência, observações que podem ou não encaixar todas no resposta final.

Por exemplo, o Dr. Richard Resua testou a glândula pineal do George, uma glândula do tamanho de uma ervilha no cérebro cujo propósito total ainda é um mistério. Sabemos que sintetiza a serotonina bioquímica, que funciona como vasoconstritor e neurotransmissor e que pode ter um papel em algumas perturbações mentais. Os antigos consideravam-na o «terceiro olho», a sede das capacidades psíquicas. Normalmente, a glândula pineal só funciona na ausência de luz; a do George funciona também com luz. O Dr. Resua notou ainda que George «tinha uma combinação invulgar de falhas cranianas e um crânio de forma invulgar».

Assistimos e registámos fenómenos invulgares na presença do George. Leituras em que o George entrou em transe foram gravadas com microfones muito sensíveis e, quando reproduzidas, contêm um chiado estático que ninguém presente se lembra de ter ouvido durante a leitura. Noutra ocasião, dois fotógrafos, usando duas câmaras separadas e revelando eles próprios o filme de forma independente, encontraram padrões invulgares no filme, zonas à volta da imagem do George que pareciam ter sido sobre-expostas e que davam a impressão de energia ou luz a rebentar da cabeça dele.

O que significa tudo isto? Infelizmente, não podemos dizer. Talvez um dia, depois de os cientistas terem estudado centenas de pessoas dotadas psiquicamente e descoberto que a maioria tem glândulas pineais hiperativas ou abundância de falhas cranianas, possamos colocar o George em perspetiva. Por agora, parecem apenas pedaços de informação, não muito

diferentes de factos numa leitura, peças de um puzzle que tentamos montar sem saber qual será a «imagem» final.

A ausência de conclusões científicas definitivas não impede, porém, o desenvolvimento de teorias. Não há dúvida de que a chave da capacidade, ou pelo menos da capacidade do George usar essa capacidade, está no cérebro dele. A investigação sobre o cérebro avançou mais na última década do que em todo o século anterior. Sabemos, por exemplo, que os estados de espírito, até alguns aspetos da personalidade, podem ter origens químicas.

A teoria do cérebro esquerdo/cérebro direito é constantemente atualizada e refinada. E uma nova geração de métodos de imagem incríveis — ressonância magnética, tomografia por emissão de positrons, tomografia computorizada — mostra não só sinais de doença e lesão como mapeia a atividade cerebral. Acredita-se que, num futuro próximo, a ressonância magnética consiga detetar alterações químicas no cérebro. Que tipo de testes destes nos poderiam dizer sobre o George?

Por agora, a teoria mais lógica e melhor leva-nos de volta a 1958, quando George ficou paralisado na sequência de complicações da varicela e de uma febre perigosamente alta. É bem conhecido que febres altas podem afetar, perturbar e destruir funções cerebrais. Também sabemos que o cérebro tem capacidades extraordinárias de cura, muitas vezes acedendo a uma zona não danificada do órgão para assumir o trabalho que uma área danificada já não consegue desempenhar. Não poderia ter ocorrido um tal «redirecionamento» no caso do George?

Quem sabe o que está nos cerca de 85 % do nosso cérebro que os especialistas confessam não compreender totalmente? Terá o cérebro do George «acedido» a uma capacidade psíquica que está dormente em todos nós? Alguma vez saberemos?

Outra das capacidades do George com que começámos a experimentar, e que ele usava frequentemente em casos policiais, era a psicometria: a capacidade de, através do contacto ou proximidade com o objeto, obter factos sobre esse objeto, o seu dono, ou alguma pessoa ou circunstância a ele relacionada. Um amigo meu chamado Harry quis testar o George. Uma noite, Harry entregou-lhe um pedaço de tecido dobrado num pequeno quadrado de cerca de cinco por cinco centímetros. George segurou-o na mão mas, curiosamente, não o esfregou nem tentou perceber

o formato ou tamanho do objeto. «Isto é qualquer coisa de um uniforme», disse George.

Harry acenou com a cabeça.

«De um soldado?» Harry não respondeu, depois George disse: «De um soldado estrangeiro.»

«Sim», reconheceu Harry.

«Vejo sangue, violência. Meu Deus, é uma suástica!»

«Ah sim?», respondeu Harry, tentando parecer muito casual.

«Era do teu pai? Estão a dizer-me que é de um soldado que ele matou. É do primeiro soldado que ele matou.»

Harry perguntou então ao George se conseguia contar o que tinha acontecido.

«Aconteceu por volta da Batalha das Ardenas. Foi no sul de França, no fim de 1944, está a dizer-me.» George disse depois que viu materializar-se o rosto de um espírito. Era o espírito do soldado alemão de cujo uniforme o pai de Harry tinha tirado a suástica.

«O soldado alemão está a dizer-me que o nome dele é Fritz. Diz que não há qualquer animosidade para com o teu pai do outro lado. "Encontrámo-nos do outro lado. Isto é uma troca", diz o Fritz. O teu pai matou o Fritz porque numa vida anterior o Fritz tinha matado o teu pai. É um "acerto de karma, por assim dizer. Seja como for, encontraram-se do outro lado. Conhecem-se agora e são amigos.»

Harry confirmou a leitura. O pai dele, John, tirou a suástica do uniforme de um soldado que matou no fim de 1944. John enviou a suástica para a mulher com uma carta a dizer: «Isto é do primeiro soldado inimigo que matei.» Poucos meses depois, John foi morto em combate. Em 1956, quando Harry tinha doze anos, a mãe deu-lhe vários recuerdos, entre os quais a suástica.

As leituras também tinham um lado mais leve. Uma noite, durante um programa em direto, George sentiu uma sensação simpática no que ele, delicadamente, chama «a zona privada». A mulher que telefonou reconheceu que estava com alguns problemas ginecológicos na zona correspondente. Quando a leitura acabou, George disse: «É uma sensação interessante.»

«Pois é, aposto que sim», respondi eu.

«Vai direitinho ao assunto e — zupt!», disse George, rindo-se.

«A sério, dor simpática?», perguntei.

«Sim, mas onde eu sentiria, percebes o que quero dizer.»

O público ria-se alto neste ponto.

«Percebo a ideia», disse eu.

«Não é que eu esteja a ficar excitado nem nada», disse George, sorrindo. Pelo riso do público percebeu-se que não acreditavam totalmente nele.

As capacidades do George já resultaram em experiências bastante divertidas. Uma vez, numa festa, George não parava de ver um dos homens ali presente nu. Claro que o senhor estava completamente vestido, mas cada vez que George olhava para ele, via-o como ficaria nu. Finalmente George não aguentou mais e começou a rir. O homem, que corretamente percebeu que era o alvo do ataque de riso do George, aproximou-se para perguntar o que era assim tão engraçado. Envergonhado, George explicou que era médium psíquico e contou-lhe o que estava a ver. O homem também se pôs a rir. Acontece que ele também tinha uma profissão invulgar — era stripper masculino.

Com o passar do tempo, reparámos que muitos sujeitos — pessoas que telefonavam, espectadores, e quem via o George em privado — já não viam as leituras como algo estranho e bizarro, mas como uma confirmação de sentimentos que sempre tiveram. A leitura seguinte, com uma mulher anónima que telefonou para o programa de televisão em direto em janeiro de 1987, é um exemplo:

«Olá», disse ela.

«Presença feminina, mulher próxima de ti faleceu», disse George.

«Sim.»

«Vibração feminina forte. É da família.»

«Sim.»

«Família de sangue.»

«Certo.»

«Nova quando faleceu — ou muito juvenil no carácter. Jovem de coração.»

«Sim.»

«Faleceu de problema de saúde.»

«Sim», reconheceu a interlocutora.

«Afetou o peito, a respiração.»

«No fim, sim.»

«Estou a receber falta de ar, na zona do peito. Cuidaste dela.»

«Sim.»

«E ela está-te muito grata. Podes ter sentido, aliás, que não fizeste o suficiente.»

«Sim, é verdade.»

«Não penses assim. Ela está bem e em paz na outra dimensão e está muito grata pela ajuda que lhe deste antes do falecimento. Podes ter-te posto numa pequena viagem de culpa por causa disso.»

«Pus, sim.»

«Ela diz: "Não faças isso a ti própria. Está tudo bem." Vibração materna forte. É a tua mãe?»

«É, sim.»

«Porque ela diz "mãe". Muito devota — espiritualmente, à maneira dela — qualquer que fosse a fé em que foi criada. Sinto uma devoção enorme com ela. Alguém que certamente conhecia o poder da oração e que a aprecia na outra dimensão.»

«Sem dúvida.»

«Católica. É católica?», perguntou George.

«Sim.»

«Muito devota da Virgem Santíssima.»

«Ah, sim.»

«Porque não paro de ver o terço e símbolos da Virgem Santíssima à minha frente. Portanto, se andas a rezar o terço por ela, continua. Ela sabe que é uma forma muito poderosa de graça.»

«Ela rezava o terço todos os dias da vida dela», disse a interlocutora.

«Ótimo, porque ela quer que continues a rezá-lo todos os dias da vida lá. Vejo contas de terço brancas.»

«Ela tinha um terço de contas brancas, sim.»

«Porque ela diz: reza-o por ela.»

«Tenho-o eu.»

«Agora podes dar-lhe bom uso.»

«Sim.»

«O teu pai também já faleceu?»

«Não.»

«Preocupação de saúde com ele, porque a tua mãe fala do teu pai.»

«Sim.»

«Basicamente, acho que ele tem de viver com isso.»

«Acho que sim… não tenho a certeza.»

«Pronto. Porque não sinto que haja algo que eu te possa dizer que já não saibas. Mas há esta preocupação de que ele tem de viver com isso — manter-se alerta.»

«Certo.»

«Ele tem dificuldade em andar», afirmou George.

«Que eu saiba, não.»

«Disseram-lhe para ter cuidado onde pisa. Deixa lá. Pode ser preocupação de circulação. Disseram-lhe para ter cuidado onde pisa. Ela falava outra língua? Porque ouço outra língua com ela.»

«Sim.»

«É uma língua românica.»

«Sim.»

«Reduz-me a quatro», gracejou George. «Vamos ver.» Após uma breve pausa, disse: «É italiano. Ouço orações em italiano. Ouço a Ave-Maria em italiano.»

«Sim, é italiano. A Ave-Maria era a oração preferida dela.»

«Acho que continua a ser, porque a ouço em italiano.»

«E eu digo sempre Ave-Marias por ela quando rezo por ela.»

«Deve estar muito contente com isso. Vejo-te a fazer uma viagem, com tempo mais quente, ainda este ano. Provavelmente no verão. Mas não é preciso ser muito psíquico para perceber isso.»

«Que bom.»

«Há um casamento ou nascimento a chegar, uma ocasião alegre a chegar.»

«Ah! Há mesmo uma ocasião a chegar. Mas não é casamento.»

«Seja como for, algo festivo. Vejo o rendado branco. Vais divertir-te — ocasião feliz e festiva. E ela diz que vai fazer parte.»

«Quer que lhe diga?»

«Não. Seja como for, ela vai estar presente.»

«Estás tão perto!», exclamou a mulher.

«Há uma Maria ou Mary falecida. Tia ou tia-avó. És casada. Talvez do lado do teu marido.»

«Mary?», repetiu a interlocutora. «Estou a pensar. É possível.»

«Deixo passar. Tem de haver — tia ou tia-avó. Tenho a certeza de que mais cedo ou mais tarde vais encontrar uma.»

«Sim.»

«Há também Phyllis ou Filomena.»

«Sim.»

«Faleceu.»

«Sim. Meu Deus.»

«Figura materna para ti — como tia ou avó.»

«Mais como tia.»

«Tu — quem tem problemas nos olhos? Vejo o símbolo de Santa Lúcia. Ou alguém da família. Santa Lúcia é o símbolo de problemas nos olhos.»

«Olhos. Bem, faço muito ponto de cruz e os meus olhos ficam desfocados.»

«Pode ser. Parece haver preocupação com os olhos — tu ou familiar próximo. Tipo fadiga, um olho pior que o outro. Nada de grave. A Filomena falava italiano. Alguma vez chamaram Filomena de Mina ou Lina?»

«É o nome da minha mãe — Lina.»

«Pronto. Foi engano meu. Juro que ouvi alguém dizer Mina ou Lina. A tua mãe tem um nome de batismo esquisito? Sem me dizeres.»

«Ah, tem.»

«Muito italiano no som.»

«Muito.»

«O nome dela é qualquer coisa como Pascalina?»

«Acertaste! Pascalina!», respondeu a interlocutora entusiasmada.

«Apanhei o nome do livro La Popesa. Vi o livro à minha frente. Era sobre a irmã Pascalina. Agora ela disse: "Tens o meu nome", mas não parecia gostar muito dele.»

«Ela detestava esse nome!»

«Disse-o com relutância.»

«Quando queríamos chateá-la, chamávamos-lhe esse nome para a irritar.»

«Agora pode assombrar-te para se vingar», brincou George. «Mas também me mostrou uma visão de Lena Horne e o livro sobre a irmã Pascalina. Reconheci o livro. Estás à espera de dinheiro?»

«Sim.»

«Não do trabalho, porém. Outra fonte, diz a tua mãe, tipo herança, prémio, prenda, retorno de investimento para ti ou familiar próximo. Tens direito a ele.»

«Certo. É verdade.»

«É uma questão de burocracia.»

«É mesmo.»

«Vem como surpresa. O Gato Félix significa boa notícia, surpresa feliz.»

«Muito bem.»

«Perdeste um animal de estimação? Cão?»

«Sim.»

«Porque ouço um cão a ladrar, e a tua mãe diz que o cão está lá com ela, para não te preocupares — a fazer-lhe companhia e ela a cuidar dele.»

«Vais achar que sou maluca, mas esse cão apareceu em minha casa antes dela morrer. Eu vi-o. A minha filha viu», disse a interlocutora.

«Acredito.»

«A minha mãe adorava aquele cão, e ele estava lá à espera dela.»

«A Carmela, diz ela. Significa alguma coisa?»

«Sim.»

«A mãe chama por ela — preocupação com saúde. A mãe chama pela Millie ou Carmela. Carmela, mantém-te atenta à saúde.»

«Sinto a minha mãe sempre à minha volta. Sinto sempre que ela vela por mim.»

Como muitos de nós, a interlocutora sabia que a mãe, embora falecida, continuava com ela. Outros, por qualquer razão, podem não estar tão certos da presença dos entes queridos falecidos no seu dia a dia. Como sugere uma mensagem para uma interlocutora no Dia dos Namorados de 1982, um espírito pode estar connosco ou a tentar contactar-nos, e nós nunca nos apercebermos.

«Há algum homem próximo de ti que tenha falecido?»

«Sim.»

«Parente teu?»

«Sim.»

«Próximo.»

«Muito próximo.»

«Estás com esperança de ter notícias dele.»

«Sim.»

«Porque ele acabou de aparecer. Acabei de sentir o homem a chegar e a dizer: "Ela espera ouvir de mim, e eu estou aqui." Sofreu muito antes de falecer?»

«Hum…»

«Ou houve muita dor ou alguma coisa assim?»

«É possível.»

«Pronto. Faleceu subitamente?»

«Sim.»

«Porque ele diz falecimento súbito. Será possível que ele tenha guardasse isso para si?»

«É possível, mas pouco provável.» «Sinto dor dentro de mim, mas também quero ficar calado quanto a isso. Ele apareceria com vibração de pai?»

«Não.»

«Avô, algo desse género?»

«Marido», respondeu a interlocutora.

«Mas ele é pai, não é?»

«Sim.»

«Porque quando disseste marido, ele disse:

"Sim, e pai." Por outras palavras, são os filhos a quem ele está a chamar. O falecimento dele foi acidente?»

«Não.»

«Faleceu de doença? Apanhou alguma doença?»

«Hmm.»

A interlocutora parecia incapaz de responder.

«O que acontece é que o que estou a receber não é no sentido de acidente de carro, mas parece ser acidente. Ele continua a dizer: "Sim, sim, sim." Apanhou-a acidentalmente, ou…»

«É uma coisa muito curiosa. Não sei quanto queres que eu entre nisso…»

«Daqui a pouco perguntamos», disse eu, «mas agora não.»

«Percebes o que ele está a querer dizer?», perguntou George.

«Sim.»

«Porque parece… estou a receber acidente, mas não do tipo que identificaríamos imediatamente. Bem, não vai parecer parvo dizer que te estão a desejar um Feliz Dia dos Namorados.»

«Ah.»

«Homem muito atencioso?»

«Extremamente.»

«Para mim era óbvio, mas ele disse: "Sou muito atencioso e ela vai relacionar-se definitivamente com isso." Vejo rosas à tua frente.»

«É verdade.»

«Era o preferido dele oferecer-te?»

«Bem, não era invulgar.»

«Pois há rosas a serem-te oferecidas.»

«E a minha filha trouxe-me uma rosa hoje.»

«São rosas cor-de-rosa também.»

«Quase, é tipo um rosa-alaranjado.»

«Pronto, porque eu vejo rosa. Tens um filho?»

«Sim.»

«E uma filha também. Ouvi-te mencionar filha.»

«Sim.»

«Porque ele chama pelos filhos. Ele teve algum problema nas costas?» «Numa altura.»

«Porque estou a sentir dor extrema nas costas.»

«Numa altura, mas não relacionado com o falecimento.»

«Estou a receber essa dor. A condição afetava-o da cintura para cima?»

«Hum. Dentro…»

«Sinto-me oco no corpo.»

«Sim.»

«Teve algum problema em respirar?»

«Sim.»

«Se os teus filhos já tiverem idade para aceitar isto, ele só diz: "Diz aos meus filhos que tiveram notícias minhas." Teve problemas… percebes porque sinto tanta ocosidade no corpo?»

«Sim.»

«Não sou médico nem nada. Não consigo descrever, mas sinto-o.»

«Com certeza.»

«Pronto.»

«É incrivelmente verdadeiro», disse a mulher.

«Pronto, podes explicar. Eu não percebo, só te passo a informação. Sentiste-o perto de ti recentemente?»

«Não especialmente.»

«Vejo-o a vir ter contigo em sonho, ou com alguém da família.» «Possivelmente.»

«Não sei, fala-se de um sonho ou de uma sensação desse tipo a chegar. Conheces algum Al, vivo ou falecido, Alvin, algo nessa linha?»
«Alvin, sim.»

«Conheceria ele…»

«Conheceria…»

«O Alvin está vivo ou falecido?»

«Vivo.»

«Pronto, o teu marido conhecia o Alvin?»

«Sim.»

«Porque ele está a pedir por ele. Eram próximos ou…»

«Amigos.»

«Pronto, ele só diz: "Como está o Alvin? Diz-lhe que tiveste notícias minhas notícias." Ele disse que…»

«Isto é inacreditável. É mesmo inacreditável.»

«O nome Lynn significa alguma coisa para ti?»

«Sou eu.»

«Não acredito», exclamou George.

«É inacreditável», disse ela.

«Porque eu estava mesmo a pedir-te, se tivesses dito que sim, a mensagem é: "Com amor para ti, Lynn", e estava a receber o sinal de despedida.»

«É inacreditável», disse Lynn. Depois contou-nos como tinha decidido telefonar ao George.

«O que é essa ocosidade?», perguntou George.

«Morreu de leucemia aguda, e esteve ligado a um respirador antes de morrer.»

«Não admira. Estive com muita dificuldade em respirar.»

«E tu dizes: apanhou-a? Havia muitas dúvidas sobre como surgiu. Surgiu tudo em dois meses do princípio ao fim», explicou ela.

«O que é que ele fazia na vida?», perguntei eu.

«Era agente imobiliário.»

«E não têm forma de saber se foi uma coisa que aconteceu porque aconteceu, ou se…»

«Não, porque os médicos perguntaram-nos a todos se ele trabalhava com químicos ou se tinha estado fora do país, e deram sempre negativo», respondeu Lynn.

«Pareceu-me», disse George, «que ele dava a impressão de que tinha sido um acidente a forma como contraiu a doença. Só não conseguia perceber.»

«Sim, é uma coisa mesmo esquisita. Ainda não sabemos. Tenho de falar com um médico e pedir o relatório da autópsia para ver se isso revelou alguma coisa.»

«Claro, é duro, mas é estranho o George fazer essa pergunta quando de facto…» comentei eu. «Há alguma coisa que possas ler sobre o futuro?», perguntou ela. «Neste momento teria de dizer que não consegui nada, porque achei muito óbvio quando descobri que era o teu marido e ele dizer Feliz Dia dos Namorados. Disse-lhe: "Dá-me qualquer coisa mais profunda do que isso." E foi aí que ele se despediu depois do Alvin e disse: "Com amor para ti, Lynn." E adeus por agora, despediu-se, por isso já não estou em contacto com ele.»

«Sim.»

«Quantos anos tinha ele?»

«Quarenta e três.»

«O teu nome é mesmo Lynn?»

«É o meu nome. E o Alvin é o meu melhor amigo, e está na Florida.» «Pois, está vivo e de boa saúde por lá», garantiu-lhe George. «Graças a Deus.»

Os entes queridos falecidos desempenham algum papel no nosso dia a dia e, se sim, qual é? Quando George e eu fazíamos o programa de rádio, permitíamos que um número limitado de pessoas interessadas — jornalistas, investigadores, especialistas de várias áreas — assistisse aos programas. De vez em quando, um ouvinte telefonava e era convidado a juntar-se a nós. Um adolescente a quem chamaremos Ricky perguntou se podia ir ver um programa.

Disse que queria conhecer o George. O pai do Ricky, engenheiro elétrico, levou-o ao estúdio. Minutos após chegarem, o pai do Ricky deu a conhecer a sua posição — e o verdadeiro motivo da visita do Ricky. Afirmando ser cético, o pai do Ricky declarou que o seu objetivo era proteger o Ricky do que acreditava ser truques do George. George apenas encolheu os ombros e entrou no estúdio. Estava na hora de ir para o ar.

Ricky e o pai assistiram aos acontecimentos através de uma grande janela que separava o estúdio de um corredor. Ouviam a emissão por colunas. Perto do fim do programa, George detetou uma presença que ia

para o Ricky. Pusemos rapidamente o Ricky ao microfone e a leitura começou. O espírito que o George estava a captar era a avó falecida do Ricky. Ela deu ao George alguns detalhes precisos que estabeleceram a sua identidade e depois chegou ao motivo da visita.

«A tua avó está a dizer que andas com a malta errada», disse George. «Pois ando», respondeu Ricky.

Agora o pai do Ricky estava todo atento, a observar a troca de palavras atrás do vidro.

«A tua avó está a dizer que sabes muito bem o sarilho em que já te meteste. Não o digo em voz alta aqui», disse George.

«Mas ainda não é tarde para te afastares dessa situação. Ela pergunta se percebes o que ela quer dizer e o que tens de fazer.»

«Sim, avó», respondeu Ricky, corrigindo-se logo a seguir.

«Quer dizer, George. Sim, percebo.»

«Cabe-te a ti mudar», diz ela.

«Sim, consigo. Vou mudar.»

Quando o programa acabou, o pai do Ricky estava visivelmente um pouco abalado e sem palavras. Contou-nos em privado que ele, a mulher e as autoridades escolares já quase tinham desistido de fazer o rapaz perceber quanto à má companhia para que ele estava a derivar. Também temiam que estivesse perigosamente perto de ter problemas com a lei. Embora o pai do Ricky tivesse visto provas de comunicação espiritual, continuava sem a compreender. Ainda assim, a sua opinião mudara drasticamente. «Acho que há coisas que não percebo», admitiu. Talvez, como homem lógico e educado, lhe fosse difícil aceitar. Como pai, porém, parecia muito grato.

Através das leituras, o George conseguiu ajudar inúmeras pessoas a lidar com toda a espécie de problemas. Isto não quer dizer que a solução para todas as dificuldades esteja numa leitura — não está. Mas, em certos casos, uma leitura pode literalmente mudar a vida de alguém de um dia para o outro. Logo no início, George e eu conhecemos a Dr.ª Brenda Lukeman, Ph.D., psicóloga e psicoterapeuta, autora (Embarkations, um livro sobre lidar com a morte e o morrer) e diretora de uma organização educativa sediada em Long Island chamada Courage in Crisis, que oferece conferências e programas para todos os que lidam com doença terminal, perda e mudança súbita.

Ela já tinha falado connosco várias vezes na rádio e na televisão sobre as relações entre psicologia e fenómenos psíquicos. Na primavera de 1987

juntou-se-nos nos Psychic Channels para falar sobre lidar com a morte, em particular o suicídio de adolescentes.

A meio do programa comentei: «Vou fazer-te uma pergunta, embora possa parecer controversa para alguns dos teus colegas. Que tal um psicólogo, um psicoterapeuta, trabalhar com um psíquico?»

«Adoro fazê-lo», respondeu a Dr.ª Lukeman.

«O George e eu já somos bons amigos a esta altura. Não só o George me ajudou pessoalmente, enormemente, com as suas leituras, como me ajudou enquanto psicóloga. Tive uma paciente que veio ter comigo. A irmã tinha-se suicidado há bastantes anos, quando ambas eram finalistas do secundário, início dos vinte e poucos. A irmã estava bem-disposta num momento, no momento seguinte foi à varanda, atirou-se, acabou-se. Bateu no chão e morreu imediatamente.

«A irmã da suicida veio ter comigo. Estávamos a trabalhar a culpa… [culpa] que afetara toda a vida dela até então — diria facilmente dez, quinze anos. Era como se vivesse sob um manto de tristeza e culpa. Tinha tido uma pequena discussão com a irmã mesmo antes de ela se atirar. Trabalhámos de muitas formas à volta disto, e depois mandei-a ver o George.»

O resultado, disse a Dr.ª Lukeman, «foi dramático e lindo… Não disse nada ao George sobre o passado dela, só lhe pedi se a recebia. Ela foi lá, e a irmã apareceu na sessão. O George disse: "Sinto alguém aqui", e soube o nome dela, soube pormenores sobre a relação com a irmã que ela nem a mim tinha contado; havia coisas que não havia forma possível de ele saber.

[A minha paciente] a irmã começou a falar com ela através do George. Chorou e chorou durante horas. A irmã disse: "Amo-te, suplico-te que me perdoes por ter feito isto. Estou aqui com o Pai. Estou a trabalhar o meu karma doloroso que criei ao fazer isto. Não foi culpa tua."

«Teve um efeito tão profundo na minha paciente… ficou profundamente tocada em muitos níveis. Primeiro, simplesmente levantou anos de culpa e tristeza. E depois, noutro nível, ajudou tanto porque ela percebeu claramente que havia algo depois.»

É evidente que o trabalho do George pode ajudar pessoas. Contudo, alguns continuavam a rejeitá-lo por motivos religiosos. O Monsenhor Thomas Hartman, diretor de rádio e televisão da Diocese de Rockville Centre, Nova Iorque, já tinha aparecido connosco em vários programas de rádio e televisão. Calmo e muito descontraído, o Padre Tom, como lhe

chamávamos, tornou-se bom amigo. Em maio de 1987 juntou-se-nos num programa dos Psychic Channels intitulado «Teologia e Parapsicologia». Durante o programa contou generosamente ao público a leitura privada que teve com o George, na qual apareceu um padre sob cuja orientação trabalhara e a quem cuidara durante uma doença fatal. Toda a conversa foi fascinante, mas queremos terminar esta secção com duas afirmações do Padre Tom que, acreditamos, exprimem lindamente a visão religiosa do que o George faz. Num momento, falámos sobre porque é que a Igreja era tão relutante em sequer reconhecer os aspetos positivos do trabalho do George e de outras pessoas dotadas.

«Acho que uma das coisas que preocupa os líderes da Igreja é, na nossa cultura, o modismo e o comercialismo», disse o Monsenhor Hartman. «Como eu vejo, a vida é difícil. A espiritualidade é difícil. O casamento é difícil. O compromisso com qualquer modo de vida é difícil. E se alguém viesse ter com o George, que tem este dom, apenas como panaceia, como placebo, para se afastar da luta do dia a dia, acho que estariam enganados. O que todos tentamos perceber é: Como posso pegar no espírito que há dentro de mim e permitir que o meu espírito se torne mais importante do que qualquer outra coisa na minha vida? É o espírito que nos dá energia. É o espírito que nos ativa. É o espírito que define como nos relacionamos com os outros.

«Nunca vos disse isto», tinha ele dito mais cedo no programa, «mas andei a lutar com a ideia: porque é que as pessoas rezam por alguém que já morreu? Se estão com Deus, e Deus cuida deles completamente, o que mais é preciso? Nos momentos mais espirituais da minha vida, ainda preciso de um abraço e de um beijo e tudo isso. Quando as pessoas morrem e estão com Deus, acredito que ainda precisam de ligação com este mundo, de saber que há pessoas que as amam.»

DEZ JÁ PASSARAM mais de sete anos desde que George e eu nos conhecemos pela primeira vez. Esses anos revelaram-se uma aventura, e uma que parece não ter fim. George faz leituras privadas três dias por semana e aparece comigo nos Psychic Channels. Através das suas leituras aprendemos muito sobre comunicação com desencarnados e sobre as nossas capacidades e possibilidades como seres humanos. O que significou esta capacidade para o George Anderson enquanto pessoa? Como mudou a

vida dele? O que aprendeu, através das leituras e das suas conversas pessoais com o outro lado, que possa partilhar connosco?

Em julho de 1987, George e eu falámos durante umas duas horas sobre estas questões. Muita coisa tinha mudado nas vidas de todos nós, mas, relendo as transcrições, percebemos que o trabalho que fizemos nos sete anos anteriores era provavelmente apenas o princípio.

«VAMOS COMEÇAR por algumas das perguntas que nos fazem constantemente. Porque é que alguns espíritos do outro lado comunicam e outros não?», perguntei eu.

«Boa pergunta», respondeu George. «Não faço ideia porque é que alguns são percebidos e outros não. Acontece continuamente nas leituras: alguém não aparece durante anos, mesmo que a pessoa volte vezes sem conta. Já me aconteceu aparecerem a um sujeito e não a outro. Pode ser porque não estão prontos para aparecer, não estão preparados, não têm a certeza como fazê-lo. Podem ter progredido para tal nível espiritual lá que perceber ou comunicar com este lado da dimensão já não seja para eles. Podem estar envolvidos em atividades espirituais maiores lá.»

«Para onde vamos quando morremos? O outro lado diz-te para onde vamos?»

«Bem, segundo o que eles dizem, passamos por diferentes níveis de consciência. Estamos a subir. É como, para chegar ao 12.º ano, teres de passar do 1.º ao 11.º. Quando falecemos, entramos mesmo no túnel, podemos passar por esses pequenos níveis mais escuros, que podem representar uma forma de inferno ou purgatório, porque são os dois níveis negativos, ou mais escuros.

Mas se formos boa pessoa, geralmente passamos por eles muito rapidamente e seguimos para o terceiro e quarto níveis de consciência, onde vão as pessoas normais como nós — nem toda a gente pode ser uma Madre Teresa de Calcutá, que provavelmente subiria mais alto. Quando passamos por estes níveis, encontramos os nossos familiares e amigos à nossa espera no fim do túnel, tal como no filme Resurrection, onde estão lá à espera e nos levam para a luz. E há como um rejuvenescimento espiritual, como uma reunião, como uma festa: "Eh, que bom voltar a ver-te."

Reconhecemo-nos pela personalidade. Tal como todos temos impressões digitais individuais e únicas, cada um tem uma personalidade muito singular. Não há corpo físico, mas há um corpo espiritual que pode

assumir forma física, mas, para ser sincero, acho que isso só acontece durante uma leitura, para eu poder ver e descrever o que a pessoa que está a ser lida consegue compreender.»

«Geograficamente falando, onde é? É o céu estereotipado, algures acima das nuvens?»

«Parece que a próxima dimensão está aqui, corre paralela a esta. Fazer a transição parece ser mais uma experiência celestial do que uma viagem para o céu à Hollywood. Acho que a razão por que sentimos que somos elevados ou acreditamos que o céu está lá em cima é porque sentimos uma sensação de elevação na próxima etapa da vida. Quando nos tornamos um na próxima dimensão, sentimos que compreendemos tudo, sentimos-nos espiritual e emocionalmente elevados. Provavelmente foi daí que veio a ideia de subir.»

«Os espíritos conseguem dizer diretamente como é o outro lado, ou tens de juntar as peças?»

«Depende do grau de consciência e perceção deles. Alguém pode estar a ter uma experiência subjetiva diferente lá, portanto teria uma interpretação diferente. É exatamente como aqui connosco. Por exemplo, olho hoje para o céu e descrevo a cor como azul-céu. Mas se houver um tom diferente, ou o sol se mexer um pouco, ou olhares para cima cinco segundos depois, podes dizer que é mais turquesa, ou azul-pó. O mesmo pode estar a acontecer do outro lado.

«Nunca ouvi propriamente queixas sobre o outro lado, a não ser que a pessoa tenha ido para os níveis mais escuros, por ter cometido algum crime grave, magoado pessoas, ou cometido suicídio. Geralmente, porém, a maior parte dos espíritos de que ouvi falar parecem muito felizes, muito serenos, muito em paz, muito conscientes e conhecedores de si próprios, mesmo que tenham sido muito negativos e infelizes aqui. Parecem ter acesso a muito conhecimento e compreendê-lo tudo lá melhor do que nós aqui.

«Aprender e crescer parece ser o essencial lá. E conseguem compreender-se a si próprios, se quiserem. Foi-me dito do outro lado que temos de tomar uma decisão fundamental lá. Temos de nos enfrentar a nós próprios e fazer alguma coisa quanto a isso, caso contrário vamos apenas à deriva e não progredimos espiritualmente.

Parece ser uma questão muito importante: reconhecermo-nos, as nossas qualidades positivas e negativas, e tentar fazer algo a respeito. Também me disseram que têm tarefas, trabalhos a fazer lá. Por exemplo, o

David Licata contou-nos que trabalha com crianças e animais que já passaram para o outro lado. É como ter um emprego aqui, só que assumes um trabalho espiritual na próxima etapa da vida, onde ganhas a progressão da tua alma ajudando outros a atravessar, ajudando pessoas aqui a encontrar o seu caminho espiritual, ajudando pessoas lá a encontrar o seu caminho espiritual, envolvendo-te em várias coisas.»

«Importa o nível em que se está para poder comunicar?»

«Se estiveres num dos níveis mais escuros, podes não estar inclinado a vir ter comigo. Eu não atrairia nada que fosse negativo, por isso, se estiveres nos níveis mais escuros ou inferiores, a não ser que seja por um propósito espiritual específico, eu não te perceberia. Um Hitler, para dar um exemplo extremo, colocar-se-ia num estado de escuridão tal que literalmente não conseguiria comunicar.»

«Um suicida, por exemplo, fica eternamente nesse plano escuro?»

«Não perpetuamente. Pelo seu livre-arbítrio, podem progredir. É por isso que é tão importante que as pessoas, independentemente da crença religiosa ou mesmo se forem ateias, se lembrem de rezar pelos que já partiram. Porque isso envolve-os em amor e encoraja-os a progredir. O problema que o suicida enfrenta na próxima dimensão é que, ao chegar ao nível seguinte, não é a visão bonita que costuma ser um falecimento normal. O problema deles é que não conseguem perdoar-se a si próprios. Quando alguém aparece numa leitura e começa a fazer-me sentir que tirou a própria vida…»

«O que sentes?», perguntei eu.

«Sentes que estás na presença de um fantasma», respondeu George com tristeza. «É uma sensação gélida. E é muito importante que os que aparecem reconheçam o que fizeram. É como levantar-se e dizer: "Sou alcoólico." Avançar e dizer: "Tirei a minha própria vida." Um amigo meu que se tinha suicidado recentemente apareceu e não sabia como ir para a luz. Eu continuava a dizer-lhe para avançar para a luz, mas ele tinha medo do julgamento.

Não conseguia perdoar-se a si próprio. Além disso, tinha um problema com o facto de, depois de ter tirado a própria vida, o espírito dele ter obviamente permanecido junto ao local do ato. Não conseguia superar a memória do pai a encontrá-lo, e isso atormentava-o emocionalmente de forma tremenda na próxima dimensão. O que ele e muitos de nós não compreendemos é que há julgamento lá, mas não é feito por Deus sentado

num trono. O julgamento cabe, basicamente, a ti próprio. E todos sabemos que o maior inimigo que podemos enfrentar somos nós próprios.

«Pode levar eras, no tempo como o entendemos, até irem para a luz. Depende da pessoa. Tu é que controlas. Tu é que tens as rédeas. Os que passaram por esses níveis mais escuros disseram que tiveram de se enfrentar a si próprios e perceber que, se não se não endireitarem — ou seja, se não aprenderem mais sobre si próprios —, não vão a lado nenhum.»

«Porque é que conseguem enfrentar-se do outro lado se não conseguiam aqui? O que muda?»

«Uma das coisas que as entidades mais elevadas da próxima dimensão dizem é que podemos enganar facilmente os outros, mas nunca nos enganamos a nós próprios nem a Deus.»

«Se eu for para um nível e um familiar meu for para outro, como comunicamos?»

«Bem, mais uma vez, parece ser uma questão de progressão. Por exemplo, se a tua mãe está no quinto e o teu pai no quarto, a tua mãe pode descer ao plano do teu pai, mas o teu pai não pode subir ao dela até o merecer. Por isso, muitas almas tendem a ficar no quarto ou quinto plano até alguém que amam muito se juntar a elas e ficar ao mesmo nível para poderem trabalhar espiritualmente juntas.»

«Uma vez lá, mantemos as relações que tínhamos aqui?»

«Parece que podemos sentir-nos próximos de uma alma lá que nos era próxima aqui porque estamos na mesma vibração, ou comprimento de onda. Por exemplo, a maior parte de nós tem um amigo que sentimos mais próximo do que alguém da própria família. Lá também acontece, mas também parecem aprender a amar-se completamente e de forma igual, mesmo que haja um período em que se sintam mais atraídos por um indivíduo em particular.»

«Alguns espíritos podem escolher ficar no outro lado indefinidamente, enquanto outros regressam», disse eu. «Quando um espírito regressa, regressa sempre à mesma família, aos mesmos pais, aos mesmos entes queridos?»

«Parece que ficamos todos juntos com as mesmas pessoas com quem nos sentíamos próximos — os semelhantes atraem-se. Podemos ter pais diferentes, o nosso irmão ou irmã pode ser nosso pai da próxima vez. Mas parece que ficamos com as mesmas almas com quem sentimos afinidade ou

boa vibração. Isto pode explicar porque nos sentimos mais próximos da irmã do que do irmão, ou porque sentimos que o melhor amigo faz parte da família. Sinto que sempre estivemos juntos com as mesmas pessoas desde o início, mas talvez conheçamos pessoas diferentes ao longo do caminho que destacam, enriquecem ou desempenham um papel importante nas nossas vidas num momento específico.»

«Alguns regressam e outros não? O que determina isso?»

«Bem, várias coisas. Dizem que é melhor não regressar logo, que é melhor ficar lá um bocado, descansar, refletir, ganhar conhecimento e experiência, para estarmos mais preparados para a próxima vida e conseguirmos cumprir melhor o que queremos realizar. Mas dizem que depende de nós. Muitas almas parecem ir lá e regressar logo. Imagina que foste morto numa guerra e te sentes roubado na vida. Queres voltar logo, mas se o fizeres podes regressar com hostilidade e ansiedade. É melhor livrares-te da negatividade e regressar com uma atitude mais positiva.

«Por outro lado, algumas almas dizem que vão esperar lá o seu tempo. Decidiram não regressar, mesmo que leve eras, no tempo como o entendemos, a trabalhar o crescimento da alma lá. Do outro lado não estás sujeito a tentações, enquanto aqui lidamos com vibração positiva e negativa de discórdia, o que pode ser difícil, como muitos de nós podem atestar. Mas muitas almas com quem falei disseram "de maneira nenhuma", não querem ser testadas voltando à carne, querem ficar lá e resolver as coisas, custe o que custar.»

«Se continuarmos a ter relações que chamamos humanas, não teremos também emoções humanas lá? Os espíritos que partiram guardam rancores, ciúmes e outras emoções negativas?»

«Não, a não ser que a alma fosse muito negativa quando passou para o outro lado e mantivesse essa negatividade lá. A maior parte dos cônjuges falecidos que passaram por aqui encorajam as viúvas ou viúvos, se quiserem, a sair e fazer outra pessoa tão feliz como eles os fizeram. Todos dizem: "O voto foi até que a morte nos separe, e embora eu não esteja morto, a tua vida tem de continuar, tal como a minha pode continuar." Mas isso depende deles. Há quem perca o cônjuge e diga: não, ele ou ela foi o único para mim. Um espírito pode ter tal afinidade total com uma pessoa aqui na Terra que, no além, não veja mal na outra relação depois dessa terminar. Mas é escolha livre deles.»

«Em muitas leituras parece que os espíritos sabem muito sobre o que se passa nas nossas vidas, como nos sentimos, por vezes o que pensamos. Ouvem-nos o tempo todo?»

«Até certo ponto, diria que sim, conseguem captar os nossos pensamentos, voz, etc. Mas não passam vinte e quatro horas por dia a ouvir o que dizemos. Acho que muitos estão por perto como anjos da guarda, mas também têm outras missões a cumprir na próxima etapa.»

«Os espíritos comunicam por vezes diretamente com os indivíduos?»

«Às vezes sim, já o mencionaram em leituras. Podem vir ter connosco em sonhos ou no que entendemos como estado de sonho. Podem dar-nos um cheiro ou som familiar ou algo que lhes diga respeito. Muitas vezes as pessoas relatam que, mesmo depois do pai ter falecido, o viram em casa. Cheiraram o tabaco de cachimbo dele, o perfume que a mãe usava, especialmente em momentos de aflição. Sim, acho que há momentos em que os entes queridos estão perto de nós; se sentirem mesmo que precisamos deles, conseguem de alguma forma emitir um sinal de que estão por perto.»

«Quem faz esse contacto? É o outro lado, a pessoa aqui, ou ambos?»

«Pode ser uma combinação dos dois. Uma pessoa aqui pode emitir um sinal: preciso mesmo de ti, preciso de sentir que estás perto de mim, e então a alma do outro lado — o teu pai, mãe, filho, o que for — é alertada para a necessidade e, fazendo uma boa ação espiritual, vem em teu auxílio e faz-te saber que estás a ser reconfortado.»

«Rezar faz alguma diferença?»

«Rezar e pedir-lhes ajuda? Claro. Porque não estás só a rezar por eles, estás a pedir-lhes que rezem contigo a Deus para que as coisas corram bem para ti, e também os estás a ajudar a ganhar crescimento espiritual. Recomendo vivamente que as pessoas rezem pelos que já partiram. Está escrito nas escrituras e é uma boa ideia espiritualmente, especialmente para quem teve um falecimento traumático ou suicídio. Estás a envolvê-los com amor e calor constantes, como farias aqui. Estás a enviar-lhes energia muito positiva que os ajuda a encontrar-se a si próprios e a progredir do outro lado.»

«É preciso rezar do modo tradicional? Ir à igreja, sinagoga, templo, mesquita?»

«Bem, isso não parece fazer mal nenhum. Muitos espíritos pediram o terço, mesmo que não fossem muito espirituais, porque dizem que é uma

forma muito poderosa de graça para eles lá. Mas acho que podes inventar as tuas próprias orações. Sei que há pessoas que dizem que pensam neles, e o outro lado responde: "Pensar em nós, sim, é muito bonito, mas rezem por nós." Deve haver diferença no nível de energia entre pensar e rezar.»

«Há algo que as pessoas possam fazer aqui para desenvolver melhor a capacidade de comunicar diretamente?»

«O que me foi dito do outro lado é, basicamente, que todos podemos fazê-lo através da oração e meditação. Sinto que todos temos essa capacidade até certo ponto. Todos conseguimos perceber ou sentir presenças. Quer dizer, quem nunca teve um sonho interessante, intuição, precognição, algo assim? A capacidade de algumas pessoas é um pouco mais apurada que a de outras, mas parece que, através da oração, meditação, se for para ser, vai acontecer. Vai encontrar o seu caminho.»

«Tudo o resto igual, preferias estar aqui ou do outro lado?»

«É uma pergunta difícil. Acho que teria de dizer que preferia estar do outro lado, porque acho que teria mais hipóteses de aprender e expandir-me espiritualmente sem toda a parvoíce do dia a dia com que lidamos aqui. Lembra-te, lá eu não estaria na vibração da discórdia. Parece que a capacidade de aprender e crescer lá é tremenda e sem fim.

Não quer dizer que seja a Utopia lá, mas se quiseres sintonizar-te espiritualmente e mesmo meter mãos à obra do ponto de vista espiritual, o teu potencial é infinito. Tens capacidades ilimitadas de aprender e crescer, enquanto aqui podes estar limitado porque, por exemplo, uma certa igreja te diz que não, isso é contra as regras, isto não é certo, isto não é permitido, etc.»

«Em geral, achas que a maior parte de nós, criados no Ocidente, com as nossas crenças e influências predominantemente judaico-cristãs, estamos bem preparados para a morte, que a compreendemos e aceitamos verdadeiramente?»

«Algumas pessoas sim, mas a maioria que vi não. As nossas religiões parecem preocupar-se com conceitos como inferno, purgatório, danação, julgamento e castigo por um Deus zangado. Desde o momento em que conseguimos compreender, ouvimos as pessoas falar da morte como "estar a dois metros debaixo de terra". Na maior parte dos filmes e literatura, o foco da morte está no sofrimento que a precede e se segue.

Não é de admirar que a maior parte das pessoas tenha medo da morte porque a associa ao sofrimento. Preferem ir depressa, talvez de ataque

cardíaco súbito ou a dormir. Pessoalmente, preferia partir a dormir — um, dois, três. A maior parte das pessoas não para mesmo para pensar nisso, porque é um pensamento assustador. É o desconhecido e, para muitos, infelizmente, a morte significa término, e as pessoas pensam: "Pronto, acabou. Não há mais nada para mim, para a minha vida, nem para a dos meus entes queridos."

«Mas não é assim. A morte é continuação. Esta vida mortal parece ser a interrupção infeliz do nosso estado natural de ser. Quando partimos, continuamos as nossas vidas para a frente. A vida é vida eterna.»

«Sabendo o que sabes», perguntei, «tens medo da morte?»

«Não creio que tenha medo da morte em si. Tenho medo das circunstâncias da morte, e acho que muita gente concordaria comigo. Infelizmente, esse medo parece dominar-nos a ponto de a maior parte mal conseguir falar ou pensar nisso ou verdadeiramente ajudar alguém que está a morrer.»

«Segundo o que o outro lado te contou, como devemos preparar-nos melhor nesta vida para a inevitabilidade da nossa morte física?»

«O outro lado diz que a aceitação é uma virtude muito importante, a aceitação das nossas vidas. Ora, isto não significa que não tentemos mudar as coisas. Se nasceste na pobreza e queres sair dela, desde que o faças sem magoar ninguém, tudo bem. Mas a aceitação é muito importante, porque escolheste passar por esta experiência.

Contudo, podemos progredir, temos de avançar constantemente, com pensamentos positivos, atenção positiva, pensamentos amorosos e harmoniosos. É como quando és criança, cais, levantas-te, sacodes o pó e continuas. Fazemos o nosso melhor e aceitamos o que somos e não somos capazes de fazer. Também temos de saber que, mesmo quando falhamos, tentámos o melhor que pudemos.»

«O que diz o outro lado, se é que diz algo, sobre as nossas práticas funerárias, rituais e ritos de morte?»

«Bem, disseram que os funerais são para os vivos. Mas gostam da oração que acompanha esses serviços, gostam do sentimento, da memória. Algumas almas comentaram: "Tive um funeral muito bonito." Muitos dizem-me que assistiram ao próprio funeral. Se há coisa que os incomoda é o nosso luto. Muitas almas ainda querem vir ter connosco e dizer: "Não chores por mim, eu não morri, é a casca que estão a enterrar, não sou eu." Seja como for, um funeral, missa de corpo presente ou serviço onde a

pessoa é lembrada e rezada é bom. É um conforto para os vivos e, até certo ponto, para quem já partiu.»

«Se as pessoas têm medo da morte — digamos que têm medo de deixar filhos e entes queridos —, isso afeta-os quando passam para o outro lado?»

«Pode atrasá-los um pouco. Mas, por outro lado, pode ser uma bênção, porque, uma vez fora do corpo físico e com a oportunidade de ser espiritual ilimitada, podem sentir maior capacidade de ajudar os que estão nesta etapa da vida. O que pode ser difícil é quando alguém que já partiu vê os que cá ficaram a pensar que morreram e que não há contacto. Pode ser frustrante para alguém que já partiu ver um filho ou ente querido em lágrimas ou perturbado, pensando que foi abandonado pela pessoa que partiu, quando tecnicamente não foi.»

«E as religiões diferentes? Importa se aqui foste judeu, cristão, muçulmano, hindu, budista?», perguntei.

«Tudo vai para Deus de qualquer maneira, que diferença faz? É só forma diferente de expressão. Toda a gente acha que tem o único caminho, a única resposta. O outro lado disse-me que a resposta, o único caminho está dentro de ti. Por exemplo, uso o catolicismo como base espiritual e ainda me afilio a essa igreja, mas a verdadeira resposta está dentro de mim. Deus não se encontra num edifício. Deus está em casa. Como Cristo disse: "O reino dos céus está dentro de vós."»

«Portanto não importa a fé que se tem? Foi isso que o outro lado te disse?»

«Eles dizem que Deus está dentro de todos nós», respondeu George.

«De que forma o que o outro lado te tem dito ao longo dos anos coincide ou se afasta das tuas crenças religiosas?»

«Bem, como católico romano espiritual, ajudou-me a compreender melhor a espiritualidade da minha religião. Discordo de certas regras feitas pelo homem que entraram na Igreja ao longo dos séculos.»

«Alguma vez pensaste numa vida religiosa para ti?»

«Sim. Não acho que seja para mim. Acho que me daria bem com castidade e pobreza, mas não com obediência», disse George, rindo. «Se escolhesse uma ordem, seria definitivamente uma das ordens franciscanas. Neste momento seria mais atraído por uma vida enclausurada, mas só depois de sentir que cumpri aqui o que tinha a cumprir.

«Mas acho que, de certa forma, já estou numa vida religiosa. Acho que estou a fazer algo de natureza espiritual, religiosa, e é por isso que não entro na vida religiosa: estando ligado a uma ordem específica, poderia ficar restrito, enquanto aqui tenho liberdade de movimento para fazer o que tenho de fazer. Estamos todos aqui com um propósito. É o que tento dizer às pessoas muito angustiadas com a vida e o que estão a passar. Estão aqui com um propósito. Talvez não saibam ou descubram qual é senão mais tarde. É como quando passas por algo na vida tão perturbador que não vês propósito nenhum e depois, dez anos mais tarde, percebes o que tinhas de aprender com aquilo.»

«Alguma vez saberemos algumas das respostas?»

«Acho que sim. Se não soubermos aqui, quando chegarmos do outro lado teremos maior compreensão.»

«Quem nos dará essas respostas? Quem nos ensinará?», perguntei.

«Acho que compreenderemos a nós próprios, ou o Deus interior ajudar-nos-á a compreender. Mas não acho que recebamos conselho ou ajuda diretamente de Deus. Somos todos parte de Deus, estamos todos sintonizados com o Deus dentro de nós.»

«Alguém numa leitura do outro lado já te falou sobre Deus?»

«Eles dizem constantemente que, do outro lado, que fazem parte de Deus e louvam Deus, mas não me dizem que Deus é uma entidade singular sentada num grande trono com barba grande e cetro. Deus é força, Deus é luz, Deus é energia, Deus é tudo. Deus somos nós, Deus são os animais. Essa força de energia que nos deu vida deu vida a tudo o resto. Somos todos parte de um único fluxo.»

«Os animais têm alma?»

«Não sei se têm alma tecnicamente, como nos ensinaram, mas têm certamente vida. Deus colocou-os na Terra e deu-lhes vida também. Por isso já os vi aparecer do outro lado, especialmente se o animal for muito próximo de um familiar — gato, cão, cavalo, o que for. Dizem que a força de vida do animal que conhecemos continua na próxima etapa.»

«Como é que se sente perceber espíritos?»

«Fico carregado. Sinto como se me dessem um choque elétrico. Por exemplo, é terça-feira. Entra a primeira marcação, digo olá e digo-lhe: "Tudo o que eu disser, responde só sim ou não", benzo-me e espero, parece no máximo dois segundos. Lembra-me a cena do filme A Night to Remember em que o homem ligou a máquina que ia transmitir o SOS. É

como se de repente ouvisse um zumbido, como se a energia subisse de repente e depois espero e sinto os contactos e começo a perceber. Na maior parte do tempo o que sinto é clairsentience. Percebo logo, ou sinto, e depois outros "sentidos psíquicos", chamemos-lhes assim, tomam conta. A clairaudiência parece ser mais poderosa agora.

«Depois, quando a "onda" desce, como lhe chamo, fico inclinado a sentir-me um pouco esgotado. É como qualquer trabalho, cansas-te, tens momentos em que precisas de te afastar completamente. É por isso que fico contente que os do outro lado sempre me tenham deixado o controlo. Posso desligar, posso ligar. Tecnicamente, é como qualquer emprego. Se souberes que na segunda tens de te levantar e ir trabalhar, preparas-te. Para mim, a preparação consiste simplesmente em saber. Basta saber que vai haver leitura ou demonstração. Condiciono a mente. Digo a mim mesmo: "Pronto, George, é hora de ir trabalhar, por isso põe-te nesse estado de espírito."»

«Qual achas que é o valor do contacto pessoal para as pessoas que vêm ter contigo? E como achas que é diferente de receber mensagens de uma única entidade, como fazem os chamados channelers?»

«Não sei o suficiente sobre channeling para ter opinião. Só posso falar de mim e da mediunidade. Por exemplo, eu não entro em transe. Prefiro estar no controlo. Não quero lidar com entidade qualquer de 21 a.C. de que nada sei. E acho que é aqui que as pessoas, mesmo interessadas no tema, sentem uma falta, uma peça do puzzle em falta, porque é muito mais fácil receber mensagem do teu avô, mãe ou filho falecidos do que de alguém que morreu na arena com Spartacus.

Tecnicamente, não te consegues relacionar com essas pessoas, não te consegues relacionar com aquela época ou período. Se estiver a fazer uma leitura para ti e te disser: "Pronto, o meu controlo ou guia espiritual é o Zé Grande e foi cossaco russo noutra vida e diz-me que o teu pai está aqui e que o teu pai diz isto e aquilo", estamos a ter um contacto, impessoal, com o teu pai através de outro médium. É melhor o teu pai aparecer e dizer:

"Olá, sou o pai dela, chamo-me Bill, morri de cancro, ela cuidou bem de mim." Há esse contacto coração a coração que acho que a pessoa que está a ser lida compreende e sente melhor. Depois pode dizer e acreditar: "A minha mãe está mesmo aqui", "O meu pai está mesmo aqui", "O meu filho está aqui." Também permite à pessoa saber que a alma seguiu em

frente, que a luz, a personalidade que conhecem, ainda existe — o corpo físico morreu, mas a pessoa não.»

«Tens sempre noção do impacto que uma leitura tua tem numa pessoa enlutada ou que vem ter contigo com qualquer problema?»

«Às vezes sim, às vezes não. Acho que muitas vezes sinto que desiludi a pessoa, e depois descubro que ficaram tão impressionados que não sabiam o que dizer.»

«Com algo muito forte, como as leituras Licata, como reages? São situações muito emocionais», observei.

«É uma pergunta interessante, mas o outro lado sempre me disse para manter as minhas emoções de fora. Descobri que, quando os meus sentimentos interferem — por exemplo, se fico com a voz embargada numa leitura muito intensa —, sinto a vibração vacilar, como se fosse perder o contacto. Especialmente quando vejo um pai ou família perturbada por um falecimento.

Nessas situações é melhor tentar manter a distância, manter-me muito formal. O outro lado diz que não há mal nenhum em ser compassivo ou compreensivo, mas que devo manter-me de fora, não deixar que as minhas emoções me arrastem. Com os milhares de leituras que já fiz — aqui em casa, em privado —, já vi homens adultos chorar desalmadamente por um suicídio ou perda de um filho. Se eu acompanhasse essa reação emocional em todos os casos, perdia o meu propósito. Tornar-me-ia apenas numa caixa de ressonância a soluçar, e não é essa a minha missão. Como diz o outro lado: "Estás só lá para os ajudar." Sou o instrumento.»

«Sabemos como a tua capacidade tocou a vida dos outros. Como afetou a tua própria?»

«Vou dizer-te o lado mau. O George enquanto pessoa pode querer estar num sítio, mas o George com a capacidade tem de estar noutro. Posso querer sair com um amigo na sexta à noite, ir à ópera, a Broadway ou a um museu, mas a capacidade tem de estar noutro lado a fazer outra coisa. E o pior é não conseguir estar lá para toda a gente que precisa. Alguém pode telefonar e eu não ter vaga, mas arranjo um espaço.

Dá para fazer, mas pode ser avassalador. É difícil ser só uma pessoa, porque não consegues ajudar toda a gente. São as minhas limitações como ser humano.

«Do lado positivo, porém, sinto que me dá a capacidade de reconfortar os enlutados, o que, sabendo tão pouco sobre a morte e não podendo fazer

grande coisa além de viver com ela, dá às pessoas essa ligação pessoal de que precisam de uma etapa da vida para a outra. Uma leitura pode provar a uma pessoa que alguém está bem lá, que seguiu em frente, que não há "morte". Por isso mudou a minha vida no sentido de trazer conforto aos enlutados, ajudar psicologicamente as pessoas, sentir que posso servir as pessoas de forma muito, muito singular.

«Há também aquela sensação de satisfação por teres conseguido levantar alguém que se sentia tão em baixo por causa de um falecimento ou experiência. Esse sentimento — não tem preço. É a sensação mais fantástica ver alguém — um pai, um viúvo, qualquer pessoa — levantar-se desta cadeira e sentir que pode continuar a vida com uma atitude positiva. Que deixaste tal impressão que pelo menos volta a sentir-se bem, mais forte e mais positivo. O que faço nunca removerá a cicatriz, nunca removerá a experiência, mas as pessoas ficam reconfortadas com isso.»

«Quando olhas para trás agora, para a infância difícil por causa da capacidade, como te sentes?»

«Para ser honesto, há lá muita infelicidade, e lembro-me de muitos momentos infelizes. E há sempre aquela parte de nós que gostava de voltar atrás e mandar alguém à merda, mas também não queremos expor a roupa suja em público. Porque aquelas pessoas lidaram com a situação da maneira que achavam correta. Não posso culpar a instituição da Igreja Católica por uns quantos idiotas que lá estavam. Pode ter havido algo que eu precisava aprender e experienciar, como ter mais confiança em mim próprio, como viver com viver esta capacidade.»

«Alguma vez te cansas que as pessoas te peçam para provares que és real? O que dizes, ou dirias, aos céticos, aos desmascaradores?»

«A única coisa que peço é que as pessoas venham a meio caminho. É só isso que peço. Eu próprio sou cético, sou cínico em relação a isto. Quero provas e confirmações constantes de que isto é real e que está mesmo a acontecer.

Nunca vais conseguir agradar a toda a gente, faças o que fizeres. Eu podia andar sobre as águas ou transformar água em vinho e ainda haveria gente que não acreditava. É um facto. É assim que fomos criados, assim que fomos condicionados — a pensar que coisas desta natureza não podem acontecer. Mas eu digo a essas pessoas: então provem-me que a Terra é redonda ou que existe ar. Eu sei que estou a respirar ar, vejo o que ele faz, mas não o vejo. Ninguém, incluindo eu, tem respostas definitivas, e uma

teoria vale tanto como a seguinte. Podemos supor o que achamos que é, ou como funciona, mas o outro lado disse que funciona com eletricidade. Vejam o que a eletricidade já faz hoje, o que a humanidade conseguiu com ela desde que aprendemos a usá-la. Porque não seria possível no caso desta capacidade?

«Se tivéssemos dado ouvidos às pessoas que diziam que a Terra era plana, nunca teríamos descoberto a América. Se não tivéssemos prestado atenção a Thomas Edison, não teríamos eletricidade na vida quotidiana. Podem desmascarar à vontade, mas o facto é que tem de haver alguma coisa ali, e até me provarem que não há, acho que vale a pena investigar. Não falo de leitura da sorte ou truques de Halloween, falo de uma investigação legítima, científica, disto. Obviamente há algum tipo de energia elétrica a funcionar aqui, e acho que ainda nem começámos a explorá-la.»

«Para fazer um pequeno desvio. Quanto aos truques de Halloween, incomoda-te ver o sobrenatural ser tratado assim? Incomoda-te especialmente?»

«Sim. Preferia que isto fosse visto de um ponto de vista científico e espiritual. Infelizmente, incomoda-me o facto de, quando digo "psíquico", toda a gente pensar que tudo é sobrenatural e oculto. Isso não tem nada a ver com o que eu faço.»

«Há quem pense que o outro lado devia simplesmente dizer-te como acontece», comentei.

«Pois, o outro lado pode estar a dizer-me exatamente como acontece, mas o meu cérebro, na sua ignorância, não compreende o que me estão a dizer. Eu não percebo nada de ciência; fui péssimo a matemática e ciências, por isso tenderia a bloquear e não conseguir compreender. E talvez também o outro lado espere que nós próprios descubramos a resposta, porque assim crescemos e aprendemos.

«Pelo que consigo entender, há qualquer coisa no cérebro humano ou na anatomia humana — dizem-me que é da zona do pescoço para cima —, até na zona superior do peito. O outro lado diz que conseguem enviar o que será entendido como uma carga elétrica, ou sinal elétrico, e a partir daí entra no cérebro e pode ser filtrado e compreendido como mensagem. Pode ser posto em linguagem inglesa e o cérebro começa a entendê-lo.

«Depois de anos a ser menosprezado e tratado como parvo, é muito revigorante descobrir que há mesmo algo legítimo e que os outros também

o veem. Funciona, manifesta-se mesmo. Mas agora a minha atitude é: pronto, está lá, vamos investigá-lo, vamos fazer algo com ele. Não nos preocupemos com o passado nem com o que o futuro reserva. Vamos tentar perceber.»

«Como é que isto difere da tua atitude quando nos conhecemos em 1980?»

«Quando comecei a tornar-me público, eu próprio não compreendia o que estava a acontecer e pensava que talvez as respostas fossem apenas bons palpites. Cheguei mesmo a pensar que talvez as pessoas estivessem tão convencidas de que isto era real antes de virem ter comigo que basicamente acreditavam em tudo o que eu dizia. Pensei que, subconscientemente, tinha algum truque e que sabia usá-lo muito bem, sem nem perceber que o estava a fazer. Quando fui para o programa de rádio pela primeira vez, estava num ponto da vida em que achava que não podia ser real, por isso aqui estava a minha oportunidade de descobrir por mim mesmo. Pensei: vou entrar na arena, mesmo que possa ser embaraçoso, e vou descobrir.

«Mas quando comecei a rever muitas leituras e experiências, disse: "Espera lá, donde vem esta informação? Onde poderia eu poderia ir buscá-la?" Sabia que não conseguia adivinhar tantas vezes certo, e as pessoas não são assim tão crédulas, especialmente os céticos que encontrei e que pareciam impressionados. Algo estava a acontecer psiquicamente. Depois, quando comecei a ver provas físicas — como a termografia — de que algo estava a acontecer, algo que eu via com os meus próprios olhos e os outros também, soube que era real e comecei a sentir-me mais confiante.

«Admito que ainda tendo a ser cético e cínico, e acho que é uma atitude saudável. O meu lema neste campo continua a ser: Onde termina a mente aberta e começa a credulidade? É algo que devemos ter sempre presente.

«Felizmente, as pessoas estão muito mais abertas a muitos assuntos, e à mediunidade em particular, do que estavam há cinco anos. Mas, por mais revigorante que seja, não tenho a certeza se é sempre o melhor. Fico um pouco preocupado, por exemplo, quando as pessoas querem que eu lhes diga o que fazer na vida pessoal delas, porque sentem que sou muito responsável e tenho este conhecimento tremendo, como se fosse um guru no cimo da montanha. Transmito conselhos do outro lado, mas a decisão final, a escolha final, tem de ser da pessoa. Cada um tem de aprender a

crescer através da experiência. Seria como ser marioneta se não quisesses encontrar o teu próprio caminho, a tua própria direção.

«É importante que as pessoas compreendam que os que estão do outro lado não têm todas as respostas, especialmente para as nossas vidas e problemas pessoais. Muita gente aqui tende a pensar que, só porque o pai foi para o outro lado, ganhou sabedoria e pode dizer-lhes o que fazer. E não podem. O próprio Deus não interfere. Tens de encontrar o teu próprio caminho.»

«Então acreditas no livre-arbítrio?», perguntei.

«Tecnicamente acredito no livre-arbítrio. Acredito que escolhemos o que acontece nas nossas vidas, que de certa forma nos predestinámos pelo nosso próprio livre-arbítrio.»

«Então como consegues ver o futuro se há livre-arbítrio? Se podes alterar algo que vai acontecer vendo antes e fazendo algo para o impedir, está ou não predestinado?»

«Até certo ponto está. Há certas experiências que temos de passar que já estão predestinadas, mas acho que o que acontece com o livre-arbítrio é que podemos chegar a um cruzamento e a decisão de virar à esquerda ou à direita é nossa. Podes entrar em algo que escolheste — por exemplo, com certa pessoa numa relação — e de repente, quando estás lá dentro, dizes: "Eh, isto não é para mim." Mesmo que, espiritualmente, tenhas escolhido a situação para resolver algo, temos a escolha de nos afastarmos.

«Por exemplo, sempre que tento afastar-me da capacidade, ela volta a encontrar-me. Deve ser algo que tenho de cumprir; não tenho escolha. Num certo momento, mesmo antes de ir para a rádio, estava a pensar mudar-me para o Arizona, mas surgiram obstáculos que me impediram. Parece que isto tem prioridade.»

«O que achas que devíamos fazer com as capacidades psíquicas — as nossas e as dos outros?»

«Devíamos tentar compreendê-las melhor, tentar utilizá-las mais no dia a dia, ver onde estão as suas origens, cientificamente. Mas também temos de garantir que não deixamos que controlem as nossas vidas, nem a minha nem a de ninguém. Há pessoas que são "viciadas em psíquico". Ficam obcecadas. As pessoas têm simplesmente de aprender a aceitar a capacidade psíquica como ela é e aceitá-la apenas na medida em que se aplica às suas vidas naquele momento. É preciso saber onde traçar o limite e absorver apenas o que precisamos. Não se pode endoidecer com isso.

Nem eu próprio consigo sintonizar-me tanto para mim mesmo, e eles dizem que devemos fazer o possível para não os chamar demasiado para ajudar. É bom fazê-lo, mas devemos sempre tentar encontrar forma de resolver a nossa própria infelicidade aqui também.»

«Alguma vez te disseram porque foste escolhido para esta capacidade? Ou, se tens um propósito na vida, qual é?»

«Não me deram esclarecimento nenhum. A única coisa que disseram é que tinha de ser homem, para ser levado a sério, o que é um triste comentário sobre a nossa sociedade sexista. Não faço ideia do porquê. Já perguntei, mas não faço mesmo ideia. Não sei se gostaria de saber. Talvez não seja para eu saber. Prefiro simplesmente fazer. Eles certamente não interferem na minha vida a não ser que eu peça ajuda ou assistência espiritual. Tecnicamente, não me disseram mesmo o porquê.

«Quanto ao propósito, acho que é bastante claro. O meu propósito é dar às pessoas uma nova interpretação da morte, reconfortá-las, remover-lhes os medos, ajudar os que estão de luto a perceber que a morte não é um fim mas uma transição. Acredito que estou a usar o meu dom como foi destinado a ser usado.»

«Tens ideia porque és tão preciso?»

«Para ser sincero, não. Acredito que esta capacidade é um dom. Todos temos dons, o meu é este. Alguém como Luciano Pavarotti tem uma voz singular comparada com outros cantores. Não estou a menosprezar os outros cantores, é só que a voz do Pavarotti destaca-se. Talvez tenha treinado mais, talvez tenha simplesmente um talento especial. Seria o mesmo comigo. Posso ter nascido com ele, mas todos temos dons. Um amigo meu comentou como a capacidade psíquica é fantástica, e no entanto invejo-o porque é um músico maravilhoso. Posso aprender a tocar um instrumento, mas nunca seria tão bom como ele. Acho que a minha capacidade não é única. Provavelmente é algo que, teoricamente, todos poderíamos fazer.

«Também acho que posso ter este nível de precisão porque desafio constantemente o outro lado. Se me dizem que alguém está a ter uma "crise emocional", eu digo-lhes: "Se conseguem dizer-me isso, conseguem dizer-me mais." E desafio-os constantemente a provar-me a mim e à pessoa que está a ser lida que isto é real, especialmente a provar-me a mim. Isto pode ter algo a ver. Talvez compreendam e sintam que têm de se esforçar mais

para me enviar os sinais para que eu capte informação mais detalhada e seja mais preciso.»

«Sentes que precisas de mais provas para te convenceres do que estás a fazer?»

«Não acho que seja uma questão de provas. Acho que gostaria de ter uma melhor compreensão de como funciona. Se houver algum detalhe científico, por exemplo, que me ajudasse a afinar a capacidade, gostaria de o aprender. Se a capacidade consegue manter uma taxa de precisão entre 85 % e 90 %, então deve ser capaz de fazer 100 %. O que a pode estar a limitar, porém, pode ser o cérebro humano, o meu cérebro. O cérebro humano é inerentemente preguiçoso.

«Quer dizer, sou a pessoa com a capacidade, e não estou a dizer aos céticos e outros: "Está lá, aceitem ou não." Também eu gostaria de ter respostas. Vivo isto todos os dias. Gostaria que alguém dissesse: "Achamos que é isto, descobrimos isto, é assim que funciona."»

«Por outro lado», comentei, «porque é necessário percebermos porque acontece, se está a acontecer? Não sei se alguém anda doido a tentar perceber como Beethoven fazia música sendo surdo, por exemplo. Porque temos esta obsessão de que temos de descobrir como funciona? Não podíamos simplesmente aceitá-lo, ou achas que não é boa ideia?»

«Podíamos simplesmente aceitá-lo, mas acho que é bom ter uma explicação.»

«E não tens problema nenhum com as pessoas que te questionam e investigam?» perguntei.

«Não. Porque basicamente estou a fazer o mesmo que elas.»

«Sentes que ter esta capacidade única te dá uma visão do mundo diferente da dos outros?»

«Até certo ponto. Mas talvez seja mais porque essas pessoas não estão prontas para ver o mundo de forma diferente do que veem agora. O que eu vejo é a minha compreensão da realidade, o que elas veem é a delas, mas não acho que seja assim tão diferente. Lembra-te, a parte psíquica de mim é o meu "eu superior".

Ainda tenho o meu eu inferior com que lidar. Posso ser tão negativo ou difícil de aturar como qualquer outra pessoa. Sou uma pessoa normal, sou um ser humano, com as minhas limitações e talentos, como qualquer um. Também tenho os meus dias. Não quero parecer um santo meloso e

piegas. Se outro condutor me corta a frente, grito tão alto como qualquer um.»

«Lidas com muitos indivíduos, e pode ser muito significativo para mim que a minha avó falecida tenha aparecido, mas francamente não será assim tão significativo para mais ninguém. E isto é verdade para cada pessoa», comentei. «Alguma vez paras e perguntas ao outro lado, e tentas ver o quadro maior? Estamos sempre à beira de uma guerra em algum lado, aniquilação nuclear, a epidemia de SIDA, a epidemia de droga, pessoas a conduzir como loucas, assassínio e violência — essas coisas não mudaram desde o início dos tempos. Parecem fazer parte da natureza humana. Alguma vez perguntas ao outro lado se há esperança de mudança? Alguma vez pensas que, através do teu trabalho, possas transmitir uma mensagem maior, que todos podemos parar esta loucura?»

«Lembra-te que estamos numa vibração de discórdia; há forte negatividade aqui, tal como há positividade. Mas cabe-nos a nós fazer as mudanças. O outro lado disse: "Sim, podemos mudar, podemos alterar o nosso futuro no sentido de guerras, etc." Lembra-te que guerras, poder, ganância, coisas assim, são todas vibrações negativas. As pessoas alimentam esse mal, essa vibração diabólica, e dizem que podemos mudar as coisas, mas não parece muito provável, porque a maior parte das pessoas não vai virar-se e aprender a viver umas com as outras, e aprender a aceitar-se como são, como indivíduos.»

«Mas o outro lado alguma vez pergunta "porque não"? Muitas vezes alguém do outro lado disse: "Tenho tanta pena de ter batido na minha mulher" ou "Tenho tanta pena de ter sido alcoólico", "Tenho tanta pena de ter matado alguém". Agora sabem, do outro lado, que há positivo no negativo, ou bem no mal? Porque é que isso não pode ser comunicado melhor aos que cá estamos?»

«As tentações para ser negativo aqui são muito poderosas. O dinheiro é a raiz de todo o mal. As pessoas lutam por isso. Também fomos criados a pensar que temos de ter sucesso financeiro. Porque as pessoas não sentem que têm maior consciência da própria vida aqui ou no além, tendem apenas a seguir o que conseguem compreender. Mas também é verdade que temos de compreender que estas são lições a serem cumpridas.»

«Quer dizer, aqui, em preparação para ir para lá?»

«Como me foi dito do outro lado — embora por vezes seja difícil acreditar —, não há acidentes no universo. Tudo tem um propósito, uma

missão, um significado. E para o pai ou mãe que perde tragicamente um filho num acidente, a criança estava a cumprir a sua missão; os pais também estavam a cumprir essa missão. Os pais estão naquela circunstância para aprender uma lição. Talvez a lição fosse paciência, amor, aceitação, compreensão, conforto dos outros. Pode ser várias coisas.»

«O outro lado diz alguma coisa sobre o que vai acontecer quanto a perigos como guerra nuclear?»

«No meu caso não refletiram muito sobre isso. Tendo a avisar de coisas, mudanças iminentes como terramotos, furacões. Falam da possibilidade de outra guerra, mas dizem que a guerra pode ser evitada. Isso, claro, depende de nós.»

«Porque não nos dão conselhos sobre como encontrar a cura para a SIDA, como evitar a violência, como evitar a guerra?»

«É uma resposta um bocado parva, mas disseram que, no caso da SIDA, a doença existe há séculos, talvez desde o início dos tempos. Não é nada de novo. Dizem que é uma doença muito intrincada e complicada, mas a resposta para a cura está mesmo debaixo do nosso nariz, é muito simples. Disseram que a resposta tem algo a ver com proteína. Disseram-me isso. Mas mesmo que tentem comunicar-me a resposta, não vou necessariamente compreender o que estão a dizer.»

«E a guerra? Não nos podem dizer como evitá-la?» perguntei.

«Dizem-nos que a forma de evitar a guerra é aprender a viver juntos, mas vamos fazê-lo? Temos escolha. Em certos casos pode ser destino, mas noutros temos hipótese de a evitar. Só que não ouvimos.»

«O outro lado dá-te alguma pista sobre o que o futuro será, se as pessoas serão mais compreensivas com a capacidade, mais tolerantes, mais abertas a ela?»

«Sim. À medida que avançamos para o século XXI e para os últimos anos deste século, as pessoas serão definitivamente mais abertas. Porque vão procurar respostas e vão descobrir que as respostas estão dentro delas próprias. Como Dorothy disse no fim do Feiticeiro de Oz, não precisamos de procurar mais longe que o nosso próprio quintal.

«Quero que as pessoas compreendam que a vida é eterna. Tudo o que acontece na tua vida tem um propósito. Não há ninguém próximo de ti que morra de verdade. Todos passam apenas para outra etapa da vida que corre paralela a esta. Estejam em paz convosco próprios e cumpram a vossa missão, sabendo que a vossa estadia aqui é temporária, e que estão a fazer

algo aqui para cumprir o vosso propósito espiritual. Sintonizem-se mais convosco próprios. Compreendam mais dentro de vós para encontrarem mais facilmente o vosso caminho. Não ponham tanto ênfase na vida material, ponham mais na espiritual. A morte não é o fim, é o princípio. Há vida eterna, não existe "morte". Aquela criança, aquele marido, aquela mulher, aquele ente querido — todos continuam todos muito vivos. É como se tivessem mudado para a Mongólia Exterior e talvez não os vejam durante muitos, muitos anos.»

«Algo que queiras que os leitores levem sobre ti?»

«Sou apenas o instrumento, por algum motivo que nem eu próprio consigo responder.»